



**ESTADO DO PARANÁ**



Folha 1

Órgão Cadastro: CIDADAO  
Em: 13/01/2026 09:46



Protocolo:  
**25.243.091-1**

Interessado 1: (CNPJ: XX.XXX.190/0001-44) TELES DE PROENCA ENERGIA HIDRELETRICA SPE LTDA  
(CPF: XXX.447.719-XX) MATHEUS FORTE

Interessado 2:

Assunto: MEIO AMBIENTE

Cidade: CURITIBA / PR

Palavras-chave: CIDADAO

Nº/Ano

-

Detalhamento: SOLICITAÇÃO

Código TTD: -

Para informações acesse: <https://www.eprotocolo.pr.gov.br/spiweb/consultarProtocolo>



**Assunto:** MEIO AMBIENTE

**Protocolo:** 25.243.091-1

**Interessado:** TELES DE PROENCA ENERGIA HIDRELETRICA SPE LTDA

### **Solicitação**

Ofício 03.26/FDS

Ao Instituto Água e Terra - IAT

A Divisão de Licenciamento de Fauna e Flora - DLF

Empresa: TELES DE PROENCA ENERGIA HIDRELETRICA SPE LTDA

CNPJ: 37.400.190/0001-44

Assunto: Entrega de Relatório de Monitoramento de Fauna - 13ª  
Campanha - CGH Teles de Proença



**FORTE**

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



Curitiba, 13 de janeiro de 2026.

Ofício 03.26/FDS

Ao Instituto Água e Terra – IAT

A Divisão de Licenciamento de Fauna e Flora - DLF

Empresa: TELES DE PROENÇA ENERGIA HIDRELETRICA SPE LTDA

CNPJ: 37.400.190/0001-44

Assunto: Entrega de Relatório de Monitoramento de Fauna – 13ª Campanha – CGH Teles de Proença

Prezados,

Vimos por meio deste realizar a entrega do Relatório de Monitoramento de Fauna da **CGH Teles de Proença**, inscrita sob razão social **TELES DE PROENÇA ENERGIA HIDRELETRICA SPE LTDA**, vinculada ao **CNPJ: 37.400.190/0001-44**.

O relatório em anexo é referente à 13ª Campanha de Monitoramento de Fauna, na fase de Instalação, realizada no mês de setembro (inverno) de 2025.

Encaminhamos, também, os dados brutos referentes à esta campanha.

Agradecemos desde já pela atenção dispensada e permanecemos à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais.

Atenciosamente,

Eng. Matheus Campanhã Forte

CREA-PR 144019/D

MATHEUS  
CAMPANHA  
FORTE:0554477190  
1

Assinado de forma digital  
por MATHEUS CAMPANHA  
FORTE:05544771901  
Dados: 2026.01.13  
09:39:11 -03'00'

(41) 3586-0946 | [protocolo@forteamb.com.br](mailto:protocolo@forteamb.com.br) | [www.forteamb.com.br](http://www.forteamb.com.br)

FORTE SOLUÇÕES AMBIENTAIS LTDA • CNPJ: 17.731.655/0001-32

R. Grã Nicco, 113 bloco 4 sala 201 • Mossungue • Curitiba - PR • 81200-200



---

## **CGH TELES DE PROENÇA**

---

**RELATÓRIO DE  
MONITORAMENTO DE FAUNA TERRESTRE E  
AQUÁTICA DA CGH TELES DE PROENÇA  
– 13ª Campanha –**



SETEMBRO DE 2025

## APRESENTAÇÃO

Esse documento tem o objetivo de apresentar os resultados obtidos durante a execução do Programa de Monitoramento de Fauna Aquática e Terrestre conforme as Autorizações Ambientais nº 56877 e 60344, concedidas para o empreendimento de geração de energia denominado CGH Teles de Proença que está em fase de implantação no Rio das Antas, entre o município de Faxinal e Marilândia do Sul (LI 24095).

Estão previstas neste programa, campanhas de monitoramento pré-obra e campanhas trimestrais (sazonais) no decorrer da instalação, independente da duração da obra, além de campanhas semestrais por até dois anos durante a fase de operação do empreendimento, todas contemplando as variações sazonais.

O presente relatório contempla a 11ª campanha na fase de implantação (13ª campanha), realizada durante o mês de setembro (Inverno) de 2025. Além disso, também contempla os dados obtidos em campanhas anteriores, na fase de pré-obra.

## SUMÁRIO

1	DADOS GERAIS.....	16
1.1	DADOS DO EMPREENDEDOR E DO EMPREENDIMENTO .....	16
1.2	DADOS DA EMPRESA CONSULTORA.....	16
1.3	EQUIPE TÉCNICA .....	17
2	ÁREA DE TRABALHO E ÁREA DO EMPREENDIMENTO .....	18
2.1	LOCALIZAÇÃO.....	18
2.2	INSTALAÇÕES.....	19
2.3	ÁREAS DE INFLUÊNCIA .....	20
3	RELATÓRIO DE MONITORAMENTO DE FAUNA .....	21
3.1	INTRODUÇÃO.....	21
3.2	OBJETIVO GERAL.....	23
3.2.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	23
3.3	JUSTIFICATIVA.....	23
3.4	LEGISLAÇÃO .....	24
3.5	PONTOS DE AMOSTRAGEM.....	25
3.5.1	PONTOS DE AMOSTRAGEM DE FAUNA TERRESTRE .....	25
3.5.2	PONTOS DE AMOSTRAGEM DE FAUNA AQUÁTICA.....	27
3.5.3	DATA DAS CAMPANHAS REALIZADAS .....	31
4	DADOS OBTIDOS.....	32
4.1	INVERTEBRADOS TERRESTRES .....	32
4.1.1	INTRODUÇÃO .....	32
4.1.2	MATERIAIS E MÉTODOS .....	35
4.1.2.1	Captura com Armadilhas Malaise .....	35
4.1.2.2	Captura com Armadilhas <i>Pitfall</i> .....	36
4.1.2.3	Tabulação dos Dados, Análise e Relatórios .....	37
4.1.3	RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	39
4.1.3.1	Riqueza e Abundância.....	39
4.1.3.2	Índices Ecológicos .....	57
4.1.3.3	Curva de Acumulação de Espécies.....	58
4.1.3.4	Similaridade entre Amostras .....	60

4.1.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	62
4.2	INVERTEBRADOS AQUÁTICOS.....	63
4.2.1	INTRODUÇÃO .....	63
4.2.2	METODOLOGIA .....	63
4.2.2.1	Busca Ativa .....	63
4.2.2.2	Coleta com Redes de Puçá .....	64
4.2.3	ANÁLISE DE DADOS .....	66
4.2.4	RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	70
4.2.4.1	Riqueza .....	85
4.2.4.2	Abundância.....	86
4.2.4.3	Curva de Rarefação de Espécies .....	90
4.2.4.4	Índices de Diversidade .....	90
4.2.4.5	Índice de Qualidade da Água ETP .....	93
4.2.4.6	Índice BWMP .....	97
4.2.4.7	Similaridade entre Pontos Amostrais e Campanhas .....	99
4.2.5	CONCLUSÕES FINAIS .....	100
4.3	ICTIOFAUNA.....	101
4.3.1	INTRODUÇÃO .....	101
4.3.2	METODOLOGIA .....	101
4.3.2.1	Redes de Espera.....	102
4.3.2.2	Tarrafa.....	103
4.3.3	METODOLOGIAS PARA OBTENÇÃO DOS ÍNDICES ECOLÓGICOS .....	104
4.3.4	DADOS SECUNDÁRIOS .....	106
4.3.5	RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	112
4.3.5.1	Campanha de Dezembro de 2024 .....	112
4.3.5.2	Distribuição Espacial .....	113
4.3.5.3	Índices de Diversidade .....	114
4.3.5.4	Resultados Agrupados.....	116
4.3.5.5	Classificação Taxonômica .....	119
4.3.5.6	Resultados Através de Metodologias Qualitativas.....	119
4.3.5.7	Espécies Migradoras .....	120
4.3.5.8	Espécies Endêmicas .....	120

4.3.5.9	Status de Conservação .....	121
4.3.5.10	Espécies com Importância Comercial .....	121
4.3.5.11	Espécies Exóticas .....	121
4.3.5.12	Classificação Trófica .....	121
4.3.5.13	Índices Ecológicos .....	122
4.3.5.14	Abundância.....	122
4.3.5.15	Biomassa .....	123
4.3.5.16	Curva do Coletor .....	124
4.3.5.17	Constância de Ocorrência .....	125
4.3.5.18	Cálculo de Captura por Unidade de Esforço (CPUE) .....	125
4.3.5.19	Avaliação dos Impactos Provocados pela Construção do Empreendimento	126
4.3.6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	129
4.3.7	REGISTROS FOTOGRÁFICOS .....	130
4.4	AVIFAUNA.....	132
4.4.1	INTRODUÇÃO .....	132
4.4.2	METODOLOGIA .....	132
4.4.2.1	Rede de Neblina.....	132
4.4.2.2	Pontos de Escuta.....	133
4.4.2.3	Busca Ativa .....	134
4.4.3	RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	135
4.4.3.1	Análises dos Dados.....	159
4.4.3.2	Riqueza, Similaridade e Diversidade .....	159
4.4.3.3	Suficiência Amostral (Curva do Coletor) .....	164
4.4.3.4	Espécies Migratórias .....	166
4.4.3.5	Espécies Ameaçadas .....	166
4.4.3.6	Espécies Endêmicas .....	167
4.4.3.7	Habitat e Guilda Trófica .....	168
4.4.3.8	Caracterização da Avifauna .....	170
4.4.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	170
4.4.5	REGISTROS FOTOGRÁFICOS .....	171
4.5	MASTOFAUNA.....	173

4.5.1	INTRODUÇÃO .....	173
4.5.2	METODOLOGIA .....	174
4.5.2.1	Armadilhas Sherman e Tomahawk .....	174
4.5.2.2	Busca Ativa .....	176
4.5.2.3	Armadilhas Fotográficas .....	177
4.5.2.4	Redes de Neblina .....	178
4.5.2.5	Registro de Animais Mortos .....	179
4.5.3	RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	179
4.5.3.1	Análise dos Dados .....	185
4.5.3.2	Riqueza .....	186
4.5.3.3	Curva do Coletor .....	187
4.5.3.4	Índices de Diversidade .....	189
4.5.3.5	Índices de Similaridade .....	191
4.5.3.6	Espécies Ameaçadas .....	192
4.5.3.7	Espécies Endêmicas .....	193
4.5.3.8	Espécies Exóticas .....	193
4.5.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	193
4.5.5	REGISTROS FOTOGRÁFICOS .....	194
4.6	HERPETOFAUNA.....	195
4.6.1	INTRODUÇÃO .....	195
4.6.2	ANFÍBIOS .....	196
4.6.2.1	Metodologia .....	196
4.6.3	RÉPTEIS .....	198
4.6.3.1	Metodologia .....	198
4.6.4	RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	198
4.6.4.1	Espécies Ameaçadas .....	206
4.6.4.2	Espécies Endêmicas .....	207
4.6.4.3	Espécies Exóticas .....	207
4.6.4.4	Curva do Coletor .....	208
4.6.4.5	Índices de Diversidade .....	210
4.6.4.6	Índice de Similaridade .....	211
4.6.5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	212

4.6.6	REGISTROS FOTOGRÁFICOS .....	213
4.7	TOMBAMENTO BIOLÓGICO .....	214
4.8	MONITORAMENTO DAS COMUNIDADES HIDROBIOLÓGICAS .....	214
4.9	FITOPLÂNCTON E DENSIDADE DE CIANOBACTÉRIAS .....	215
4.9.1	INTRODUÇÃO .....	215
4.9.2	METODOLOGIA .....	216
4.9.2.1	Coletor Quanti-qualitativo.....	216
4.9.3	ANÁLISE DOS DADOS .....	217
4.9.4	RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	218
4.9.5	CONCLUSÕES FINAIS .....	226
4.10	ZOOPLÂNCTON.....	226
4.10.1	INTRODUÇÃO .....	226
4.10.2	METODOLOGIA.....	227
4.10.2.1	Coletor Quanti-qualitativo.....	227
4.10.3	ANÁLISE DE DADOS .....	228
4.10.4	RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	229
4.10.5	CONCLUSÕES FINAIS .....	235
4.11	AVALIAÇÃO DAS COMUNIDADES RIPÍCOLAS.....	236
4.12	AVALIAÇÃO DE IMPACTOS AMBIENTAIS.....	237
4.13	ESPÉCIES REGISTRADAS AO LONGO DA ESTAÇÃO.....	238
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	241
	ANEXO I – ANOTAÇÕES DE RESPONSABILIDADE TÉCNICA .....	264
	ANEXO II – CADASTRO TÉCNICO FEDERAL.....	271

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização da área de implantação da CGH Teles de Proença. ....	18
Figura 2 - Arranjo geral do empreendimento. ....	19
Figura 3 - Áreas de influência da CGH Teles de Proença. ....	20
Figura 4 - Pontos fixos de monitoramento e área controle da fauna terrestre na CGH Teles de Proença.....	27
Figura 5 - Vista dos pontos de amostragem utilizados no monitoramento da ictiofauna. ....	28
Figura 6 - Localização dos pontos amostrais para o monitoramento de fauna terrestre e aquática da CGH Teles de Proença.....	30
Figura 7 - Imagens aéreas dos pontos amostrais.....	31
Figura 8 - Armadilhas tipo Malaise utilizadas para amostragem da entomofauna nas áreas de influência direta (AID) da CGH Teles de Proença. ....	36
Figura 9 - Armadilhas de captura <i>Pitfall</i> utilizada para amostragem da entomofauna na área de influência direta (AID) da CGH Teles de Proença. ....	37
Figura 10 - Trabalho de identificação da entomofauna (imagem ilustrativa). ....	38
Figura 11 - Realização da triagem em laboratório, das espécies coletadas na área da CGH Teles de Proença.....	66
Figura 12 - Organismos encontrados nos ambientes investigados do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Sendo: (A) Leptophlebiidae; (B) Oligochaeta; (C) Planorbidae; (D) Gomphidae. ....	86
Figura 13 - Instalação de rede de espera no ponto de amostragem. ....	103
Figura 14 - Profissional realizando os lances de tarrafa.....	103
Figura 15 - Biometria dos exemplares capturados. ....	104
Figura 16 - Profissional realizando a soltura dos exemplares capturados. ....	104
Figura 17 - Cachoeira presente na região da Casa de Força do empreendimento. ....	128
Figura 18 – Exemplar de <i>Geophagus iporangensis</i> . ....	130
Figura 19 - Exemplar de <i>Rineloricaria pentamaculata</i> . ....	130
Figura 20 - Exemplar de <i>Liposarcus anisiti</i> . ....	130
Figura 21 - Exemplar de <i>Hypostomus ancistroides</i> . ....	130
Figura 22 - Exemplar de <i>Rhamdia quelen</i> ....	131
Figura 23 - Exemplar de <i>Astyanax altiparanae</i> . ....	131
Figura 24 - Exemplar de <i>Hoplias malabaricus</i> .....	131
Figura 24 - Exemplar de <i>Oreochromis niloticus</i> .....	131
Figura 22 - Exemplar de <i>Astyanax scabrinnis</i> .....	131
Figura 24 - Exemplar de <i>Rineloricaria</i> sp.....	131

Figura 25 - Rede de neblina utilizada para captura de aves. ....	133
Figura 26 - Registro e identificação das espécies encontradas. ....	134
Figura 27 - Registro e identificação das espécies encontradas. ....	135
Figura 28 - Fitofisionomia da região onde será implantada a CGH Teles de Proença. ....	170
Figura 29 - Imagens aéreas da fitofisionomia da região onde será implantada a CGH Teles de Proença, destacando a fragmentação, a formação de bordas de mata e a presença de áreas para o plantio e pastagem. ....	170
<b>Figura 30 - Exemplar de <i>Empidonomus varius</i> (Peitica).</b> .....	171
Figura 31 - Exemplar de <i>Buteo brachyurus</i> (Gavião-de-cauda-curta). ....	171
Figura 32 - Exemplar de <i>Synallaxis frontalis</i> (Petrim). ....	172
Figura 33 - Exemplar de <i>Patagioenas picazuro</i> (Pombão). ....	172
Figura 34 - Exemplar de <i>Troglodites musculus</i> (Corruíra). ....	172
Figura 35 - Exemplar de <i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Pia-cobra). ....	172
Figura 36 - Exemplar de <i>Rupornis magnirostris</i> (Gavião-carijó). ....	172
Figura 37 - Exemplar de <i>Leptopogon amaurocephalus</i> (Cabeçudo). ....	172
Figura 38 - Exemplo de armadilha Tomahawk. ....	175
Figura 39 - Exemplo de armadilha Sherman. ....	175
Figura 40 - Armadilhas de captura e contenção viva tipo Tomahawk (esq.) e Sherman (dir.)...	175
Figura 41 - Iscas utilizadas nas armadilhas de captura. ....	175
Figura 42 - Armadilhas dispostas nas unidades amostrais. ....	176
Figura 43 - Busca ativa através de vestígios (rastros, fezes, tocas) nas áreas de amostragem..	177
Figura 44 - Armadilha fotográfica instalada na área de estudo. ....	178
Figura 45 - Iscas utilizadas para atrair os animais para as armadilhas fotográficas. ....	178
Figura 46 - Montagem e revisão da Rede de Neblina. ....	179
Figura 47 – Exemplar capturado através da armadilha Sherman <i>Gracilinanus</i> sp. (Cuiquinha).	194
Figura 48 – Vestígio de <i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (Capivara). ....	194
Figura 49 – Exemplar de <i>Sturnira lilium</i> (Morcego) capturados através de rede de neblina. ....	194
Figura 50 – Exemplar de <i>Sturnira lilium</i> (Morcego) capturados através de rede de neblina. ....	194
Figura 51 - Sítios reprodutivos de anuros amostrados no período noturno. ....	197
Figura 52 - Busca ativa da herpetofauna. ....	198
Figura 53 – Exemplar de <i>Dendropsophus nanus</i> (Pererequinha-do-brejo). ....	213
Figura 54 - Exemplares de <i>Physalaemus cuvieri</i> (Rã-assobiadora). ....	213
Figura 55 - Exemplar de <i>Dendropsophus minutus</i> (Pererequinha-do-brejo). ....	213
Figura 56 - Exemplar de <i>Bothrops jararaca</i> (Jararaca). ....	213
Figura 57 - Coleta de fitoplâncton e cianobactérias ....	217

Figura 58 - Organismos encontrados nos ambientes investigados do Monitoramento da CGH Teles Proença. Sendo: (A) *Melosira varians*; (B) *Coelastrum reticulatum*; (C) *Desmodesmus denticulatus*; (D) *Tetrademus sp*; (E) *Cosmarium sp*; (F) *Phormidium sp*..... 224

**Figura 59 - Coleta de fitoplâncton e cianobactérias** ..... 228

Figura 60 - Microscópio óptico e câmara de Sedgwick-Rafter utilizados para contagem e identificação do zooplâncton em laboratório..... 228

Figura 61 - Organismos encontrados nos ambientes investigados do Monitoramento da CGH Teles Proença. Sendo: (A) *Bdelloidea*; (B) náuplio de ciclopóida; (C) *Chydorus sp*. .... 233

Figura 62 – Exemplar de *Crotalus durissus* (cascavel), resgatado do canal de adução. .... 238

Figura 63 – Exemplar de *Phrynops geophroanus* (cágado-de-barbicha), resgatado no canal de adução. .... 238

Figura 64 – Exemplar de *Puma yagouaroundi* (gato-mourisco), registrado saindo do canal de adução. .... 239

Figura 65 – Exemplar de *Lontra longicaudis* (lontra), registrado abaixo da casa de força..... 239

Figura 66 - Exemplar de *Dasypus novemcinctus* (tatu-galinha), resgatado no canal de adução. .... 240

Figura 67 - Exemplar de *Hydrochoerus hydrochaeris* (capivara), registrado abaixo da casa de força. .... 240

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Comparativo pelo método de rarefação de dois métodos de amostragem da assembleia de insetos amostrados com dois métodos na área de influência direta da CGH Teles de Proença..... 59

Gráfico 2 - Comparativo pelo método de rarefação da assembleia de insetos amostrados em três pontos na área de influência direta da CGH Teles de Proença. .... 59

Gráfico 3 - Comparativo pelo método de rarefação da assembleia de insetos amostrados em 13 campanhas na área de influência direta da CGH Teles de Proença. .... 60

Gráfico 4 - Similaridade (Bray-Curtis) das assembleias de insetos amostrados em 13 campanhas na área de influência direta da CGH Teles de Proença. .... 61

Gráfico 5 - Riqueza específica (barras claras) e abundância relativa (barras escuras) das Ordens e Subclasses de macroinvertebrados aquáticos registrados nos ambientes investigados no Monitoramento da CGH Teles de Proença. .... 85

Gráfico 6 – Táxons com maior abundância de macroinvertebrados aquáticos registrados nos ambientes investigados. ....	87
Gráfico 7 – Abundância com maior abundância de macroinvertebrados aquáticos registrados nos ambientes investigados. ....	89
Gráfico 8 - Curva de rarefação de macroinvertebrados aquáticos coletado nas treze campanhas para CGH Teles de Proença. ....	90
Gráfico 9 - Valores de Equabilidade calculados para os pontos amostrais durante as campanhas. ....	91
Gráfico 10 - Valores de Diversidade de Shannon calculados para os pontos amostrais durante as campanhas. ....	93
Gráfico 11 - Índice Biótico de Qualidade de Água EPT (% EPT) e percentual de Chironomidae dos macroinvertebrados aquáticos registrados nos ambientes investigados. ....	96
<b>Gráfico 12 - Índice BMWP' dos macroinvertebrados aquáticos registrados nos ambientes investigados. ....</b>	<b>98</b>
Gráfico 13 - Representação gráfica dos dois primeiros eixos do NMDS, mostrando a organização espacial e temporal da composição na área de estudo. ....	100
Gráfico 14 - Número de exemplares capturados e biomassa registrada. ....	113
Gráfico 15 - Riqueza e abundância registrada por ponto amostral. ....	114
Gráfico 16 - Diversidade de Shannon registrada por ponto amostral. ....	114
Gráfico 17 - Equabilidade de Pielou. ....	115
Gráfico 18 - Similaridade de Jaccard Registrado entre os pontos amostrais. ....	116
Gráfico 19 - Número de espécies registradas por família e ordem taxonômica. ....	119
Gráfico 20 - Distribuição das espécies por guilda trófica. ....	122
Gráfico 21 - Número de exemplares registrados durante as campanhas. ....	123
Gráfico 22 - Biomassa registrada durante as campanhas. ....	123
Gráfico 23 - Curva do coletor para a ictiofauna. ....	125
Gráfico 24 - Número de espécies registradas durante as campanhas de monitoramento. ....	159
Gráfico 25 - Riqueza de espécies para os três pontos de monitoramento de fauna, nas 13ª campanhas da CGH Teles de Proença. ....	160
Gráfico 26 - Dendrograma da análise de similaridade entre os pontos amostrais realizada com base no índice de Jaccard durante a décima terceira campanha. ....	164
Gráfico 27 - Curva de acúmulo de espécies com base nos dados levantados durante as campanhas de monitoramento de fauna para a CGH Teles de Proença. ....	165
Gráfico 28 - Curva de rarefação das espécies registradas durante as campanhas de monitoramento de fauna para a CGH Teles de Proença. ....	165

Gráfico 29 - Classificação da avifauna quanto à guilda trófica da CGH Teles de Proença.....	169
<b>Gráfico 30 - Número de espécies registradas no estudo.....</b>	<b>186</b>
Gráfico 31 - Percentual de Ordens registradas.....	187
Gráfico 32 - Percentual de Famílias registradas.....	187
Gráfico 33 - Curva de acúmulo de espécies com base nos dados levantados durante as 13 campanhas de monitoramento de fauna para a CGH Teles de Proença. ....	188
Gráfico 34 - Curva de rarefação com base nos dados levantados durante as 13 campanhas de monitoramento de fauna para a CGH Teles de Proença. ....	189
Gráfico 35 - Dendrograma de Similaridade de Jaccard para as áreas da CGH Teles de Proença durante a 13ª campanha. ....	192
Gráfico 36 - Ordem e família das espécies da herpetofauna registradas na área de implantação da CGH Teles de Proença.....	204
Gráfico 37 - Curva de coletor do grupo dos anfíbios para a área do empreendimento. ....	208
Gráfico 38 - Curva de coletor do grupo dos répteis para a área do empreendimento.....	209
Gráfico 39 - Curva de rarefação do grupo dos anfíbios para a área do empreendimento. ....	209
Gráfico 40 - Curva de rarefação do grupo dos répteis para a área do empreendimento.....	210
Gráfico 41 - Dendrograma de Similaridade de Jaccard para as áreas da CGH Teles de Proença (Anfíbios). ....	212
Gráfico 42 - Ln da densidade dos principais grupos fitoplanctônicos registrados nos ambientes investigados no Monitoramento da CGH Teles Proença. ....	223
Gráfico 43 - Riqueza específica dos principais grupos fitoplanctônicos registrados nos ambientes investigados no Monitoramento da CGH Teles Proença. ....	224
Gráfico 44. Densidade e riqueza de espécies de acordo ponto amostral do fitoplâncton registrado nos ambientes investigados.....	225
Gráfico 45 - Valores de Equabilidade calculados para os pontos amostrais.....	225
Gráfico 46 - Densidade dos principais grupos de invertebrados zooplanctônicos registrados nos ambientes investigados no Monitoramento da CGH Teles Proença.....	232
Gráfico 47 - Riqueza específica dos principais grupos de invertebrados zooplanctônicos registrados nos ambientes investigados no Monitoramento da CGH Teles Proença. ....	233
Gráfico 48 - Densidade e riqueza de espécies de acordo ponto amostral do zooplâncton registrado nos ambientes investigados.....	234
Gráfico 49 - Valores de Equabilidade de PIE calculados para os pontos amostrais. ....	235

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados do empreendedor responsável pela CGH Teles de Proença. ....	16
--	----

Tabela 2 - Dados do empreendimento. ....	16
Tabela 3 - Dados da empresa de consultoria ambiental responsável. ....	16
Tabela 4 - Dados da equipe técnica responsável. ....	17
Tabela 5 - Características técnicas da CGH Teles de Proença. ....	19
Tabela 6 - Legislações seguidas. ....	24
Tabela 7 - Dados e coordenadas geográficas dos pontos de amostragens do monitoramento de fauna terrestre e aquática na CGH Teles de Proença. ....	29
Tabela 8 - Campanhas de monitoramento da fauna, realizadas na CGH Teles de Proença. ....	31
Tabela 9 - Riqueza e abundância de insetos amostrados em três pontos na área de influência direta da CGH Teles de Proença. ....	40
Tabela 10 - Riqueza e abundância de insetos amostrados em 13 amostras na área de influência direta da CGH Teles de Proença. ....	43
Tabela 11 - Riqueza e abundância de insetos amostrados com dois métodos na área de influência direta da CGH Teles de Proença. ....	46
Tabela 12 - Frequência, constância e dominância da fauna de insetos amostrados na área de influência direta da CGH Teles de Proença. ....	48
Tabela 13 - Indicadores ecológicos de 13 amostras da comunidade de insetos amostrados na área de influência direta da CGH Teles de Proença. ....	57
Tabela 14 - Indicadores ecológicos para cada um dos três pontos da comunidade de insetos amostrados na área de influência direta da CGH Teles de Proença. ....	57
Tabela 15 - Classificação e Qualidade da Água de acordo com o Índice Biológico EPT. ....	68
Tabela 16 - Pontuações atribuídas para as diferentes famílias de macroinvertebrados aquáticos no cálculo do Índice BMWP'. ....	69
Tabela 17 - Classes de qualidade, significado dos valores do BMWP' (ALBA-TERCEDOR, 1996), e cores para serem utilizadas nas representações. ....	69
Tabela 18 - Composição taxonômica total da primeira campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral. ....	72
Tabela 19 - Composição taxonômica total da segunda campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral. ....	73
Tabela 20 - Composição taxonômica total da terceira campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral. ....	74

Tabela 21 - Composição taxonômica total da quarta campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral. ....	75
Tabela 22 - Composição taxonômica total da quinta campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral. ....	76
Tabela 23 - Composição taxonômica total da sexta campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral. ....	77
Tabela 24 - Composição taxonômica total da sétima campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral. ....	78
Tabela 25. Composição taxonômica total da oitava campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral. ....	79
Tabela 26. Composição taxonômica total da nona campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral.....	80
Tabela 27. Composição taxonômica total da décima campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral. ....	81
Tabela 28 - Composição taxonômica total da décima primeira campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral. ....	82
Tabela 29 - Composição taxonômica total da décima segunda campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral. ....	83
Tabela 30 - Composição taxonômica total da décima terceira campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral. ....	84
Tabela 31 - Espécies de possível ocorrência para a área da CGH Teles de Proença. ....	107
Tabela 32 - Número de exemplares registrados por espécie durante a campanha. ....	112
Tabela 33 - Biomassa (g) registrada por espécie durante a campanha. ....	112
Tabela 34 - Resultados obtidos durante as campanhas de monitoramento da Ictiofauna na CGH Teles de Proença.....	117

Tabela 35 - Metodologias utilizadas para o registro de cada espécie.....	120
Tabela 36 - Lista de espécies de aves observadas na região de implementação da CGH Teles de Proença com base no trabalho de campo, em levantamentos de áreas próximas e WikiAves (2021). ....	136
Tabela 37 - Resultados dos índices de diversidade da avifauna por área amostral. ....	161
Tabela 38 - Resultados dos índices de diversidade da avifauna por campanha. ....	162
Tabela 39 – Lista de espécies catalogadas em grau de ameaça com base na lista de espécies ameaçadas de extinção do Paraná, do Brasil (MMA) e a lista vermelha da IUCN.....	166
Tabela 40 - Lista das espécies de mamíferos registrados para o monitoramento da CGH Teles de Proença.....	181
Tabela 41 - Resultados dos índices de diversidade.....	191
Tabela 42 - Espécies levantadas neste estudo que se enquadram sob algum grau de ameaça.	193
Tabela 43 - Lista das espécies de anfíbios registradas para a área de influência do empreendimento.....	199
Tabela 44 - Lista das espécies de répteis registradas para a área de influência do empreendimento.....	202
Tabela 45 - Resultados dos Índices de Diversidade de Anfíbios.....	211
Tabela 46 - Resultados dos Índices de Diversidade de Répteis.....	211
Tabela 47 - Composição taxonômica total das campanhas de pré-obra, obra e monitoramento do rebaixamento do canal de fuga da CGH Teles Proença. Riqueza específica (número de táxons), Densidade (número de indivíduos por m3) e Equabilidade de PIE por ponto amostral. ....	219
Tabela 48 - Composição taxonômica total Monitoramento da CGH Teles Proença. Riqueza específica (número de táxons), Densidade (número de indivíduos por m-3) e Equabilidade de PIE por ponto amostral.....	230
Tabela 49 – Espécies registradas ao longo da estação da Primavera, pelos funcionários da usina. ....	238

1 DADOS GERAIS

1.1 DADOS DO EMPREENDEDOR E DO EMPREENDIMENTO

Tabela 1 - Dados do empreendedor responsável pela CGH Teles de Proença.

TUCURUÍ PARTICIPAÇÕES LTDA	
CNPJ	37.400.190/0001-44
Endereço	AV. José Custódio de Oliveira, N° 1325, Centro - Campo Mourão - PR - 87300-020

Tabela 2 - Dados do empreendimento.

CGH TELES DE PROENÇA	
Potência	2,5 MW
Corpo Hídrico	Rio das Antas, Bacia do Rio Ivaí
Município/UF	Divisa de Faxinal e Marilândia do Sul/PR
Licenças Ambientais	Licença de Instalação: 24095
Autorização Ambiental de Monitoramento de fauna	AA Nº 56877 / 60344
Coordenadas UTM	Barragem: 23°50'58,18',S e 51°22'11,81''O
	Casa de Força: 23°51'24,48''S e 51°22'35,20''O

1.2 DADOS DA EMPRESA CONSULTORA

Tabela 3 - Dados da empresa de consultoria ambiental responsável.

FORTE SOLUÇÕES AMBIENTAIS LTDA.	
CNPJ	17.731.655/0001-32
Endereço	Rua Grã Nicco, 113, Bloco 4, Sala 201, Mossunguê, 81200-200 – Curitiba -PR
Contato	Matheus Campanhã Forte
Telefone	41 3586-0946
E-mail	contato@forteamb.com.br

## 1.3 EQUIPE TÉCNICA

Tabela 4 - Dados da equipe técnica responsável.

FUNÇÃO	DADOS DO PROFISSIONAL
Coordenação Geral	Nome: Ricardo Ribeiro Profissão: Biólogo Conselho de Classe: CRBio-PR 130403/07-D CTF IBAMA: 8444089 Endereço: Rua General Potiguara, 487, bl 35, apto 34. Novo Mundo – Curitiba/PR Telefone: (41)99549-2658 E-mail: rickybro26@gmail.com Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/1526317717861948">http://lattes.cnpq.br/1526317717861948</a>
Ictiofauna	Nome: Cristiano Moschen Bordignon Profissão: Biólogo Conselho de Classe: CRBIO-SC 110346-D CTF IBAMA: 6886118 Endereço: Rua Rio de Janeiro, 234, Perpetuo Socorro, São Lourenço do Oeste - SC Telefone: 049 9 9995-8449 E-mail: cristianombn@unochapeco.edu.br Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/2781134944713299">http://lattes.cnpq.br/2781134944713299</a>
Macroinvertebrados bentônicos	Nome: Cleiton Juarez Decarli Profissão: Biólogo Conselho de Classe: CRBIO-SC 101214-D CTF IBAMA: 5040132 Endereço: Servidão Teodomiro Menezes, nº 211, Porto da Lagoa, Florianópolis, SC. Telefone: 047 9 9612-5779 E-mail: cleiton_cjd@hotmail.com Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/0337351699303639">http://lattes.cnpq.br/0337351699303639</a>
Invertebrados terrestres	Nome: Junir Antonio Lutinski Profissão: Biólogo Conselho de Classe: CRBIO-SC 45820-D CTF IBAMA: 5017849 Endereço: Rua Beija-Flor, 254 E, Efapi, 89809-760, Chapecó, SC Telefone: 49 99123-4840 E-mail: junir@unochapeco.edu.br Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/9463728447514260">http://lattes.cnpq.br/9463728447514260</a>
Avifauna	Nome: Carine Alonço Moraes Profissão: Bióloga Conselho de Classe: CRBIO-SC 118388-D CTF IBAMA: 7599435 Endereço: Rua 37, 61, Natureza, Itá - SC Telefone: 047 9 9664-5509 E-mail: carine@engecamsc.com.br Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/9112452657099185">http://lattes.cnpq.br/9112452657099185</a>
Herpetofauna e Mastofauna	Nome: Cassio Vinicius Breda Profissão: Biólogo Conselho de Classe: CRBIO-SC 101774-D CTF IBAMA: 5543528 Endereço: Rua 37, 61, Natureza, Itá - SC Telefone: 047 99664-5508 E-mail: cassio@engecamsc.com.br Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/8003878323270812">http://lattes.cnpq.br/8003878323270812</a>

## 2 ÁREA DE TRABALHO E ÁREA DO EMPREENDIMENTO

### 2.1 LOCALIZAÇÃO

A CGH Teles de Proença está sendo instalada no Rio das Antas, em área localizada entre os municípios de Faxinal e Marilândia do Sul. O acesso ao sítio do empreendimento é feito a partir de Mauá da Serra, seguindo por 10,5 km através da BR 376 (rodovia do Café) até a localidade de São José, declinando à esquerda segue 300 metros e virando à esquerda por mais 280 metros declinar à direita seguindo 380 metros, virando à esquerda e seguindo por 7,8 km (800 metros após a localidade Nova Amoreira), virando novamente à esquerda e seguindo por 4,7 km no sentido sudoeste, acompanhando o vale do rio das Antas. Por fim, chega-se ao imóvel do Sr. Gentil Teles de Proença, onde encontra-se o reservatório do empreendimento. O acesso à área de implantação do empreendimento é realizado por estradas agrícolas em meio a plantação e pastagem. A rota detalhada pode ser acessada através do link: [bit.ly/3QeG5Lj](https://bit.ly/3QeG5Lj) ou escaneando o QR Code contido no mapa de localização.

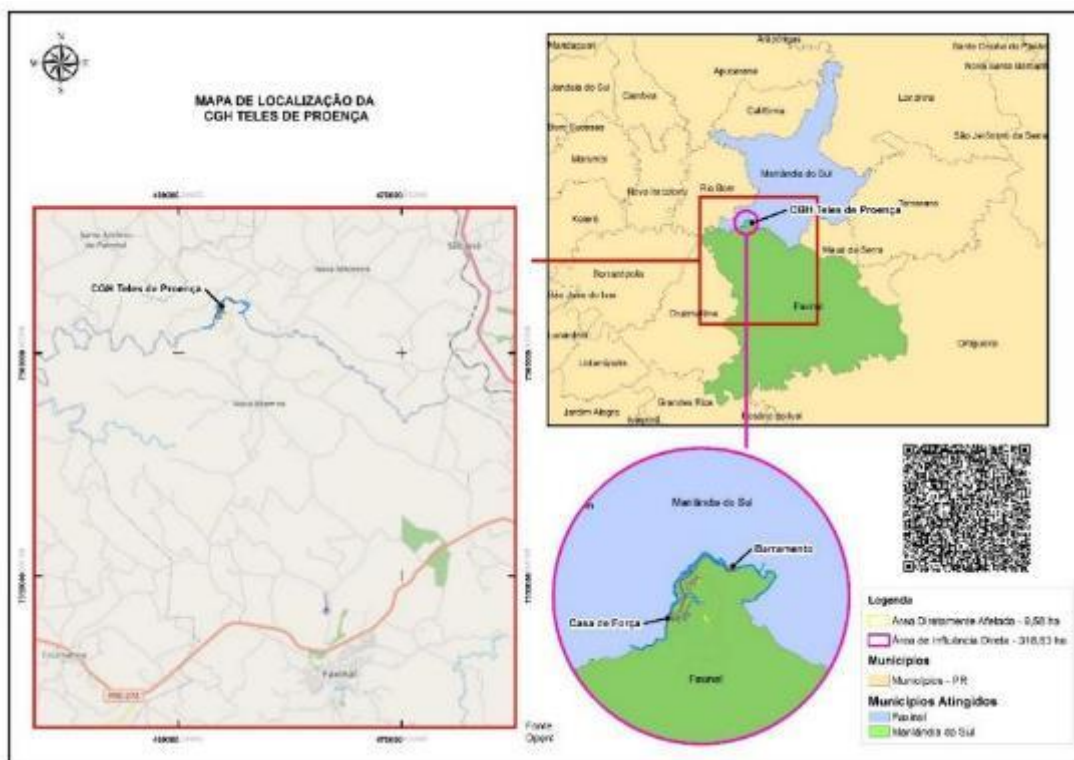


Figura 1 - Mapa de localização da área de implantação da CGH Teles de Proença.

## 2.2 INSTALAÇÕES

A Central Geradora Hidrelétrica (CGH) Teles de Proença foi projetada para ser instalada no Rio das Antas, com potência de 2,5 MW. A CGH estará nos domínios de dois municípios: Faxinal e Marilândia do Sul, o qual receberá as estruturas do canal de adução, casa de força e subestação. A captação será através de um fosso no leito do rio. As principais características técnicas do empreendimento são:

**Tabela 5 - Características técnicas da CGH Teles de Proença.**

Características Gerais CGH Teles de Proença	
Bacia	Rio Ivaí
Sub-bacia	Sub-bacia 64
Rio e km a partir da foz	Das Antas, km
Trecho de vazão reduzida	1,89 km
Sistema adutor (canal + túnel)	10005 m
Potência Instalada	2,5MW

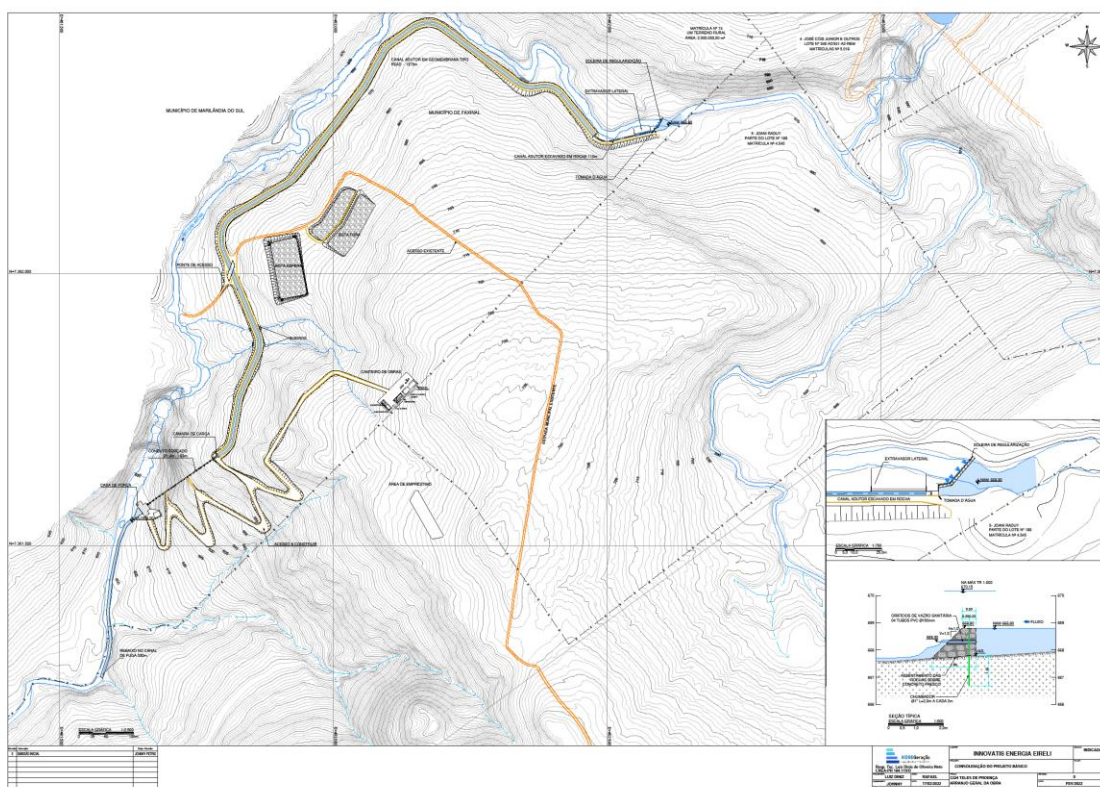


Figura 2 - Arranjo geral do empreendimento.

### 2.3 ÁREAS DE INFLUÊNCIA

A Área de Influência pode ser considerada em três níveis: Área Diretamente Afetada (ADA), Área de Influência Direta (AID) e Área de Influência Indireta (AII).

A ADA é a área necessária para a implantação do empreendimento, incluindo a barragem, casa de força, canal de adução, o reservatório, áreas de preservação permanente, estruturas definitivas e de apoio, vias de acesso, bem como todas as demais áreas ligadas à infraestrutura do projeto.

Já a AID é a área geográfica diretamente afetada pelos impactos decorrentes do empreendimento e corresponde ao espaço territorial contíguo e ampliado da ADA. Com base nos conhecimentos e experiências de demais projetos similares estabeleceu-se, como a AID para os meios físico e biológico, a área de 500 metros do entorno da ADA.

Por fim, a AII abrange o território que é afetado pelo empreendimento, mas no qual os impactos e efeitos decorrentes são considerados menos significativos do que nos territórios da ADA e AID. Por convenção, a AII do empreendimento abrange a totalidade da bacia hidrográfica que, neste caso é a do Rio Ivaí, sendo válida esta abrangência para os meios físico e biológico (Figura 3).

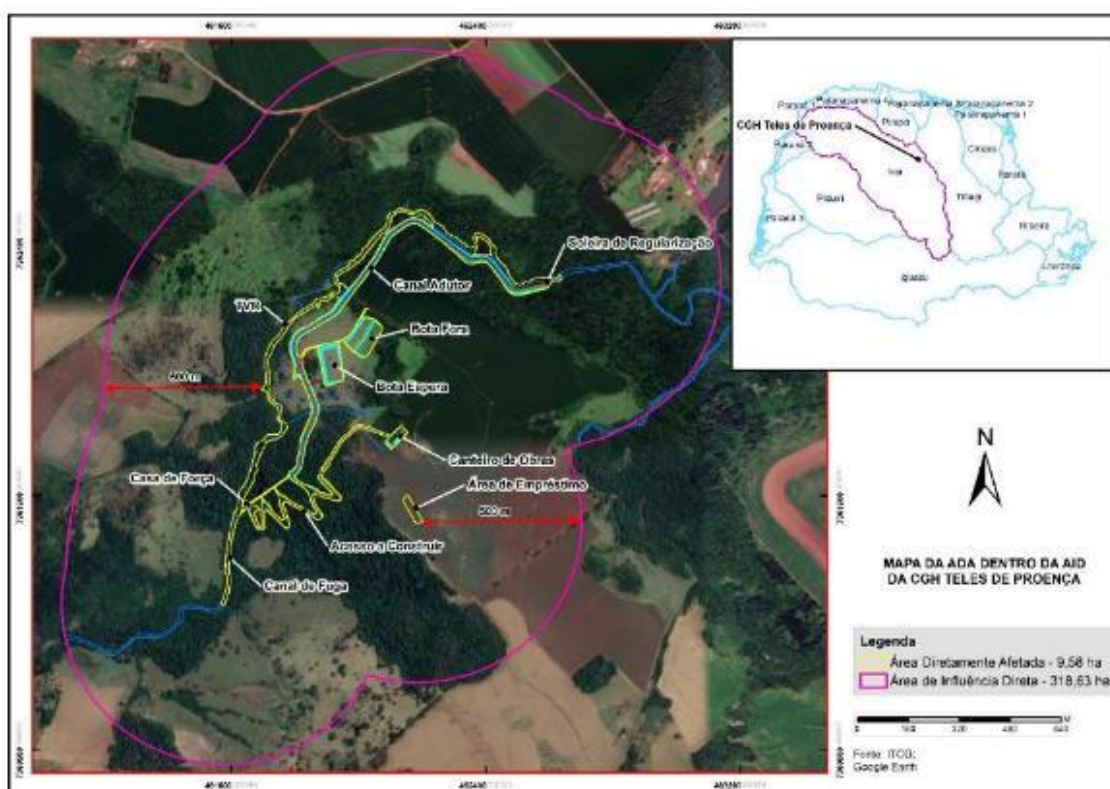


Figura 3 - Áreas de influência da CGH Teles de Proença.

### 3 RELATÓRIO DE MONITORAMENTO DE FAUNA

#### 3.1 INTRODUÇÃO

O conhecimento científico básico sobre grande parte da diversidade biológica no planeta é ainda extremamente limitado, havendo grandes lacunas de informações fundamentais em taxonomia e distribuição geográfica (Whittaker *et al.*, 2005). Este quadro de desconhecimento é ainda mais grave na região Neotropical, com alta diversidade faunística, mas tradicionalmente pouco estudada (Lewinsohn & Prado, 2005).

A importância da biodiversidade pode ser vista no plano biológico, já que abrange a base biótica da vida no planeta. No plano econômico a biodiversidade é alvo privilegiado dos processos avançados de manipulação genética por meio de novas biotecnologias na construção de medicamentos, alimentos e outros produtos de consumo.

Já no plano sociocultural, a biodiversidade está vinculada aos sistemas de conhecimento, aos ritos, aos valores e às práticas tecnológicas de diferentes grupos sociais. Para tanto, a conservação e utilização sustentável da biodiversidade são necessárias para garantir a nossa sobrevivência no planeta a médio e longo prazo (MMA, 2006).

Apesar de todos os avanços da ciência no século XX, dizer quantas espécies de um determinado grupo taxonômico existem no mundo, ou ainda em um pequeno fragmento de floresta, é extremamente difícil, se não impossível (May, 1988). Este fato é especialmente preocupante quando se considera o ritmo atual de destruição de ecossistemas naturais, aliado a altas taxas de extinção de espécies (Wilson, 1997).

Assim, a única forma conhecida para desacelerar a perda da biodiversidade global, que exige uma ampliação urgente dos conhecimentos nessa área é o desenvolvimento de programas de conservação e uso sustentado dos recursos biológicos (Cullen *et al.* 2004). Porém, Cracraft (1995) salienta que o tempo para obtenção desses dados, bem como os recursos logísticos e humanos disponíveis são muito escassos, especialmente em países em desenvolvimento e com grande diversidade.

Em virtude de tais dificuldades, Cullen *et al.* 2004, observa que é essencial desenvolver estratégias de inventário e monitoramento rápido da diversidade biológica,

assim como criar a infraestrutura necessária para gerar, armazenar, e utilizar dados sobre biodiversidade. O autor enfatiza ainda que inventariar a fauna e flora de uma determinada porção de um ecossistema é o primeiro passo para sua conservação e uso racional. Sendo que sem um conhecimento mínimo sobre quais organismos ocorrem neste local, e sobre quantas espécies podem ser encontradas nele, é virtualmente impossível desenvolver qualquer projeto de preservação.

O monitoramento é, portanto, uma atividade que deve seguir às ações de manejo, seja pela sua importância ecológica (pois toda ação de manejo, inclusive sua ausência, tem impacto sobre o funcionamento de sistemas regulados), econômica (avaliação da interface custo-benefício), e mesmo ética, quando de iniciativa do poder público (critério na aplicação de recursos públicos).

A realização de estudos visando observar a composição e dinâmica faunística na área de influência da CGH Teles de Proença é de fundamental importância para avaliar possíveis interferências da execução das obras na distribuição e sobrevivência das espécies que compõem a biota local.

De posse dos dados obtidos ao longo do processo de estudos, ações complementares que visam a conservação da fauna terrestre local poderão ser formuladas e implementadas, caso necessário. Neste relatório são apresentados os resultados da fase pré-obra, 1ª e 2ª campanha e 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª, 8ª, 9ª, 10ª, 11ª, 12ª e 13ª campanha da fase de implantação, que contempla a estação de inverno.

### 3.2 OBJETIVO GERAL

Os estudos realizados na área de abrangência da CGH Teles de Proença visam registrar a fauna ocorrente nos habitats locais, o que possibilitará o acompanhamento de sua estrutura e dinâmica ao longo das diferentes fases do empreendimento, permitindo comparações, prognósticos e a adoção de medidas de manejo e conservação das espécies. Além disso, o presente trabalho poderá embasar futuras pesquisas científicas relacionadas à ecologia das espécies que forem registradas.

#### 3.2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Monitorar e registrar as espécies que compõem a fauna local da área de influência do empreendimento;
- Monitorar e registrar a presença/ausência de espécies endêmicas, raras ou ameaçadas de extinção;
- Analisar os dados obtidos e formular, se possível, índices para o monitoramento das espécies registradas;
- Verificar possíveis impactos sobre a fauna decorrentes da implantação da CGH Teles de Proença, a fim de propor medidas mitigatórias ou compensatórias.

### 3.3 JUSTIFICATIVA

O presente estudo justifica-se inicialmente como uma etapa a ser cumprida obrigatoriamente pelo empreendedor, para a concessão de autorizações ambientais e viabilização do empreendimento.

Nesse sentido, o monitoramento é realizado com a finalidade de acompanhar e registrar as alterações ambientais ocorridas durante as fases de instalação e operação. Os resultados obtidos subsidiarão a formulação de medidas mitigadoras capazes de atenuar os impactos negativos e assegurar a manutenção e conservação da biodiversidade local em patamares sustentáveis após sua implantação.

As informações obtidas durante os monitoramentos serão apresentadas trimestralmente e em relatório final do programa de monitoramento de fauna.

### 3.4 LEGISLAÇÃO

A atividade será desenvolvida de acordo com as diretrizes da seguinte legislação:

Tabela 6 - Legislações seguidas.

LEGISLAÇÃO	DESCRIÇÃO
Lei Federal nº 6.938/1981	Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências.
Lei Complementar nº 140/2011	Fixa normas, nos termos dos incisos III, VI e VII do caput e do parágrafo único do art. 23 da Constituição Federal, para a cooperação entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios nas ações administrativas decorrentes do exercício da competência comum relativas à proteção das paisagens naturais notáveis, à proteção do meio ambiente, ao combate à poluição em qualquer de suas formas e à preservação das florestas, da fauna e da flora; e altera a Lei no 6.938, de 31 de agosto de 1981.
Lei Federal nº 5.197/1967	Dispõe sobre a proteção à fauna e dá outras providências.
Lei Federal nº 9.605/1998	Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências.
Resolução CONAMA nº 001/1986	Estabelece os critérios básicos e as diretrizes gerais para uso e implementação da Avaliação de Impacto Ambiental como um dos instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente.
Resolução CONAMA nº 237/1997	Revisa os procedimentos e critérios utilizados no licenciamento ambiental, de forma a efetivar a utilização do sistema de licenciamento como

LEGISLAÇÃO	DESCRIÇÃO
	instrumento de gestão ambiental, instituído pela Política Nacional do Meio Ambiente.
Instrução Normativa IBAMA nº 146/2007	Estabelece os critérios para procedimentos relativos ao manejo de fauna silvestre (monitoramento, monitoramento, salvamento, resgate e destinação) em áreas de influência de empreendimentos e atividades consideradas efetiva ou potencialmente causadoras de impactos à fauna sujeitas ao licenciamento ambiental, como definido pela Lei nº 6938/81 e pelas Resoluções Conama nº 001/86 e nº 237/97.
Portaria IAP nº 097/2012	Dispõe sobre conceito, documentação necessária e instrução para procedimentos administrativos de Autorizações Ambientais para Manejo de Fauna em processos de Licenciamento Ambiental.
Portaria IAP nº 059/2015	Reconhece a Lista Oficial de Espécies Exóticas Invasoras para o Estado do Paraná, estabelece normas de controle e dá outras providências.
Autorizações Ambientais nº 56877 e 60344	Atendimento das condicionantes da Autorização Ambiental para Monitoramento de Fauna Silvestre Terrestre e Aquática concedida pelo Instituto Água e Terra do Paraná (IAT-PR).

### 3.5 PONTOS DE AMOSTRAGEM

#### 3.5.1 PONTOS DE AMOSTRAGEM DE FAUNA TERRESTRE

Os pontos de monitoramento foram definidos de acordo com a observação por imagem de satélite (Google Earth), em que, acerca da fauna terrestre, opta-se por pontos onde há maior cobertura de vegetação e ou fragmentos florestais consolidados. Os pontos de amostragem de fauna terrestre, podem ser fixos, como explicitado a seguir, ou se tratar de transectos e ou buscas ativas no entorno da AID do empreendimento.

Para a fauna aquática, as opções estão intrinsecamente relacionadas com a dinâmica do curso hídrico no trecho, levando em consideração aspectos lóticos, lênticos e hipsométricos. Da mesma forma que a marcação de pontos fixos para a fauna terrestre,

será adotado para a fauna aquática, com a inclusão de pontos aleatórios, quando se tratar de amostradores passivos, como o puçá e a picaré. Para os amostradores ativos como redes de emalhe com entrenós adjacentes, serão alocados pontos fixos de coleta.

Os dados resumidos e as coordenadas geográficas dos pontos de monitoramento de fauna podem ser observados na Tabela 7.

Foram definidos três pontos de monitoramento, conforme detalhado a seguir:

Ponto 1 (FAU-01): A área selecionada encontra-se na margem esquerda do rio das Antas, abrangendo a área que se inicia na casa de força e estende-se até o reservatório. O sítio demarcado faz parte de um pequeno fragmento florestal e no seu entorno existem áreas antropizada, utilizadas para agricultura e pecuária (Figura 4). Coordenadas: 23°51'7.39"S 51°22'15.78"O.

Ponto 2 (FAU-02): Este sítio amostral se localiza na margem direita do rio, na área que se inicia na casa de força até o final do reservatório. O local possui um fragmento de pequeno porte, parecendo conservado. No entorno do mesmo, existem áreas antropizada, utilizadas para agricultura e pecuária (Figura 4). Coordenadas: 23°51'11.30"S e 51°22'78.80"O.

Ponto 3 (Área controle): O sítio amostral controle para coleta da fauna terrestre encontra-se fora da área de influência direta da CGH Teles de Proença, no sentido da Casa de Força da CGH (Figura 4). Coordenadas: 23°50'92.70"S e 51°23'15.70"O.

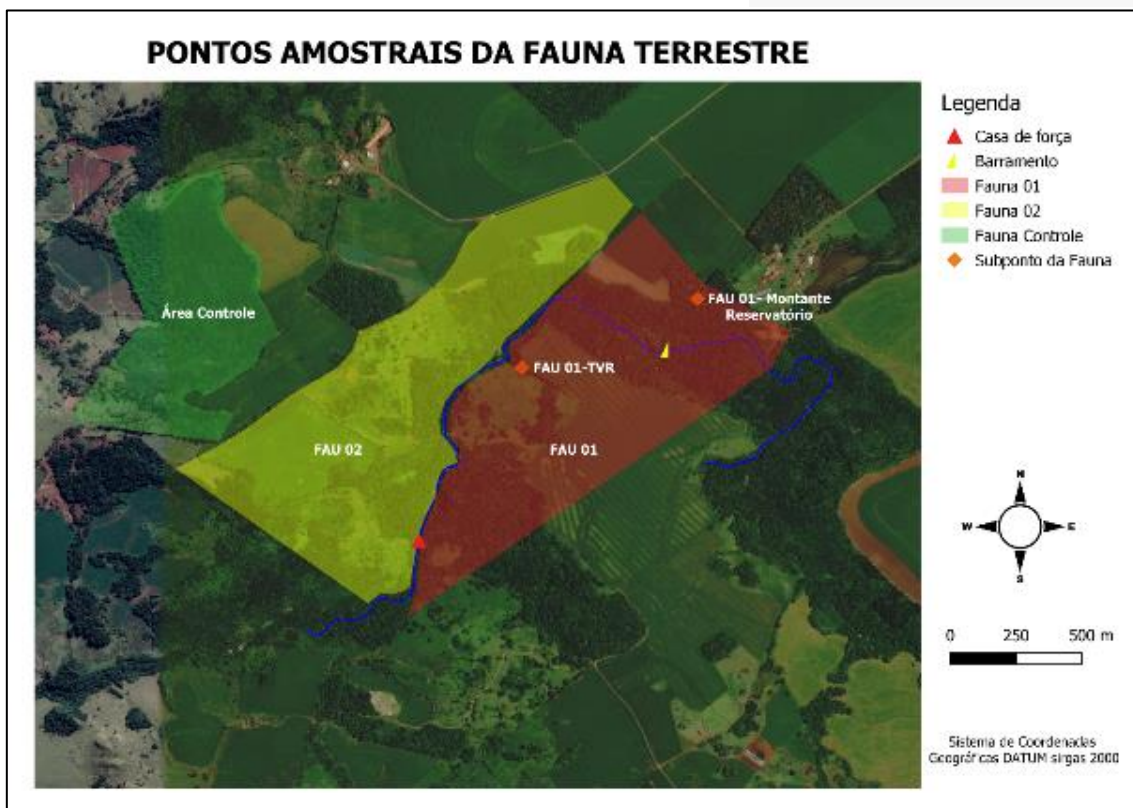


Figura 4 - Pontos fixos de monitoramento e área controle da fauna terrestre na CGH Teles de Proença.

### 3.5.2 PONTOS DE AMOSTRAGEM DE FAUNA AQUÁTICA

Foram determinados 05 pontos fixos para monitoramento de fauna aquática, levando em consideração a dinâmica do curso hídrico no trecho, aspectos lóticos, lênticos e de relevo, assim como a largura entre margens, 04 pontos foram alocados na área de influência direta do empreendimento e 01 ponto foi alocado como ponto controle fora da área de influência do empreendimento, conforme é apresentado na Tabela 7. A seguir é apresentado um breve registro fotográfico dos pontos de monitoramento da ictiofauna na CGH Teles de Proença.



Figura 5 - Vista dos pontos de amostragem utilizados no monitoramento da ictiofauna.

Tabela 7 - Dados e coordenadas geográficas dos pontos de amostragens do monitoramento de fauna terrestre e aquática na CGH Teles de Proença.

FAUNA TERRESTRE			
Ponto	Localização	Coordenadas Geográficas	Descrição
1 (FAU-01)	Margem esquerda do rio, início da casa de força até o reservatório.	23°51'05.8"S 51°22'16.1"O	O sítio demarcado faz parte de um pequeno fragmento florestal e no seu entorno existem áreas antropizada, utilizadas para agricultura e pecuária.
FAU-01 Subponto A	Montante do barramento.	23°50'54.7" S 51°21'59.7" O	O sítio demarcado faz parte de um pequeno fragmento florestal e no seu entorno existem áreas antropizada, utilizadas para agricultura e pecuária.
FAU-01 Subponto B	Trecho de vazão reduzida (TVR).	23°51'04.2" S e 51°22'23.1" O	O sítio demarcado faz parte de um pequeno fragmento florestal e no seu entorno existem áreas antropizada, utilizadas para agricultura e pecuária.
2 (FAU-02)	Margem direita do rio, início da casa de força até o final do reservatório.	23°51'11.30"S e 51°22'78.80"O	O local possui um fragmento de pequeno porte, parecendo conservado. No entorno do mesmo, existem áreas antropizada, utilizadas para agricultura e pecuária.
ÁREA CONTROLE	Fora da AID da CGH, sentido da Casa de Força.	23°50'92.70"S e 51°23'15.70"O	Próximo à uma propriedade rural. Possui vegetação bem conservada.
FAUNA AQUÁTICA			
Ponto	Localização	Coordenadas Geográficas	Descrição
1 (ICTIO-01)	Barramento.	23°51'0.57"S e 51°21'55.21"O	Próximo à uma propriedade rural. Possui vegetação bem conservada e presente em ambas as margens, formando um fragmento extenso.
2 (ICTIO-02)	Trecho de Vazão Reduzida (TVR).	23°51'4.05"S e 51°22'27.82"O	A margem direita possui vegetação e fragmentos florestais bem conservados. O trecho de vazão reduzida apresenta bastante corredeiras, acompanhado de pequenas e médias cachoeiras.
3 (ICTIO-03)	Montante da casa de força.	23°51'12.82"S e 51°22'33.69"O	A margem apresenta uma grande área de pastagem e a direita uma pequena área de mata.
4 (ICTIO-04)	Jusante da casa de força.	23°51'31.40"S e 51°22'38.21"O	A margem esquerda encontra-se bem conservada. O local apresenta pequenos poções no decorrer da jusante.
ICTIO CONTROLE	Fora da AID, sentido a montante da CGH.	23°51'13.85"S e 51°21'49.85"O	Possui vegetação bem conservada e presente em ambas as margens, formando um fragmento extenso.

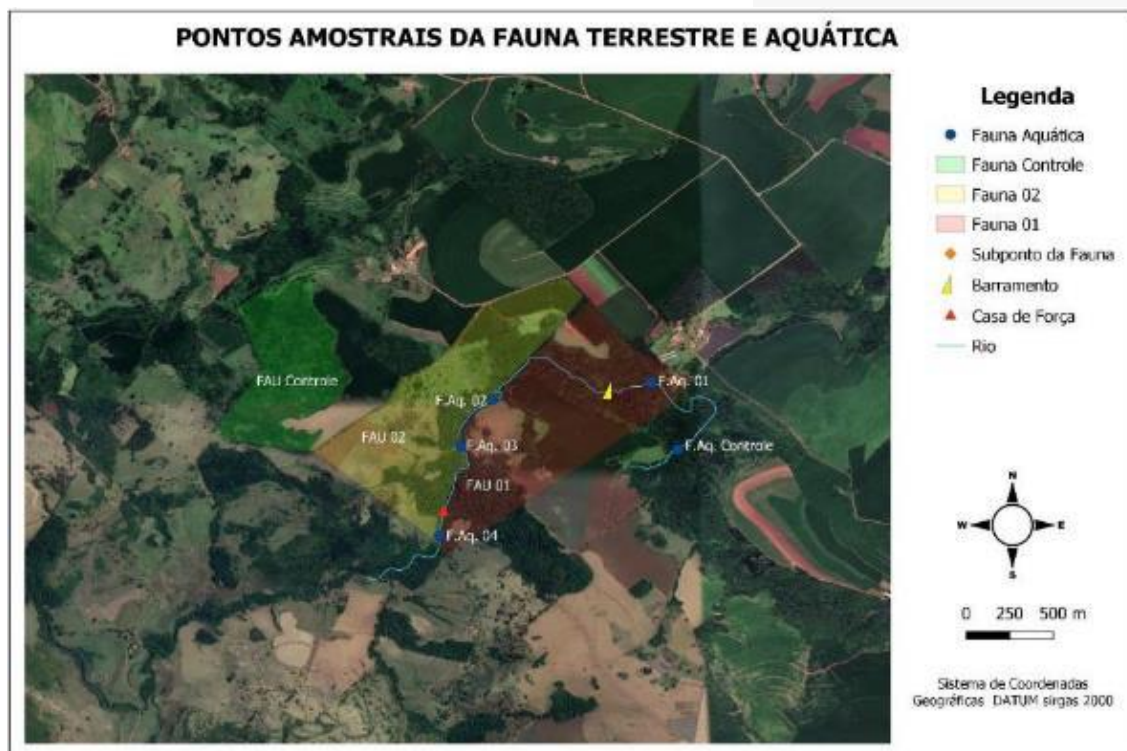


Figura 6 - Localização dos pontos amostrais para o monitoramento de fauna terrestre e aquática da CGH Teles de Proença.

A seguir são apresentadas imagens aéreas, registradas durante os estudos das áreas amostrais para cada ponto amostral.

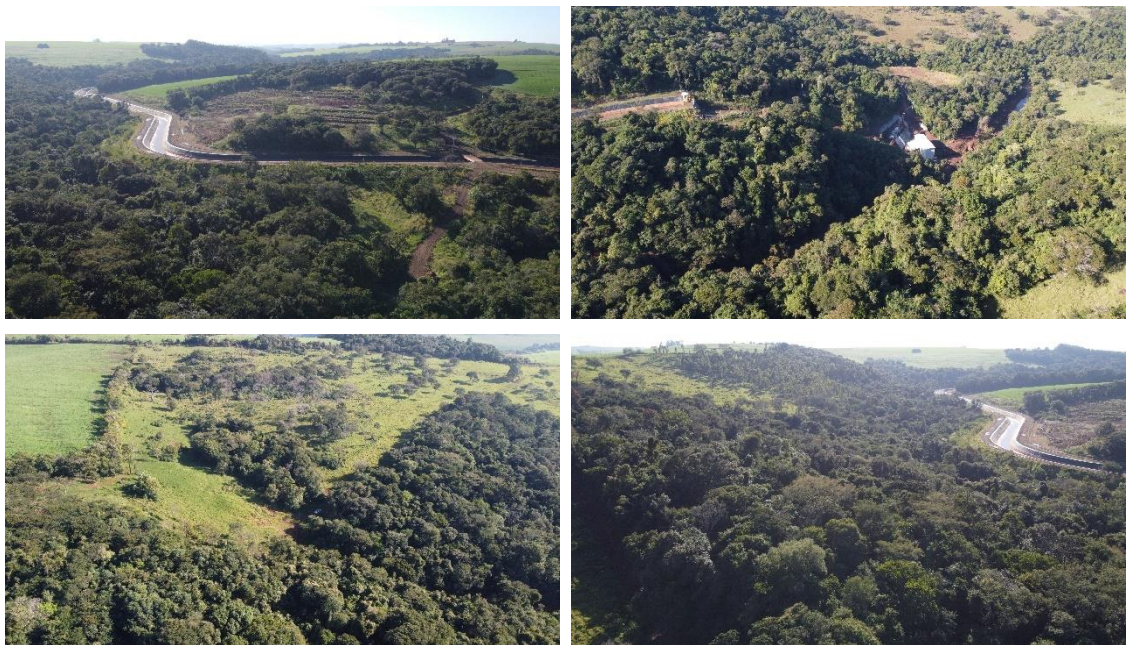


Figura 7 - Imagens aéreas dos pontos amostrais.

3.5.3 DATA DAS CAMPANHAS REALIZADAS

A CGH Teles de Proença encontra-se em fase de instalação, sendo está a 11ª campanha de monitoramento ambiental desta fase. O período de realização das campanhas foram:

Tabela 8 - Campanhas de monitoramento da fauna, realizadas na CGH Teles de Proença.

Fase	Campanhas	Data	Sazonalidade
Pré-obra	1ª	09 a 12/05/2022	Outono
Pré-obra	2ª	21 a 24/06/2022	Inverno
Implantação (1ª)	3ª	28/02 a 03/03/2023	Verão
Implantação (2ª)	4ª	22 a 25/05/2023	Outono
Implantação (3ª)	5ª	11 a 14/07/2023	Inverno
Implantação (4ª)	6ª	16 a 19/10/2023	Primavera
Implantação (5ª)	7ª	12 a 15/02/2024	Verão
Implantação (6ª)	8ª	17 a 20/06/2024	Outono
Implantação (7ª)	9ª	26 a 29/08/2024	Inverno
Implantação (8ª)	10ª	16 a 19/12/2024	Primavera
Implantação (9ª)	11ª	04 a 07/03/2025	Verão
Implantação (10ª)	12ª	16 a 19/06/2025	Outono
Implantação (11ª)	13ª	17 a 20/09/2025	Inverno

## 4 DADOS OBTIDOS

### 4.1 INVERTEBRADOS TERRESTRES

#### 4.1.1 INTRODUÇÃO

O estudo da riqueza e abundância de organismos tem sido empregado para avaliar mudanças nos ecossistemas (Solar *et al.*, 2016; Parr *et al.*, 2017). Os insetos são indicadores ecológicos para a avaliação de impactos que venham a ocorrer em uma determinada região (Parr *et al.*, 2017; Fernandes; Souza, 2018). A crescente pressão sobre habitats agrega maior importância às avaliações focadas na biodiversidade (Wilson, 2000; Solar *et al.*, 2016). A implantação de hidrelétricas para a produção de energia, a fragmentação de habitats e o processo de urbanização tem sido apontados dentre as maiores ameaças à conservação da biodiversidade (Lutinski *et al.*, 2017; Fernandes; Souza, 2018).

As modificações dos ambientes vêm refletindo na simplificação de habitats e, conseqüentemente, reduzindo a biodiversidade (Newbold *et al.*, 2015). O impacto do desmatamento, fragmentação de habitat e a introdução de espécies exóticas estão entre as principais causas da diminuição das populações nativas de polinizadores (Kevan; Phillips, 2001; Kremen *et al.*, 2002, Steffan-Dewenter *et al.*, 2006). A diminuição dos polinizadores está associada à redução na produção de frutos e sementes nas plantas agrícolas, com conseqüências econômicas de larga escala. A reprodução de plantas nativas também pode ser afetada, e isso pode causar extinções locais de populações de plantas, bem como dos animais associados a elas (Pinheiro-Machado; Silveira, 2006). Assim como a maioria dos ecossistemas brasileiros a Mata Atlântica sofre os impactos das ações antrópicas.

A fragmentação de habitats representa uma das principais ameaças a muitos ecossistemas e envolve a conversão de ambientes naturais em um mosaico de ambientes, o que reduz a disponibilidade de habitats e compromete o fluxo gênico (McKinney, 2002). Como resultados desfavoráveis à conservação da diversidade biológica se destacam as alterações microclimáticas locais, alterações na hidrologia, aumento da poluição (Niemi, 1999) e a dispersão e o crescimento populacional de espécies exóticas (Blair, 2001). Tornam-se cada vez mais evidentes os impactos ambientais da

matriz energética vigente, baseada na queima de combustíveis fósseis sobre a sustentabilidade. Emerge a necessidade da exploração de fontes de energias renováveis (Goldemberg; Lucon, 2007).

O estudo de organismos tem sido umas das técnicas utilizadas para se avaliar mudanças no ambiente e alguns insetos são indicadores ecológicos para a avaliação do impacto ambiental. Apesar da expressiva biodiversidade de invertebrados já descritos, especialmente de insetos, considerando os métodos disponíveis para amostragem e a ocorrência de registros acidentais, os estudos têm dado ênfase à ordem Hymenoptera. Para Lockwood *et al.* (1996), os Hymenoptera são indicadores de biodiversidade, pois são de fácil amostragem, atingem um largo espectro de hospedeiros herbívoros, presas, relações ecológicas e informam as condições das comunidades vegetais.

O número total de espécies de invertebrados conhecidas no mundo é de aproximadamente 1,3 milhões. Estima-se que 100 e 150 mil espécies destes organismos ocorram nos Biomas brasileiros. Os principais responsáveis por esses números são os insetos, dos quais se conhece aproximadamente 1 milhão de espécies no mundo e cerca de 110.000 ocorrem no Brasil. Dentre os Hymenoptera, Formicidae constitui uma das famílias mais comuns e melhor estudadas em diversos aspectos (Hölldobler; Wilson, 1990). A riqueza, juntamente com a abundância e ampla distribuição geográfica, indica que as formigas estão entre os insetos mais bem-sucedidos (Bueno; Campos-Farinha, 1999). O papel ecológico diversificado das formigas nos ecossistemas tem lhes conferido destaque. Como predadoras, dispersoras de sementes, cultivadoras de fungos, polinizadoras (em alguns casos), promovendo ou inibindo a herbivoria, a presença das formigas em um ambiente é um indicador de inúmeras interações interespecíficas (Silvestre *et al.*, 2003) e por consequência, da diversidade existente (Arcila; Lozano-Zambrano, 2003).

Parâmetros ecológicos como a riqueza e frequência de ocorrências das formigas em um ambiente permitem inferir sobre o grau de conservação local, informando acerca da cobertura vegetal, formação de serapilheira e riqueza e abundância de outros invertebrados (Silvestre *et al.*, 2003; Parr *et al.*, 2017). Possibilitam ainda a caracterização e a comparação de assembleias de diferentes ambientes (Laste *et al.*, 2019). Frequentes na maioria dos ambientes, as formigas são reconhecidas como bioindicadores, tornando-as uma ferramenta eficaz na avaliação das alterações ambientais, no acompanhamento

da recuperação de áreas degradadas, no monitoramento da regeneração de áreas florestais e de ambientes impactados (Silvestre; Brandão, 2001; Baccaro *et al.*, 2015). Em ambientes naturais, o estudo das assembleias de formigas possibilita avaliar o grau de impacto das atividades humanas (Silva; Loeck, 1999; Rizzotto *et al.*, 2019). Formigas cumprem essa função por apresentarem uma ampla distribuição geográfica, serem localmente abundantes, funcionalmente importantes nos diferentes níveis tróficos, facilmente amostradas, susceptíveis às mudanças ecológicas e possíveis de serem separados em morfo-espécies (Loureiro; Queiroz, 1990; Lutinski; Garcia, 2005).

As abelhas são importantes agentes polinizadores e merecem destaque pela sua importância econômica e ecológica. Delas, depende a reprodução e o fluxo gênico de muitas espécies vegetais nos diferentes ecossistemas. São considerados os principais polinizadores em ambientes naturais e agrícolas. Esse serviço ecossistêmico é essencial para a manutenção das populações nativas de plantas e para a produção de alimento nos agroecossistemas. O desmatamento e a fragmentação estão entre as causas que afetam as populações de abelhas (Imperatriz-Fonseca; Nunes-Silva, 2010).

As vespas representam um complexo grupo de Hymenoptera, dentre os quais, importantes predadores e parasitoides constituem inimigos naturais de espécies potencialmente pragas que atacam pomares. Os parasitoides, que representam até 20% de todas as espécies de insetos presentes em um ecossistema, possuem grande importância na regulação populacional de insetos e, por fazerem parte de um sistema tri-trófico, são considerados um bioindicadores da diversidade local (Moraes *et al.*, 2012).

As hidrelétricas representam uma importante alternativa na geração de energia frente ao uso de combustíveis fósseis, contudo, os impactos ambientais decorrentes da instalação e operação das usinas ainda são pouco conhecidos sobre a biodiversidade de invertebrados, especialmente a entomofauna (Barbosa Filho, 2013). Durante a construção, os impactos conhecidos estão relacionados à supressão da vegetação, remoção de terra e compactação do terreno por máquinas, alagamento e demais ações que afetam os remanescentes de vegetação e podem impossibilitar a permanência de espécies desses animais (Meireles, 2008). Depois de implantada, a usina pode interferir na dinâmica do ecossistema diretamente afetado, alterando o microclima, a temperatura e a umidade local (Barbosa Filho, 2013).

Neste contexto, o presente estudo objetivou inventariar a entomofauna que ocorre na área de influência direta (AID) CGH Teles de Proença durante a fase de implantação, implantada no rio Rio das Antas, afluente do Rio Bom, Bacia do Rio Ivaí, entre os municípios de Faxinal e Marilândia do Sul, Paraná.

#### 4.1.2 MATERIAIS E MÉTODOS

Neste relatório são apresentados os resultados da 1ª a 13ª campanhas amostrais, realizadas entre 09 e 12 de maio de 2022 (outono), 21 e 24 de junho de 2022 (inverno), 28 de fevereiro a 03 de março de 2023 (verão), 22 a 25 de maio de 2023 (outono), 11 a 14 de julho de 2023 (inverno), 16 a 19 de outubro de 2023 (primavera), 12 a 15 de fevereiro de 2024 (verão), 17 a 20 de junho de 2024 (outono), 26 a 29 de agosto de 2024 (inverno), 16 a 19 de dezembro de 2024 (primavera), 04 a 07 de março de 2025 (verão), 16 a 19 de junho de 2025 (outono) e 17 a 20 de setembro de 2025 (inverno).

##### 4.1.2.1 Captura com Armadilhas Malaise

Esse tipo de armadilha para insetos voadores é construído com tela de material sintético e lembra uma barraca de camping, confeccionada com teto na cor branca, septos e laterais na cor preta. No alto da armação existe uma gaiola que aprisiona os insetos amostrados. É indicada para amostrar moscas, vespas, abelhas e outros insetos que têm o hábito de subir quando aprisionados. A armadilha Malaise (Figura 8) é uma técnica que intercepta insetos em voo. Os insetos batem nos septos ou teto da armadilha, tendem a subir em direção à luz solar, e por isso terminam por cair no copo coletor (frasco), posicionado na extremidade superior da armadilha. No copo coletor é adicionado 200 ml álcool a 70 %, usado para morte e fixação dos insetos (Almeida *et al.*, 1998).

Esforço amostral: Em cada um dos sítios amostrais foi instalada uma armadilha que ficou exposta por 48 horas. Portanto, foram 144 horas de exposição por campanha amostral, 1872 horas ao final das 13 campanhas.

Esta metodologia foi aplicada seguindo as diretrizes estabelecidas na Autorização Ambiental nº 56877 na condicionante nº 12, que estabelece: “Para as amostragens de

invertebrados terrestres serão utilizados os métodos de (i) Captura com armadilhas Malaise e (II) Captura com armadilhas Pitfall”.



**Figura 8 - Armadilhas tipo Malaise utilizadas para amostragem da entomofauna nas áreas de influência direta (AID) da CGH Teles de Proença.**

#### 4.1.2.2 Captura com Armadilhas *Pitfall*

As armadilhas de solo do tipo *pitfall* (Figura 9) para captura de invertebrados de hábito caminhador consistem em copos plásticos de 200 ml (7,5 cm de diâmetro por 11,5 cm de altura), enterrados totalmente, de maneira que sua abertura fique ao nível do solo. Dentro de cada armadilha são adicionados 100 ml de água com cinco gotas de detergente para quebrar a tensão superficial da água, fazendo com que o inseto afunde ao cair na armadilha.

Estas armadilhas foram instaladas em três pontos na AID do estudo. Foram estabelecidos transectos de 100 metros de comprimento contemplando diferentes tipos de ambientes. Nestes transectos, as armadilhas foram dispostas a cada 10 metros uma da outra (Bestelmeyer *et al.*, 2000), sendo utilizado 10 armadilhas em cada um dos três sítios amostrais de fauna, totalizando 30 armadilhas em cada amostra. As armadilhas permaneceram abertas pelo período de 48 horas em cada campanha, totalizando 18720 horas de amostragem ao final das 13 campanhas. Ao término de cada período de amostragem as armadilhas foram recolhidas para uso posterior.



Figura 9 - Armadilhas de captura *Pitfall* utilizada para amostragem da entomofauna na área de influência direta (AID) da CGH Teles de Proença.

#### 4.1.2.3 Tabulação dos Dados, Análise e Relatórios

Os exemplares amostrados foram acondicionados e transferidos para frascos contendo álcool a 70%. Em laboratório (Figura 10), foram triados e montados para posteriormente, serem identificados sob microscópio estereoscópico binocular (Figura 10). Os exemplares foram identificados de acordo com as chaves propostas por Gonçalves (1961), Kempf (1964), Kempf (1965), Watkins (1976), Della Lucia (1993), Lattke (1995), Taber (1998), Fernández (2003), Longino (2003), Longino e Fernández (2007) e Wild (2007). A identificação dos demais himenópteros amostrados foi realizada comparando o material com os exemplares da coleção entomológica da Universidade Comunitária Regional de Chapecó.

Para a tabulação e tratamento dos dados obtidos, foram analisados em escritório os seguintes parâmetros:

A riqueza foi definida como o número de espécies de formigas que ocorreram em cada uma das amostras. A abundância foi definida com base na frequência relativa (número de registros de uma dada espécie em cada armadilha) e não com base no número de indivíduos (Tavares *et al.*, 2008). O número de registros minimiza o efeito dos hábitos de forrageamento e do tamanho das colônias e é mais apropriado para estudos de comunidades de formigas (Romero; Jaffe 1989).



Figura 10 - Trabalho de identificação da entomofauna (imagem ilustrativa).

A avaliação da diversidade (riqueza e abundância) foi realizada através do Índice de diversidade de Shannon-Weaver, cuja fórmula é:

$$H' = \sum p_i(\log_e p_i)$$

Esta análise foi obtida através do software Past. Tal índice permite estimar a diversidade de espécies local. A equabilidade representa a participação de cada táxon na comunidade e foi estimada pelo índice de Pielou (Magurran, 1988; Colwell, 2006), cuja fórmula é:

$$J' = H' / H_{\text{máx}}$$

Onde:

$$H_{\text{máx}} = \log_e(S).$$

Esta análise também foi obtida através do software Past (Hammer *et al.*, 2001).

As espécies amostradas foram caracterizadas segundo os parâmetros da frequência, constância e dominância. A frequência de cada espécie foi definida pela frequência relativa nas amostras, ou seja, a frequência da espécie dividida pela soma das

frequências. Já para a classificação da constância, as taxas foram separadas em categorias, sendo consideradas: constantes, quando presentes em mais de 50% das coletas; acessórias, quando presentes em 25 – 50% das coletas; acidentais, quando presentes em menos de 25% das coletas. A dominância dos táxons encontrados na área de estudo foi determinada através do limite de dominância considerando “dominantes” as espécies com frequência relativa superior a 0,1 (10%) (Novotný; Basset, 2000).

Para avaliar a suficiência amostral (táxons em função do espaço amostral), foi construída uma curva de acumulação, onde o número de amostras é representado na abscissa e o número de gêneros no eixo das ordenadas. Também foi obtida uma estimativa de riquezas para cada estação e para cada ponto amostrado e comparada com a respectiva riqueza observada. Para tal, foi utilizado o estimador Chao 1 e as estimativas foram geradas com o programa PAST (Hammer *et al.*, 2001). O estimador usa essencialmente informações sobre as espécies que ocorrem em uma amostra (unicatas) e aquelas que ocorrem em duas amostras (duplicatas) (Chao, 1987).

Para comparar a riqueza em cada evento amostral de cada ponto amostrado, foi utilizada uma análise de rarefação baseada no número de ocorrências (Gotelli; Colwell, 2001). Essas análises foram obtidas utilizando-se o programa Past e permitem comparações de riqueza entre assembleias que diferem quanto à ocorrência de espécies (Melo *et al.*, 2003).

Foi construída uma análise cluster para representar se a abundância e a composição das assembleias de formigas diferem em um mesmo ponto quando amostrado nas diferentes estações. Foi utilizado Bray-Curtis como índice de associação e a análise foi realizada com o programa estatístico PAST (Hammer *et al.*, 2001).

#### 4.1.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

##### 4.1.3.1 Riqueza e Abundância

Na área de influência direta (AID) da CGH Teles de Proença, nas 13 amostras, foram registradas 1399 ocorrências de invertebrados, sendo 1291 de formigas e 72 de vespas, 14 de abelhas, 12 de moscas, oito de borboletas e duas de Arachnida. Foram identificados 91 táxons, sendo 56 espécies de formigas, 20 espécies de vespas, seis de

abelhas, uma de moscas, oito de borboletas, uma de escorpião e uma de pseudoescorpião (Tabela 9).

Dentre as formigas, *Camponotus atriceps* Smith, 1858, *Camponotus lespesii* Forel, 1886, *Pheidole aberrans* Mayr, 1868, *Pheidole dyctiota* Kempf, 1972, *Pheidole pubiventris* Mayr, 1887 e *Pachycondyla striata* Smith, 1858 se destacaram quanto à abundância. *Polistes* sp. e *Polybia* sp. 1 se destacaram entre a fauna de vespas e *Apis mellifera* (Linnaeus, 1758) entre as abelhas.

A maior riqueza foi obtida no Ponto 1 (S = 70), seguida pelo Ponto 3 (S = 65) e o Ponto 2 (S = 63) (Tabela 9). A riqueza total amostrada foi maior na amostra 6 (S = 38), seguida da amostra 10 (S = 35), amostra 11 (S = 34), amostra 7 com 32 espécies, amostra 8 (S = 30), amostra 1 (S = 26), amostra 4 (S = 24), amostra 2 (S = 23), amostra 3, amostra 12 (S = 22) amostra 9 (S = 21) e amostra (S = 16) (Tabela 10). Ao todo, 67 espécies foram amostradas com armadilhas pitfall e 55 com armadilhas Malaise (Tabela 11).

**Tabela 9 - Riqueza e abundância de insetos amostrados em três pontos na área de influência direta da CGH Teles de Proença.**

Táxon	Ponto 1	Ponto 2	Ponto 3	Total
<b>Formigas</b>				
<b>Subfamília Dolichoderinae</b>				
<i>Dolichoderus bispinosus</i> (Olivier, 1792)	1	0	2	3
<i>Dorymyrmex brunneus</i> Forel, 1908	2	7	1	10
<i>Linepithema angulatum</i> (Emery, 1894)	0	0	1	1
<i>Linepithema gallardoi</i> (Brèthes, 1914)	20	13	4	37
<i>Linepithema humile</i> (Mayr, 1868)	8	3	7	18
<i>Linepithema</i> sp. 1	2	1	2	5
<i>Linepithema</i> sp. 2	0	0	1	1
<i>Tapinoma melanocephalum</i> (Fabricius, 1793)	1	0	0	1
<b>Subfamília Ectatomminae</b>				
<i>Ectatomma edentatum</i> Roger, 1863	4	4	3	11
<i>Gnamptogenys striatula</i> Mayr, 1884	5	6	10	21
<b>Subfamília Heteroponerinae</b>				
<i>Heteroponera dolo</i> (Roger, 1860)	1	0	0	1
<b>Subfamília Formicinae</b>				
<i>Brachymyrmex aphidicola</i> (Forel, 1909)	2	4	3	9
<i>Brachymyrmex coactus</i> Mayr, 1886	1	3	1	5
<i>Camponotus atriceps</i> Smith, 1858	41	32	50	123
<i>Camponotus cameranoi</i> Emery, 1894	5	1	2	8
<i>Camponotus crassus</i> Mayr, 1863	15	7	18	40
<i>Camponotus lespesii</i> Forel, 1886	25	23	30	78

Táxon	Ponto 1	Ponto 2	Ponto 3	Total
<i>Camponotusrufipes</i> (Fabricius, 1775)	3	2	2	7
<i>Camponotus</i> sp. 1	10	2	2	14
<i>Camponotus</i> sp. 2	4	1	3	8
<i>Camponotus</i> sp. 3	0	1	3	4
<i>Myrmelachista gagatina</i> Emery, 1894	1	0	0	1
<i>Myrmelachista</i> sp.	1	0	0	1
<i>Nylanderia fulva</i> (Mayr, 1862)	12	18	7	37
<i>Paratrechina longicornis</i> (Latreille, 1802)	5	5	3	13
<b>Subfamília Myrmicinae</b>				
<i>Acromyrmex subterraneus</i> (Forel, 1893)	15	6	3	24
<i>Acromyrmex</i> sp.	6	4	1	11
<i>Apterostigma pilosum</i> Mayr, 1865	1	1	0	2
<i>Atta sexdens</i> (Linnaeus, 1758)	2	2	1	5
<i>Crematogaster corticicola</i> Mayr, 1887	1	0	3	4
<i>Crematogaster</i> sp. 1	1	0	0	1
<i>Cephalotes pusillus</i> (Klug, 1824)	1	1	1	3
<i>Mycocepurus goeldii</i> Forel, 1893	1	0	2	3
<i>Pheidole aberrans</i> Mayr, 1868	34	30	45	109
<i>Pheidole dyctiota</i> Kempf, 1972	59	61	38	158
<i>Pheidole laevifrons</i> Mayr, 1887	4	6	6	16
<i>Pheidole pubiventris</i> Mayr, 1887	44	29	28	101
<i>Pheidole risii</i> Forel, 1892	7	7	7	21
<i>Pheidole</i> sp. 1	11	8	13	32
<i>Pheidole</i> sp. 4	3	4	6	13
<i>Pogonomyrmex naegeli</i> Forel, 1878	0	0	1	1
<i>Monomorium floricola</i> (Jerdon, 1851)	0	0	1	1
<i>Solenopsis invicta</i> Buren, 1972	3	0	5	8
<i>Solenopsis saevissima</i> (F. Smith, 1855)	9	2	1	12
<i>Solenopsis stricta</i> Emery, 1896	5	15	6	26
<i>Wasmannia auropunctata</i> (Roger, 1863)	13	6	6	25
<b>Subfamília Ponerinae</b>				
<i>Hypoponera distinguenda</i> (Emery, 1890)	1	0	0	1
<i>Hypoponera</i> sp.	0	1	0	1
<i>Odontomachus chelifer</i> (Latreille, 1802)	11	17	15	43
<i>Odontomachus affinis</i> Guérin-Meneville 1844	2	1	1	4
<i>Pachycondyla harpax</i> (Fabricius 1804)	6	6	8	20
<i>Pachycondyla striata</i> Smith, 1858	70	60	40	170
<i>Pachycondyla</i> sp.	1	4	1	6
<b>Subfamília Pseudomyrmecinae</b>				
<i>Pseudomyrmex gracilis</i> (Fabricius, 1804)	1	1	3	5
<i>Pseudomyrmex</i> sp. 1	4	2	1	7
<i>Pseudomyrmex</i> sp. 2	1	0	0	1
<b>Vespas</b>				
<i>Agelaia</i> sp.	0	2	1	3

Táxon	Ponto 1	Ponto 2	Ponto 3	Total
<i>Ancistroceroides p.</i>	1	1	0	2
<i>Apanteles sp.</i>	2	2	1	5
<i>Campoctonus sp.</i>	1	1	1	3
<i>Casinaria sp. 1</i>	1	1	0	2
<i>Casinaria sp. 2</i>	0	0	1	1
<i>Cotesia sp. 1</i>	2	0	1	3
<i>Cotesia sp. 2</i>	0	0	1	1
<i>Cotesia sp. 3</i>	2	1	0	3
<i>Diolcogaster sp.</i>	0	0	1	1
<i>Epyris sp.</i>	1	1	0	2
<i>Flacopimpla sp.</i>	1	0	0	1
<i>Hymenopimecis sp.</i>	1	0	0	1
<i>Mutillidae sp.</i>	0	1	0	1
<i>Polistes sp.</i>	9	3	4	16
<i>Polybia sp. 1</i>	8	3	6	17
<i>Polybia sp. 2</i>	2	1	1	4
<i>Protopolybia sp.</i>	1	2	1	4
<i>Protapanteles sp.</i>	1	0	0	1
<i>Tromatobia sp.</i>	0	1	0	1
<b>Abelhas</b>				
<i>Apis mellifera</i> (Linnaeus, 1758)	1	3	0	4
<i>Ceratina sp. 1</i>	1	2	0	3
<i>Dialictus sp.</i>	0	0	1	1
<i>Melipona sp. 1</i>	0	1	2	3
<i>Melipona sp. 2</i>	0	0	2	2
<i>Tetragona clavipes</i> (Fabricius, 1804)	0	0	1	1
<b>Diptera</b>				
<i>Musca sp.</i>	8	2	2	12
<b>Lepidoptera</b>				
<i>Actinote pellenea hyalina</i> Jordan, 1913	0	0	1	1
<i>Aeria olena</i> Weymer, 1875	1	0	0	1
<i>Diaethria clymena</i> (Cramer, 1775)	0	1	1	2
<i>Heliconius erato phyllis</i> (Fabricius 1775)	1	1	0	2
<i>Placidula euryanassa</i> Felder & Felder1860	1	0	0	1
<i>Pseudopieris nehemia</i> (Boisduval, 1836)	0	1	0	1
<b>Arachnida</b>				
<i>Pseudoescorpiones sp.</i>	0	1	0	1
<i>Tityus sp.</i>	0	1	0	1
<b>Riqueza de formigas</b>	50	41	47	56
<b>Riqueza de vespas</b>	14	13	11	20
<b>Riqueza de abelhas</b>	2	3	4	6
<b>Riqueza de Diptera</b>	1	1	1	1
<b>Riqueza de Lepidoptera</b>	3	3	2	6
<b>Riqueza de Arachnida</b>	0	2	0	2

Tabela 10 - Riqueza e abundância de insetos amostrados em 13 amostras na área de influência direta da CGH Teles de Proença.

Táxon	A 1	A 2	A 3	A 4	A 5	A 6	A 7	A 8	A 9	A1 0	A1 1	A1 2	A1 3
<b>Formigas</b>													
<b>Subfamília Dolichoderinae</b>													
<i>Dolichoderus bispinosus</i> (Olivier, 1792)	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0
<i>Dorymyrmex brunneus</i> Forel, 1908	0	0	0	7	2	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Linepithema angulatum</i> (Emery, 1894)	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Linepithema gallardoi</i> (Brèthes, 1914)	0	0	0	0	0	5	3	8	1	3	6	3	8
<i>Linepithema humile</i> (Mayr, 1868)	0	1	2	5	0	0	3	0	1	1	1	2	2
<i>Linepithema</i> sp. 1	0	0	0	0	0	0	4	1	0	0	0	0	0
<i>Linepithema</i> sp. 2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
<i>Tapinoma melanocephalum</i> (Fabricius, 1793)	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Subfamília Ectatomminae</b>													
<i>Ectatomma edentatum</i> Roger, 1863	4	1	0	0	0	3	0	0	0	2	1	0	0
<i>Gnamptogenys striatula</i> Mayr, 1884	0	0	0	1	2	9	4	2	1	0	1	1	0
<b>Subfamília Heteroponerinae</b>													
<i>Heteroponera dolo</i> (Roger, 1860)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Subfamília Formicinae</b>													
<i>Brachymyrmex aphidicola</i> (Forel, 1909)	0	0	8	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Brachymyrmex coactus</i> Mayr, 1886	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	2	0	0
<i>Camponotus atriceps</i> Smith, 1858	6	0	2 1	4	2	1 1	8	1 9	1	6	19	4	22
<i>Camponotus cameranoi</i> Emery, 1894	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	1	2	2
<i>Camponotus crassus</i> Mayr, 1863	0	2	2	1	0	1	3	1 0	1	11	7	0	2
<i>Camponotus lespesii</i> Forel, 1886	1 1	2	9	3	1	1	1	4	3	11	21	1	10
<i>Camponotus rufipes</i> (Fabricius, 1775)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0	2	0
<i>Camponotus</i> sp. 1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	9	0	2	1
<i>Camponotus</i> sp. 2	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	4	0	1
<i>Camponotus</i> sp. 3										0	2	0	2
<i>Myrmelachista gagatina</i> Emery, 1894	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
<i>Myrmelachista</i> sp.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Nylanderia fulva</i> (Mayr, 1862)	1	0	2	5	1	2	1	0	0	10	6	9	0
<i>Paratrechina longicornis</i> (Latreille, 1802)	0	2	0	0	5	1	1	3	0	0	1	0	0
<b>Subfamília Myrmicinae</b>													
<i>Acromyrmex subterraneus</i> (Forel, 1893)	1	0	1 1	0	1	3	0	3	0	1	1	2	1

Táxon	A 1	A 2	A 3	A 4	A 5	A 6	A 7	A 8	A 9	A1 0	A1 1	A1 2	A1 3
<i>Acromyrmex</i> sp.	1	0	1	0	0	3	2	0	0	1	1	2	0
<i>Apterostigma pilosum</i> Mayr, 1865	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Atta sexdens</i> (Linnaeus, 1758)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	3
<i>Crematogaster corticicola</i> Mayr, 1887	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Crematogaster</i> sp. 1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
<i>Cephalotes pusillus</i> (Klug, 1824)	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0
<i>Mycocepurus goeldii</i> Forel, 1893	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
<i>Pheidole aberrans</i> Mayr, 1868	7	2	1 3	1 3	7	1 0	1 1	1	1	16	14	9	5
<i>Pheidole dyctiota</i> Kempf, 1972	8	2	7	1 3	6	1 5	8	1 5	7	23	21	16	17
<i>Pheidole laevifrons</i> Mayr, 1887	1 0	0	0	4	1	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Pheidole pubiventris</i> Mayr, 1887	1 7	1 1	2 3	1 0	2	8	5	9	2	5	4	3	2
<i>Pheidole risii</i> Forel, 1892	0	0	1	1	0	2	1	3	1	1	4	1	6
<i>Pheidole</i> sp. 1	1	2	0	0	3	0	2	4	1	15	4	0	0
<i>Pheidole</i> sp. 4	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	2	7
<i>Pogonomyrmex naegeli</i> Forel, 1878	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Monomorium floricola</i> (Jerdon, 1851)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Solenopsis invicta</i> Buren, 1972	0	0	0	0	0	0	2	0	0	1	5	0	0
<i>Solenopsis saevissima</i> (F. Smith, 1855)	0	0	0	1	0	0	0	0	0	10	0	1	0
<i>Solenopsis stricta</i> Emery, 1896	0	0	1 1	0	1	1	3	3	0	2	1	4	0
<i>Wasmannia auropunctata</i> (Roger, 1863)	0	0	1 0	0	0	2	1	0	0	8	4	0	0
<b>Subfamília Ponerinae</b>													
<i>Hypoponera distinguenda</i> (Emery, 1890)	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Hypoponera</i> sp.	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Odontomachus chelifer</i> (Latreille, 1802)	2	0	1 0	2	0	6	1	5	0	9	6	0	2
<i>Odontomachus affinis</i> Guérin-Meneville 1844	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	1
<i>Pachycondyla harpax</i> (Fabricius 1804)	0	0	0	0	0	1	1	1	3	1	1	5	7
<i>Pachycondyla striata</i> Smith, 1858	1 5	5	2 1	3	3	1 7	5	1 7	6	21	25	12	20
<i>Pachycondyla</i> sp.	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	4	0	0
<b>Subfamília Pseudomyrmecinae</b>													
<i>Pseudomyrmex gracilis</i> (Fabricius, 1804)	0	0	0	0	0	0	2	2	0	1	0	0	0
<i>Pseudomyrmex</i> sp. 1	0	0	0	1	0	2	0	1	2	0	1	0	0
<i>Pseudomyrmex</i> sp. 2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
<b>Vespas</b>													
<i>Agelaia</i> sp.	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0

Táxon	A 1	A 2	A 3	A 4	A 5	A 6	A 7	A 8	A 9	A1 0	A1 1	A1 2	A1 3
<i>Ancistroceroides p.</i>	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Apanteles sp.</i>	4	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Campoctonus sp.</i>	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2
<i>Casitaria sp. 1</i>	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Casitaria sp. 2</i>	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cotesia sp. 1</i>	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cotesia sp. 2</i>	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cotesia sp. 3</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0
<i>Diolcogaster sp.</i>	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Epyris sp.</i>	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Flacopimpla sp.</i>	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Hymenoepimecis sp.</i>	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Mutillidae sp.</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
<i>Polistes sp.</i>	1	0	0	1	1	1	1	1	0	6	1	0	3
<i>Polybia sp. 1</i>	0	0	0	1	0	1	1	2	0	9	2	0	1
<i>Polybia sp. 2</i>	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2	0	0	1
<i>Protopolybia sp.</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0
<i>Tromatobia sp.</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
<b>Abelhas</b>													
<i>Apis mellifera</i> (Linnaeus, 1758)	0	2	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
<i>Ceratina sp. 1</i>	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0
<i>Dialictus sp.</i>	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
<i>Melipona sp. 1</i>	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0
<i>Melipona sp. 2</i>	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
<i>Tetragona clavipes</i> (Fabricius, 1804)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
<b>Diptera</b>													
<i>Musca sp.</i>	0	2	0	0	2	0	0	0	8	0	0	0	0
<b>Lepidoptera</b>													
<i>Actinote pellenea hyalina</i> Jordan, 1913	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Aeria olena</i> Weymer, 1875	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Diaethria clymena</i> (Cramer, 1775)	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Heliconius erato phyllis</i> (Fabricius 1775)	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Placidula euryanassa</i> Felder & Felder 1860	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pseudopieris nehemia</i> (Boisduval, 1836)	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Arachnida</b>													
<i>Pseudoscorpiones sp.</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Tityus sp.</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0

Tabela 11 - Riqueza e abundância de insetos amostrados com dois métodos na área de influência direta da CGH Teles de Proença.

Táxon	Pitfall	Malaise
<b>Formigas</b>		
<b>Subfamília Dolichoderinae</b>		
<i>Dolichoderus bispinosus</i> (Olivier, 1792)	1	2
<i>Dorymyrmex brunneus</i> Forel, 1908	9	1
<i>Linepithema angulatum</i> (Emery, 1894)	1	0
<i>Linepithema gallardoi</i> (Brèthes, 1914)	37	0
<i>Linepithema humile</i> (Mayr, 1868)	14	4
<i>Linepithema</i> sp. 1	5	0
<i>Linepithema</i> sp. 2	1	0
<i>Tapinoma melanocephalum</i> (Fabricius, 1793)	0	1
<b>Subfamília Ectatomminae</b>		
<i>Ectatomma edentatum</i> Roger, 1863	11	0
<i>Gnamptogenys striatula</i> Mayr, 1884	20	1
<b>Subfamília Heteroponerinae</b>		
<i>Heteroponera dolo</i> (Roger, 1860)	1	0
<b>Subfamília Formicinae</b>		
<i>Brachymyrmex aphidicola</i> (Forel, 1909)	8	1
<i>Brachymyrmex coactus</i> Mayr, 1886	5	0
<i>Camponotus atriceps</i> Smith, 1858	110	14
<i>Camponotus cameranoi</i> Emery, 1894	7	1
<i>Camponotus crassus</i> Mayr, 1863	30	10
<i>Camponotus lespesii</i> Forel, 1886	67	12
<i>Camponotus rufipes</i> (Fabricius, 1775)	7	0
<i>Camponotus</i> sp. 1	13	1
<i>Camponotus</i> sp. 2	7	1
<i>Camponotus</i> sp. 3	2	2
<i>Myrmelachista gagatina</i> Emery, 1894	0	1
<i>Myrmelachista</i> sp.	1	0
<i>Nylanderia fulva</i> (Mayr, 1862)	36	1
<i>Paratrechina longicornis</i> (Latreille, 1802)	13	0
<b>Subfamília Myrmicinae</b>		
<i>Acromyrmex subterraneus</i> (Forel, 1893)	24	0
<i>Acromyrmex</i> sp.	11	0
<i>Apterostigma pilosum</i> Mayr, 1865	2	0
<i>Atta sexdens</i> (Linnaeus, 1758)	5	0
<i>Crematogaster corticicola</i> Mayr, 1887	3	1
<i>Crematogaster</i> sp. 1	0	1
<i>Cephalotes pusillus</i> (Klug, 1824)	0	3
<i>Mycocepurus goeldii</i> Forel, 1893	3	0
<i>Pheidole aberrans</i> Mayr, 1868	103	6
<i>Pheidole dyctiota</i> Kempf, 1972	153	5
<i>Pheidole laevifrons</i> Mayr, 1887	16	0

Táxon	Pitfall	Malaise
<i>Pheidole pubiventris</i> Mayr, 1887	98	3
<i>Pheidole risii</i> Forel, 1892	21	0
<i>Pheidole</i> sp. 1	31	1
<i>Pheidole</i> sp. 4	13	0
<i>Pogonomyrmex naegelii</i> Forel, 1878	1	0
<i>Monomorium floricola</i> (Jerdon, 1851)	1	0
<i>Solenopsis invicta</i> Buren, 1972	8	0
<i>Solenopsis saevissima</i> (F. Smith, 1855)	12	0
<i>Solenopsis stricta</i> Emery, 1896	26	0
<i>Wasmannia auropunctata</i> (Roger, 1863)	25	0
<b>Subfamília Ponerinae</b>		
<i>Hypoponera distinguenda</i> (Emery, 1890)	1	0
<i>Hypoponera</i> sp.	1	0
<i>Odontomachus chelifer</i> (Latreille, 1802)	43	0
<i>Odontomachus affinis</i> Guérin-Meneville 1844	4	0
<i>Pachycondyla harpax</i> (Fabricius 1804)	19	1
<i>Pachycondyla striata</i> Smith, 1858	168	2
<i>Pachycondyla</i> sp.	5	1
<b>Subfamília Pseudomyrmecinae</b>		
<i>Pseudomyrmex gracilis</i> (Fabricius, 1804)	2	3
<i>Pseudomyrmex</i> sp. 1	1	6
<i>Pseudomyrmex</i> sp. 2	0	1
<b>Vespas</b>		
<i>Agelaia</i> sp.	1	2
<i>Ancistroceroides</i> p.	1	1
<i>Apanteles</i> sp.	1	4
<i>Campoctonus</i> sp.	0	3
<i>Casitaria</i> sp. 1	0	2
<i>Casitaria</i> sp. 2	0	1
<i>Cotesia</i> sp. 1	0	3
<i>Cotesia</i> sp. 2	1	0
<i>Cotesia</i> sp. 3	3	0
<i>Diolcogaster</i> sp.	0	1
<i>Epyris</i> sp.	2	0
<i>Flacopimpla</i> sp.	1	0
<i>Hymenoepimecis</i> sp.	0	1
<i>Mutillidae</i> sp.	1	0
<i>Polistes</i> sp.	12	4
<i>Polybia</i> sp. 1	10	7
<i>Polybia</i> sp. 2	1	3
<i>Protopanteles</i> sp.	4	0
<i>Protopolybia</i> sp.	0	1
<i>Tromatobia</i> sp.	0	1
<b>Abelhas</b>		

Táxon	Pitfall	Malaise
<i>Apis mellifera</i> (Linnaeus, 1758)	0	4
<i>Ceratina</i> sp. 1	2	1
<i>Dialictus</i> sp.	0	1
<i>Melipona</i> sp. 1	0	3
<i>Melipona</i> sp. 2	0	2
<i>Tetragona clavipes</i> (Fabricius, 1804)	0	1
<b>Diptera</b>		
<i>Musca</i> sp.	8	4
<b>Lepidoptera</b>		
<i>Actinote pellenea hyalina</i> Jordan, 1913	0	1
<i>Aeria olena</i> Weymer, 1875	0	1
<i>Diaethria clymena</i> (Cramer, 1775)	0	2
<i>Heliconius erato phyllis</i> (Fabricius 1775)	0	2
<i>Placidula euryanassa</i> Felder & Felder 1860	0	1
<i>Pseudopieris nehemia</i> (Boisduval, 1836)	0	1
<b>Arachnida</b>		
<i>Pseudoescorpiones</i> sp.	1	0
<i>Tityus</i> sp.	1	0

Quanto à constância nas amostras, *Polistes* sp. e *Polybia* sp. 1 foram classificadas como constantes. As espécies *Camponotus atriceps* Smith, 1858, *Pheidole aberrans* Mayr, 1868, *Pheidole dyctiota* Kempf, 1972, *Pachycondyla striata* Smith, 1858 e *Musca* sp. foram classificadas como acessórias. Todas as demais foram classificadas como acidentais. Quanto à dominância, *Pheidole dyctiota* Kempf, 1972, *Pachycondyla striata* Smith, 1858, *Polistes* sp., *Polybia* sp. 1 e *Musca* sp. foram classificadas como dominantes. Todas as espécies foram não dominantes (Tabela 12).

**Tabela 12 - Frequência, constância e dominância da fauna de insetos amostrados na área de influência direta da CGH Teles de Proença.**

Táxon	Freq.	Constância	Dominância
<b>Formigas</b>			
<b>Subfamília Dolichoderinae</b>			
<i>Dolichoderus bispinosus</i> (Olivier, 1792)	0,23	Acidental	Não dominante
<i>Dorymyrmex brunneus</i> Forel, 1908	0,77	Acidental	Não dominante
<i>Linepithema angulatum</i> (Emery, 1894)	0,08	Acidental	Não dominante
<i>Linepithema gallardoi</i> (Brèthes, 1914)	2,87	Acidental	Não dominante
<i>Linepithema humile</i> (Mayr, 1868)	1,39	Acidental	Não dominante
<i>Linepithema</i> sp. 1	0,39	Acidental	Não dominante
<i>Linepithema</i> sp. 2	0,08	Acidental	Não dominante
<i>Tapinoma melanocephalum</i> (Fabricius, 1793)	0,08	Acidental	Não dominante

Táxon	Freq.	Constância	Dominância
<b>Subfamília Ectatomminae</b>			
<i>Ectatomma edentatum</i> Roger, 1863	0,85	Acidental	Não dominante
<i>Gnamptogenys striatula</i> Mayr, 1884	1,63	Acidental	Não dominante
<b>Subfamília Heteroponerinae</b>			
<i>Heteroponera dolo</i> (Roger, 1860)	0,08	Acidental	Não dominante
<b>Subfamília Formicinae</b>			
<i>Brachymyrmex aphidicola</i> (Forel, 1909)	0,70	Acidental	Não dominante
<i>Brachymyrmex coactus</i> Mayr, 1886	0,39	Acidental	Não dominante
<i>Camponotus atriceps</i> Smith, 1858	9,53	Acessória	Não dominante
<i>Camponotus cameranoi</i> Emery, 1894	0,62	Acidental	Não dominante
<i>Camponotus crassus</i> Mayr, 1863	3,10	Acidental	Não dominante
<i>Camponotus lespesii</i> Forel, 1886	6,04	Acidental	Não dominante
<i>Camponotus rufipes</i> (Fabricius, 1775)	0,54	Acidental	Não dominante
<i>Camponotus</i> sp. 1	1,08	Acidental	Não dominante
<i>Camponotus</i> sp. 2	0,62	Acidental	Não dominante
<i>Camponotus</i> sp. 3	0,31	Acidental	Não dominante
<i>Myrmelachista gagatina</i> Emery, 1894	0,08	Acidental	Não dominante
<i>Myrmelachista</i> sp.	0,08	Acidental	Não dominante
<i>Nylanderia fulva</i> (Mayr, 1862)	2,87	Acidental	Não dominante
<i>Paratrechina longicornis</i> (Latreille, 1802)	1,01	Acidental	Não dominante
<b>Subfamília Myrmicinae</b>			
<i>Acromyrmex subterraneus</i> (Forel, 1893)	1,86	Acidental	Não dominante
<i>Acromyrmex</i> sp.	0,85	Acidental	Não dominante
<i>Apterostigma pilosum</i> Mayr, 1865	0,15	Acidental	Não dominante
<i>Atta sexdens</i> (Linnaeus, 1758)	0,39	Acidental	Não dominante
<i>Crematogaster corticicola</i> Mayr, 1887	0,31	Acidental	Não dominante
<i>Crematogaster</i> sp. 1	0,08	Acidental	Não dominante
<i>Cephalotes pusillus</i> (Klug, 1824)	0,23	Acidental	Não dominante
<i>Mycocepurus goeldii</i> Forel, 1893	0,23	Acidental	Não dominante
<i>Pheidole aberrans</i> Mayr, 1868	8,44	Acessória	Não dominante
<i>Pheidole dyctiota</i> Kempf, 1972	12,24	Acessória	Dominante
<i>Pheidole laevifrons</i> Mayr, 1887	1,24	Acidental	Não dominante
<i>Pheidole pubiventris</i> Mayr, 1887	7,82	Acidental	Não dominante
<i>Pheidole risii</i> Forel, 1892	1,63	Acidental	Não dominante
<i>Pheidole</i> sp. 1	2,48	Acidental	Não dominante
<i>Pheidole</i> sp. 4	1,01	Acidental	Não dominante
<i>Pogonomyrmex naegeli</i> Forel, 1878	0,08	Acidental	Não dominante
<i>Monomorium floricola</i> (Jerdon, 1851)	0,08	Acidental	Não dominante
<i>Solenopsis invicta</i> Buren, 1972	0,62	Acidental	Não dominante
<i>Solenopsis saevissima</i> (F. Smith, 1855)	0,93	Acidental	Não dominante
<i>Solenopsis stricta</i> Emery, 1896	2,01	Acidental	Não dominante
<i>Wasmannia auropunctata</i> (Roger, 1863)	1,94	Acidental	Não dominante
<b>Subfamília Ponerinae</b>			
<i>Hypoponera distinguenda</i> (Emery, 1890)	0,08	Acidental	Não dominante

Táxon	Freq.	Constância	Dominância
<i>Hypoconera</i> sp.	0,08	Acidental	Não dominante
<i>Odontomachus chelifer</i> (Latreille, 1802)	3,33	Acidental	Não dominante
<i>Odontomachus affinis</i> Guérin-Meneville 1844	0,31	Acidental	Não dominante
<i>Pachycondyla harpax</i> (Fabricius 1804)	1,55	Acidental	Não dominante
<i>Pachycondyla striata</i> Smith, 1858	13,17	Acessória	Dominante
<i>Pachycondyla</i> sp.	0,46	Acidental	Não dominante
<b>Subfamília Pseudomyrmecinae</b>			
<i>Pseudomyrmex gracilis</i> (Fabricius, 1804)	0,39	Acidental	Não dominante
<i>Pseudomyrmex</i> sp. 1	0,54	Acidental	Não dominante
<i>Pseudomyrmex</i> sp. 2	0,08	Acidental	Não dominante
<b>Vespas</b>			
<i>Agelaia</i> sp.	2,78	Acidental	Não dominante
<i>Ancistroceroides</i> p.	1,85	Acidental	Não dominante
<i>Apanteles</i> sp.	4,63	Acidental	Não dominante
<i>Campoctonus</i> sp.	2,78	Acidental	Não dominante
<i>Casinaria</i> sp. 1	1,85	Acidental	Não dominante
<i>Casinaria</i> sp. 2	0,93	Acidental	Não dominante
<i>Cotesia</i> sp. 1	2,78	Acidental	Não dominante
<i>Cotesia</i> sp. 2	0,93	Acidental	Não dominante
<i>Cotesia</i> sp. 3	2,78	Acidental	Não dominante
<i>Diolcogaster</i> sp.	0,93	Acidental	Não dominante
<i>Epyris</i> sp.	1,85	Acidental	Não dominante
<i>Flacopimpla</i> sp.	0,93	Acidental	Não dominante
<i>Hymenoepimecis</i> sp.	0,93	Acidental	Não dominante
<i>Mutillidae</i> sp.	0,93	Acidental	Não dominante
<i>Polistes</i> sp.	14,81	Constante	Dominante
<i>Polybia</i> sp. 1	15,74	Constante	Dominante
<i>Polybia</i> sp. 2	3,70	Acidental	Não dominante
<i>Protopolybia</i> sp.	3,70	Acidental	Não dominante
<i>Protopolybia</i> sp.	0,93	Acidental	Não dominante
<i>Tromatobia</i> sp.	0,93	Acidental	Não dominante
<b>Abelhas</b>			
<i>Apis mellifera</i> (Linnaeus, 1758)	3,70	Acidental	Não dominante
<i>Ceratina</i> sp. 1	2,78	Acidental	Não dominante
<i>Dialictus</i> sp.	0,93	Acidental	Não dominante
<i>Melipona</i> sp. 1	2,78	Acidental	Não dominante
<i>Melipona</i> sp. 2	1,85	Acidental	Não dominante
<i>Tetragona clavipes</i> (Fabricius, 1804)	0,93	Acidental	Não dominante
<b>Diptera</b>			
<i>Musca</i> sp.	11,11	Acessória	Dominante
<b>Lepidoptera</b>			
<i>Actinote pellenea hyalina</i> Jordan, 1913	0,93	Acidental	Não dominante
<i>Aeria olena</i> Weymer, 1875	0,93	Acidental	Não dominante
<i>Diaethria clymena</i> (Cramer, 1775)	1,85	Acidental	Não dominante

Táxon	Freq.	Constância	Dominância
<i>Heliconius erato phyllis</i> (Fabricius 1775)	1,85	Acidental	Não dominante
<i>Placidula euryanassa</i> Felder & Felder 1860	0,93	Acidental	Não dominante
<i>Pseudopieris nehemia</i> (Boisduval, 1836)	0,93	Acidental	Não dominante
<b>Arachnida</b>			
<i>Pseudoescorpiones</i> sp.	0,93	Acidental	Não dominante
<i>Tityus</i> sp.	0,93	Acidental	Não dominante

A riqueza da subfamília Myrmicinae predomina nas amostras da mirmecofauna do sul do Brasil (Ulysséa *et al.*, 2011; Fleck; Cantarelli; Granzotto, 2015; Lutinski *et al.*, 2017; Rizzotto *et al.*, 2019). Formigas Myrmecíneas exercem uma variedade de funções ecossistêmicas, ocupam diferentes nichos, colonizam diferentes estratos desde o subsolo, serrapilheira até o topo do dossel e algumas espécies estabelecem relações com fungos, plantas e até mesmo outras formigas (Fernández, 2003; Baccaro *et al.*, 2015). Enquanto formigas *Atta* (cortadeiras) se alimentam de fungos cultivados sobre folhas frescas, *Pheidole* se caracterizam como generalistas (Baccaro *et al.*, 2015).

A subfamília Myrmecinae é diversificada e abundante nos Biomas brasileiros como a Mata Atlântica e Cerrado, tanto em número de gêneros quanto de espécies. Algumas características são marcantes para o sucesso dessas formigas, entre elas destacam-se a diversidade de hábitos alimentares e de nidificação (Hölldobler; Wilson, 1990). A predominância de Myrmicinae pode ser explicada pelo fato de ser um grupo adaptado às alterações nas diferentes condições do ambiente podendo ocupar diversos nichos (Fowler *et al.*, 1991).

O gênero *Pheidole* foi o segundo mais rico no inventário. São descritas como formigas epígeas, onívoras e dominantes (Silvestre *et al.*, 2003). A diversidade de espécies deste gênero descrito para o Brasil (Baccaro *et al.*, 2015) faz com que seja comum o registro de dezenas de espécies em estudos localizados. A ampla distribuição geográfica e a grande habilidade de dispersão fazem com que algumas espécies se tornem localmente abundantes. Silvestre *et al.* (2003) associam a estes gêneros a nidificação no solo, formação de grandes colônias, indivíduos pequenos, monomórficos ou dimórficos com comportamento generalista e agressivo. São frequentemente encontradas em ambientes antropizados (Lutinski; Garcia, 2005, Lutinski *et al.*, 2014). Estes fatores contribuem para o sucesso das formigas deste gênero colonizarem diferentes ambientes na AID.

Formigas dos gêneros *Pheidole* são conhecidas como dominantes onívoras de solo. A ampla distribuição geográfica e a habilidade de dispersão fazem com que algumas dessas espécies se tornem localmente abundantes. Esta condição de impacto ambiental se observa na prática já que a AID é formada por um mosaico de ambientes ocupados pela agricultura, restando apenas pequenos remanescentes de fragmentos florestais capazes de abrigar uma entomofauna mais diversificada.

Formigas do gênero *Acromyrmex* são abundantes no sul do Brasil (Lutinski *et al.*, 2008; Lutinski *et al.*, 2013). São assinaladas nove espécies com ocorrência na região oeste de Santa Catarina (Ulysséa *et al.*, 2011) e dez para o Estado do Rio Grande do Sul (Loeck *et al.*, 2003). Pertencem a este gênero algumas das espécies com o maior potencial de causar danos econômicos, já que estão associadas aos desequilíbrios ambientais que resultam em desequilíbrios populacionais destas formigas e levam ao aumento da massa vegetal cortada (Fernández, 2003; Baccaro *et al.*, 2015). São formigas polimórficas, endêmicas da região neotropical, que exercem importante papel na manutenção do solo, lugar que usam para a construção de seus ninhos. Suas galerias desempenham papel importante na aeração enquanto que seus excrementos e resíduos vegetais residuais da ação dos fungos e têm função de enriquecer o solo (Silvestre *et al.*, 2003). Na AID foram amostradas duas espécies deste gênero indicando elevado grau de impacto em que o ambiente se encontra.

A subfamília Formicinae é a segunda mais rica, dentre Formicidae, na região Neotropical (Martins *et al.*, 2020). Essa subfamília possui gêneros abundantes, são de fácil amostragem, a maioria possui hábitos arborícolas, enquanto outras habitam o solo ou a serapilheira (Baccaro *et al.*, 2015). O gênero *Camponotus* é constantemente registrado em amostras na Mata Atlântica austral (Cantarelli *et al.*, 2015; Lutinski *et al.*, 2017). Formigas *Camponotus* são formigas generalistas, embora possam estabelecer relações estreitas com outros insetos, como os afídeos que ocorrem em todos os biomas terrestres da região Neotropical, ocupam diferentes nichos em ambientes conservados (Silvestre *et al.*, 2003) inclusive ambientes antropizados como áreas urbanas (Veiga *et al.*, 2015; Lutinski *et al.*, 2017).

O gênero *Camponotus* foi o mais rico no inventário. Aproximadamente 400 espécies deste gênero são descritas para a região neotropical, dentre as quais se observa acentuado polimorfismo e a onivoria é muito frequente. Podem ser observadas

forrageando desde o solo até a copa das árvores. A defesa química e o mutualismo são comumente observados nas relações com outros organismos (Silvestre *et al.*, 2003). Formigas deste gênero são comuns estudos na região sul do Brasil (Ulysséa *et al.*, 2011) e frequentes em ambientes antropizados (Lutinski *et al.*, 2013; Lutinski *et al.*, 2014). *Camponotus crassus* é amplamente distribuída em Santa Catarina (Ulysséa *et al.*, 2011) e comum em ambientes antropizados.

A subfamília Ponerinae se destaca quanto à riqueza e a abundância nas amostras já realizadas em Unidades de Conservação e fragmentos florestais da região Sul do Brasil (Lutinski *et al.*, 2018). O gênero *Pachycondyla* é frequentemente amostrado na região sul do Brasil (Cantarelli *et al.*, 2015; Rizzotto *et al.*, 2019). Formigas desse gênero são encontradas no solo e serapilheira, onde constroem seus ninhos e forrageiam. São predadoras especializadas e indicam a presença de uma fauna diversificada de pequenos artrópodes que servem como suas presas.

Caracterizadas como predadoras grandes epígeas, as formigas do gênero *Pachycondyla* apresentam como características em comum o hábito predador, colônias pequenas e o comportamento agressivo (Silvestre *et al.*, 2003). Segundo Lattke (2003), embora sejam predadoras especializadas, aproveitam-se também de outras fontes de carboidratos e proteínas que estejam à disposição no ambiente. As operárias são monomórficas com pouca diferenciação em relação à rainha e possuem um aguilhão bem desenvolvido que serve como mecanismo de defesa. A maioria das espécies está associada a ambientes fechados e úmidos, embora algumas espécies possam ser encontradas em áreas abertas e secas. As formigas do gênero *Pachycondyla* são fáceis de serem observadas no campo quando caçam sobre o solo. Constroem seus ninhos em locais variados desde o solo até a copa das árvores (Lattke, 2003).

Formigas pertencentes aos gêneros *Ectatomma* e *Odontomachus* encontram abrigo e alimento na serapilheira e/ou na vegetação (Silvestre *et al.*, 2003). Os registros de formigas destes gêneros nos pontos amostrados apontam a relação dos remanescentes florestais (fragmentos) na conservação desta riqueza. A onivoria é uma característica das formigas pertencentes aos gêneros *Nylanderia* (Silvestre *et al.*, 2003, Lutinski *et al.* 2014). O recrutamento massivo e o tamanho diminuto destas espécies (Silvestre *et al.*, 2003) podem favorecer o domínio pelas fontes de alimento e a colonização de diferentes ambientes, mesmo antropizados.

Dolichoderinae é registrada de forma constante nas amostras realizadas no Bioma Mata Atlântica. De maneira geral, costumam apresentar relações com algumas plantas, das quais extraem líquidos açucarados dos nectários florais para sua alimentação (Rodrigues *et al.*, 2008). O gênero *Linepithema* engloba formigas generalistas que suportam a fragmentação e ambientes antropizados (Lutinski *et al.*, 2017). O caráter onívoro verificado neste grupo o torna fácil de ser amostrado. Suas interações agressivas com outras espécies as tornam importantes agentes causadores de danos tanto à fauna quanto à flora local.

Formigas pertencentes aos gêneros *Gnamptogenys* encontram abrigo e alimento na serapilheira e/ou na vegetação (Silvestre *et al.*, 2003). Os registros de formigas destes gêneros nos pontos amostrados apontam a relação dos remanescentes florestais (fragmentos) na conservação desta riqueza. A onivoria é uma característica das formigas pertencentes aos gêneros *Brachymyrmex*, *Crematogaster*, *Nylanderia* e *Paratrechina* (Silvestre *et al.*, 2003, Lutinski *et al.*, 2014). O recrutamento massivo e o tamanho diminuto destas espécies (Silvestre *et al.*, 2003) podem favorecer o domínio pelas fontes de alimento e a colonização de diferentes ambientes, mesmo antropizados.

Formigas Pseudomyrmecinae são frequentes nos inventários já realizados no sul do Brasil (Ulysséa *et al.*, 2011; Cantarelli *et al.*, 2015; Rizzotto *et al.*, 2019). Conforme também se verificou nas amostras deste estudo, os registros tem sido restritos ao gênero *Pseudomyrmex*. Essas formigas, já foram registradas em ambientes antropizados (Lutinski *et al.*, 2017), ambientes agrícolas (Rizzotto *et al.*, 2019) e reflorestamentos (Cantarelli *et al.*, 2015). Contudo, dependem da vegetação onde forrageiam suas presas, indicando que a AID avaliada oferece recursos como abrigo (vegetação) e alimento (presas).

As vespas Braconidae consistem na segunda maior família dentro dos himenópteros com pelo menos 40.000 espécies descritas (Sharkey, 1993). Além da riqueza, são comuns e abundantes em todos os ecossistemas terrestres desempenham papel importante no equilíbrio destes ecossistemas devido à sua habilidade de regular populações de insetos fitófagos. Isto os faz essenciais na manutenção do balanço ecológico e uma força colaboradora para a diversidade de outros organismos (La Salle; Gauld, 1993). Ichneumonidae é a maior família dos Hymenoptera, com mais de 35.000 espécies conhecida apenas na região neotropical (Gauld *et al.*, 2002). Essa família inclui grande número de táxons, muitos monofiléticos (Wahl, 1993), quase todos ricos em

gêneros e espécies com diversas interações ecológicas, podendo apresentar padrões de diversidade biológica que contribuem para a manutenção e evolução dos diversos ecossistemas terrestres (Butignol, 1992).

Os parasitoides são os mais importantes agentes de controle biológico e responsáveis pela maioria dos benefícios econômicos e ambientais produzidos pelos programas com essa finalidade, podendo fornecer subsídios para os estudos de biologia e conservação. Como agentes de controle biológico, eles reagem ao tamanho das populações de seus hospedeiros. Sua ação de mortalidade aumenta com o aumento da população dos hospedeiros e diminui com o decréscimo da mesma. As duas populações ligadas flutuam entre si de modo a impedir tanto o aumento em massa como a extinção da população de hospedeiros (Greathead, 1986).

*Polybia* é um gênero de vespas sociais enxameadoras que engloba aproximadamente 58 espécies válidas, distribuídas do sul dos Estados Unidos até o norte da Argentina. Esse gênero é dividido em 11 subgêneros, alguns deles são altamente variáveis morfológicamente. A dificuldade em encontrar sinapomorfias tanto para o gênero quanto para os subgêneros reflete um histórico taxonômico conturbado, já que as espécies aí incluídas são aquelas que não se encaixam em nenhum outro gênero de Epiponini. São vestas conhecidas como marimbondos, muito comuns na natureza e atualmente também nas áreas urbanas, sendo encontrados com alta frequência nas cidades, por causa da grande facilidade que apresentam na nidificação em habitações urbanas. Devido à presença de ferrão e peçonha, frequentemente ocorrem acidentes com humanos envolvendo esses insetos e por isso seus ninhos próximos às residências na área urbana são considerados um transtorno, o que acaba possibilitando a classificação destes insetos como pragas urbanas (Gelin, 2009). Contudo, a presença dessas vespas nas amostras indica a presença de vegetação, local em que nidificam.

As abelhas eussociais (Apidae, Apinae e Euglossinae) constituem a principal biomassa de insetos que visitam as flores de vários grupos de plantas em ecossistemas naturais e agrícolas nas regiões tropicais (Michener, 1979). Essas abelhas apresentam longo período de atividade, colônias perenes e sofisticados sistemas de comunicação (Seeley, 1985). *Apis mellifera* se tornou o visitante floral mais comum nos ambientes tropicais (Roubik, 2000). A baixa riqueza destes insetos nas amostras é um indicativo de

impactos na AID, seja na carência de locais para a nidificação, seja de vegetação onde visitam flores.

O gênero *Musca* compreende moscas pertencentes à família Muscidae. É um dos insetos mais comuns e uma presença habitual na maioria dos climas da Terra. Os espécimes adultos de *M. domestica* podem medir cerca de 5-8 mm de comprimento. Apresenta coloração cinzenta no tórax, com quatro linhas longitudinais no dorso. A parte inferior do abdômen é amarelada. O corpo é recoberto de pelos relativamente longos. A espécie convive facilmente com os humanos, com tendência a agregar-se, ainda que sejam insetos pouco sociais. As moscas-domésticas podem ser portadoras de enfermidades infecto-contagiosas que podem transmitir ao alimentarem-se sobre alimentos humanos que contaminam (Chinery, 1980). A presença desta espécie indica a antropização do entorno da área amostrada.

Nymphalidae é uma família de insetos da ordem Lepidoptera que inclui cerca de 6 000 espécies, entre as quais a maioria das espécies mais conhecidas como borboletas coloridas. Todas as espécies pertencentes à família Nymphalidae têm um conjunto de características comuns que as distinguem de todas as famílias de borboletas, entre os quais se destacam a presença de ranhuras alongadas ao longo da parte inferior de todos os segmentos das antenas, formando rugas longitudinais pouco profundas (carinae), e terem o primeiro par de pernas atrofiadas (constituindo "patas de limpeza"). Nos machos, esta redução do tamanho do primeiro par de apêndices é mais pronunciado, o que permite por essa via diferenciar os sexos em algumas espécies (Furlaneti, 2010).

A família Nymphalidae é a que contém o maior número de espécies, a mais diversa relação com plantas hospedeiras e a maior diversidade de formas larvais, sendo as lagartas bastante diversas em relação à cor, tamanho e forma. Dentro dessa família encontram-se as borboletas frutívoras. Diferenciam-se das outras famílias por possuírem apenas dois pares de pernas para a locomoção, sendo a perna dianteira bastante reduzida. Borboletas dessa família são encontradas em todos os lugares do mundo, com exceção da Antártida e estão presentes em maior variedade na região Neotropical, com cerca de 2.000 espécies registradas. No Brasil, as borboletas Nymphalidae somam cerca de 780 espécies (DeVries, 1987).

Satyrinae é a maior subfamília dos Nymphalidae, compreendendo 2.848 espécies de distribuição mundial. De acordo com a última versão da Classificação de Nymphalidae,

estes são colocados em 261 gêneros e 9 tribos. Conforme delimitado atualmente, a subfamília inclui as tribos Morphini, Brassolini e Amathusiini, que tradicionalmente foram colocadas em sua própria subfamília (Bozano, 2002). A presença de Nymphalidae na amostra indica a presença de vegetação capaz de abrigar esta diversidade.

*Tityus* é um gênero de escorpiões da família Buthidae. Dentre os butídeos, são os *Tityus* que mais ocorrem na América do Sul e principalmente no Brasil. Podem atingir até 7cm de comprimento. Apresenta o tronco escuro, patas, pedipalpos e cauda amarelos sendo esta serrilhada no lado dorsal. Os escorpiões podem causar acidentes graves. Geralmente são encontrados sob troncos e rochas (Guerrero-Vargas *et al.*, 2011). Pseudoescorpiones reúnem uma fauna de organismos predadores, dos quais pouco se conhece.

#### 4.1.3.2 Índices Ecológicos

A maior diversidade (3,31) foi obtida na amostra 7, enquanto a maior equabilidade (0,98) foi verificada na amostra 5 (Tabela 13).

**Tabela 13 - Indicadores ecológicos de 13 amostras da comunidade de insetos amostrados na área de influência direta da CGH Teles de Proença.**

Índice	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12	A13
<b>Riqueza</b>	26	23	19	24	16	38	32	30	21	35	34	22	26
<b>Abundância</b>	100	47	158	83	40	125	82	123	45	206	175	85	130
<b>Shannon (H)</b>	2,8 1	3,06	2,64	2,8 7	2,7 3	3,26	3,3 1	2,94	2,9 1	3,2	3,0 1	2,81	2,8 2
<b>Equitabilidade (J)</b>	0,8 6	0,97	0,90	0,9 0	0,9 8	0,90	0,9 5	0,87	0,9 6	0,9 0	0,8 5	0,91	0,8 7
<b>Chao-1</b>	85, 4	27,8 9	20,4 9	45, 7	18, 4	56,8 5	58, 9	52,5 7	50, 7	46	60, 1	25,2 0	29, 5

De forma semelhante ao que foi verificado entre as amostras, as dos pontos também diferiram entre si. A diversidade de Shanon para o Ponto 1 foi de 3,45, enquanto para o Ponto 3, 3,40 e para o Ponto 2, 3,36. A Equabilidade foi 0,81, 0,81 e 0,81 para os pontos 1, 2 e 3, respectivamente. O estimador Chao 1 apontou que a fauna de invertebrados pode ser 51,9% maior do que a amostrada (Tabela 14).

**Tabela 14 - Indicadores ecológicos para cada um dos três pontos da comunidade de insetos amostrados na área de influência direta da CGH Teles de Proença.**

Índice	Ponto 1	Ponto 2	Ponto 3	Total
<b>Riqueza</b>	70	63	65	91

Abundância	532	440	427	1399
Shannon (H)	3,45	3,36	3,40	3,45
Equitabilidade (J)	0,81	0,81	0,81	0,77
Chao-1	107,7	85,9	97,4	138

O valor do índice de diversidade indica que a comunidade de insetos presente na AID da CGH é pobre quando comparada à entomofauna encontrada em áreas com características semelhantes encontradas na região (Lutinski *et al.*, 2008). Segundo Pinto-Coelho (2000), o índice de equabilidade varia entre zero e um, sendo o resultado maior que 0,5 é considerado um indicativo de uniformidade na distribuição das espécies no local avaliado. A distribuição das espécies de formigas nas 13 amostras foi homogênea (J'). A heterogeneidade nas amostras realizadas nas quatro estações amostradas revela-se uma informação ecológica importante (Vargas *et al.*, 2007), já que os insetos têm suas atividades reguladas pela temperatura.

#### 4.1.3.3 Curva de Acumulação de Espécies

As curvas de acumulação de espécies associadas ao método de rarefação indicaram que o esforço amostral não amostrou completamente a entomofauna, nem nos métodos (Gráfico 1) e nem nos pontos de amostragem (Gráfico 2) e tampouco nas amostras (Gráfico 3), pois as curvas não alcançaram assíntota. Quanto aos pontos, o Ponto 1 apresentou a maior riqueza. O padrão foi ratificado pelas estimativas (Chao 1) indicando que a riqueza de Hymenoptera pode ser maior do que aquela amostrada. Chao *et al.* (2009) estimam que o esforço amostral adicional necessário para coletar todas as espécies existentes em ambiente pode ser de até 10 vezes superior ao esforço original.

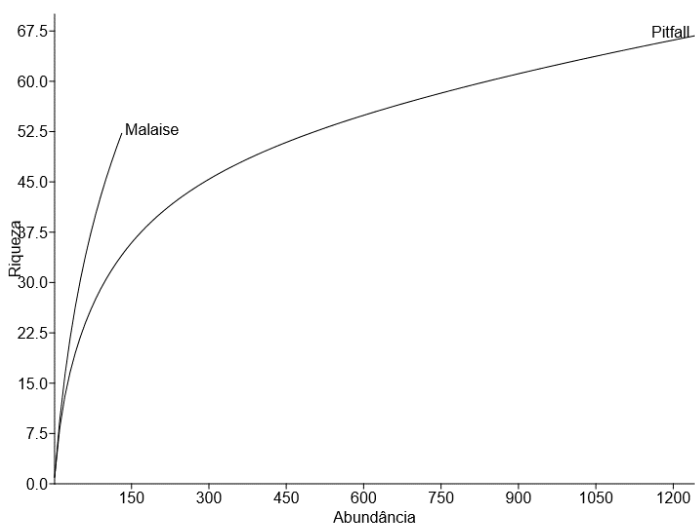


Gráfico 1 - Comparativo pelo método de rarefação de dois métodos de amostragem da assembleia de insetos amostrados com dois métodos na área de influência direta da CGH Teles de Proença.

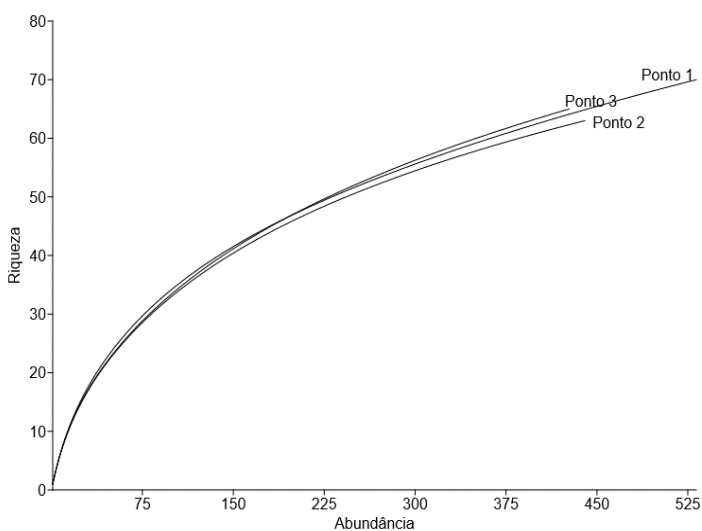


Gráfico 2 - Comparativo pelo método de rarefação da assembleia de insetos amostrados em três pontos na área de influência direta da CGH Teles de Proença.

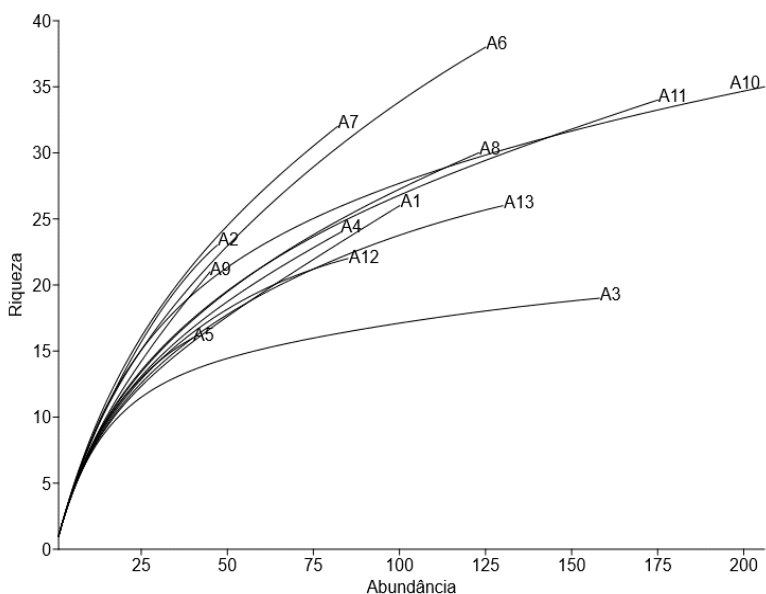
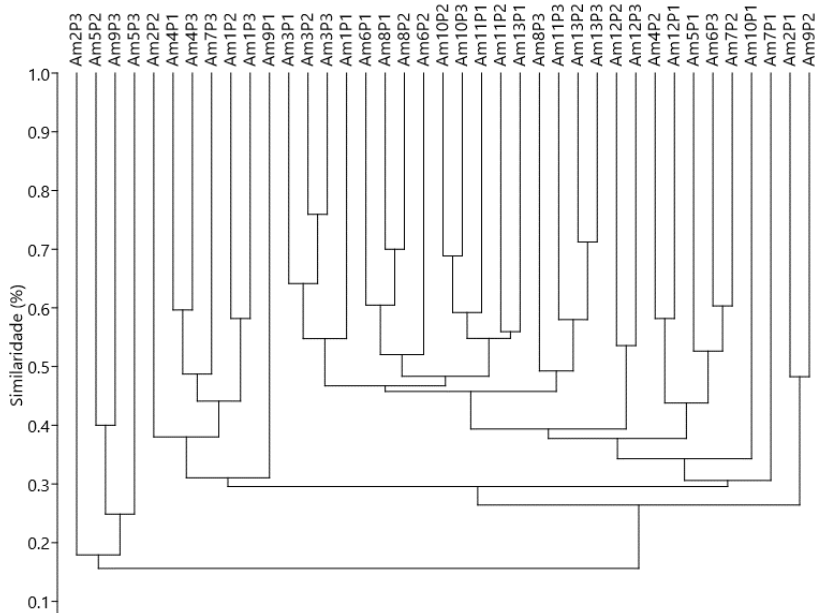


Gráfico 3 - Comparativo pelo método de rarefação da assembleia de insetos amostrados em 13 campanhas na área de influência direta da CGH Teles de Proença.

#### 4.1.3.4 Similaridade entre Amostras

Variações na riqueza amostrada entre um ponto e outro e entre um método e outro se mostraram de acordo com o esperado (Hölldobler; Wilson, 1990), considerando-se a biodiversidade da entomofauna existente no bioma Mata Atlântica. A similaridade entre a abundância e a composição das 13 amostras foi inferior a 15% (Gráfico 4).



**Gráfico 4 - Similaridade (Bray-Curtis) das assembleias de insetos amostrados em 13 campanhas na área de influência direta da CGH Teles de Proença.**

A riqueza da entomofauna amostrada na área diretamente afetada (ADA) e na área de influência direta (AID) na área de influência direta (AID) do empreendimento se resume a espécies nativas do Bioma Mata Atlântica, comumente amostradas em estudos realizados da região sul do Brasil. Tratam-se de espécies tolerantes antropização e frequentemente registradas em ambientes impactados, incluindo áreas urbanas. Destaca-se a ocorrência da abelha *Apis mellifera* Linnaeus, 1758, introduzida no Brasil, contudo, já incorporada à biodiversidade local, manejada por apicultores e com destacado papel ecológico (polinização) e econômico (produção de mel, cera e própolis).

Cabe destacar a ocorrência da espécie de formigas *Dolichoderus bispinosus* (Olivier, 1792), raras nos registros faunísticos no Bioma Mata Atlântica e dependente da vegetação para manter a sua população. Já o registro do escorpião *Tytius* sp. serve de alerta para trabalhadores e demais populações expostas no que se refere ao risco de acidentes.

#### 4.1.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento realizado evidenciou que a entomofauna da área de influência direta (AID) da CGH Teles de Proença é composta majoritariamente por formigas (Formicidae), grupo reconhecido como bioindicador eficiente de alterações ambientais, além de vespas, abelhas, moscas, borboletas e aracnídeos. A diversidade registrada (91 táxons, sendo 56 espécies de formigas) indica uma comunidade relativamente rica e funcionalmente diversificada, desempenhando papéis essenciais como polinização, predação, decomposição e dispersão de sementes.

Os resultados mostraram maior riqueza de espécies em áreas de fragmento florestal e menor diversidade em locais mais antropizados, reforçando a relação direta entre cobertura vegetal e estrutura das assembleias de invertebrados. A abundância de espécies oportunistas e amplamente distribuídas sugere resiliência da comunidade, embora a presença de espécies raras, como *Dolichoderus bispinosus*, e de organismos com importância em saúde, como o escorpião *Tityus sp.*, destaque a necessidade de atenção especial na gestão ambiental.

De modo geral, os dados sugerem que os impactos diretos da instalação do empreendimento sobre a entomofauna tendem a ser de baixa magnitude, considerando a predominância de espécies generalistas e adaptadas a ambientes alterados. Ainda assim, a conservação de fragmentos florestais e da vegetação remanescente na AID é fundamental para garantir a manutenção da biodiversidade, oferecendo refúgio para espécies mais sensíveis e mantendo processos ecológicos-chave. Em que pese pequenas variações espaciais na riqueza da entomofauna, a biodiversidade de insetos amostrados se resume a espécies comuns, amplamente distribuídas na região sul do Brasil e características de ambientes antropizados.

A continuidade do monitoramento é recomendada, não apenas para verificar a estabilidade da fauna durante a operação da CGH, mas também para subsidiar medidas de manejo adaptativo. Esse acompanhamento permitirá detectar alterações de longo prazo nas assembleias de invertebrados e contribuir para estratégias de conservação que assegurem a integridade ecológica da região.

## 4.2 INVERTEBRADOS AQUÁTICOS

### 4.2.1 INTRODUÇÃO

A ação antrópica sobre os corpos d'água vem impactando o ambiente, gerando destruturação da paisagem, alterações das características químicas que resultam em alterações da dinâmica e estrutura das comunidades biológicas. A redução acentuada da biodiversidade aquática é visível, onde o uso de bioindicadores permite a avaliação dos efeitos ecológicos nos ambientes (Callisto; Moreno; Barbosa, 2001a).

São considerados macroinvertebrados aquáticos, invertebrados maiores que 0,05 cm que possuem pelo menos um estágio do ciclo de vida no ambiente aquático (Hamada *et al.*, 2014). A diversidade do grupo é enorme, com grande número de estratégias adaptativas às variadas condições do meio aquático, por isso, podem ser encontrados nas formas imaturas ou como adultos em todos os tipos de corpos d'água (Del-Claro; Guillermo, 2019). Ambientes lóticos e lênticos naturais e artificiais, salobros, eutrofizados por ação humana e com grande amplitude de variação nas suas características físicas e químicas, podem apresentar habitats propícios para um número elevado de espécies de insetos (Merritt; Cummins; Berg, 2008). Possuem ciclo de vida relativamente longos, são de fácil amostragem e com hábitos geralmente sedentário (Hamada *et al.*, 2014).

São organismos que permitem a elucidação de mudanças temporais e espaciais causadas por perturbações antropogênicas ou naturais (Merritt; Cummins; Berg, 2008). Os macroinvertebrados aquáticos são excelentes bioindicadores, usados frequentemente em avaliações da qualidade de ambientes aquáticos (Queiroz; Silva; Trivinho-Strixino, 2008). As avaliações são realizadas por meio do estudo dos parâmetros de comunidade dos macroinvertebrados aquáticos utilizando aspectos ecológicos dos organismos, que permitem a avaliação do status de qualidade de um determinado corpo d'água e do ambiente adjacente (Domínguez; Fernández, 2009a).

### 4.2.2 METODOLOGIA

#### 4.2.2.1 Busca Ativa

Para a coleta de carcinofauna foi dada atenção especial para o registro de espécies ameaçadas de extinção e espécies de moluscos límnicos considerados como

exóticos invasores para o estado do Paraná, tais como *Limnoperna fortunei*, o mexilhão-dourado, *Corbicula fluminea*, o berbigão-de-água-doce e *Melanoides tuberculatus*, o caramujo-trombeta. O registro da Carcinofauna (Classe Malacostraca, Ordem Decapoda) também será priorizada, com atenção para a espécie exótica invasora *Macrobrachium rosenbergii* (camarão-gigante-da-malásia).

Além disso, foram empregadas metodologias de busca ativa através da remoção de pedras e varredura em substratos disponíveis para a fauna aquática (vegetação da margem, gravetos, folhas etc.), em busca dos animais e registro de vestígios, como conchas de indivíduos mortos no entorno do rio, além de captura com puçá para a carcinofauna, em dois transectos de 100 m por área amostral.

Esforço amostral: Foi aplicado um esforço amostral de 30 min de busca por ponto amostral: 5 pontos amostrais (trecho de vazão reduzida, reservatório e jusante da casa de força), portanto foi aplicado um esforço de 2h30min por campanha amostral.

Esta metodologia foi aplicada seguindo as diretrizes estabelecidas na Autorização Ambiental nº 56877 na condicionante nº 13, que estabelece: “Para as amostragens de invertebrados aquáticos serão utilizadas (i) redes de puçá e (ii) Busca Ativa”.

#### 4.2.2.2 Coleta com Redes de Puçá

Para os macroinvertebrados bentônicos, foram coletadas amostras de sedimento com auxílio de puçá, realizando as coletas em 5 pontos amostrais, localizados na área de reservatório, trecho de vazão reduzida e casa de força do projeto da CGH. O amostrador possui área amostrador de 900cm<sup>2</sup> e abertura de malha utilizada foi de 250 micrômetros. A abertura de malha foi posicionada contra o fluxo de água, revolido o substrato manualmente para que ocorra a liberação dos organismos que são capturados pelo amostrador (Klemm *et al.*, 2002; Rosenberg; Resh, 1993). Conforme Silveira (2004), nos pontos amostrais foi observado o número de substratos e realizado a coleta abrangendo a maior parte da heterogeneidade ambiental no trecho amostrado. O material coletado foi acondicionado em potes plásticos, fixados em formalina (5%) e foram transportados para o laboratório.

Esforço amostral: Foram realizadas busca e coleta de macroinvertebrados por um período de 20 minutos por ponto amostral (5 pontos amostrais), portanto foram aplicados um esforço de 1h 40min por campanha amostral.

A triagem e identificação dos macroinvertebrados foram realizadas com auxílio de microscópio estereoscópico com aumento de 0.7 a 4.5 vezes (Figura 11). A triagem do material consiste em separar os organismos do substrato (Rosenberg; Resh, 1993). Os macroinvertebrados coletados foram identificados até o nível taxonômico de família. O nível taxonômico de família para macroinvertebrados aquáticos elucida a diversidade do grupo, sendo adotado em diversos protocolos de qualidade ambiental, caracterização e monitoramento de ecossistemas aquáticos (Buss *et al.*, 2003; Melo 2003). Foram utilizadas bibliografia especializada para identificação dos organismos coletados (Bouchard, 2004; Costa; Ide; Simonka, 2006; Domínguez; FernándezZ, 2009b; Hamada; Nessimian; Querino, 2014; Magalhães; Melo, 2003; Merritt; Cummins; Berg, 2008).

Os organismos foram preservados em solução de álcool 70%, acondicionados em frascos de 20 mL, devidamente identificados com etiquetas com as informações da amostra.

Esta metodologia foi aplicada seguindo as diretrizes estabelecidas na Autorização Ambiental nº 56877 na condicionante nº 13, que estabelece: “Para as amostragens de invertebrados aquáticos serão utilizadas (i) redes de puçá e (ii) Busca Ativa”.



Figura 11 - Realização da triagem em laboratório, das espécies coletadas na área da CGH Teles de Proença.

#### 4.2.3 ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos foram armazenados e organizados em planilhas eletrônicas considerando-se as espécies encontradas, conforme o ponto de coleta (unidades amostrais) e campanha. Para elaboração de tabelas, gráficos e a exportação das informações para pacotes estatísticos.

A diversidade foi determinada utilizando os parâmetros de riqueza (número absoluto de taxa) e abundância absoluta (número de indivíduos). Foi também definida a equabilidade PIE de Hurlbert (1971) por unidade amostral, atributos que, em conjunto com a abundância absoluta ou relativa, são indicadores de estrutura de comunidades.

O índice PIE de Hurlbert (1971), calcula a probabilidade de um encontro interespecífico, ou seja, expressa a probabilidade de que dois indivíduos escolhidos aleatoriamente na amostra sejam espécies diferentes. O índice PIE é interpretado como uma probabilidade e não é influenciado pelo tamanho da amostra, embora a variância aumente, quanto menor for o tamanho desta. O valor deste índice varia de zero a um, sendo que, quando tende a um tem-se a indicação de que as abundâncias das espécies

que compõem esta comunidade encontram-se distribuídas de forma equitativa, sem a presença de uma ou mais espécies dominantes. Isto significa que tanto os aspectos abióticos do meio, quanto às interações biológicas da comunidade encontram-se estáveis, indicando integridade ambiental (Lampert; Sommer, 2007).

Para inferir a suficiência amostral e caracterizar a diversidade de espécies nas áreas estudadas, foram utilizadas curva de rarefação com auxílio do pacote “iNEXT” iNEXT (Chao *et al.*, 2014; Hsieh; Ma; Chao, 2016), realizado em ambiente R (R Core Team, 2022). O método é baseado em modelos de distribuição de probabilidade multinomial dos números de Hill, que são famílias matematicamente unificadas de índices de diversidade, que se diferenciam apenas pelo expoente “q”, sendo utilizado  $q=0$  para os dados de riqueza de espécies (Chao *et al.*, 2014). As curvas foram padronizadas com um mesmo tamanho para extrapolação, e foram gerados valores de intervalo de confiança de 95% através do método “bootstrap”, podendo-se comparar a ictiofauna coletada com as amostras extrapoladas (Chao *et al.*, 2014). A curva em assíntota indica possível suficiência amostral nas áreas amostradas e, separação visual entre as curvas indica possível diferenciação da diversidade entre as áreas avaliadas. Foram utilizadas as curvas de diversidade por campanha, utilizando a somatória de abundância das campanhas.

A fim de testar as diferenças espaciais com as áreas amostrais foi realizada uma análise multivariada de escalonamento não métrica multidimensional (nMDS) com os dados de abundância e riqueza (presença e ausência). A nMDS é uma técnica de ordenação não linear considerado como um método efetivo para analisar dados ecológicos das comunidades (McCune & Grace, 2002). Ressalta-se que na análise realizada com os dados de abundância foi utilizado a distância euclidiana. Essa análise foi realizada usando o ambiente R (R Core Team 2023), com pacote “vegan” (Oksanen *et al.*, 2015), e os gráficos foram feitos com o pacote “ggplot2” (Wickham, 2016). Os dados de abundância foram transformados pelo argumento “autotransform” da função “metanmds”, em raiz quadrada, a fim de evitar resíduos devido às diferenças entre os valores de abundância de indivíduos.

Foi utilizado o Índice Biológico de Qualidade de Água EPT, e o percentual da família Chironomidae. No índice EPT são considerados e identificados todos os organismos das ordens Ephemeroptera, Plecoptera e Trichoptera sendo calculada a abundância relativa destas ordens em relação ao número total de organismos da

amostra. A qualidade da água é maior quanto maior for a abundância relativa desses taxa no local (Tabela 15). Essa medida é baseada no conhecimento de que, em geral, a maioria dos organismos dessas ordens é mais sensível à poluição orgânica (Carrera; Fierro, 2001; Resh; Jackson, 1993). O percentual de Chironomidae atua de maneira inversa, a abundância relativa desta família está associada a poluição orgânica (Trivinho-Strixino & Strixino, 1995; Callisto *et al.*, 2001).

**Tabela 15 - Classificação e Qualidade da Água de acordo com o Índice Biológico EPT.**

Percentual EPT	Classe	Qualidade da Água
75 - 100%	I	Muito Boa
50 - 74%	II	Boa
25 - 49%	III	Regular
0 - 24%	IV	Ruim

A classificação e avaliação dos pontos amostrais quanto à tolerância dos organismos à poluição foi realizada com base no índice biológico BMWP' (*Biological Monitoring Working Party*). O índice foi proposto por Armitage, (1989) e no presente estudo será utilizada a adaptação de Loyola (2000). Foi atribuído a cada família um score específico que varia de 1 a 10, dependendo do grau de tolerância dos organismos quanto à poluição (Tabela 16). As famílias sensíveis a altos níveis de poluentes recebem valores mais altos, enquanto famílias tolerantes recebem valores mais baixos. O resultado da pontuação foi utilizado para classificação da qualidade dos pontos amostrais, segundo tabela do índice BMWP' (

Tabela 17). As pontuações nas tabelas são feitas qualitativamente e não quantitativamente, ou seja, os valores são contados em função dos exemplares das famílias encontradas e não com relação à quantidade encontrada.

Tabela 16 - Pontuações atribuídas para as diferentes famílias de macroinvertebrados aquáticos no cálculo do Índice BMWP'.

FAMÍLIAS	PONTUAÇÃO
Siphonuridae, Heptageniidae, Leptophlebiidae, Potamanthidae, Ephemeridae, Taeniopterygidae, Leuctridae, Capniidae, Perlodidae, Perlidae, Chloroperlidae, Aphelocheiridae, Phryganeidae, Molannidae, Beraeidae, Odontoceridae, Leptoceridae, Goeridae, Lepidostomatidae, Brachycentridae, Sericostomatidae, Calamoceratidae, Helicopsychidae, Megapodagrionidae, Athericidae, Blephariceridae	10
Astacidae, Lestidae, Calopterygidae, Gomphidae, Cordulegastridae, Aeshnidae, Corduliidae, Libellulidae, Psychomyiidae, Philopotamidae, Glossosomatidae	8
Ephemerellidae, Prosopistomatidae, Nemouridae, Gripopterygidae, Rhyacophilidae, Polycentropodidae, Limnephelidae, Ecnomidae, Hydrobiosidae, Pyralidae, Neritidae, Viviparidae, Ancylidae, Thiaridae, Psephenidae, Hydroptilidae	7
Unionidae, Mycetopodidae, Hyriidae, Corophilidae, Gammaridae, Hyalellidae, Atyidae, Palaemonidae, Trichodactylidae, Platynemidae, Coenagrionidae, Leptohyphidae, Oligoneuridae, Polymitarcyidae, Dryopidae, Elmidae, Helophoridae, Hydrochidae, Hydraenidae, Clambidae	6
Hydropsychidae, Tipulidae, Simuliidae, Planariidae, Dendrocoelidae, Dugesidae, Aegidae, Baetidae, Caenidae, Haliplidae, Curculionidae, Chrysomelidae	5
Tabanidae, Stratiomyidae, Empididae, Dolichopodidae, Dixidae, Ceratopogonidae, Anthomyidae, Limoniidae, Psychodidae, Sciomyzidae, Rhagionidae, Sialidae, Corydalidae, Piscicolidae, Hydracarina	4
Mesoveliidae, Hydrometridae, Gerridae, Nepidae, Naucoridae (Limnecoridae), Pleidae, Notonectidae, Corixidae, Veliidae, Helodidae, Hydrophilidae, Valvatidae, Hydrobiidae, Lymnaeidae, Physidae, Planorbidae, Hygrobiidae, Dytiscidae, Gyrinidae, Bithyniidae, Bythinellidae, Sphaeridae, Glossiphonidae, Hirudidae, Erpobdellidae, Asellidae, Ostracoda	3
Chironomidae, Culicidae, Ephydriidae, Thaumaleidae	2
Oligochaeta (toda a classe), Syrphidae	1

Tabela 17 - Classes de qualidade, significado dos valores do BMWP' (ALBA-TERCEDOR, 1996), e cores para serem utilizadas nas representações.

CLASSE	QUALIDADE	VALOR	SIGNIFICADO	COR
I	ÓTIMA	> 150	Águas muito limpas (águas pristinas)	LILÁS
II	BOA	121 – 149	Águas limpas, não poluídas ou sistema perceptivelmente não alterado	AZUL ESCURO

CLASSE	QUALIDADE	VALOR	SIGNIFICADO	COR
III	ACEITÁVEL	101 – 120	Águas muito pouco poluídas, ou sistema já com um pouco de alteração	AZUL CLARO
IV	DUVIDOSA	61 – 100	São evidentes efeitos moderados de poluição	VERDE
V	POLUÍDA	36 – 60	Águas contaminadas ou poluídas (sistema alterado)	AMARELO
VI	MUITO POLUÍDA	16 – 35	Águas muito poluídas (sistema muito alterado)	LARANJA
VII	FORTEMENTE POLUÍDA	< 15	Águas fortemente poluídas (sistema fortemente alterado)	VERMELHO

#### 4.2.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos ambientes amostrados, durante as doze campanhas, foram coletados e identificados 2.989 organismos, distribuídos em 34 táxons. Na primeira campanha foram coletados e identificados 89 organismos, distribuídos em 14 táxons (Tabela 18). Na segunda campanha foram coletados e identificados 87 organismos, distribuídos em 14 táxons (Tabela 19). Na terceira campanha foram coletados e identificados 65 organismos, distribuídos em 7 táxons (Tabela 20). Quanto à quarta campanha, foram coletados e identificados 123 organismos, distribuídos em 10 táxons (Tabela 21). Para a quinta campanha, foram 136 organismos distribuídos em 14 táxons (Tabela 22). Na sexta campanha foram coletados 167 organismos, distribuídos em 15 táxons (Tabela 23). A sétima campanha foram coletados 170 organismos, distribuídos em 16 táxons (Tabela 24). A oitava campanha foram coletados 118 organismos, distribuídos em 13 táxons (Tabela 25). Na nona campanha foram coletados 199 organismos, distribuídos em 13 táxons (Tabela 26). Na décima campanha foram coletados 181 organismos, distribuídos em 12 táxons (Tabela 27). Na décima primeira campanha foram coletados 147 organismos, distribuídos em 12 táxons (Tabela 28). Na décima segunda campanha foram coletados 123 organismos e 14 táxons (Tabela 29) e na décima terceira campanha foram coletados 1.404 organismos identificados em seis táxons (Tabela 30).

Os macroinvertebrados aquáticos coletados nesse estudo são dos filos Annelida e Arthropoda, sendo Arthropoda o de maior riqueza e abundância, assim como a Classe Insecta. O filo Arthropoda é o grupo de invertebrados que abrange o maior número de espécies encontradas em todos os ambientes do planeta, suas características adaptativas permitem a colonização de vários habitats e o preenchimento de diversos nichos (Ruppert; Fox; Barnes, 2005). A macrofauna quinal (superfície), pelagial (coluna d'água) e bental (fundo), na maioria dos ecossistemas aquáticos é dominada numericamente e em termos de biomassa pela Classe Insecta (Hershey *et al.*, 2009).

Tabela 18 - Composição taxonômica total da primeira campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral.

Composição Taxonômica					CGH Teles de Proença																	
Filo	Classe	Subclass e	Ordem	Família	Ponto 01			Total P01	Ponto 02			Total P02	Ponto 03			Total P03	Ponto 04			Total P04	Total I	
					AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3			
Anellida	Clitellata	Oligochaeta			1	3	1	5	4	5	10	19	4	4		8	5			5	37	
Arthropoda	Insecta		Coleoptera	Dryopidae				0				0		1		1				0	1	
				Elmidae	1		1	2				0		1	1	2		1	1	2	8	
			Diptera	Chironomidae	2	3	1	6				0	2	3		5	1			2	3	17
				Simuliidae				0				0	2			2					0	2
			Ephemeroptera	Baetidae		3		3				0	3	2		5					0	8
				Leptohyphidae	1	2		3				0		1		1					0	4
				Leptophlebiidae				0				0	1	1	1	3		1			1	5
			Megaloptera	Corydalidae				0				0		1		1					0	1
			Odonata	Libellulidae	1			1				0				0					0	1
			Plecoptera	Perlidae				0				0		1		1					0	1
			Trichoptera	Hydropsychidae				0		1		1				0					0	1
				Hydroptilidae				0				0		1		1					0	1
		Malacostraca		Decapoda	Aeglidae				0				0				0		1		1	2
Riqueza Específica					5	4	3	6	1	2	1	2	5	10	2	11	2	3	2	5	14	
Abundância Absoluta					6	11	3	20	4	6	10	20	12	16	2	30	6	3	3	12	89	
Diversidade de Shannon								1657				0.1985				2108				1424	1889	

Tabela 19 - Composição taxonômica total da segunda campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral.

Composição Taxonômica					CGH Teles de Proença																					
Filo	Classe	Subclas se	Ordem	Família	Ponto Controle			Total PC	Ponto 01			Total P01	Ponto 02			Total P02	Ponto 03			Total P03	Ponto 04			Total P04	Total 2ª C	
					AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3			
Anellida	Clitella ta	Oligochaeta						0				0				0				0			1	1	1	
Arthropo da	Insect a	Pteryg ota	Coleoptera	Elmidae		1		1	1			1				0				0	1	2	1	4	6	
			Diptera	Chironomidae		1	2	3	2	1		3	6	2	5	13	1			1	3			3	23	
				Simuliidae				0				0	1				1				0	2			2	3
			Ephemerop tera	Baetidae				0				0		1			1				0	1			1	2
				Leptohyphida e				0				0		1			1				0				0	1
				Leptophlebiid ae		1	1	2	1	1		2				0				0				0	4	
			Hemiptera	Gerridae				0				0				0		1		1				0	1	
			Megalopter a	Corydalidae				0				0				0				0		2	1	3	3	
			Odonata	Gomphidae		1	1	2		1		1				0				0				0	3	
			Plecoptera	Perlidae				0				0	1			1				0			1	1	2	
			Trichoptera	Hydropsychid ae		1	1	2		1		1	5	3	11	19				0	3	2	1	6	28	
				Philopotamida e				0	2			2			1	1				0	2	2	1	5	8	
				Polycentropod idae				0				0			2	2				0				0	2	
Riqueza Específica					0	5	4	5	4	4	0	6	4	4	4	8	1	1	0	2	6	4	6	9	14	
Abundância Absoluta					0	5	5	10	6	4	0	10	13	7	19	39	1	1	0	2	12	8	6	26	87	
Diversidade de Shannon								1,557				1,696				1,339				0,6931				2,015	2,025	

Tabela 20 - Composição taxonômica total da terceira campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral.

Composição Taxonômica					CGH Teles de Proença																				
Filo	Classe	Subclas se	Ordem	Família	Ponto Controle			Total PC	Ponto 01			Total P01	Ponto 02			Total P02	Ponto 03			Total P03	Ponto 04			Total P04	Total 3ª C
					AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		
Anellida	Clitella ta	Oligochaeta						0		1		1			1	1	2			2		2		2	6
Arthropo da	Insect a	Pteryg ota	Diptera	Chironomidae		3		3		5		5	1	11		12		8		8	10		7	17	45
			Megalopt era	Corydalidae	3			3				0				0				0				0	3
			Trichopte ra	Hydrobiosidae	1			1				0				0				0				0	1
				Hydropsychida e	1			1	1	1		2				0				0				0	3
				Philopotamida e	3			3	2	1		3				0				0				0	6
				Polycentropod idae				0	1			1				0				0				0	1
Riqueza Específica					4	1	0	5	3	4	0	5	1	1	1	2	1	1	0	2	1	1	1	2	7
Abundância Absoluta					8	3	0	11	4	8	0	12	1	11	1	13	2	8	0	10	10	2	7	19	65
Diversidade de Shannon								1,499				1,424				0,2712				0,5004				0,3365	1,107

Tabela 21 - Composição taxonômica total da quarta campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral.

Composição Taxonômica					CGH Teles de Proença																					
Filo	Classe	Subclas se	Ordem	Família	Ponto Controle			Total PC	Ponto 01			Total P01	Ponto 02			Total P02	Ponto 03			Total P03	Ponto 04			Total P04	Total 4ª C	
					AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3			
Anellida	Clitella ta	Oligochaeta			2	0	1	3	1	0	4	5	4	3	0	7	5	7	0	12	7	1	0	8	35	
Arthropo da	Insect a	Pteryg ota	Diptera	Chironomidae	1	1	4	6	3	3	1	7	15	7	4	26	0	1	7	8	6	14	2	22	69	
			Ephemero ptera	Baetidae	0	2	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	
			Hemiptera	Gerridae	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	
			Megalopter a	Corydalidae	0	1	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	
			Trichoptera	Hydrobiosidae	1	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
				Hydropsychid ae	0	1	1	2	0	1	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
				Leptoceridae	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
				Philopotamida e	1	0	2	3	0	1	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	
				Polycentropod idae	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Riqueza Específica					5	5	6	9	2	4	3	5	2	2	2	3	1	2	1	2	2	1	2	10		
Abundância Absoluta					7	6	10	23	4	6	6	16	19	10	5	34	5	8	7	20	13	15	2	30	123	
Diversidade de Shannon								2,08				1,332				0,634				0,673				0,5799	1,27	

Tabela 22 - Composição taxonômica total da quinta campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral.

Composição Taxonômica					CGH Teles de Proença																					
Filo	Classe	Subclasse	Ordem	Família	Ponto Controle			Total PC	Ponto 01			Total P01	Ponto 02			Total P02	Ponto 03			Total P03	Ponto 04			Total P04	Total 5ª C	
					AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3			
Anelídea	Clitellata	Oligochaeta			6	3	2	11	1	1		2	1		1	2	1	2	1	4	2	1		3	22	
			Coleoptera	Dytiscidae	1			1				0				0				0				0	1	
				Elmidae				0					0			1	1				0			1	1	2
Arthropoda	Insecta	Pterygota	Diptera	Chironomidae	7	3	4	14	10	2	1	13	1	22	2	25		1	7	8	4	7	3	14	74	
				Culicidae				0				0				0	1			1				0	1	
			Ephemeroptera	Baetidae		3	2	5		1			1	2			2	1	5		6				0	14
			Hemiptera	Belostomatidae		1		1				0				0					0				0	1
				Corixidae				0		1		1	1			1					0				0	2
			Trichoptera	Calamoceratidae				0				0	1	2		3					0				0	3
				Hydropsychidae				0	1			1		3	1	4					0				0	5
				Leptoceridae	1			1		1		1	1			1					0				0	3
				Philopotamidae				0		1	3	4				0					0				0	4
			Mollusca	Bivalvia		Veneroida	Sphaeriidae				0		1		1	1		1				0				0
Gastropoda		Neotaenioglossa		Hydrobiidae				0				0		2		2				0				0	2	
Riqueza Específica					4	4	3	6	3	7	2	8	7	4	4	10	3	3	2	4	2	2	2	3	14	
Abundância Absoluta					15	10	8	33	12	8	4	24	8	29	5	42	3	8	8	19	6	8	4	18	136	
Diversidade de Shannon								1,334				1,5				1,512				1,211				0,6547	1,61	

Tabela 23 - Composição taxonômica total da sexta campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral.

Composição Taxonômica					CGH Teles de Proença																					
Filo	Classe	Subclasse	Ordem	Família	Ponto Controle			Total PC	Ponto 01			Total P01	Ponto 02			Total P02	Ponto 03			Total P03	Ponto 04			Total P04	Total 6ª C	
					AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3			
Anellida	Clitellata		Oligochaeta		1	1	2				0		1	2	3	2	3	1	6	1		2	3	14		
			Coleoptera	Elmidae			0			2	2	3	4	3	10				0	1			1	13		
Arthropoda	Insecta	Pterygota	Diptera	Chironomidae	1	3	1	5	22	17	19	58	2	4	7	13	1	8	4	13	2		3	5	94	
			Ephemeroptera	Baetidae			0		2	3	5	3	2		5		2	1	3				0	13		
				Leptophlebiidae			0	2			2	4	5		9				0				0	11		
			Megaloptera	Corydalidae			0			0			0			2	2				0			0	2	
			Odonata	Aeshnidae			0			0			0	1			1				0				0	1
				Gomphidae			0			0			0	1			1				0				0	1
				Libellulidae			0		2		2		1		1						0				0	3
			Plecoptera	Gripopterygidae	1		1			0			0				0				0				0	1
			Trichoptera	Hydropsychidae	1	1	2		1		1		1		1		1				0				0	4
				Leptoceridae	1		1	1			1		1		1		1				0				0	3
				Philopotamidae	1	1	2			0			0				0				0				0	2
				Polycentropodidae		1	1			0	1		1		2						0				0	3
Mollusca	Gastropoda		Neotaenioglossa	Hydrobiidae			0			0		2		2				0				0	2			
Riqueza Específica					5	5	2	7	3	4	3	7	7	9	5	13	2	3	3	3	3	0	2	3	15	
Abundância Absoluta					5	7	2	14	25	22	24	71	15	21	15	51	3	13	6	22	4	0	5	9	167	
Diversidade de Shannon								1,77				0,77				2,13				0,94				0,94	1,66	

Tabela 24 - Composição taxonômica total da sétima campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral.

Composição Taxonômica					CGH Teles de Proença																					
Filo	Classe	Subclasse	Ordem	Família	Ponto Controle			Total PC	Ponto 01			Total P01	Ponto 02			Total P02	Ponto 03			Total P03	Ponto 04			Total P04	Total 7ª C	
					AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3			
Anellida	Clitellata		Oligochaeta		1	1	2				0		1	2	3	2	3	1	6	1		2	3	14		
			Coleoptera	Elmidae			0			2	2	3	4	3	10				0	1			1	13		
Arthropoda	Insecta	Pterygota	Diptera	Chironomidae	1	3	1	5	22	17	19	58	2	4	7	13	1	8	4	13	2		3	5	94	
			Ephemeroptera	Baetidae				0		2	3	5	3	2		5		2	1	3				0	13	
				Leptophlebiidae				0	2			2	4	5		9				0				0	11	
			Megaloptera	Corydalidae				0				0			2	2				0				0	2	
			Odonata	Aeshnidae				0				0	1	1		2				0				0	2	
				Calopterygidae				0		2		2					0				0				0	2
				Gomphidae				0				0	1				1				0				0	1
				Libellulidae				0		2		2		1			1				0				0	3
			Plecoptera	Gripopterygidae	1			1				0					0				0				0	1
			Trichoptera	Hydropsychidae	1	1		2		1		1		1			1				0				0	4
				Leptoceridae	1			1	1			1		1			1				0				0	3
				Philopotamidae	1	1		2				0					0				0				0	2
				Polycentropodidae		1		1				0	1		1		2				0				0	3
			Mollusca	Gastropoda		Neotaenioglossa	Hydrobiidae				0			0		2		2				0				0
Riqueza Específica					5	5	2	7	3	5	3	8	7	10	5	13	2	3	3	3	3	0	2	3	16	
Abundância Absoluta					5	7	2	14	25	24	24	73	15	22	15	52	3	13	6	22	4	0	5	9	170	
Diversidade de Shannon								1,77				0,88				2,16				0,94				0,94	1,73	

Tabela 25. Composição taxonômica total da oitava campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral.

Composição Taxonômica					CGH Teles Proença																				
					Campanha 8																				
Filo	Classe	Subclasse	Ordem	Família	Ponto Controle			Total Ponto Control e	Ponto 01			Total Pont o 01	Ponto 02			Total Pont o 02	Ponto 03			Total Pont o 03	Ponto 04			Total Pont o 04	Total 8ª Campanh a
					A M 1	AM 2	AM 3		A M 1	AM 2	AM 3		A M 1	AM 2	AM 3		A M 1	AM 2	AM 3		A M 1	AM 2	AM 3		
Annelida	Clitellata	Oligochaet a			2	3		5		2	1	3	1	4	1	6	2	3	1	6	1	1	2	4	24
Arthropod a	Insecta	Pterygota	Coleoptera	Elmidae				0			2	2			1	1		1		1				0	4
			Diptera	Chironomidae	3	6	5	14	10	11	6	27	2	1	3	6	1	4	4	9	4	2	7	13	69
			Ephemeroptera	Baetidae				0	1			1		1		1		2	1	3		1		1	6
				Leptophlebiidae				0		1		1				0				0				0	1
			Odonata	Aeshnidae				0				0		1		1				0				0	1
				Libellulidae				0			1	1				0				0	1			1	2
			Plecoptera	Perlidae		1		1				0				0				0				0	1
			Trichoptera	Hydropsychidae	1			1				0			1	1				0				0	2
				Leptoceridae			1	1		1		1				0				0				0	2
				Polycentropodida e				0				0				0				0			1	1	1
Mollusca	Gastropod a	Basommatophor a	Planorbidae				0				0				0				0		1		1	1	
		Neotaenioglossa	Hydrobiidae				0				0			1	1		2		2	1			1	4	
Riqueza Específica					3	3	2	5	2	4	4	7	2	4	5	7	2	5	3	5	4	4	3	7	13
Abundância Absoluta					6	10	6	22	11	15	10	36	3	7	7	17	3	12	6	21	7	5	10	22	118
Diversidade de Shannon								1,04				0,98				1,57				1,37				1,32	1,67

Tabela 26. Composição taxonômica total da nona campanha do Monitoramento da CGH Teles de Porencia. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral.

Composição Taxonômica					CGH Teles Proença																				
					Campanha 9																				
					Ponto Controle			Total Ponto Control e	Ponto 01			Total Pont o 01	Ponto 02			Total Pont o 02	Ponto 03			Total Pont o 03	Ponto 04			Total Pont o 04	Total 9ª Campanh a
A M 1	AM 2	AM 3	A M 1	AM 2	AM 3	A M 1	AM 2		AM 3	A M 1	AM 2		AM 3	A M 1	AM 2		AM 3								
Annelida	Clitellata	Oligochaet a			2		1	3	1	4	1	6	3	1		4	3	8	1	12	6	5	1	12	37
Arthropod a	Insecta	Pterygota	Coleoptera	Elmidae			0		3		3		1		1				0				0	4	
			Diptera	Chironomidae	8	9	4	21	14	7	10	31	3	17	7	27	6	9	11	26	5	8	9	22	8
				Simuliidae		1		1	1			1				0				0				0	2
			Ephemeroptera	Baetidae			2	2	1		1	2	1			1			1	1				0	6
				Leptophlebiidae		1		1			1	1				0				0				0	2
			Odonata	Aeshnidae				0				0				0				0	1			1	1
				Coenagrionidae	1			1				0				0				0				0	1
				Libellulidae				0	1			1		1		1				0		1		1	3
			Trichoptera	Hydropsychidae			1	1				0			1	1				0				0	2
				Leptoceridae		1		1	2			2				0				0				0	3
				Polycentropodida e				0				0				0		1		1				0	1
Mollusca	Gastropod a		Neotaeniogloss a	Hydrobiidae			0				0		2		2	3			3		2	3	5	10	
Riqueza Específica					3	5	4	8	6	3	4	8	3	5	2	7	3	3	3	5	3	4	3	5	13
Abundância Absoluta					11	13	8	31	20	14	13	47	7	22	8	37	12	18	13	43	12	16	13	41	199
Diversidade de Shannon								1,221				1,227				1,019				1,021				1,131	1,279

Tabela 27. Composição taxonômica total da décima campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral.

Composição Taxonômica					CGH Teles Proença																				
					Campanha 10																				
					Ponto Controle			Total Ponto Controle	Ponto 01			Total Ponto 01	Ponto 02			Total Ponto 02	Ponto 03			Total Ponto 03	Ponto 04			Total Ponto 04	Total 10ª Campanha
AM 1	AM 2	AM 3	AM 1	AM 2	AM 3	AM 1	AM 2		AM 3	AM 1	AM 2		AM 3	AM 1	AM 2		AM 3	AM 1	AM 2		AM 3				
Annelida	Clitellata	Oligochaeta			4	1	3	8	1	4	1	6	2	1	1	4	1	2	2	5	2	3		5	28
Arthropoda	Insecta	Pterygota	Coleoptera	Elmidae				0		2		2				0	1			1				0	3
			Diptera	Chironomidae	14	12	7	33	4	7	6	17	4	8	4	16	6	8	11	25	6	5	4	15	106
				Simuliidae		4	3	7	1			1				0				0				0	8
			Ephemeroptera	Baetidae	1	6	1	8	1		1	2	1			1		1		1			1	1	13
				Leptophlebiidae	1	1		2			1	1				0				0				0	3
			Odonata	Aeshnidae				0				0				0		1		1				0	1
				Libellulidae				0	1			1		1		1				0		1	1	2	4
			Trichoptera	Hydropsychidae				0				0			1	1				0				0	1
				Leptoceridae	1			1	2			2				0				0				0	3
Polycentropodidae					0				0				0	1			1				0	1			
Mollusca	Gastropoda		Neotaenioglossa	Hydrobiidae				0				0	4	2		6		2		2	1		1	2	10
Riqueza Específica					5	5	4	6	6	3	4	8	4	4	3	6	4	5	2	7	3	3	4	5	12
Abundância Absoluta					21	24	14	59	10	13	9	32	11	12	6	29	9	14	13	36	9	9	7	25	181
Diversidade de Shannon								1,304				1,495				1,276				1,086				1,161	1,463

Tabela 28 - Composição taxonômica total da décima primeira campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral.

Composição Taxonômica					CGH Teles Proença																				
					Campanha 11																				
					Ponto Controle			Total Ponto Controle	Ponto 01			Total Ponto 01	Ponto 02			Total Ponto 02	Ponto 03			Total Ponto 03	Ponto 04			Total Ponto 04	Total 11ª Campanha
Filo	Classe	Subclasse	Ordem	Família	AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		
Annelida	Clitellata	Oligochaeta			1		2	3	6	3	5	14	3	1		4	2		3	5	1			1	27
Arthropoda	Insecta	Pterygota	Coleoptera	Elmidae				0				0				0	1			1				0	1
			Diptera	Chironomidae	6	12	7	25		3	1	4	4	8	4	16	6	8	11	25	3	5	2	10	80
				Simuliidae	1			1		1		1				0				0				0	2
			Ephemeroptera	Baetidae		3		3		1		1	1		1	2			2	2		1		1	9
				Leptophlebiidae	1			1				0		1		1				0				0	2
			Odonata	Aeshnidae		1		1				0				0	1			1				0	2
				Coenagrionidae				0				0				0				0	2	1		3	3
				Libellulidae	1			1	1			1			2	2				0	1			1	5
			Trichoptera	Hydropsychidae				0				0			1	1				0				0	1
				Leptoceridae	1			1	2			2				0				0				0	3
Mollusca	Gastropoda		Neotaenioglossa	Hydrobiidae				0		3		3		1	3	4				0		5		5	12
Riqueza Específica					6	3	2	8	3	5	2	7	3	4	5	7	4	1	3	5	4	4	1	6	12
Abundância Absoluta					11	16	9	36	9	11	6	26	8	11	11	30	10	8	16	34	7	12	2	21	147
Diversidade de Shannon								1,262				1,559				1,56				0,9409				1,527	1,572

Tabela 29 - Composição taxonômica total da décima segunda campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral.

Composição Taxonômica					CGH Teles Proença																				
					Campanha 12																				
					Ponto Controle			Total Ponto Controle	Ponto 01			Total Ponto 01	Ponto 02			Total Ponto 02	Ponto 03			Total Ponto 03	Ponto 04			Total Ponto 04	Total 12ª Campanha
AM 1	AM 2	AM 3	AM 1	AM 2	AM 3	AM 1	AM 2		AM 3	AM 1	AM 2		AM 3	AM 1	AM 2		AM 3	AM 1	AM 2		AM 3				
Annelida	Clitellata	Oligochaeta			2	1	1	4		1	2	3	1	1		2		2	1	3	1			1	13
		Hirudinea				2		2				0		1		1			1	1			0	4	
Arthropoda	Insecta	Pterygota	Coleoptera	Elmidae				0				0	2			2				0		1		1	3
			Diptera	Chironomidae	5	2	3	10	1	4	1	6	2	3	1	6	16	2	18	36	2	1	5	8	66
				Tabanidae				0		1		1				0				0				0	1
			Ephemeroptera	Baetidae		3		3				0		1		1	1			1				0	5
				Leptophlebiidae	1			1				0	2			2				0				0	3
			Odonata	Aeshnidae				0	2			2				0				0				0	2
				Coenagrionidae				0				0				0				0	1	1		2	2
				Gomphidae				0				0				0	1			1	1			1	2
				Libellulidae		3		3		2		2	1			1				0	1			1	7
			Trichoptera	Hydropsychidae				0				0				0	1			1				0	1
				Leptoceridae				0	1			1				0				0				0	1
Mollusca	Gastropoda		Neotaenioglossa	Hydrobiidae		2		2		3		3			7	7				0	1		1	13	
Riqueza Específica					3	6	2	7	3	5	2	7	5	4	2	8	4	2	3	6	6	3	1	7	14
Abundância Absoluta					8	13	4	25	4	11	3	18	8	6	8	22	19	4	20	43	7	3	5	15	123
Diversidade de Shannon								1,701				1,773				1,794				0,6844				1,507	1,713

Tabela 30 - Composição taxonômica total da décima terceira campanha do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Riqueza específica (número de táxons) e Abundância Absoluta (número de indivíduos) por ponto amostral.

Composição Taxonômica					CGH Teles Proença																				
					Campanha 13																				
Filo	Classe	Subclasse	Ordem	Família	Controle			Total Ponto Control e	Ponto 01			Total Pont o 01	Ponto 02			Total Ponto 02	Ponto 03			Total Pont o 03	Ponto 04			Total Ponto 04	Total 13ª Campanh a
					A M 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		AM 1	AM 2	AM 3		
Annelida	Clitellata	Oligochaeta			1			1	950			950	400			400	16	27		43	3	1		4	1398
Arthropoda	Insecta	Pterygota	Diptera	Culicidae											1	1								1	
			Ephemeroptera	Leptophlebiidae							1		1											1	
			Odonata	Libellulidae									1	1											1
				Gomphidae																		1		1	1
Mollusca	Gastropoda		Hygrophila	Planorbidae																		2		2	2
Riqueza Específica					1			1	1			1	1	1	2	4	1	1		1	1	3		3	6
Abundância Absoluta					1			1	950			950	400	1	2	403	16	27		43	3	4		7	1404
Diversidade de Shannon								0				0				0,05207				0				0,9557	0,03425

#### 4.2.4.1 Riqueza

No estudo foram coletadas 12 ordens e uma subclasse. Destacando-se a ordem Oligochaeta com 55,23% (n=1651) da abundância relativa, seguida por Diptera com 29,60% (n=885) e Ephemeroptera com 4,31% (n=129), em cada táxon. As ordens com maior riqueza foram Trichoptera com 7 famílias, seguida Odonata com 5 famílias, Diptera com 4 famílias, Ephemeroptera, Coleoptera e Hemiptera com 3 famílias, Plecoptera com 2 famílias e Oligochaeta, Megaloptera, Decapoda, Neotaenioglossa, Veneroida e Basommatophora com um táxon em cada grupo (Gráfico 5).

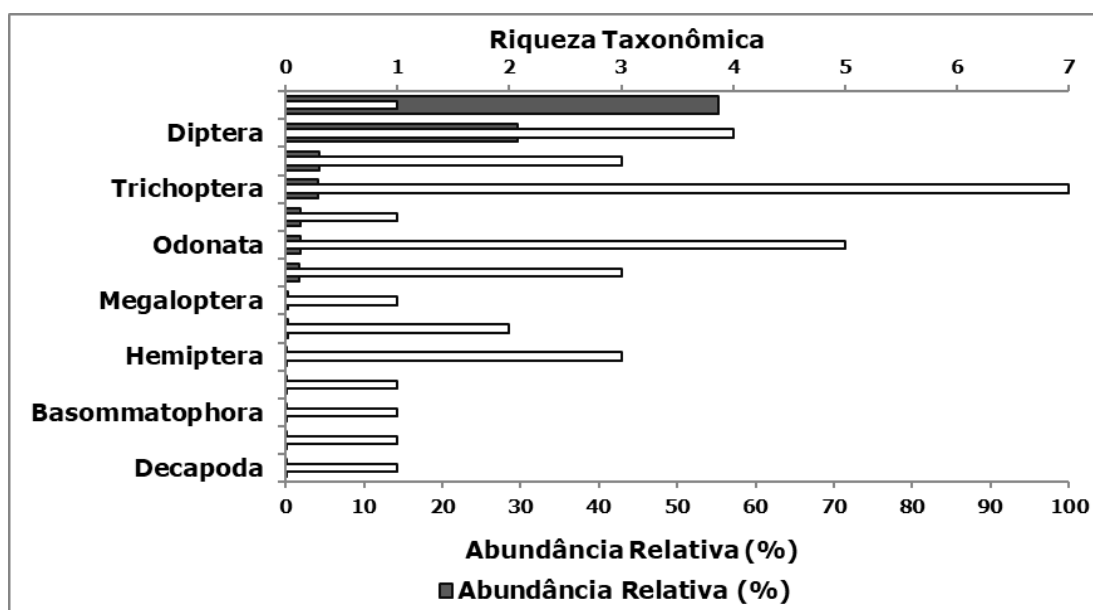


Gráfico 5 - Riqueza específica (barras claras) e abundância relativa (barras escuras) das Ordens e Subclasses de macroinvertebrados aquáticos registrados nos ambientes investigados no Monitoramento da CGH Teles de Proença.

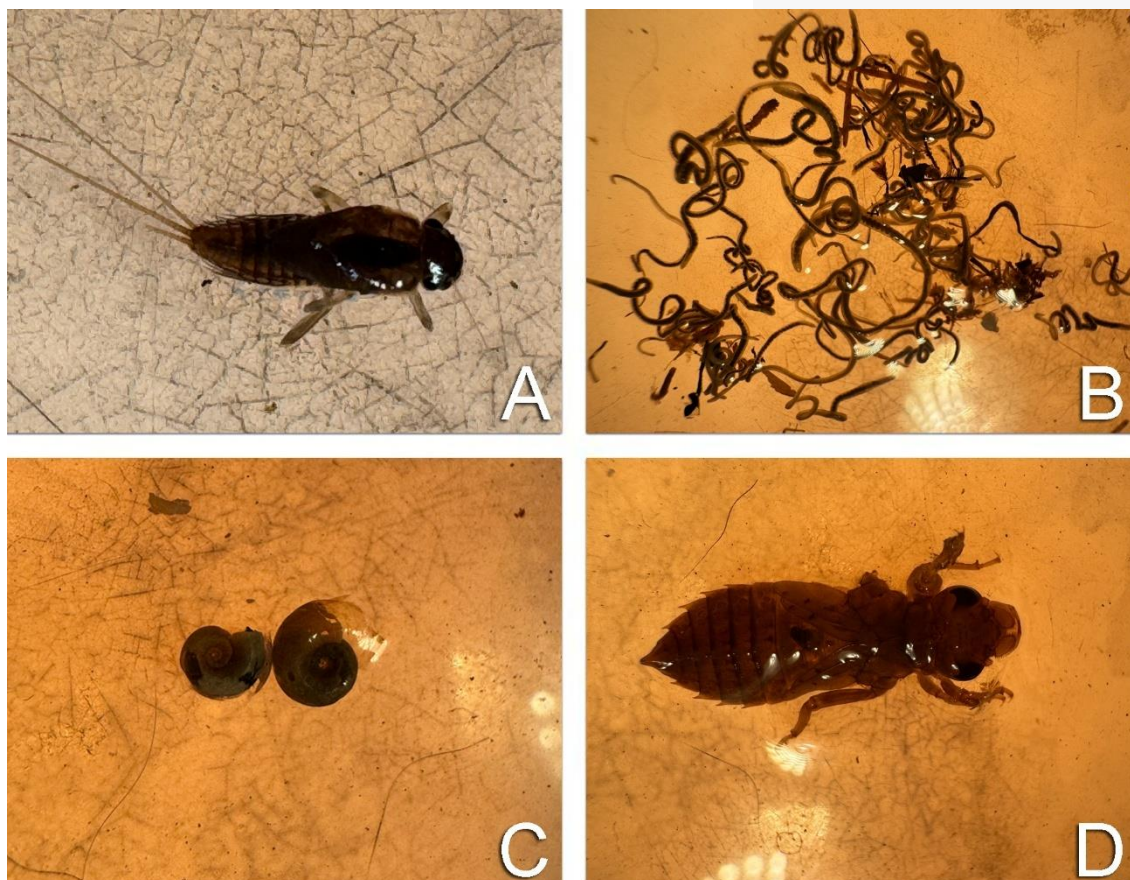


Figura 12 - Organismos encontrados nos ambientes investigados do Monitoramento da CGH Teles de Proença. Sendo: (A) Leptophlebiidae; (B) Oligochaeta; (C) Planorbidae; (D) Gomphidae.

#### 4.2.4.2 Abundância

O táxon com maior abundância nas treze campanhas foi Oligochaeta com 55,23% ( $n = 1651$ ), seguido de Chironomidae com 28,93% de abundância relativa ( $n = 865$ ), Baetidae com 2,91% ( $n = 87$ ), Hydrobiidae com 1,90% ( $n = 57$ ), Hydropsychidae com 1,87% ( $n = 56$ ), Elmidae com 1,60% ( $n = 48$ ), Leptophlebiidae 1,23% ( $n = 37$ ) e Libellulidae 1% ( $n = 30$ ). Os táxons restantes foram calculados abundância relativa abaixo de 1%. Os valores dos táxons mais abundantes são apresentados no Gráfico 6.

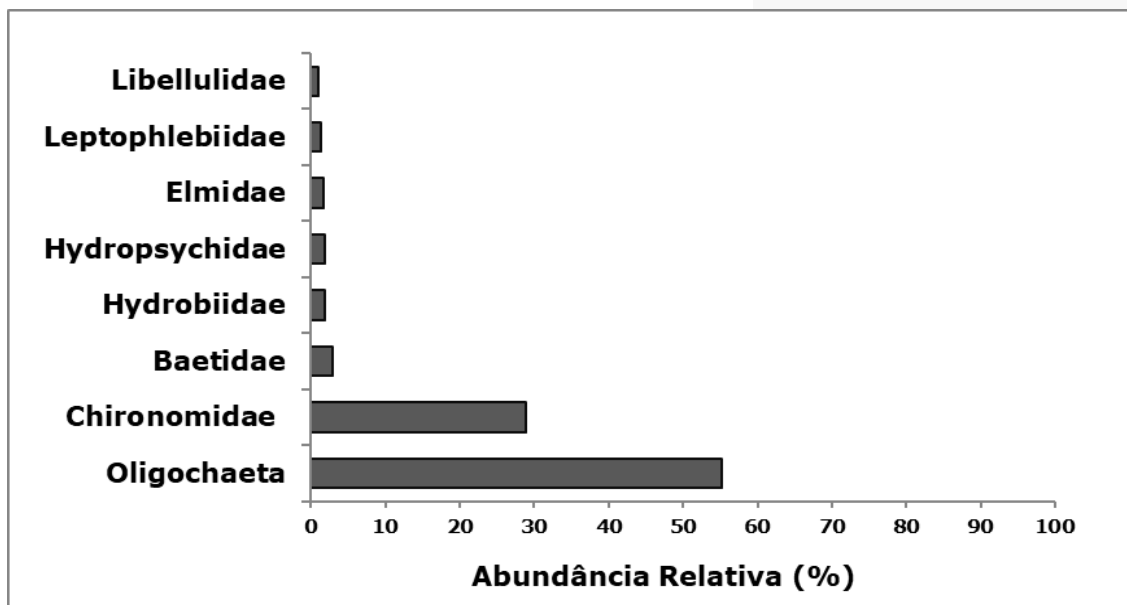


Gráfico 6 – Táxons com maior abundância de macroinvertebrados aquáticos registrados nos ambientes investigados.

O ponto amostral com maior abundância foram o Ponto amostral 01 – Reservatório na décima terceira campanha com 950 organismos, seguido do Ponto amostral 02 – Reservatório na décima terceira campanha com 403 organismos, Ponto Amostral 01 – reservatório na sétima campanha com 73 organismos, Ponto Amostral 01 – reservatório na sexta campanha com 71 organismos, Ponto Amostral Controle da décima campanha com 59 organismos, Ponto Amostral 02 – Reservatório na sétima campanha com 52 organismos, do Ponto Amostral 01 – Reservatório com 51 organismos, ambos os pontos da sexta campanha, Ponto Amostral 01 na nona campanha com 47 organismos, Ponto Amostral 03 na nona campanha com 43 organismos, Ponto Amostral 02 – Reservatório na quinta campanha com 42 organismos, Ponto Amostral 03 – TVR da décima segunda campanha com 43 organismos, seguido do mesmo ponto na segunda campanha com 39 organismos. Os pontos com maior riqueza foram Ponto Amostral 02 – Reservatório da sexta campanha e sétima campanha com 13 táxons em cada, Ponto Amostral 03 – TVR da primeira campanha com 11 táxons, seguido pelo Ponto Amostral 02- Reservatório da quinta campanha com 10 táxons, o Ponto Amostral 04 – Casa de força da segunda campanha e o mesmo ponto na quarta campanha com 09 táxons em cada, Ponto Amostral 02 – Reservatório da segunda campanha com 08 táxons, Ponto Amostral 01 – Montante Reservatório da sétima campanha com 08 táxons, Ponto Amostral 01 – Montante Reservatório e Ponto Controle da nona campanha com 08 táxons, bem como,

o Ponto Amostral 01 da décima campanha, Ponto Controle da décima primeira campanha, e Ponto Amostral 02 da décima segunda campanha., também com 08 táxons. Conforme Gráfico 7.

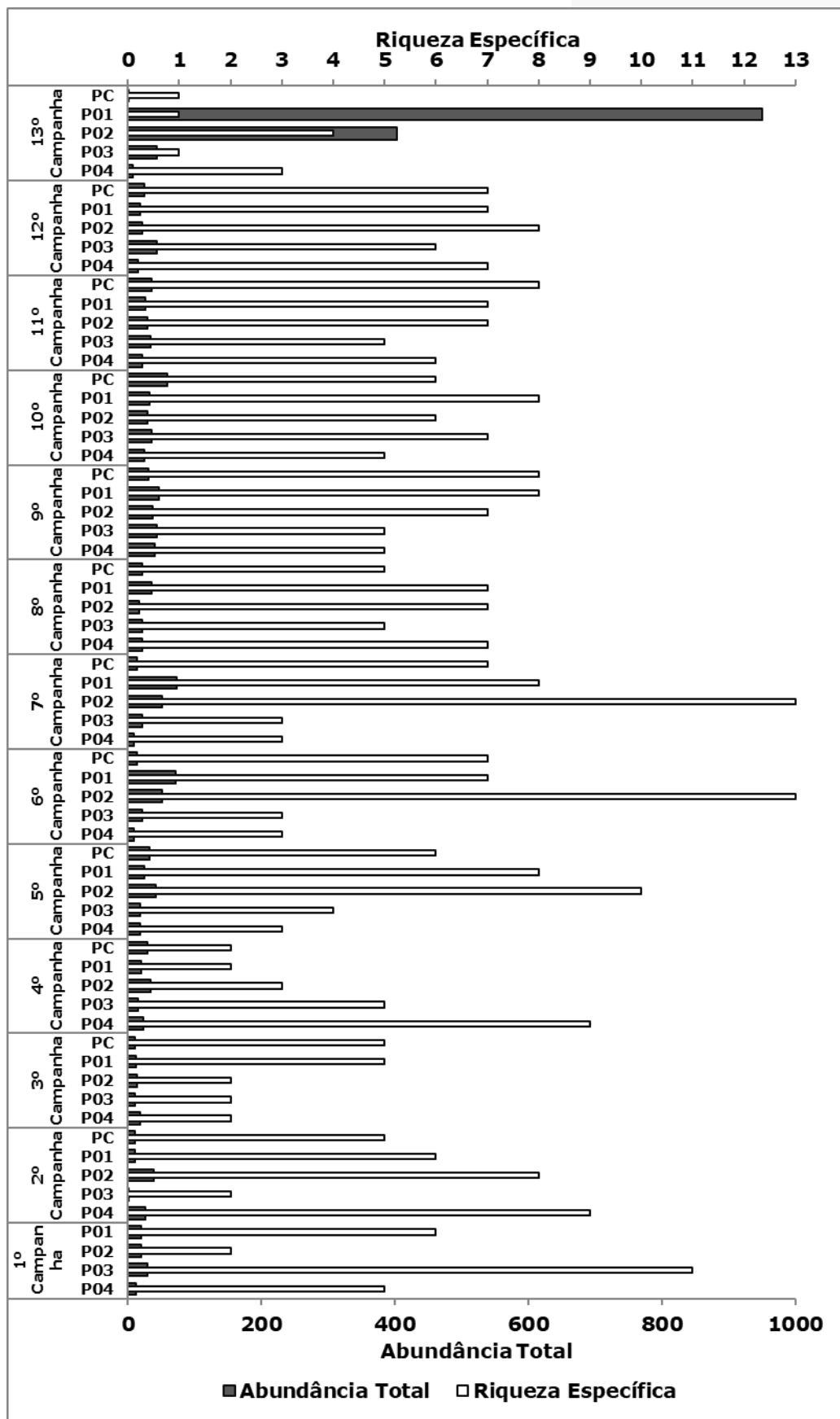


Gráfico 7 – Abundância com maior abundância de macroinvertebrados aquáticos registrados nos ambientes investigados.

#### 4.2.4.3 Curva de Rarefação de Espécies

A curva de rarefação (Gráfico 8) para os táxons de macroinvertebrados aquáticos coletados nas treze campanhas está em ascendência. Indicando possível aumento de número de táxons e maior número de indivíduos coletados ou campanhas. Os pontos amostrais avaliados nas treze campanhas puderam gerar um panorama da composição de macroinvertebrados aquáticos e possível avaliação com comparação dos efeitos ambientais de campanhas futuras na área.

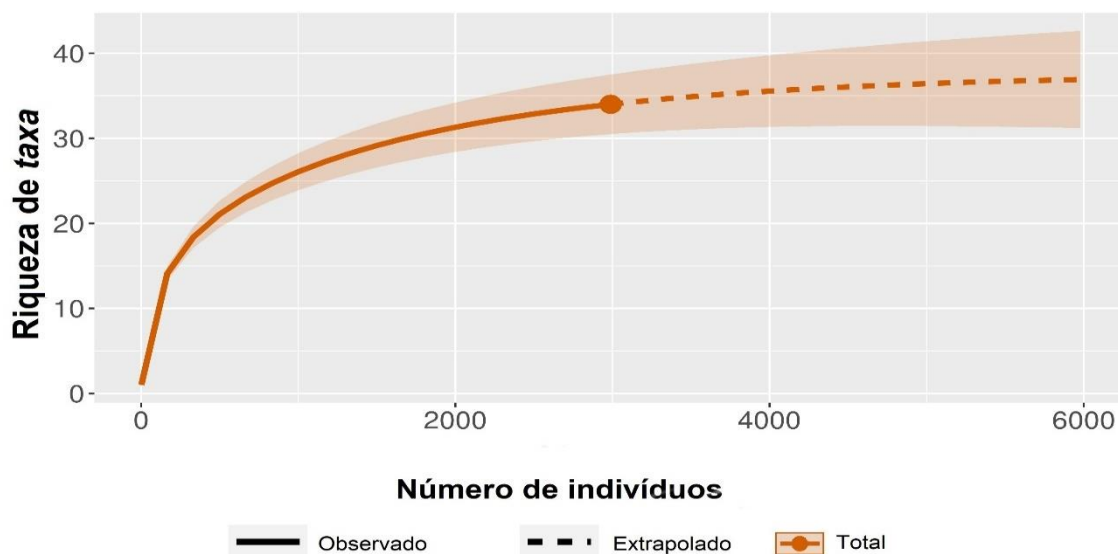


Gráfico 8 - Curva de rarefação de macroinvertebrados aquáticos coletado nas treze campanhas para CGH Teles de Proença.

#### 4.2.4.4 Índices de Diversidade

A equabilidade nos pontos amostrais (Gráfico 9) foram calculados valores relativamente altos para a primeira campanha. Os pontos Ponto 01 com 0,92, Ponto 04 com 0,88 e Ponto 03 com 0,87. Já o Ponto 02 apresentou valor baixo com 0,28. Na segunda campanha, foram calculados valores altos, variando de 0,64 (Ponto 2 com menor valor), até 1 (Ponto 03 com maior valor), o Ponto Controle com 0,96, Ponto 01 com 0,94 e Ponto 4 com 0,91. Na segunda campanha a composição dos pontos amostrais foi mais equitativa, Com valores mais baixos no Ponto 02. A terceira campanha apresentou padrão similar das outras campanhas, com valores altos em Ponto Controle e Ponto 01, valores menores em Ponto 02 e medianos em Ponto 03 e Ponto 04. A quarta campanha seguiu tendências parecidas quanto ao ponto 02 com menor valor, porém, os pontos

restantes foram calculados valores de equabilidade relativamente altos. A quinta campanha foram calculados valores de equabilidade acima de 0,60 para todos os pontos amostrais, com destaque para Ponto 03 com 0,87, Ponto 02 manteve padrão das últimas campanhas. Na sexta campanha os valores foram altos, acima de 0,8 para a maioria dos pontos amostrais, com exceção de P01 com valor de 0,40. A sétima campanha com valores altos, acima de 0,8, com exceção de P01 com 0,842, mesmo padrão da sexta campanha. A oitava campanha com valores de 0,65 para o Ponto controle, 0,50 para P01, 0,81 para P02, 0,85 em P03 e 0,68 em P04. A nona campanha com valores de 0,59 para o Ponto controle, 0,59 para P01, 0,52 para P02, 0,63 em P03 e 0,70 em P04. A décima campanha foram calculados valores de 0,73 para o Ponto controle, 0,72 para P01, 0,71 para P02, 0,56 em P03 e 0,72 em P04. A décima primeira campanha foram calculados valores de 0,61 para o Ponto controle, 0,80 para P01, 0,80 para P02, 0,58 em P03 e 0,85 em P04. Na décima segunda campanha foram calculadas valores de 0,87 para Ponto Controle, 0,91 para P01, 0,86 para P02, 0,38 para P03, e 0,77 para P04. Na décima terceira campanha devido a ocorrência de só uma espécie, os únicos pontos em que foi possível calcular equabilidade foi P02, com 0,04, e P04 com 0,87.

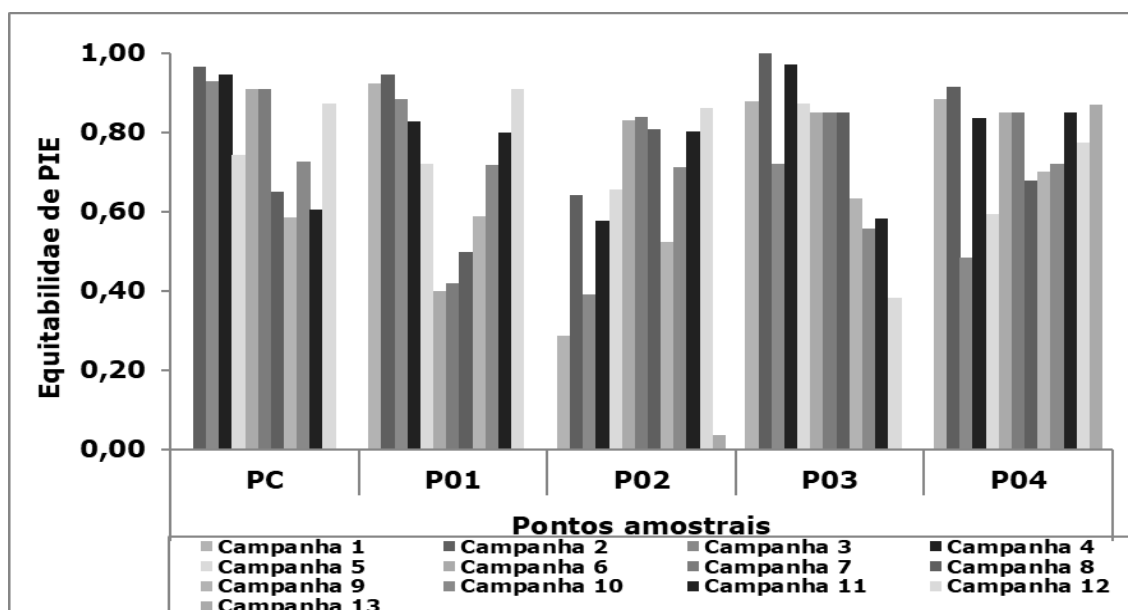


Gráfico 9 - Valores de Equabilidade calculados para os pontos amostrais durante as campanhas.

A diversidade de Shannon (H) nos pontos amostrais (Gráfico 10) foram calculados valores variados entre as campanhas e entre os pontos amostrais. Na primeira campanha, foram calculados os maiores valores, com o Ponto 03 com 2,11, seguido do Ponto 01 com 1,66, Ponto 04 com 1,45 e o menor valor no ponto 02 com 0,20. Já na segunda campanha,

o maior valor foi no Ponto 04 com 2,02, seguido do Ponto 01 com 1,70, Ponto Controle com 1,56, Ponto 02 com 1,34 e Ponto 03 com 0,69. A terceira campanha foi observado valores mais baixos para o índice, com o maior valor no Ponto Controle com 1,50, seguido do Ponto 01 com 1,42, Ponto 03 com 0,50, Ponto 04 com 0,34 e Ponto 02 com 0,27. Na terceira campanha foram coletados o menor número de táxons, influenciando fortemente nos cálculos da métrica. Na quarta campanha a métrica calculada apresentou o maior valor no Ponto Controle com 2,08, seguido de P01 com 1,3, já os pontos restantes, foram calculados valores abaixo de 1, refletindo o menor número de táxons coletados nos ambientes. A quinta campanha, os valores variaram das últimas campanhas, foi a campanha com maior número de organismos, no Ponto 02 foi calculado o maior valor de diversidade com 1,51, diferentemente das últimas campanhas avaliadas, seguido do Ponto 01 com 1,50, Ponto Controle com 1,33, Ponto 03 com 1,21 e o menor valor no Ponto 04 com 0,65. A sexta campanha, os valores variaram, com valor baixo para P01 com 0,77, o maior valor foi em P02 com 2,13, seguido de PC com 1,77, P03 e P04 com 0,94 em cada ponto. A sétima campanha os valores variaram entre 0,88 em P01 e 2,16 em P02, P03 e P04 com 0,94 em cada, e 1,77 no Ponto Controle. A oitava campanha os valores variam entre 0,98 até 1,56, sendo 1,046 para o Ponto Controle, 0,98 para P01, 1,568 para P02, 1,37 em P03 e 1,32 em P04. A nona campanha os valores variam entre 1,02 até 1,22, sendo 1,221 para o Ponto Controle, 1,227 para P01, 1,019 para P02, 1,021 em P03 e 1,131 em P04. A décima campanha os valores variam entre 1,08 até 1,49, sendo 1,304 para o Ponto Controle, 1,495 para P01, 1,276 para P02, 1,086 em P03 e 1,161 em P04. A décima primeira campanha os valores variam entre 0,94 até 1,56, sendo 1,262 para o Ponto Controle, 1,559 para P01, 1,56 para P02, 0,941 em P03 e 1,53 em P04. Décima segunda campanha com valores que variam de 0,68 até 1,79, onde foi calculado 1,701 para Ponto Controle, 1,773 para P01, 1,794 para P02, 0,6844 para P03, e 1,507 para P04. Na décima terceira campanha, devido os pontos Controle, P1 e P3 registrarem somente uma espécie, obtiveram uma diversidade 0, P2 obteve 0,05, e P04, 0,95.

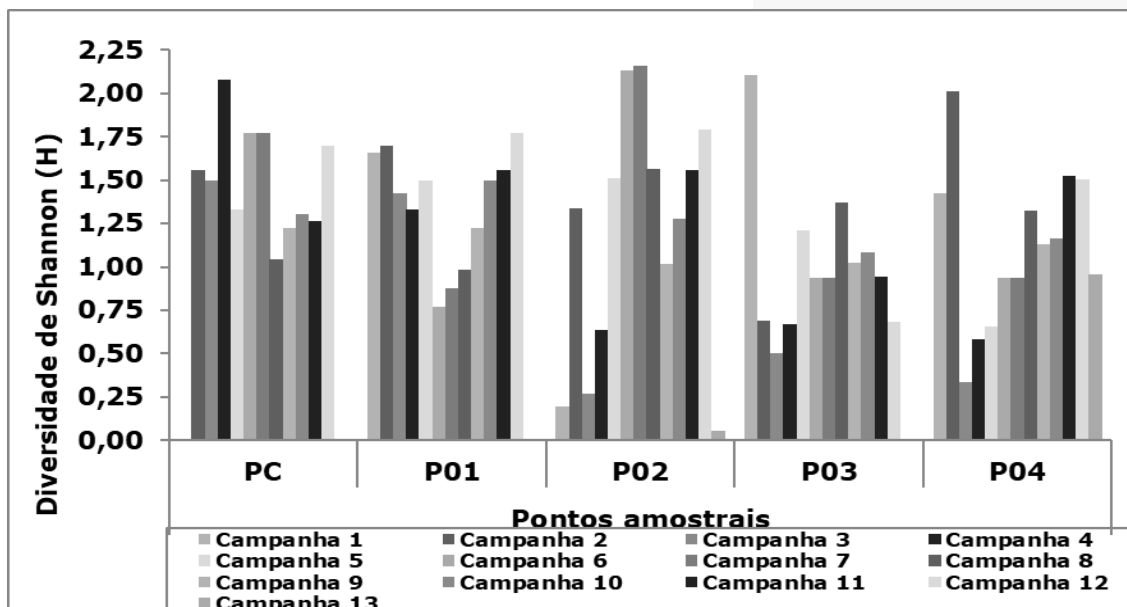


Gráfico 10 - Valores de Diversidade de Shannon calculados para os pontos amostrais durante as campanhas.

#### 4.2.4.5 Índice de Qualidade da Água ETP

O índice biológico de qualidade de água EPT (Gráfico 11) revelou que os pontos foram enquadrados na primeira campanha nas categorias “Regular” (Ponto 01 e 03) e “Ruim” (Ponto 02 e 04). Na segunda campanha, com exceção do ponto 03 (não foram coletados organismos da tríade EPT), os pontos ficaram enquadrados na categoria “Boa” e “Ruim” apenas para Controle. Na terceira campanha apenas o Ponto Controle foi enquadrado na categoria “Regular” e Ponto 01 na categoria “Boa”, os outros pontos não foram coletados indivíduos da tríade EPT. Já para a quarta campanha, Ponto Controle e Ponto 01 ficaram enquadrados na categoria “Regular”, Ponto 02 na categoria “Ruim”, e nos Ponto 03 e Ponto 04 não foram coletados organismos pertencentes à tríade EPT. Mesmo com os resultados da segunda e terceira campanha, a terceira maior incidência de indivíduos na utilização do índice EPT foi da família Baetidae (Ephemeroptera), esses organismos são considerados pouco sensíveis as alterações ambientais, sendo encontrados em locais com níveis intermediários de degradação, mesmo assim, há espécies nessa família que possuem exigências quanto à locais, exigindo maior integridade ambiental e tipo de substratos associados (Buss *et al.*, 2002; Buss; Salles, 2007a; Domínguez *et al.*, 2006), na terceira e quarta campanha houve um incremento de abundância para Trichopteras, principalmente no Ponto Controle e Ponto 01. Nos ambientes coletados não ocorreram possíveis estruturação com presença de vegetação

marginal e macrófitas. Essas características aumentam a complexidade e heterogeneidade dos ambientes, possibilitando organismos suportes para a comunidade de macroinvertebrados aquáticos. Já para a quinta campanha os pontos variaram entre as categorias “Ruim” (Ponto Controle e Ponto 02) e “Regular” (Ponto 01 e Ponto 04), no Ponto 04 não foram coletados organismos do índice analisado. Na sexta campanha, Ponto 02 em “Regular” e os pontos restantes em “Ruim” (Ponto 01 e Ponto 04). Na sétima campanha, Ponto Controle foi enquadrado em categoria. A sétima campanha, o Ponto controle foi enquadrado na categoria “Boa”, Ponto 02 em “Regular” e o restante na categoria “Ruim”. A oitava, nona, décima, décima primeira, décima segunda e décima terceira campanha, todos os pontos foram enquadrados na categoria “Ruim”.

A análise do percentual de Chironomidae (Gráfico 11) obteve valores entre 0 até 30% para a primeira campanha. O táxon fora a segunda maior abundância no estudo, onde foram coletados em locais com folhiços e sedimento (silte, areia e argila). Destacando para o Ponto Amostral 01 com 30% de abundância relativa do táxon, seguido do Ponto Amostral 04 com 24%, Ponto Amostral 03 com 16,67% e Ponto Amostral 02 com 0. Na segunda campanha, os valores foram de 11 até 50% para o percentual de Chironomidae, destacando o Ponto amostral 03 com 50% de abundância relativa de Chironomidae no ponto amostral. O Ponto amostral 01 e 02 com aproximadamente 30% em cada, Ponto Controle com 20% e Ponto Amostral 04 com os menores valores de 11,54%. Na terceira campanha os valores variaram de 27,27% até 92,31%, foram calculados os maiores valores no estudo, principalmente nos pontos amostrais a jusante do barramento (Ponto 02, Ponto 03 e Ponto 04). Já para a quarta campanha, os valores variaram de 26,09% até 76,47%, foram calculados valores altos para Ponto 02 (76,47%) e Ponto 04 (73,33%), P01 e P03 valores medianos (entre 40%) e no Ponto Controle com o menor valor (26,09%). Na quinta campanha, os valores variaram de 42% até 77%, foram calculados os maiores valores para o Ponto 04 (77,78%), seguido do Ponto 02 (59,52%), Ponto 01 (54,17%), Ponto Controle com 42,42% e Ponto 03 com 42,11%. Na sexta campanha, os valores variarem entre 30% até 89,29%, maiores valores no Ponto 04 (89,29%), seguido do Ponto 03 (76,47%), Ponto Controle (63,41%), Ponto 01 com 60,98% e Ponto 02 com 30%. Já para a sétima campanha a variação foi de 25% até 79,45%, o maior valor em Ponto 01 com 79,45%, seguido de Ponto 03 com 59,09%, Ponto 04

(55,56%) e Ponto Controle com 35,71%. A oitava campanha, os pontos variaram entre 35,29% até 75%, Ponto Controle com 63,64%, Ponto 01 com maior valor de 75%, Ponto 02 com menor valor de 35,29%, Ponto 03 com 42,86% e Ponto 04 com 59,09%. A nona campanha, os pontos variaram entre 53% até 73%, Ponto Controle com 67,74%, Ponto 01 com valor de 65,96%, Ponto 02 com maior valor de 72,97%, Ponto 03 com 60,47% e Ponto 04 com 53,66%. Na décima campanha, os pontos variaram de 53% até 69%, Ponto Controle com 55,93%, Ponto 01 com valor de 53,3%, Ponto 02 com 55,17%, Ponto 03 com maior valor de 69,44% e Ponto 04 com 60%. Na décima primeira campanha, os pontos variaram de 15% até 73%, Ponto Controle com 69,44%, Ponto 01 com valor de 15,38%, Ponto 02 com 53,33%, Ponto 03 com maior valor de 73,53% e Ponto 04 com 47,62%. Para a décima segunda campanha, os pontos variaram de 25% até 83%, onde Ponto Controle com 40%, Ponto 01 com 5%, Ponto 02 com 27,27%, Ponto 03 com 83,72% e Ponto 04 com 53,33%. Não foram coletados Chironomidae na décima terceira campanha.

A família Chironomidae é um dos mais abundantes grupos presente em ecossistemas aquáticos. A sua plasticidade metabólica e alimentar permite uma elevada taxa de sobrevivência e permanência em habitats com estresse elevado, sendo comumente o grupo dominante na fauna de macroinvertebrados (Callisto; Moreno; Barbosa, 2001b; Trivinho-Strixino; Strixino, 1995). Os trechos possuíam poucos depósitos de folhiços nas áreas coletadas, esses habitats constituem recurso para larvas de Chironomidae (Merritt; Cummins; Berg, 2008). Comparando com outros substratos (e.g lajeado, rochas, areias), os acúmulos de folhiço em riachos de áreas florestadas são o habitat preferencialmente ocupado por larvas de Chironomidae (Sanseverino; Nessimian, 2008). Deve-se levar em consideração a utilização de outros indicadores (Carvalho; Uieda, 2004), como os descritos no presente estudo.

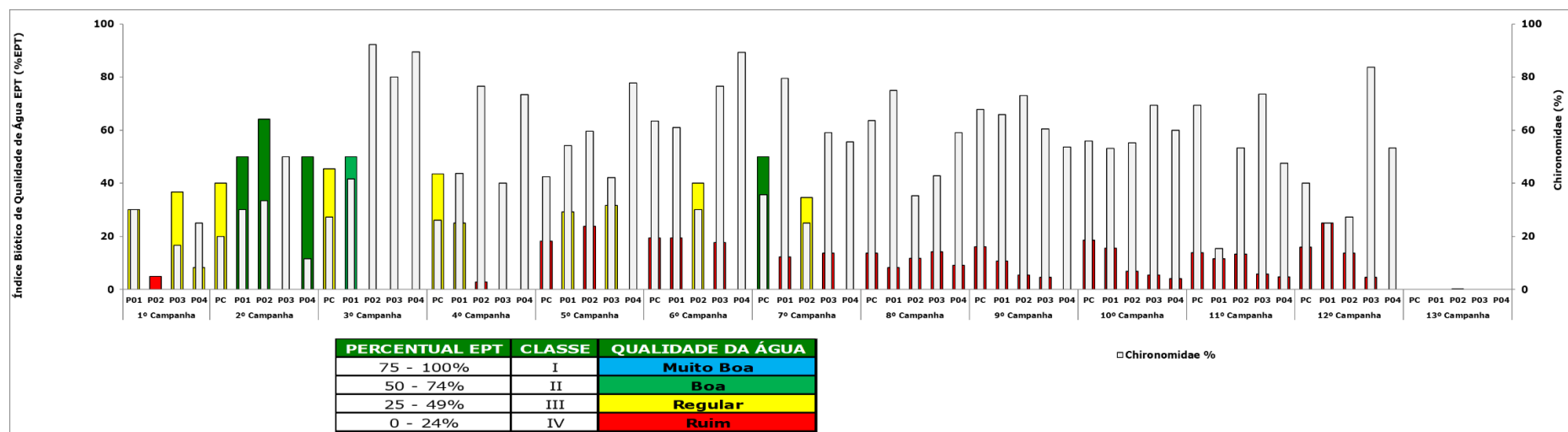


Gráfico 11 - Índice Biótico de Qualidade de Água EPT (% EPT) e percentual de Chironomidae dos macroinvertebrados aquáticos registrados nos ambientes investigados.

#### 4.2.4.6 Índice BWMP

A utilização de índice integradores com a comunidade de macroinvertebrados aquáticos é essencial para identificar a qualidade ambiental. O índice BMWP' engloba todos os organismos de macroinvertebrados aquáticos e demonstra o panorama dos trechos investigados (Gráfico 12). Os cálculos do índice BMWP' para a primeira campanha enquadraram o Ponto 03 como "Duvidosa", Pontos 01 e 04 como "Muito Poluída" e Ponto 02 "Fortemente Poluído". Já na segunda campanha todos os valores foram menores, enquadrando os Pontos 01, 02 e 03 na categoria "Poluída", Ponto controle como "Muito Poluída" e o Ponto 03 na categoria "Fortemente Poluída", o Ponto 03 na segunda campanha foi observado composição dominante de Chironomidae. Para a terceira campanha, os pontos Controle e Ponto 01 foram enquadrados na categoria "Muito Poluída" e os pontos restantes (Ponto 02, Ponto 03 e Ponto 04) com a categoria "Fortemente Poluída". Na quarta campanha os pontos foram enquadrados em "Poluída" (Ponto Controle), "Muito Poluída" (Ponto 01) e "Fortemente poluída" (Ponto 02, 03 e 04). A quinta campanha seguiu tendências similares, com categorias de "Poluída" para o Ponto 01 e Ponto 02, "Muito Poluída" (Ponto Controle), e "Fortemente Poluída" (Ponto 03 e 04). Na sexta campanha, o Ponto 02 foi classificado como "Duvidosa", Ponto Controle e Ponto 01 na categoria "Poluída", Ponto 03 e Ponto 04 na categoria "Fortemente Poluída". A sétima campanha, com o mesmo padrão da sexta campanha, com Ponto 02 foi classificado como "Duvidosa", Ponto Controle e Ponto 01 na categoria "Poluída", Ponto 03 e Ponto 04 na categoria "Fortemente Poluída". Os trechos amostrados possuem composição com pontuação baixa, devido ao baixo número de táxons coletados, de acordo com o índice BMWP'. Quanto a oitava campanha, o Ponto 01 foi enquadrado como "Poluída" e o restante dos pontos como "Muito poluída". Quanto a nona campanha, o Ponto Controle e Ponto 01 foi enquadrado como "Poluída" e o restante dos pontos como "Muito poluída". Já a décima campanha e décima primeira campanha, o Ponto 01 foi enquadrado como "Poluída" e o restante dos pontos como "Muito poluída". Na décima segunda campanha, o Ponto 02 foi enquadrado como "Poluída" e o restante dos pontos como "Muito poluída". Na décima terceira campanha o P02 foi classificado como "Muito poluída", e o restante dos pontos como "Fortemente poluída".

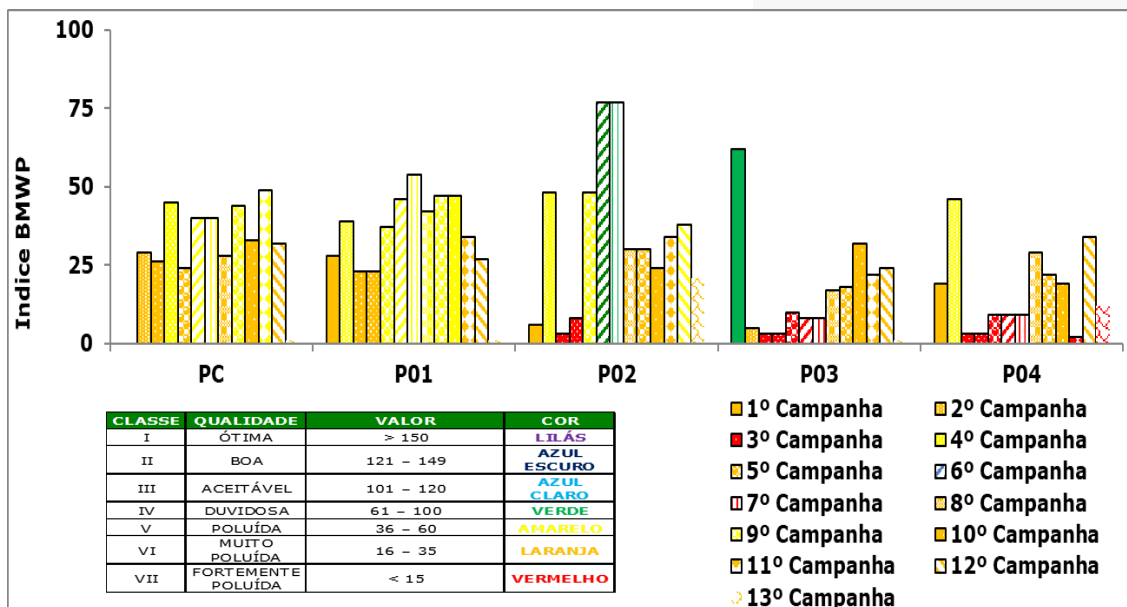


Gráfico 12 - Índice BMWP' dos macroinvertebrados aquáticos registrados nos ambientes investigados.

As características ambientais nos locais coletados no estudo foram determinantes para o favorecimento dos táxons Oligochaeta, Chironomidae (Diptera), para a segunda campanha com Hydropsychidae (Trichoptera), Elmidae (Coleoptera) e Baetidae (Ephemeroptera) e na terceira campanha em diante com a dominância de Chironomidae (Diptera). A dominância de um ou poucos táxons indica que alguma condição ambiental está favorecendo determinado grupo de organismos, ou seja, os recursos não estão sendo particionados de maneira equitativa nesses locais (Lampert; Sommer, 2007). A alta abundância da subclasse Oligochaeta demonstra sua ampla tolerância ecológica e sua baixa mobilidade. Sendo encontrados associados a substratos como areia, cascalho, folhas, galhos em decomposição e macrófitas, os quais estruturam as diferentes formas de habitat (Bevilacqua, 2014). Geralmente, sobrevivem em locais com baixa concentração de oxigênio sendo os únicos registrados em ambientes organicamente poluídos (Mandaville, 2000).

A família Chironomidae em alta abundância é indicadora de baixa qualidade ambiental decorrente de alguma perturbação antrópica. Chironomidae é uma das famílias consideradas tolerantes a poluição, é encontrada comumente em ambientes eutrofizados, pois apresentam a habilidade de viver em condição de pouca oxigenação, onde se alimentam de matéria orgânica em decomposição do sedimento (Goulart & Callisto, 2003). Ainda, a família Baetidae é uma das famílias de Ephemeroptera que apresenta mais tolerância a perturbação ambiental, sendo encontrada tanto em

ambientes preservados como em ambientes perturbados (Zamora-Muñoz; Alba-Tercedor, 1996). Os representantes desta família têm a habilidade de sobreviver em ambientes com baixa oxigenação e altas temperaturas, sendo indicadores de moderada à baixa qualidade ambiental (Buss; Salles, 2007b).

Diversos organismos podem indicar qualidade ambiental, alguns são mais sensíveis a perturbações a alterações na paisagem, outros a mudanças na qualidade da água em termos de qualidade da água, enquanto outros ainda são abundantes em locais alterados e, muitas vezes, até poluídos (Queiroz; Silva; Trivinho-Strixino, 2008).

#### 4.2.4.7 Similaridade entre Pontos Amostrais e Campanhas

A nMDS apresentou um resultado considerado aceitável para comunidades aquáticas com  $S=0,124$  (Anderson & Burnham, 2002). A inspeção visual dos gráficos gerados a partir dos escores evidencia a separação entre as campanhas (Gráfico 13) e no teste a posteriori utilizando MRPP (1000 permutações) foi confirmado diferença significativa entre as campanhas ( $A=0,1524$ ,  $p=0,001$ ). Já para os pontos amostrais não foi evidenciado um padrão espacial ( $A= 0,01127$ ,  $p= 0,875$ ).

Contudo, observa-se que os trechos estudados estão sob diferentes graus de perturbação, indicado pelas diferenças dos parâmetros de comunidade observados. Esta observação é corroborada também pela diferença na composição da comunidade ao longo das áreas amostrais e campanhas. Uma vez que os invertebrados apresentam diferentes graus de tolerâncias em relação a perturbações ambientais. Alguns são mais sensíveis a perturbações a alterações na paisagem, outros a mudanças na qualidade da água, enquanto outros ainda são abundantes em locais alterados e, muitas vezes, até poluídos (Queiroz; Silva; Trivinho-Strixino, 2008).

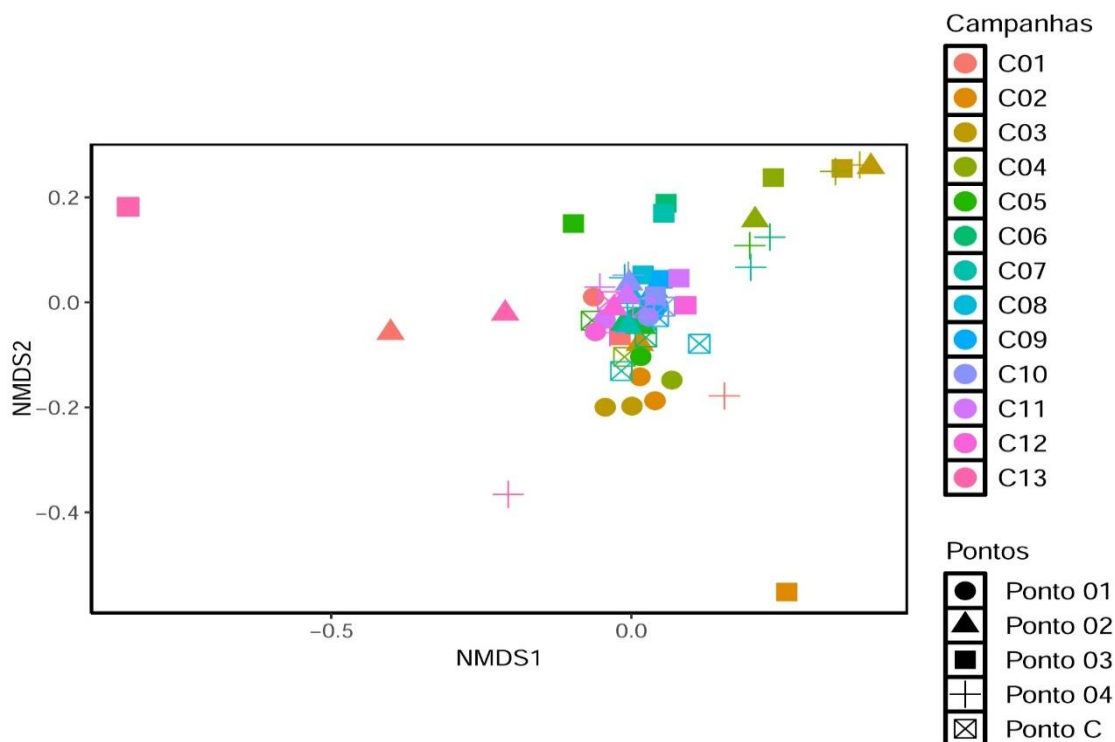


Gráfico 13 - Representação gráfica dos dois primeiros eixos do NMDS, mostrando a organização espacial e temporal da composição na área de estudo.

#### 4.2.5 CONCLUSÕES FINAIS

Com relação aos macroinvertebrados observa-se que os trechos do rio estudados estão perturbados, indicado pelos parâmetros de comunidade observados, principalmente nas dez últimas campanhas (terceira, quarta, quinta, sexta, sétima, oitava, nona, décima, décima primeira e décima segunda). As oscilações na diversidade de macroinvertebrados aquáticos está relacionado fortemente com os habitats e ambientes coletados ao longo do trecho. Ocorreu uma dominância dos táxons Oligochaeta e Chironomidae (juntos perfazeram 84,17% dos organismos coletados). Nesta última campanha houve um grande aumento na abundância de Oligochaeta encontrados, que até a campanha anterior somavam 253 exemplares, nesta somam 1651, um aumento de cerca 652%. Oligochaeta e Chironomidae demonstram ampla tolerância ecológica, não apresentando preferências de hábitat, podendo ser encontrados desde locais mais preservados, até altamente poluídos. Foi evidenciada diferença significativa entre as campanhas, com variação nos pontos amostrais com os índices avaliados. Os valores calculados para o índice BMWP foram baixos, classificando os pontos amostrais entre os grupos “fortemente poluído”, “muito poluído”.

## 4.3 ICTIOFAUNA

### 4.3.1 INTRODUÇÃO

As alterações ocorrentes na ictiofauna por ocasião dos barramentos devem ser monitoradas, sendo o monitoramento um conjunto de levantamentos conduzidos com o intuito de avaliar o grau de variabilidade de fatores bióticos ou abióticos em relação a um modelo ou padrão conhecido ou esperado. O monitoramento serve a objetivos diversos como o de avaliar a eficácia de uma medida de manejo, identificar situações incorretas de uso da bacia ou dos recursos naturais, detectar alterações incipientes resultantes de interações complexas ou de natureza estocástica no ecossistema (Agostinho; Gomes, 1997).

As alterações nos ecossistemas aquáticos podem ocorrer nas proximidades do empreendimento, impactando diretamente a comunidade ictiológica. Além disso, outro fator que justifica o Programa de Monitoramento da Ictiofauna é o escasso conhecimento da ictiofauna que habita as águas do Rio das Antas na área de influência do empreendimento. E sabe-se, que ações eficazes de manejo com fins conservacionistas somente podem ser formuladas mediante o profundo conhecimento do ecossistema e das comunidades e populações a serem manejadas, bem como de suas inter-relações ecológicas.

O relatório que segue, apresenta os dados referentes a 13ª campanha de monitoramento da ictiofauna realizada no mês de setembro de 2025 e foi baseada nas Autorizações Ambientais nº 56877 e 60344, emitidas pelo Instituto Água e Terra (IAT).

### 4.3.2 METODOLOGIA

Para uma melhor compreensão da diversidade ictiofaunística na região do empreendimento, foram utilizadas as informações de cunho técnico científica, assim como dados oriundos de entrevistas com pescadores locais. Já para captura das espécies, utilizamos equipamentos de pesca diversificados como redes de espera (captura passiva) e tarrafas (captura ativa), buscando amostrar a riqueza de espécies da comunidade de peixes do trecho de influência do empreendimento. Os petrechos utilizados foram

idênticos em todos os pontos amostrais, sempre respeitando as particularidades de cada ponto, e o esforço de pesca padronizado, possibilitando a comparação entre os dados.

Os exemplares capturados foram separados em recipientes apropriados. Os dados biométricos (peso e comprimento total) foram obtidos ainda no local, posteriormente os exemplares foram devolvidos ao rio. Foi realizado o registro fotográfico a fim de documentar a diversidade específica, não sendo necessário o envio de nenhuma espécie para coleções zoológicas.

A identificação das espécies foi realizada seguindo os manuais apresentados por Zaniboni-Filho *et al.* (2004); Graça e Pavanelli (2007); Nakatani *et al.* (2001); Baumgartner *et al.* (2012) e “fishbase.se”.

A seguir são descritas as metodologias e artes de pesca utilizadas para cada ponto amostral.

#### 4.3.2.1 Redes de Espera

Para a ictiofauna, foram utilizadas redes de espera, armadas paralelamente à margem, em trechos lóticos e de maneira perpendicular à margem em trechos lênticos, sendo expostas por 24 horas e revisadas a cada 12 horas (Figura 13). Cada ponto amostral recebeu um conjunto contendo:

- (05) redes de espera Malha 1,5 cm com 30 m de comprimento x 1,5 m de altura, totalizando 90 m<sup>2</sup> de malha exposta;
- (05) redes de espera Malha 3,0 cm com 50 m de comprimento x 2,0 m de altura, totalizando 200 m<sup>2</sup> de malha exposta;
- (05) redes de espera Malha 5,0 cm com 50 m de comprimento x 2,0 m de altura totalizando 200 m<sup>2</sup> de malha exposta.

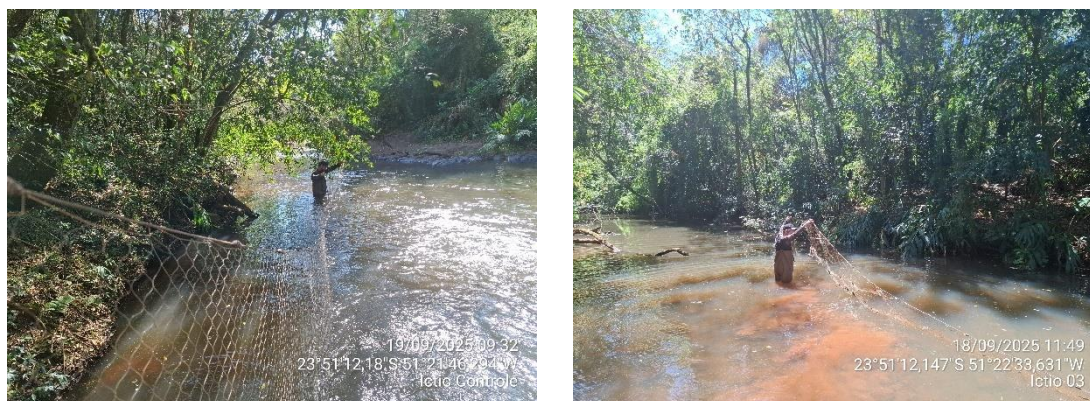


Figura 13 - Instalação de rede de espera no ponto de amostragem.

#### 4.3.2.2 Tarrafa

Visando contribuir qualitativamente com a amostragem da ictiofauna, em cada ponto amostral de fauna aquática foram realizados 08 lances de tarrafa de malha 1,5 cm (Figura 14) totalizando para os 05 pontos amostrais somados, 40 lances de tarrafa.

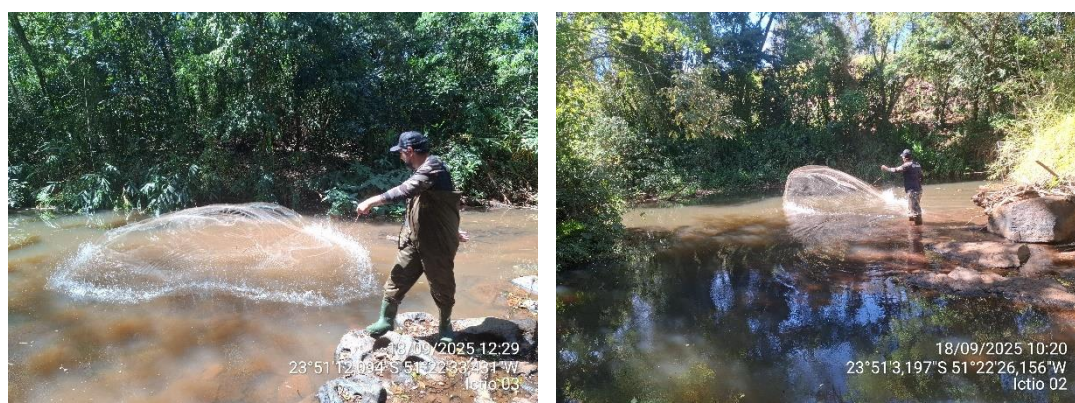


Figura 14 - Profissional realizando os lances de tarrafa.

Todos os exemplares capturados tiveram seu peso, comprimento padrão e comprimento total mensurados, após a biometria os indivíduos foram imediatamente liberados nos locais de amostragem, evitando sacrifícios desnecessários e contribuindo para a manutenção da diversidade genética das populações locais.

Esta metodologia foi aplicada seguindo as diretrizes estabelecidas na Autorização Ambiental nº 56877 na condicionante nº 10, que estabelece: “Para a amostragem da ictiofauna serão utilizadas (i) redes de espera de diferentes malhas e (ii) tarrafas”.



Figura 15 - Biometria dos exemplares capturados.

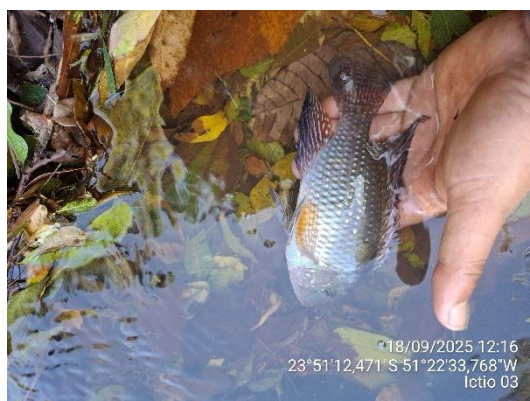


Figura 16 - Profissional realizando a soltura dos exemplares capturados.

#### 4.3.3 METODOLOGIAS PARA OBTENÇÃO DOS ÍNDICES ECOLÓGICOS

As análises foram realizadas visando à obtenção de informações sobre a estrutura das taxocenoses que permitam uma avaliação futura sobre os impactos ocasionados por alterações ambientais na composição faunística local. Foi determinada a riqueza de espécies e a abundância absoluta e relativa de cada uma, além da obtenção de índices de diversidade apresentados a seguir, calculados através do software Past. Índice de Shannon-Wiener, baseado em Krebs (1989), que permite estimar a diversidade de espécies no local amostrado a partir da seguinte fórmula:

$$H' = - \sum p_i \ln(p_i)$$

Onde:

H': índice de diversidade de Shannon-Wiener;

p<sub>i</sub>: abundância relativa de espécies;

ln: logaritmo natural.

Índice de Pielou (Magurran, 1988), que informa sobre a equidade na distribuição dos indivíduos entre as espécies a partir da equação:

$$E = H' / \log S$$

Onde:

$H'$ : o Índice de Shannon-Wiener;

$S$ : o número total de espécies.

A análise de similaridade entre os pontos amostrais foi efetuada a partir do Índice de Jaccard, que indica a proporção de espécies compartilhadas entre duas amostras em relação ao total, com dados de presença e ausência, por meio da fórmula:

$$J = S_{com} / S$$

Onde:

$S_{com}$ : número de espécies em comum nas duas amostras;

$S$ : total de espécies no conjunto de amostras.

A utilização deste índice permite comparações entre a composição faunística de áreas com diferentes coberturas vegetais (áreas degradadas ou antropizadas, áreas em recuperação ambiental e áreas florestadas remanescentes).

Também foi gerada a curva do coletor (ou curva de acumulação de espécies), como indicativo da suficiência amostral, ou seja, para verificar se a amostragem realizada foi suficiente para registrar o número de espécies total da comunidade faunística. Tal análise contribui para a determinação da continuidade e intensidade dos estudos para a fase posterior deste empreendimento.

As espécies coletadas foram classificadas conforme a sua constância na comunidade amostrada. O critério para esta classificação foi o percentual do número de amostragens em que a espécie foi registrada em relação ao número total de amostragens. Assim, a constância de cada espécie na amostra é dada pela expressão:

$$C = (p \times 100) / P$$

Onde:

$p$ : número de coletas contendo a espécie;

$P$ : número total de coletas.

As espécies que obtiveram valor de  $C > 50\%$  são consideradas constantes, as com  $C$  entre 25% e 50% consideradas como acessórias e, aquelas com valor de  $C < 25\%$ , consideradas acidentais.

Para a análise da composição ictiofaunística, além das metodologias apresentadas, foi calculada a Captura por Unidade de Esforço (CPUE) com os resultados de capturas efetuadas com redes de espera. A CPUE foi calculada para o número de exemplares e para a biomassa de acordo com a equação:

$$CPUE = N / (m^2 \times h)$$

Onde:

**N**: número total de espécimes coletados ou biomassa total coletada (em gramas);

**m<sup>2</sup>**: área total das redes de espera expostas;

**h**: tempo de exposição.

#### 4.3.4 DADOS SECUNDÁRIOS

A bacia do rio Ivaí é composta de uma densa rede de drenagem com muitos afluentes, sendo considerado o segundo maior do Estado do Paraná (Destefani, 2005). O Rio Ivaí é um afluente da margem esquerda do Rio Paraná no Estado do Paraná e possui uma área de drenagem de 35.845 km<sup>2</sup>, sendo aproximadamente 685 km de extensão (Maack, 1981). Este rio é formado no município de Ivaí pela confluência dos rios Patos e São João (Santos *et al.*, 2008), ambos no Parque Estadual da Serra da Esperança, na divisa entre o segundo e terceiro planalto do Estado do Paraná (Maack, 1981). O rio das Antas, local onde o empreendimento será instalado é um afluente indireto do rio Ivaí, uma vez que desagua no rio Bom, que é afluente direto do rio Ivaí.

Para a bacia do rio Ivaí foram descritas 118 espécies de peixes, distribuídas em oito ordens e 29 famílias de acordo com estudo de Frota *et al.*, (2016) (Tabela 31).

Tabela 31 - Espécies de possível ocorrência para a área da CGH Teles de Proença.

TÁXON	NOME POPULAR
<b>Ordem Myliobatiformes</b>	
<b>Família Potamotrygonidae</b>	
<i>Potamotrygon motoro</i> (Muller & Henle, 1841)	raia
<b>Ordem Cypriniformes</b>	
<b>Família Cyprinidae</b>	
<i>Cyprinus carpio</i> (Linnaeus, 1758)	carpa
<b>Ordem Characiformes</b>	
<b>Família Erythrinidae</b>	
<i>Hoplias malabaricus</i> (Bloch, 1794)	traíra
<b>Família Characidae</b>	
<i>Astyanax paranae</i> (Eigenmann, 1914)	lambari
<i>Astyanax altiparanae</i> (Garutti & Britski, 2000)	lambari
<i>Astyanax eigenmanniorum</i> (Cope, 1894)	lambari
<i>Astyanax fasciatus</i> (Cuvier, 1819)	lambari
<i>Astyanax scabripinnis</i> (Jenyns, 1842)	lambari
<i>Bryconamericus iheringii</i> (Boulenger, 1887)	lambari
<i>Bryconamericus exodon</i> (Eigenmann, 1907)	lambari
<i>Bryconamericus stramineus</i> (Eigenmann, 1908)	lambari
<i>Brycon orbignyanus</i> (Valenciennes, 1849)	piracanjuba
<i>Brycon nattereri</i> (Gunther, 1864)	pirapitinga
<i>Hyphessobrycon equens</i> (Steindachner, 1882)	lambari
<i>Hemigrammus marginatus</i> (Ellis, 1911)	lambari
<i>Moenkhausia intermedia</i> (Eigenmann, 1908)	lambari
<i>Moenkhausia sanctaefilomenae</i> (Steindachner, 1907)	lambari
<i>Roeboides paranensis</i> (Pignalberi, 1975)	cadela
<i>Oligosarcus paranensis</i> (Menezes e Gery, 1983)	saicanga
<i>Oligosarcus pinto</i> (Campos, 1945)	peixe-cachorro
<i>Galeocharax knerii</i> (Steindachner, 1870)	peixe-cachorro branco
<i>Piabina argentea</i> (Reinhardt, 1866)	lambari
<i>Aphyocharax difficilis</i> (Marini, Nichols & La Monte, 1933)	lambari
<i>Aphyocharax anisitsi</i> (Eigenmann & Kennedy, 1903)	piaba
<i>Metynnis maculatus</i> (Kner, 1858)	pacu-prata
<i>Myleus tiete</i> (Eigenmann & Mac Atee, 1907)	pacu-rosa
<i>Serrasalmus marginatus</i> (Valenciennes, 1847)	pirambeba
<i>Serrasalmus spilopleura</i> (Kner, 1860)	pirambeba
<i>Serrasalmus maculatus</i> (Kner, 1858)	piranha
<i>Piaractus mesopotamicus</i> (Holmberg, 1887)	pacu
<i>Salminus hilarii</i> (Valenciennes, 1850)	tabarana
<i>Salminus maxillosus</i> (Valenciennes, 1849)	dourado
<i>Salminus brasiliensis</i> (Cuvier, 1850)	dourado

TÁXON	NOME POPULAR
<i>Serrapinnus notomelas</i> (Eigenmann, 1915)	pequira
<i>Serrapinnus stenodon</i> (Eigenmann, 1915)	pequira
<i>Odontostilbe microcephala</i> (Eigenmann, 1907)	lambari
<i>Triportheus angulatus</i> (Spix, 1878)	sardinha-de-água doce
<i>Raphiodon vulpinus</i> (Agassiz, 1829)	facão
<b>Família Acestrorhynchidae</b>	
<i>Acestrorhynchus lacustris</i> (Reinhardt, 1874)	peixe-cachorro
<b>Família Crenuchidae</b>	
<i>Characidium zebra</i> (Eigenmann, 1909)	canivete
<i>Characidium gomesi</i> (Travassos, 1956)	canivete
<i>Characidium lauroi</i> (Travassos, 1949)	canivete
<b>Família Anostomidae</b>	
<i>Leporellus vittatus</i> (Valenciennes, 1859)	perna-de-moça
<i>Leporinus amblyrhynchus</i> (Garavello & Britski, 1987)	piava
<i>Leporinus elongatus</i> (Valenciennes, 1849)	piapara
<i>Leporinus friderici</i> (Bloch, 1794)	piáu
<i>Leporinus macrocephalus</i> (Garavello & Britski, 1988)	piáuçu
<i>Leporinus obtusidens</i> (Valenciennes, 1847)	piáu
<i>Leporinus octofasciatus</i> (Steindachner, 1817)	campineiro
<i>Leporinus paranensis</i> (Garavello & Britski, 1988)	piava
<i>Leporinus striatus</i> (Kner, 1859)	piauzinho
<i>Schizodon altoparanae</i> (Garavello & Britski, 1990)	campineiro
<i>Schizodon intermedius</i> (Garavello & Britski, 1990)	piava-quatro-pintas
<i>Schizodon borelli</i> (Boulenger, 1895)	piava
<i>Schizodon nasutus</i> (Kner, 1859)	chimboré
<b>Família Prochilodontidae</b>	
<i>Prochilodus lineatus</i> (Valenciennes, 1836)	curimba
<b>Família Curimatidae</b>	
<i>Cyphocharax modestus</i> (Fernandez-Yepez, 1948)	papa-terra
<i>Cyphocharax nagelli</i> (Steindachner, 1881)	papa-terra
<i>Steindachnerina insculpta</i> (Fernandez-Yepez, 1948)	papa-terra
<b>Família Parodontidae</b>	
<i>Apareiodon affinis</i> (Steindachner, 1879)	canivete
<i>Apareiodon ibitiensis</i> (Campos, 1944)	canivete
<i>Apareiodon piracicabae</i> (Eigenmann, 1907)	canivete
<i>Parodon nasus</i> (Kner, 1859)	canivete
<i>Parodon tortuosus</i> (Eigenmann&Norris, 1900)	canivete
<b>Família Lebiasinidae</b>	
<i>Pyrrhulina cf. australe</i> (Eigenmann & Kennedy, 1903)	charutinho
<b>Ordem Siluriformes</b>	

TÁXON	NOME POPULAR
<b>Família Doradidae</b>	
<i>Pterodoras granulosus</i> (Valenciennes, 1833)	abotoado
<i>Rhinodoras dorbgnyi</i> (Kröeyer, 1855)	armal
<i>Trachidoras paraguayensis</i> (Eigenmann & Ward, 1907)	armal
<b>Família Ageneiosidae</b>	
<i>Ageneiosus valenciennesi</i> (Bleeker, 1964)	mambure
<b>Família Aspredinidae</b>	
<i>Bunocephalus larai</i> (Ihering, 1930)	bagrinho
<b>Família Auchenipteridae</b>	
<i>Auchenipterus nuchalis</i> (Spix, 1829)	mandi
<i>Parauchenipterus galeatus</i> (Linnaeus, 1766)	cangati
<i>Tatia neivai</i> (Ihering, 1930)	cangati
<b>Família Cetopsidae</b>	
<i>Pseudocetopsis gobioides</i> (Kner, 1857)	candirú-açú
<b>Família Heptapteridae</b>	
<i>Cetopsorhamdia iheringii</i> (Schubart & Gomes, 1959)	bagrinho
<i>Phenacorhamdia tenebrosa</i> (Schubart, 1964)	mandi
<i>Heptapterus</i> sp.	bagrinho
<i>Pariolius</i> sp.	bagrinho
<i>Imparfinis schubarti</i> (Gomes, 1956)	mandizinho
<i>Imparfinnis mirini</i> (Hasemann, 1911)	bagrinho
<i>Rhamdia quelen</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	bagre
<i>Rhamdiopsis</i> sp.	bagrinho
<b>Família Pimelodidae</b>	
<i>Iheringichthys labrosus</i> (Kröyer, 1874)	mandi
<i>Cetopsorhamdia iheringi</i>	mandi
<i>Phenacorhamdia tenebrosa</i>	mandi
<i>Hypophthalmus edentatus</i> (Spix, 1829)	mapará
<i>Megalonema platanus</i> (Gunther, 1880)	mandi
<i>Pimelodus heraldoi</i> (Azpelicueta, 2001)	mandi
<i>Pimelodus maculatus</i> (Lacépède, 1803)	mandiuva
<i>Pimelodus paranaensis</i> (Britski & Langeani, 1988)	mandi
<i>Pimelodus absconditus</i> (Azpelicueta, 1955)	mandi
<i>Pimelodella avanhandavae</i> (Eigenmann, 1917)	Mandi-chorão
<i>Pseudoplatystoma corruscans</i> (Agassiz, 1829)	pintado
<i>Sorubim lima</i> (Bloch & Schneider, 1801)	sorubim
<i>Steindachneridion scripta</i> (Ribeiro, 1918)	sorubim
<i>Pinirampus pirinampu</i> (Spix, 1829)	barbado
<b>Família Pseudopimelodidae</b>	
<i>Pseudopimelodus mangurus</i> (Valenciennes, 1840)	jaú-sapo

TÁXON	NOME POPULAR
<b>Família Trichomycteridae</b>	
<i>Ituglanis</i> sp.	candirú
<i>Eremophilus</i> sp.	candirú
<i>Trichomycterus</i> sp.1	candirú
<i>Trichomycterus</i> sp.2	candirú
<i>Trichomycterus</i> sp.3	candirú
<i>Trichomycterus diabolus</i> (Bockmann, Casatti & de Pinna, 2004)	candirú
<b>Família Callichthyidae</b>	
<i>Callichthys callichthys</i> (Linnaeus, 1758)	caborja
<i>Corydoras aeneus</i> (Gill, 1858)	casquinho
<i>Corydoras ehrhardti</i> (Steindachner, 1910)	casquinho
<i>Corydoras paleatus</i> (Jenyns, 1842)	casquinho
<i>Hoplosternum littorale</i> (Hancock, 1828)	caborja
<b>Família Loricariidae</b>	
<i>Hypostomus albopunctatus</i> (Regan, 1908)	casco
<i>Hypostomus ancistroides</i> (Ihering, 1911)	casco
<i>Hypostomus strigaticipes</i> (Regan, 1908)	casco
<i>Hypostomus regani</i> (Ihering, 1905)	casco
<i>Hypostomus nigromaculatus</i> (Schubart, 1964)	casco
<i>Hypostomus margaritifer</i> (Regan, 1908)	casco
<i>Hypostomus iheringii</i> (Regan, 1908)	casco
<i>Rinelaps aspera</i> (Agassiz, 1829)	casco-abacaxi
<i>Hypostomus</i> sp.1	casco
<i>Hypostomus</i> sp.2	casco
<i>Hypostomus</i> sp.3	casco
<i>Liposarcus anisitsi</i> (Eigenmann & Kennedy, 1903)	casco
<i>Loricaria prolata</i> (Isbrucker & Nijssen, 1978)	casco-chinelo
<i>Loricaria similima</i> (Regan, 1904)	casco-chinelo
<i>Loricaria lentiginosa</i> (Isbrucker, 1979)	casco-chinelo
<i>Loricarichthys platymetopon</i> (Isbrucker & Nijssen, 1979)	casco-chinelo
<i>Rineloricaria latirostris</i>	casco-chinelo
<i>Rineloricaria pentamaculata</i> (Langeani & Araujo, 1994)	casco_chinelo
<i>Ancistrus cirrhosus</i> (Valenciennes, 1836)	casco-roseta
<i>Megalancistrus parananus</i> (Peters, 1881)	casco-abacaxi
<i>Hisonotus depressinotus</i> (Miranda Ribeiro, 1918)	casquinho
<i>Neoplecostomus paranensis</i> (Langeani, 1990)	casco
<i>Neoplecostomus</i> sp.	casco
<b>Ordem Gymnotiformes</b>	
<b>Família Gymnotidae</b>	
<i>Gymnotus carapo</i> (Linnaeus, 1758)	tuvira

TÁXON	NOME POPULAR
<i>Gymnotus sylvius</i> (Albert & Fernandes-Matioli, 1999)	tuvira
<i>Gymnotus inaequilabiatus</i> (Valenciennes, 1847)	tuvira
Família Sternopygidae	
<i>Eigenmannia virescens</i> (Valenciennes, 1847)	tuvira
<i>Eigenmannia trilineata</i> (López & Castello, 1966)	tuvira
<i>Sternopygus macrurus</i> (Bloch & Schneider, 1801)	tuvira
Família Apterodontidae	
<i>Apterodontus albifrons</i> (Linnaeus, 1766)	ituí
<i>Porotergus ellisi</i> (Alonso & Arambu, 1957)	Tuvira-preta
<i>Sternacorhynchus britskii</i> (Campos-da-Paz, 2000)	Ituí-cavalo
<i>Rhamphichthys cf. rostratus</i> (Linnaeus, 1754)	tuvira-tamanduá
Ordem Perciformes	
Família Cichlidae	
<i>Astronotus ocellatus</i> (Agassiz, 1831)	apaiari
<i>Cichla monoculus</i> (Spix & Agassiz, 1831)	tucunaré
<i>Crenicichla niederleini</i> (Holmberg, 1891)	joaninha
<i>Crenicichla britskii</i> (Kullander, 1982)	joaninha
<i>Geophagus brasiliensis</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	cará
<i>Satanoperca pappaterra</i> (Heckel, 1840)	cará
<i>Australoheros facetus</i> (Jenyns, 1842)	acará-vovó
<i>Cichlasoma paranense</i> (Kullander, 1983)	acará
<i>Oreochromis niloticus</i> (Linnaeus, 1758)	Tilápia-do-nilo
<i>Tilapia rendalli</i> (Boulenger, 1897)	tilápia
<i>Plagioscion squamosissimus</i> (Heckel, 1840)	corvina
Ordem Cyprinodontiformes	
Família Poeciliidae	
<i>Poecilia reticulata</i> (Peters, 1860)	lebeste
<i>Phallocheros caudimaculatus</i> (Hensel, 1868)	guarú
Ordem Synbranchiformes	
Família Synbranchidae	
<i>Synbranchus marmoratus</i> (Bloch, 1795)	mussum
Ordem Pleuronectiformes	
Família Achiridae	
<i>Catathyridium jenynsii</i> (Gunther, 1862)	linguado

4.3.5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.3.5.1 Campanha de Setembro de 2025

Durante a campanha realizada em setembro de 2025, através da utilização de tarrafa, houve o registro de 01 exemplar de *Geophagus iporangensis*, já com o auxílio das redes de espera foram registrados 109 exemplares distribuídos em 10 espécies, a espécies com maior número de capturas foi *Hypostomus ancistroides*, com 39 exemplares registrados. Para a biomassa, na campanha de setembro de 2025 houve o registro de um total de 4.218g, sendo a espécie *Hypostomus ancistroides* responsável pela maior biomassa registrada, com 1817g. Tais dados são apresentados nas tabelas abaixo:

Tabela 32 - Número de exemplares registrados por espécie durante a campanha.

Nome Popular	Nome Popular	Número de Exemplares Capturados					Total	Frequência de Ocorrência (%)
		P1	P2	P3	P4	Controle		
<i>Hypostomus ancistroides</i>	Cascudo	4	23	7	4	1	39	35,78%
<i>Liposarcus anisiti</i>	Cascudo	1	17	5		3	26	23,85%
<i>Astyanax altiparanae</i>	Lambari		4	9	4		17	15,60%
<i>Geophagus iporangensis</i>	Cará	5	3	2	1		11	10,09%
<i>Rhamdia quelen</i>	Jundiá	1	1	1		3	6	5,50%
<i>Rineloricaria pentamaculata</i>	Viola		1	4			5	4,59%
<i>Rineloricaria sp.</i>	Viola		2				2	1,83%
<i>Oreochromis niloticus</i>	Tilápia	1					1	0,92%
<i>Hoplias malabaricus</i>	Traíra	1					1	0,92%
<i>Astyanax scabripinnis</i>	Lambari		1				1	0,92%
TOTAL		13	52	28	9	7	109	100%

Tabela 33 - Biomassa (g) registrada por espécie durante a campanha.

Espécie	Nome Popular	Número de Exemplares Capturados					Total	Frequência de Ocorrência (%)
		P1	P2	P3	P4	Controle		
<i>Hypostomus ancistroides</i>	Tilápia	479	1020	204	100	14	1817	43,08%
<i>Geophagus iporangensis</i>	Cará	494	139	204	60		897	21,27%
<i>Rhamdia quelen</i>	Jundiá	315	39	39		103	496	11,76%
<i>Liposarcus anisiti</i>	Cascudo	20	332	76		42	470	11,14%
<i>Astyanax altiparanae</i>	Lambari		58	164	48		270	6,40%
<i>Hoplias malabaricus</i>	Traíra	102					102	2,42%
<i>Oreochromis niloticus</i>	Tilápia	79					79	1,87%
<i>Rineloricaria pentamaculata</i>	Viola		7	45			52	1,23%
<i>Rineloricaria sp.</i>	Viola		21				21	0,50%
<i>Astyanax scabripinnis</i>	Lambari		14				14	0,33%
TOTAL		1489	1630	732	208	159	4218	100%

Considerando o número de exemplares registrados por ponto amostral, durante a décima terceira campanha realizada, o P-02 apresentou o maior número de exemplares capturados, com 52 capturas, seguido do P-03 com 28 exemplares, P-01 com 13 exemplares, P-04 com 09 exemplar capturado, já no Controle houve o registro de apenas 07 exemplares.

Considerando a biomassa registrada por ponto amostral, durante a décima terceira campanha, o P-02 apresentou o maior registro da biomassa, com 1630g, seguido do P-01, com 1489g, P-03 com 732g, P-04 com 208g, já no Controle houve registro de 159g.

Os dados referentes ao número de exemplares capturados e a biomassa registrada por espécie e por ponto amostral estão expressos nos gráficos abaixo:

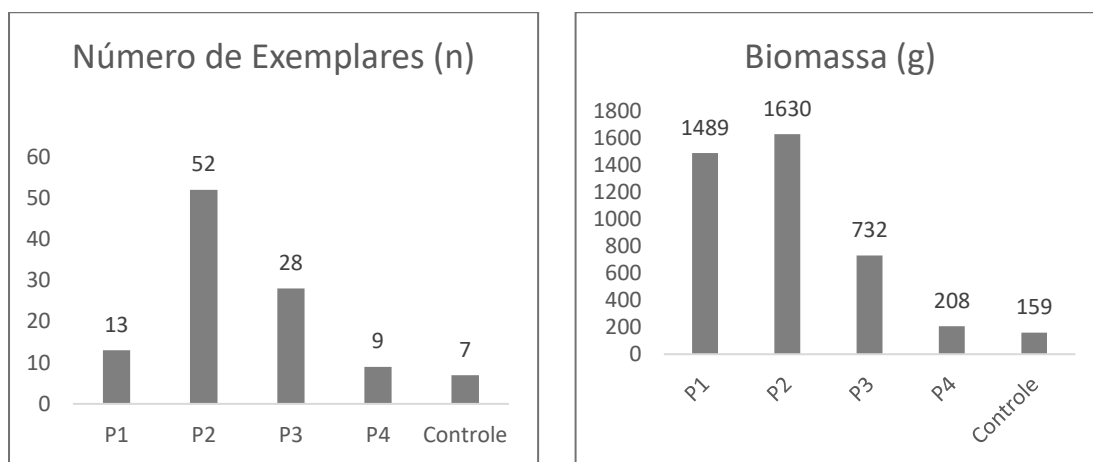


Gráfico 14 - Número de exemplares capturados e biomassa registrada.

#### 4.3.5.2 Distribuição Espacial

Em relação aos pontos amostrais, no quesito riqueza, durante a décima segunda campanha o ponto P-02 apresentou maior riqueza, quanto a abundância o P-04 apresentou maior abundância. Isto pode estar diretamente relacionado com o ambiente semi lótico, que pode atribuir uma melhor fonte de recursos e habitats para espécies locais.

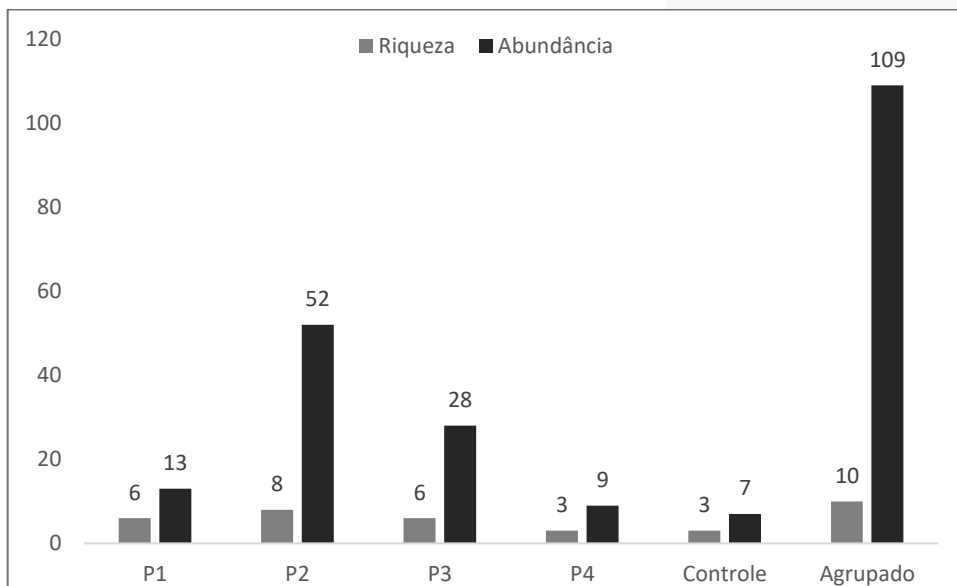


Gráfico 15 - Riqueza e abundância registrada por ponto amostral.

#### 4.3.5.3 Índices de Diversidade

##### 4.3.5.3.1 Diversidade de Shannon (H')

Considerando os cinco pontos amostrais agrupados, ou seja, a área de influência da CGH Teles de Proença, através do índice de Shannon – Wiener foi encontrada para a presente campanha uma diversidade de Shannon – Wiener de  $H' = 2,0$ .

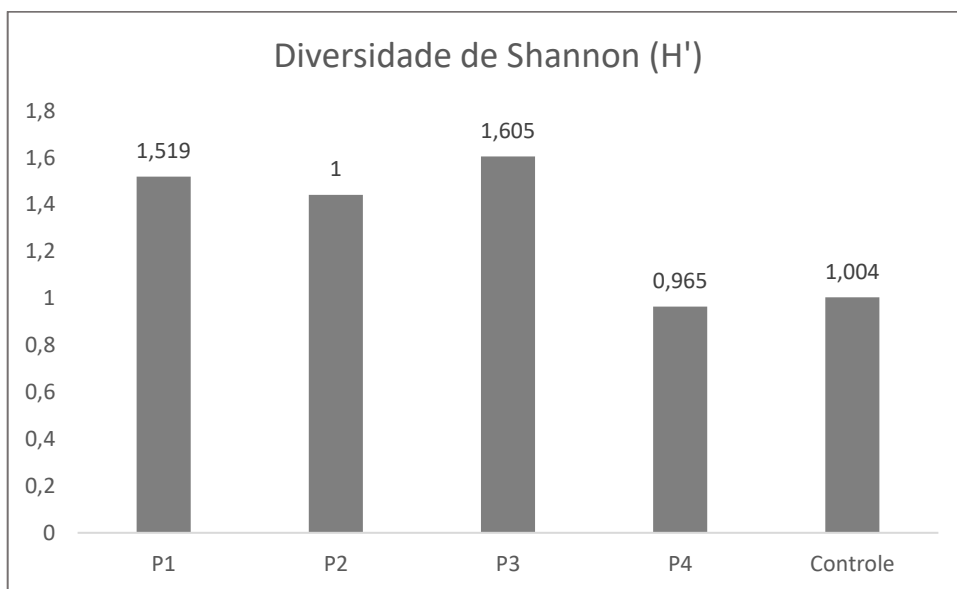


Gráfico 16 - Diversidade de Shannon registrada por ponto amostral.

Conforme apresentado no gráfico acima, uma baixa Diversidade de Shannon ( $H'$ ) foi registrada na maioria dos pontos amostrais, o que está ligado a baixa riqueza registrada durante a presente campanha. Como escala, uma diversidade de Shannon ( $H'$ ) menor que 1,5 é considerada baixa, entre 1,5 e 3,5 é considerada regular, uma diversidade acima de 3,5 é considerada alta.

#### 4.3.5.3.2 Equabilidade de Pielou ( $J'$ )

Considerando os quatro pontos amostrais agrupados, ou seja, a área de influência da CGH Teles de Proença, através do índice de Pielou (1975,1977), podemos observar que para a área de estudo temos uma equabilidade média de  $E=0,7532$ .

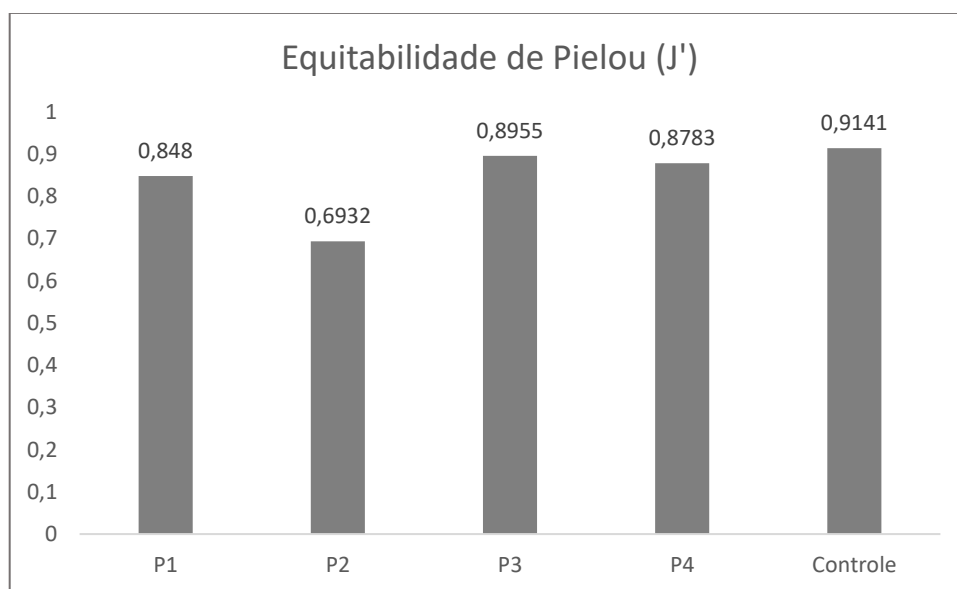


Gráfico 17 - Equabilidade de Pielou.

A Equabilidade de Pielou ( $E$ ) registrada nos pontos onde foi superior a 0,75, indicando uma elevada equabilidade, o que mostra uma uniformidade na distribuição das espécies, não apresentando dominância de uma ou mais espécies.

#### 4.3.5.3.3 Similaridade entre os Pontos Amostrais

A análise da similaridade entre os pontos amostrais, através do índice de Jaccard, que considera apenas a presença e ausência de espécies, mostrou uma maior similaridade entre os pontos P-02 e P-03 (coeficiente de correlação 0,75) uma menor

similaridade entre o ponto P-04 e os demais (coeficiente de correlação 0,30), conforme pode ser observado no gráfico a seguir.

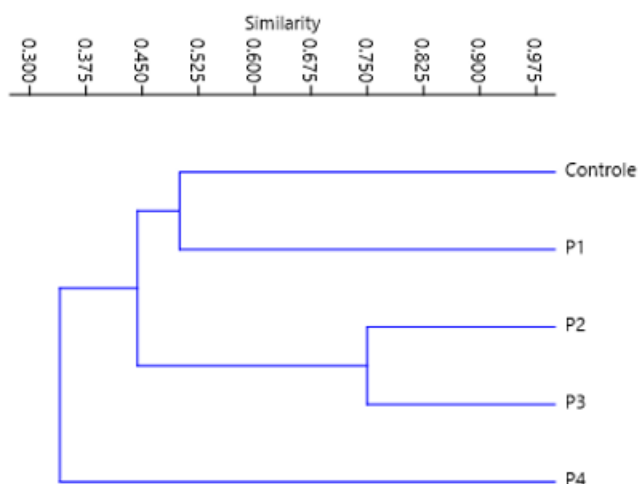


Gráfico 18 - Similaridade de Jaccard Registrado entre os pontos amostrais.

#### 4.3.5.4 Resultados Agrupados

Até o momento foram realizadas 13 campanhas de monitoramento da ictiofauna com a captura de 625 exemplares distribuídos em 15 espécies, a espécie com maior número de exemplares registrados foi *Hypostomus ancistroides*, com 268 registros. Para a biomassa, houve a captura de 22.935g, a espécie com maior participação na biomassa registrada foi *Hypostomus ancistroides*, com 9.931g (Tabela 29).

As espécies registradas no presente estudo equivalem a 12,71% das espécies citadas nos dados secundários, que compreendem um total de 118 espécies de possível ocorrência para a região do empreendimento.

Tabela 34 - Resultados obtidos durante as campanhas de monitoramento da Ictiofauna na CGH Teles de Proença.

ORDEM/Família/Espécie	Nome popular	Status de Conservação			Endêmica Bacia Pirapó	Guildd Trófica	Interesse Comercial	Número	Biomassa	Campanha													Local de captura	FO% por Estudo
		IUCN	BR	PR						1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	13ª		
CHARACIFORMES																								
Characidae																								
<i>Astyanax altiparanae</i>	Lambari-tambuí	LC	-	LC	-	oni	X	41	675	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X	X	P1, P2, P3, P4, Controle	92%
<i>Astyanax scabripinnis</i>	Lambari	LC	-	LC	-	oni	-	8	165	-	X	-	-	-	-	X	-	X	-	-	-	X	P1, P2, P3, Controle	31%
<i>Bryconamericus iheringii</i>	Lambari	LC	-	LC	-	oni	-	1	14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-		P3	8%
Erythrinidae																								
<i>Hoplias malabaricus</i>	Traíra	LC	-	LC	-	pis	X	4	313	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	P1, P3, P4	23%
CICHLIFORMES																								
Cichlidae																								
<i>Geophagus iporangensis</i>	Cará	LC	-	LC	-	ben	-	19	1507	-	-	-	X	-	X	-	X	X	-	X	X	X	P1, P2, P3, P4	54%
<i>Oreochromis niloticus</i>	Tilápia	-	-	-	-	oni	X	2	92	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	X	P1, P4	15%
SILURIFORMES																								
Loricariidae																								
<i>Hisonotus</i> sp.	Cascudo	-	-	-	-	ili	-	1	1	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-		P3	8%
<i>Hypostomus ancistroides</i>	Cascudo-de-lagoa	LC	-	LC	-	ili	-	268	9931	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	P1,P2,P3,P4, Controle	100%
<i>Hypostomus</i> sp.	Cascudo	-	-	-	-	ili	-	14	709	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-		P1,P2,P3,P4, Controle	23%
<i>Liposarcus anisitsi</i>	Cascudo	-	-	-	-	ili	-	194	7136	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	P1, P2, P3, P4, Controle	92%
<i>Ancistrus</i> sp.	Cascudo	-	-	-	-	ili	-	1	8		-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-		P4	8%
<i>Rineloricaria</i> sp.	Cascudo-viola	-	-	-	-	ili	-	16	174	-	-	X	-	-	X	X	X	X	-	-	X	X	P2, P3, P4, Controle	54%

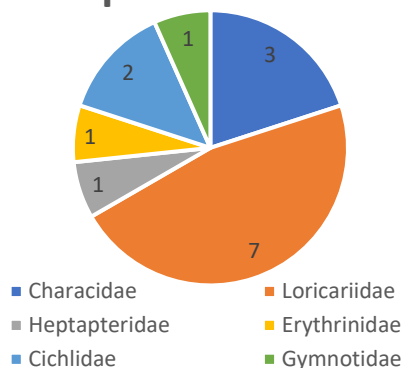
<i>Rineloricaria pentamaculata</i>	Cascudo-viola	LC	-	LC	-	ili	-	37	447	X	X	X	X	X	X	X	-	-	X	X	X	X	P1, P2,P3, P4, Controle	85%
Gymnotidae																								
<i>Gymnotus</i> sp.	Tuvira	-	-	-	-	car	-	1	32		-	-	-	-	-	-	-	-	X	-			Controle	8%
Heptapteridae																								
<i>Rhamdia quelen</i>	Jundiá	-	-	-	-	oni	X	18	1731	-	X	-	-	X	X	-	X	X	-	X	X	X	P1, P2, P3, P4, Controle	62%
Total	13	6	0	6	0		4	625	22935	4	7	8	5	5	7	6	5	7	6	9	6			

**Legenda:** LC – Pouco Preocupante. Ili – Iliófaga, oni – Onívora; bem - bentófaga; Fo – Frequência de Ocorrência; C – controle.

#### 4.3.5.5 Classificação Taxonômica

De acordo com os dados obtidos nas campanhas amostrais de monitoramento da ictiofauna realizada no rio das Antas, nas áreas de influência da CGH Teles de Proença foram registrados 625 indivíduos amostrados, distribuídos em 15 espécies, 06 famílias e 04 ordens, conforme gráficos abaixo.

#### Espécies Registradas por Família



#### Espécies Registradas por Ordem

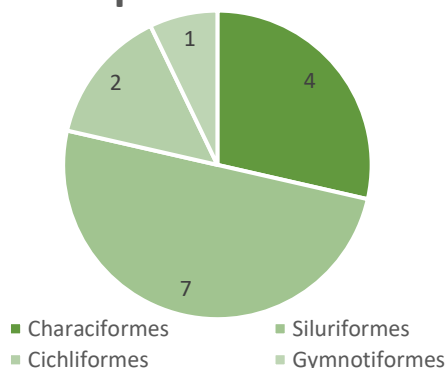


Gráfico 19 - Número de espécies registradas por família e ordem taxonômica.

A ordem mais representativa foi a dos Siluriformes, com 07 espécies registradas, enquanto a ordem dos Characiformes foi representada por 04 espécies e a ordem dos Cichliformes representada por 02 espécies, já a ordem dos Gymnotiformes foi representada por apenas 01 espécie. Segundo Lowe-McConnell (1987), as ordens Characiformes, Siluriformes compõe a maioria das espécies componentes da ictiofauna neotropical sendo estas as ordens que mais contribuíram no presente estudo.

A família mais representativa, foi a Loricariidae, com 07 espécies registradas, seguida dos Characidae, representada por apenas 03 espécies, Cichlidae com 02 espécies, já Erythrinidae Gymnotidae e Heptapteridae foram representados por uma espécie cada.

#### 4.3.5.6 Resultados Através de Metodologias Qualitativas

Durante as campanhas de monitoramento da ictiofauna foram utilizadas redes de espera e tarrafa, a rede de espera se mostrou o método mais efetivo, com o

registro de 13 espécies, já a tarrafa foi responsável pelo registro de 09 espécies, tais dados estão expressos na tabela a seguir:

Tabela 35 - Metodologias utilizadas para o registro de cada espécie.

Espécie	Nome Popular	Métodos de Registro	
		Rede de Espera	Tarrafa
<i>Hypostomus ancistroides</i>	Cascudo-de-lagoa	X	X
<i>Bryconamericus iheringii</i>	Lambari	X	X
<i>Hypostomus sp.</i>	Cascudo	X	X
<i>Rineloricaria pentamaculata</i>	Cascudo-viola	X	X
<i>Astyanax altiparanae</i>	Lambari-tambiú	X	X
<i>Astyanax scabripinnis</i>	Lambari	X	
<i>Ancistrus sp.</i>	Cascudo	X	
<i>Gymnotus sp.</i>	Tuvira	X	
<i>Liposarcus anisitsi</i>	Cascudo	X	X
<i>Hoplias malabaricus</i>	Traíra	X	
<i>Hisonotus sp.</i>	Cascudo		X
<i>Rineloricaria sp.</i>	Cascudo-viola		X
<i>Geophagus iporangensis</i>	Cará	X	X
<i>Rhamdia quelen</i>	Jundiá	X	
<i>Oreochromis niloticus</i>	Tilápia	X	
Total		13	9

#### 4.3.5.7 Espécies Migradoras

Das espécies registradas neste estudo, segundo o livro Peixes do rio Paranapanema (2008), nenhuma espécie realiza migração reprodutiva. As espécies que realizam migração (reofílicas) são as mais afetadas pela criação de barramentos, que dificultam ou inviabilizam os movimentos ascendentes e descendentes necessários para a reprodução das mesmas, diminuindo os estoques pesqueiros destas espécies e causando o isolamento de populações que antes encontravam-se em contato (Souza, 2000).

#### 4.3.5.8 Espécies Endêmicas

Das espécies registradas, nenhuma é considerada endêmica para a região do rio das Antas segundo segundo o livro Peixes do rio Paranapanema (2008) (Tabela 34).

#### 4.3.5.9 Status de Conservação

Das espécies registradas, nenhuma encontra-se sob algum grau de ameaça segundo a portaria do MMA nº 148 (2022) e segundo o decreto 6040/2024 do governo do estado do Paraná, bem como a IUCN Redlist.

#### 4.3.5.10 Espécies com Importância Comercial

A utilização de animais da fauna silvestre para alimentação tem importância fundamental na manutenção de comunidades tradicionais de diferentes áreas, principalmente as que vivem em locais isolados. A atividade de piscicultura, por exemplo, pode significar geração de lazer, valor econômico agregado e ser uma medida de preservação da natureza (Garutti, 2003).

Das espécies registradas, segundo Junior *et al.* (2011), quatro apresentam importância comercial, seja para a pesca profissional ou para a piscicultura, sendo elas: *Hoplias malabaricus*, *Astyanax lacustris*, *Oreochromis niloticus* e *Rhamdia quelen*, conforme visto na Tabela 34.

#### 4.3.5.11 Espécies Exóticas

A introdução de espécies exóticas nos ambientes é um dos piores problemas ecológicos atuais. Uma vez que essas espécies podem dominar o ambiente e causar danos às espécies nativas e ao próprio funcionamento dos ecossistemas, em muitos casos levando até a extinção (Pivello, 2011).

Durante as campanhas de monitoramento da ictiofauna, houve o registro da espécie *Oreochromis niloticus*, invasora categoria II segundo a Portaria IAP nº 59, de 15 de abril de 2015.

#### 4.3.5.12 Classificação Trófica

Com relação à distribuição das espécies em suas respectivas guildas tróficas, pode-se dizer que em todos os ambientes as espécies variaram no que tange a questão de sua posição na cadeia trófica. Foram registradas 07 espécies iliófagas e 05 espécies

onívoras, 01 espécie piscívora, 01 espécie carnívora e 01 espécie bentófaga, conforme pode ser observado no gráfico abaixo:

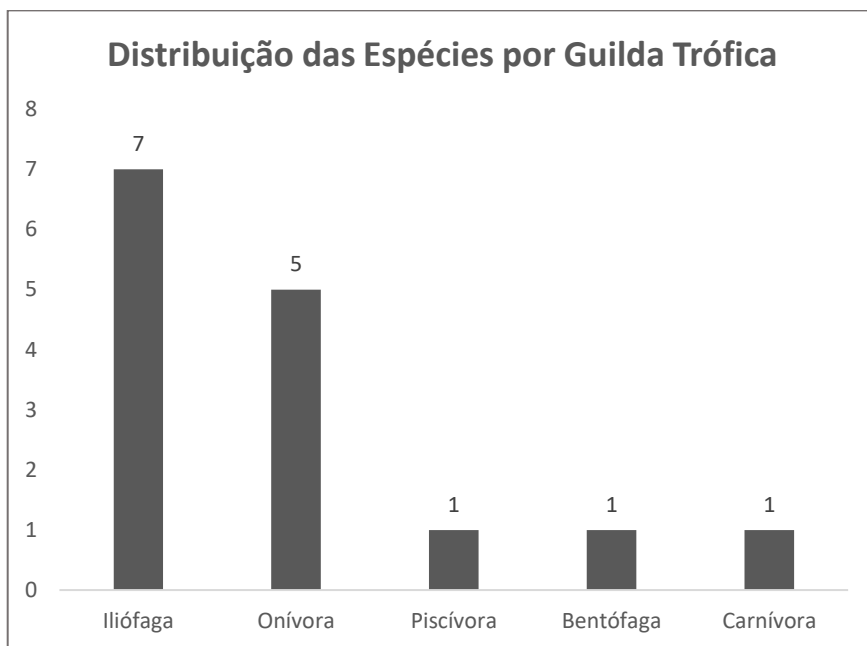


Gráfico 20 - Distribuição das espécies por guilda trófica.

#### 4.3.5.13 Índices Ecológicos

A utilização e aplicação de índices ecológicos em estudos de monitoramento ictiofaunístico são uma importante ferramenta de trabalho, uma vez que possibilitam comparações entre situações atuais e futuras, criando ferramentas para verificar o status de conservação das espécies que habitam a região.

#### 4.3.5.14 Abundância

A espécie com maior número de exemplares registrados foi *Hypostomus ancistroides*, com 268 exemplares capturados, seguido de *Liposarcus anisitsi*, com 194 exemplares capturados. Já as espécies que menos contribuíram com o número de exemplares registrados foram *Ancistrus* sp., *Gymnotus* sp., *Hisonotus* sp. *Bryconamericus iheringii* e *Oreochromis niloticos* com 01 exemplar registrado em cada espécie.

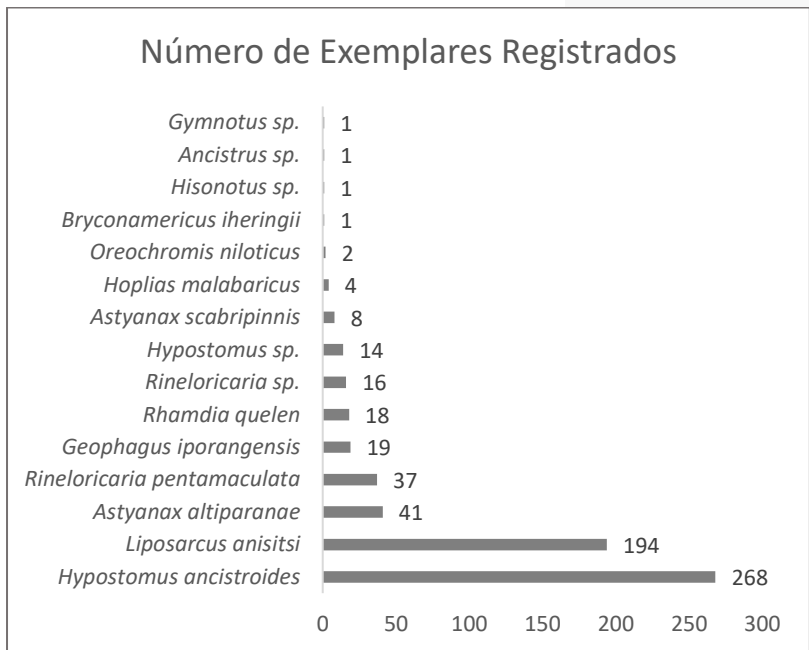


Gráfico 21 - Número de exemplares registrados durante as campanhas.

#### 4.3.5.15 Biomassa

Para a biomassa, as espécies que mais contribuíram foram *Hypostomus ancistroides*, com 9931g seguida de *Liposarcus anisitsi*, com 7136g. Já a espécie que menos contribuiu para a soma da biomassa foi *Hisonotus sp.* com 1g.

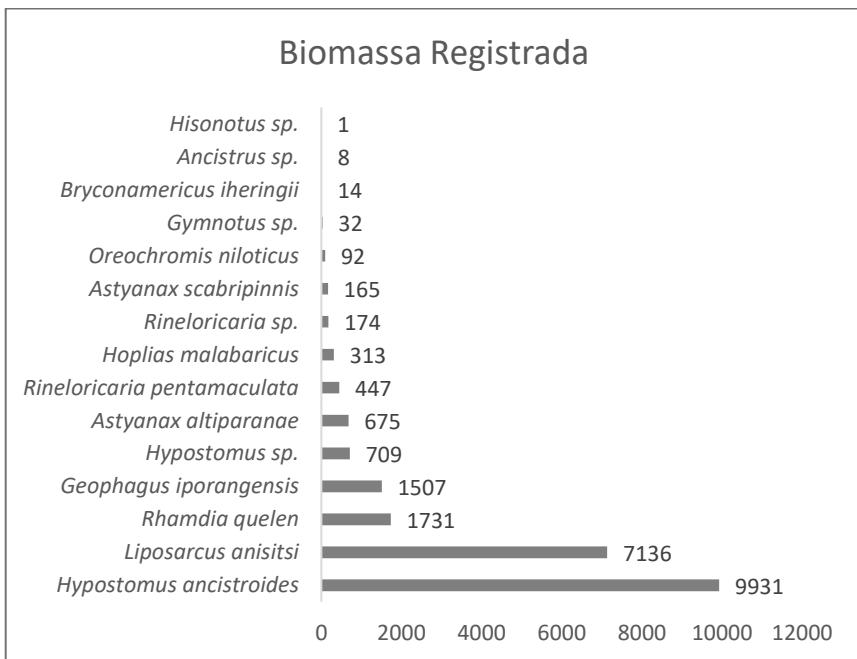


Gráfico 22 - Biomassa registrada durante as campanhas.

#### 4.3.5.16 Curva do Coletor

Durante a primeira campanha de amostragem da ictiofauna foram registradas 04 espécies, sendo elas *Astyanax altiparanae*, *Hypostomus ancistroides*, *Hypostomus* sp.1 e *Rineloricaria pentamaculata*.

Com a realização da segunda campanha, foram registradas 03 novas espécies para a região do empreendimento, sendo elas *Liposarcus anisitsi*, *Astyanax scabripinnis* e *Rhamdia quelen*, elevando assim a curva do coletor para 07 espécies.

Com a realização da terceira campanha, foram registradas 03 novas espécies para a região do empreendimento, sendo elas *Hoplias malabaricus*, *Hisonotus* sp. e *Rineloricaria* sp., elevando assim a curva do coletor para 10 espécies registradas até o momento.

Com a realização da quarta campanha, foi registrada 01 nova espécie para a região do empreendimento, sendo ela *Geophagus iporangensis*, elevando assim a curva do coletor para 11 espécies.

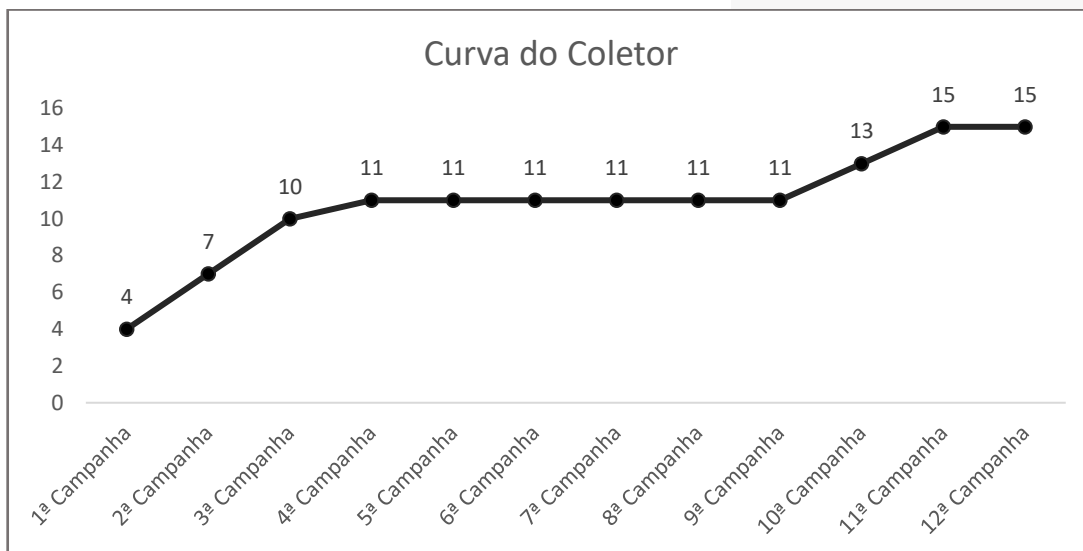
Com a realização da quinta, sexta, sétima, oitava e nona campanhas, não houve o acréscimo de novas espécies para a região do empreendimento.

Com a realização da décima campanha, houve o registro de 02 espécies novas para a região do empreendimento, sendo elas *Bryconamericus iheringii* e *Oreochromis niloticus*, elevando assim a curva do coletor para 13 espécies registradas.

Com a realização da décima primeira campanha, houve o registro de 02 espécies novas para a região do empreendimento, sendo elas *Ancistrus* sp. e *Gymnotus* sp., elevando assim a curva do coletor para 15 espécies registradas.

Com a realização da décima segunda campanha, não foram registradas novas espécies para a região do empreendimento, mantendo assim a curva do coletor estabilizada em 15 espécies registradas.

Com a realização da décima terceira campanha, não foram registradas novas espécies para a região do empreendimento, mantendo assim a curva do coletor estabilizada em 15 espécies registradas. Com a realização de novas campanhas de amostragem, possivelmente novas espécies serão registradas.



**Gráfico 23 - Curva do coletor para a ictiofauna.**

#### 4.3.5.17 Constância de Ocorrência

As espécies que obtiveram valor de  $C > 50\%$  são consideradas constantes, as com  $C$  entre 25% e 50% consideradas como acessórias e, aquelas com valor de  $C < 25\%$ , consideradas acidentais. 04 foram consideradas constantes, dessas, 01 teve 100% de frequência de captura, 05 espécies foram consideradas acessórias e 06 espécies foram consideradas acidentais para a área do empreendimento, tais fatos deverão ser confirmados com a realização de novas campanhas de amostragem.

#### 4.3.5.18 Cálculo de Captura por Unidade de Esforço (CPUE)

Para a área de estudo, foi calculada ainda a Captura por Unidade de Esforço – CPUE em termos de número de exemplares e biomassa, registrados somente através de redes de espera. Considerando os 05 pontos amostrais, o total de malha de redes de espera expostas na amostragem foi de 2.450 m<sup>2</sup>.

A CPUE para o número de exemplares capturados foi de 0,0018 capturas por m<sup>3</sup> de redes a cada hora. Já o número de exemplares capturados por hora, durante o estudo, foi de 4,54 exemplares capturados por hora.

A CPUE para a biomassa capturada foi de 0,0717 gramas por m<sup>3</sup> de redes a cada hora. Já a biomassa capturada por hora durante o estudo foi de 175,75 gramas por hora.

#### 4.3.5.19 Avaliação dos Impactos Provocados pela Construção do Empreendimento

Para a fase de implantação da CGH Teles de Proença, dois impactos à ictiofauna são esperados, conforme descritos a seguir.

##### 4.3.5.19.1 Aumento da Pesca

Com a construção do empreendimento, haverá melhoria das estradas de acesso, facilitando a chegada dos pescadores ao rio, além do aumento da circulação de pessoas também ocasionado pela construção do empreendimento. Como medidas mitigadoras para este impacto, propõem-se:

- Ações de educação ambiental junto aos moradores do entorno do empreendimento e aos colaboradores que atuarão no canteiro de obras, visando desencorajá-los com relação à utilização de apetrechos de pesca proibidos (redes, tarrafas, espinhéis etc.) e orientá-los com relação ao período de reprodução dos peixes (piracema) por meio de palestras e visitas às propriedades rurais.

##### 4.3.5.19.2 Aprisionamento da Ictiofauna nas Ensecadeiras de Desvio de Rio

Durante a construção da soleira de regularização e da casa de força, é necessário o desvio do rio através de ensecadeiras, nesse momento, exemplares da ictiofauna podem ficar aprisionados na área a ser ensecada, causando a mortandade dos mesmos. Como medidas mitigadoras para este impacto, propõem-se:

- Ações de manejo da ictiofauna, incluindo o acompanhamento do processo de desvio do rio e formação de ensecadeiras, deverá ser realizada por biólogo(s) e demais técnicos e auxiliares de campo, os quais serão responsáveis por realizar o resgate e salvamento da ictiofauna que porventura fique aprisionada dentro da ensecadeira ou em poças ao longo do leito do rio das Antas, neste trecho, sendo que tais ações farão parte do escopo do Programa de Monitoramento e Manejo da Ictiofauna.

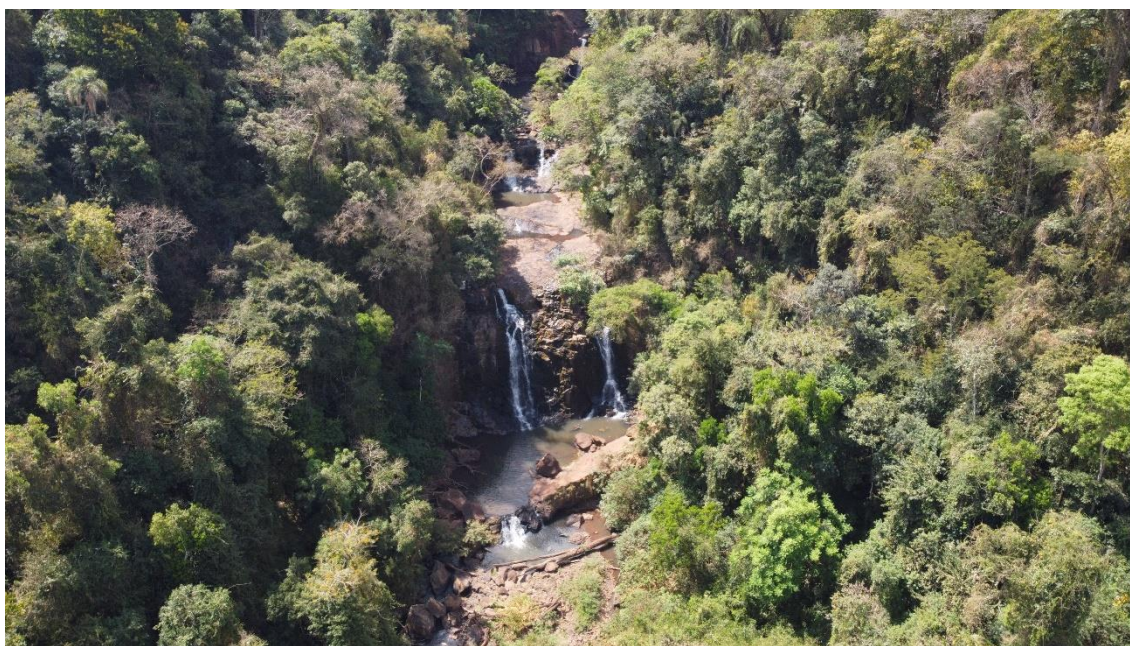
Para a fase de operação da CGH Teles de Proença estão os seguintes impactos diretos relacionados à ictiofauna:

#### 4.3.5.19.3 Formação de Trecho de Vazão Reduzida e Fragmentação do Canal Fluvial

Com a entrada em operação da CGH Teles de Proença formar-se-á um trecho de vazão reduzida (TVR) na calha do rio das Antas, entre a base do barramento e a saída d'água do canal de fuga do empreendimento. É um impacto negativo e de significativa importância, porém restrito à área de influência do empreendimento. Com relação à fragmentação do canal fluvial, entende-se que esta poderá segregar populações da biota aquática e interferir no livre trânsito de espécimes ao longo do canal fluvial, porém, cabe ressaltar que existem no trecho de vazão reduzida, cachoeiras, que atuam como barreiras naturais à dispersão de exemplares da ictiofauna. Como medidas mitigadoras para este impacto, propõem-se:

- Manter em 100% do tempo a vazão sanitária aprovada pelo órgão ambiental;

Não se fazem necessários mecanismos de transposição de peixes, uma vez que não foram registradas espécies migradoras de grande amplitude e por já existirem barreiras naturais que impedem a migração. Abaixo é apresentada um registro fotográfico da cachoeira nas proximidades da casa de força.





**Figura 17 - Cachoeira presente na região da Casa de Força do empreendimento.**

#### 4.3.5.19.4 Alteração na Dinâmica e na Composição da Ictiofauna

Como não haverá a construção de barramento, sendo implantada apenas soleira de captação, não haverá aumento significativo da profundidade nesse trecho do rio, uma vez que o rio será mantido em sua calha. A implantação da soleira de captação ocasionará redução da velocidade das águas, passando de um ambiente de água corrente para um ambiente semi-lêntico. Como consequências poderão ocorrer algumas modificações na circulação, vazão, fluxo de água, transporte e acumulação do sedimento, acompanhada de variações físico-químicas da água.

Alterações na estrutura das comunidades biológicas a jusante da tomada d'água (no trecho de vazão reduzida), por onde escoará na maior parte do tempo apenas a vazão sanitária, liberada na base da barragem e os acréscimos de pequenos afluentes contribuintes. Com a redução do fluxo no TVR, uma menor disponibilidade de habitats ocorre, associado a uma maior pressão de predação, e maior competição intra e interespecífica por habitats e alimento, podendo ainda haver uma maior concentração

de poluentes nas águas, todos estes fatores impactam as comunidades aquáticas locais.

Como medidas mitigadoras para estes impactos, propõem-se:

- Manter em 100% do tempo a vazão sanitária aprovada pelo órgão ambiental;
- Executar o Programa de Monitoramento da Qualidade das Águas Superficiais, o qual será responsável por verificar se as condições físico-químicas e microbiológicas das águas do rio das Antas, na área do empreendimento, encontram-se adequadas à manutenção das comunidades aquáticas localmente estabelecidas;
- Executar o programa de Monitoramento da Ictiofauna, o qual será responsável por avaliar eventuais alterações na composição e dinâmica das populações das diferentes espécies de peixes que habitam as águas do rio das Antas, na área do empreendimento, bem como verificar a estabilização das populações após submetidas às novas condições ambientais criadas depois do início da operação do empreendimento. Caso, a qualquer tempo, se verifique a necessidade de ações de manejo de populações, estas poderão ser empregadas após a devida justificativa técnica e aceite por parte do IAT, sempre voltadas para fins conservacionistas.

#### 4.3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos dados apresentados durante o presente relatório de monitoramento da ictiofauna, pode-se afirmar que a região do empreendimento apresenta, até o momento, baixa riqueza de espécies, sendo registradas apenas 15 espécies, porém, após o rebaixamento do leito do rio para construção das estruturas, houve um acréscimo de número de exemplares e espécies registradas nas campanhas, sugerindo um impacto positivo para a ictiofauna local.

Das espécies registradas, nenhuma é listada como ameaçada de extinção para o estado do Paraná e Ministério do Meio Ambiente e IUCN.

Não foram registradas espécies endêmicas para a região do empreendimento, houve o registro de dois exemplares de *Oreochromis niloticus*, considerada exótica invasora para a região do empreendimento, esses fatos deverão ser verificados durante as campanhas próximas campanhas de monitoramento da ictiofauna.

Não foram registradas espécies reofílicas, o que juntamente com as barreiras naturais da região indicam que tais espécies não ocorram nesse trecho do rio das Antas.

#### 4.3.7 REGISTROS FOTOGRÁFICOS



Figura 18 – Exemplar de *Geophagus iporangensis*.



Figura 19 - Exemplar de *Rineloricaria pentamaculata*.



Figura 20 - Exemplar de *Liposarcus anisiti*.



Figura 21 - Exemplar de *Hypostomus ancistroides*.



Figura 22 - Exemplar de *Rhamdia quelen*



Figura 23 - Exemplar de *Astyanax altiparanae*.



Figura 24 - Exemplar de *Hoplias malabaricus*



Figura 25 - Exemplar de *Oreochromis niloticus*.



Figura 26 - Exemplar de *Astyanax scabrinis*.



Figura 27 - Exemplar de *Rineloricaria* sp.

## 4.4 AVIFAUNA

### 4.4.1 INTRODUÇÃO

Segundo Pacheco *et al.* (2021), o Brasil possui 1.971 espécies de aves, representando cerca de 19% das espécies ocorrentes no mundo, o que coloca o Brasil dentre os três países detentores da maior diversidade de aves do mundo. Ainda, a Floresta Atlântica é um dos biomas com maior número de endemismo do planeta, sendo conhecidas cerca de 690 espécies de aves, das quais aproximadamente 200 são endêmicas e cerca de 150 encontram-se sob alguma categoria de ameaça devido, em especial, à destruição de habitats Stotz *et al.* (1996). Destas 1.971 espécies, 766 são encontradas no Paraná. Além disso a avaliação de fragmentos florestais no Noroeste do Paraná contabiliza 217 espécies para a região (Straube; Uurben-Filho, 2005).

### 4.4.2 METODOLOGIA

As metodologias utilizadas durante as campanhas foram desenvolvidas em 4 dias e 3 noites. A lista de espécies de aves que potencialmente podem ser encontradas na região de instalação da CGH Teles de Proença foi baseada em dados secundários obtidos através de Relatório Ambiental Simplificado (RAS) realizado pela empresa MF Consultoria Ambiental (2019) na CGH Córrego Fundo, localizada na cidade de Colorado-PR, e dados extraídos do site científico WikiAves, o qual trás todas as espécies registradas na cidade de Mauá da Serra (Tabela 36).

Para realizar a amostragem da avifauna foram utilizados os métodos de rede de neblina, ponto de escuta e busca ativa, conforme descrito a seguir.

#### 4.4.2.1 Rede de Neblina

No monitoramento, foram armadas dentro dos fragmentos florestais seis redes de neblina de 12 metros de comprimento por 2,5 metros de altura, com malha 20 mm (três redes para cada sítio amostral). As redes foram abertas nas primeiras horas do dia, permanecendo expostas por três horas e, novamente aberta duas horas antes do anoitecer (totalizando 5 horas diárias por sítio amostral). As aves capturadas, são

fotografadas e em seguida anilhadas (apenas para espécies em status de ameaça) e soltas.

Esforço Amostral: Multiplicada a área da rede (comprimento x altura) pelo tempo de exposição (horas x dias) e, por fim, pelo número de redes, tem-se então a equação:  $E = \text{área} \times h \times n$  (E – esforço amostral; área – área de cada rede; h – tempo de exposição e n – número de redes). Assim sendo, o esforço amostral foi de  $5.400\text{m}^2 \cdot \text{h}$ .

Esta metodologia foi aplicada seguindo as diretrizes estabelecidas na Autorização Ambiental nº 56877 na condicionante nº 8, que estabelece: “Para as amostragens da avifauna serão utilizados os métodos de (i) Redes de neblina, (ii) Pontos de escuta e (iii) Busca Ativa”.



Figura 28 - Rede de neblina utilizada para captura de aves.

#### 4.4.2.2 Pontos de Escuta

A identificação através da vocalização das aves foi realizada pelo método de ponto de escuta, do qual, o profissional permaneceu dentro das áreas de monitoramento, por um período de 15 minutos realizando anotação das espécies em vocalização no local e realizando a gravação das manifestações sonoras caso necessária posterior identificação das espécies. Os pontos de escuta foram realizados com pelo menos 500 metros de distância entre si, sendo realizados 4 pontos por ambiente monitorado. Os pontos de escuta foram realizados a partir da primeira hora do dia e ao entardecer, horários estes, com maiores atividades sonora das aves. O material a ser utilizado consiste em câmera fotográfica, binóculo e gravador (Figura 29). Além de espécies em vocalização, também são registradas todas as espécies avistadas no raio de visão do observador, apresentando ou não atividade vocal.

Esforço amostral: Foi realizado 15 minutos de observação para cada um dos pontos amostrais, sendo oito pontos (quatro para cada sítio), totalizando 120 min por campanha.

Esta metodologia foi aplicada seguindo as diretrizes estabelecidas na Autorização Ambiental nº 56877 na condicionante nº 8, que estabelece: “Para as amostragens da avifauna serão utilizados os métodos de (i) Redes de neblina, (ii) Pontos de escuta e (iii) Busca Ativa”.



Figura 29 - Registro e identificação das espécies encontradas.

#### 4.4.2.3 Busca Ativa

Este não é um método sistematizado, portanto, todas as espécies de aves observadas (visual ou auditivo) foram registradas e fotografadas quando possível para contemplar o banco de dados e planilha de espécies registradas no local. Estes registros ocorreram de forma esporádica, durante deslocamentos entre os sítios amostrais, realização de transectos e durante realização de metodologia de outros grupos da fauna.

Já a identificação das espécies foi feita com o auxílio do guia de campo (Sigrist, 2009), e por sites de aves especializados (www.wikiaves.com, usado somente para identificar as vocalizações e as imagens). A nomenclatura e a taxonomia das espécies seguiram Pacheco *et al.* (2021).

Esforço amostral: Realizou-se três horas diárias de busca ativa (uma hora noturno e duas horas diurno), com o empenho de dois profissionais, por um período de três dias, o esforço amostral foi de 18 horas.

Esta metodologia foi aplicada seguindo as diretrizes estabelecidas na Autorização Ambiental nº 56877 na condicionante nº 8, que estabelece: “Para as amostragens da

*avifauna serão utilizados os métodos de (i) Redes de neblina, (ii) Pontos de escuta e (iii) Busca Ativa”.*



Figura 30 - Registro e identificação das espécies encontradas.

#### 4.4.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas espécies registradas através das metodologias utilizadas durante a 13ª campanha de monitoramento (11ª campanha da fase de implantação) da CGH Teles de Proença, considerando dados primários e secundários, foi contabilizado 226 espécies de aves inseridas em 53 famílias em ocorrência na região de instalação do empreendimento (Tabela 36).

Tabela 36 - Lista de espécies de aves observadas na região de implementação da CGH Teles de Proença com base no trabalho de campo, em levantamentos de áreas próximas e WikiAves (2021).

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End. Mat. a Atlântica	HAB	END /MIG	GUIL	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	13ª	PR	IUCN	MMA	
																										2021
Suliformes	Phalacrocoracidae	<i>Nannopterum brasilianum</i>	Biguá		Aq	R	PI S	---	---	--	--	--	---	--	--	---	---	RV	RV	RV	---	---	LC	LC	-	
Anseriformes	Anatidae	<i>Anas bahamensis</i>	Marreca toicinho		Aq	R	ONI	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Dendrocygna viduata</i>	Irerê		Aq	R	HER	---	x	--	--	RV	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Amazonetta brasiliensis</i>	Pé-vermelho		Aq	R	ONI	---	x	--	--	RV	---	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	---	RV	LC	LC	-
Ciconiiformes	Ciconiidae	<i>Mycteria americana</i>	Cabeça-seca		Aq	R	ONI	---	x	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
Piciformes	Ramphastidae	<i>Pteroglossus bailloni</i>	Araçari-banana		FI	R	ONI	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	VU	NT	-	
		<i>Ramphastos toco</i>	Tucanuçu		Fb	R	ONI	---	x	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Ramphastos dicolorus</i>	Tucano-de-bico-verde	X	FI	R	ONI	x	---	--	--	V	---	V	V	V	---	RV, V	RV	RV, V	V	V	LC	LC	-	
	Picidae	<i>Veniliornis spilogaster</i>	Pica-pau-verde-carijó		FI	R	INS	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Picumnus cirratus</i>	Picapauzinho-barrado		Fb	R	INS	x	---	RV	RV	RV	---	RV	RV	RV	---	---	---	---	RV	RV	LC	LC	-	
		<i>Piculus aurulentus</i>	Pica-pau-dourado		FI	R	INS	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	LC	NT	-	

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântica	H A B	END /MI G	G UI L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça				
								Wik iAv es	M F	1 a	2 a	3 a	4a	5 a	6 a	7a	8a	9a	10a	11a	12a	1 3a	P R	IU C N	M M A			
								2021	2019																			
		<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo		Fb	R	INS	---	---	RV	RV, V	RV, V	RV, V	RV, V	RV, V	RV, V	RV, V	RV	RV, V	RV, V	RV, V	RV, V	RV, V	LC	LC	-		
		<i>Celeus flavescens</i>	Pica-pau-de-cabeça-amarela		FI	R	INS	---	---	RV	--	RV	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-		
		<i>Dryocopus lineatus</i>	Pica-pau-de-banda-branca		Fb	R	INS	---	---	V	RV	RV	RV	RV	RV	V	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	LC	LC	-	
		<i>Colaptes melanochloros</i>	Pica-pau-verde-barrado		Fb	R	INS	---	---	RV	RV	RV, V	RV	RV	RV	RV	RV	RV, V,A M	CAP /RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	LC	LC	-
		<i>Melanerpes candidus</i>	Pica-pau-branco		Aa	R	INS	---	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	RV, V	---	---	LC	LC	-		
Trogoniformes	Trogonidae	<i>Trogon surrucura</i>	Surucuá-variado		FI	R	ONI	x	---	--	RV	RV, V	RV	RV, V	RV	RV	RV, V	RV	RV	RV, V	RV, V	RV, V	RV, V	LC	LC	-		
Coraciiformes	Alcedinidae	<i>Chloroceryle amazona</i>	Martim-pescador-verde		Aq	R	PI S	---	x	--	--	RV	RV	--	RV	---	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	LC	LC	-	
		<i>Chloroceryle americana</i>	Martim-pescador-pequeno		Aq	R	PI S	---	---	--	--	--	---	--	--	---	---	RV	---	---	---	---	---	LC	LC	-		
		<i>Megaceryle torquata</i>	Martim-pescador-grande		Aq	R	PI S	---	---	--	--	--	---	--	--	---	---	AM	---	---	RV	RV	RV	RV	LC	LC	-	
	Momotidae	<i>Baryphthengus ruficapillus</i>	Juruva		FI	R	ONI	x	---	--	--	V	---	--	V	V	---	RV	---	---	---	---	---	LC	LC	-		
Galbuliformes	Bucconidae	<i>Nystalus chacuru</i>	João-bobo		Fb	R	INS	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-		

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântic a	H A B	END /MI G	G UI L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 a	2 a	3 a	4a	5 a	6 a	7a	8a	9a	10a	11a	12a	1 3a	P R	IU C N	M M A	
								202 1	2 0 1 9																	
Cuculiformes	Cuculidae	<i>Crotophaga ani</i>	Anu-preto		Aa	R	C A R	---	x	R V	R V, V	R V, V	RV	R V	R V	RV	RV	RV, V	RV/ V	RV, V	RV, V	R V, V	L C	LC	-	
		<i>Guira guira</i>	Anu-branco		Aa	R	C A R	---	x	R V, V	R V, V	R V, V	RV, V	R V	R V, V	RV, V	RV ,V	RV, V	RV/ V	RV, V	RV, V	R V, V	L C	LC	-	
		<i>Piaya cayana</i>	Alma-de-gato		Fb	R	IN S	x	x	-- -	-- -	R V	RV	R V	R V	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	R V	L C	LC	-
		<i>Tapera naevia</i>	Saci		Aa	R	IN S	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	RV, V	---	---	---	V	L C	LC	-	
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Brotogeris tirica</i>	Periquito	X	Fl	R	F R U	---	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	V	V	L C	LC	-	
		<i>Brotogeris chiriri</i>	Periquito-de-encontro-amarelo		Fb	R	F R U	---	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	RV ,V	RV, V	---	---	---	V	L C	LC	-	
		<i>Psittacara leucophthalmus</i>	Periquitão-maracanã		Fl	R	F R U	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	L C	LC	-	
		<i>Forpus xanthopterygius</i>	Tuim		Fb	R	F R U	---	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	RV, V	---	---	---	---	L C	LC	-	
		<i>Pyrrhura frontalis</i>	Tiriba-de-testa-vermelha		Fl	R	F R U	x	---	-- -	-- -	V	---	V	V	V	---	---	---	---	---	R V, V	L C	LC	-	
		<i>Aratinga auricapillus</i>	Jandaia-de-testa-vermelha		Fb	R	F R U	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	RV, V	---	---	RV	R V, V	N T	LC	-	

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântic a	H A B	END /MI G	G UI L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 ª	2 ª	3 ª	4ª	5 ª	6 ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	1 3ª	P R	IU C N	M M A	
								202 1	2 0 1 9																	
		<i>Amazona aestiva</i>	Papagaio-verdadeiro		Fb	R	O NI	x	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	NT	-
		<i>Myiopsitta monachus</i>	Caturrita		Fb	R	F R U	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	RV, V	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Pionus maximiliani</i>	Maitaca-verde		FI	R	F R U	---	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
Apodiformes	Trochilidae	<i>Leucochloris albicollis</i>	Beija-flor-de-papo-branco		Fb	R	N E C	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Thalurania glaucopis</i>	Beija-flor-de-frente-violeta	X	FI	R	N E C	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	CA P	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Chlorostilbon lucidus</i>	Besourinho-de-bico-vermelho		Fb	R	N E C	x	---	-- -	R V	R V	RV	R V	R V	RV	---	---	RV	RV	RV	RV	R V	LC	LC	-
		<i>Chionomesa lactea</i>	Beija-flor-de-peito-azul		Fb	R	N E C	---	---	R V	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Colibri serrirostris</i>	Beija-flor-de-orelha-violeta		Fb	R	N E C	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Phaethornis pretrei</i>	Rabo-branco-acanelado		Fb	R	N E C	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	RV ,V	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântic a	H A B	END /MI G	G U I L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 a	2 a	3 a	4a	5 a	6 a	7a	8a	9a	10a	11a	12a	1 3a	P R	IU C N	M M A	
								202 1	2 0 1 9																	
		<i>Phaethornis eurynome</i>	Rabo-branco-de-garganta-rajada		FI	R	N E C	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
	Apodidae	<i>Cypseloides senex</i>	Taperuçu-velho		Aa	R	IN S	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Streptoprocne zonaris</i>	Taperuçu-de-coleira-branca		Aa	R	IN S	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	RV, V	---	---	---	---	RV, V	LC	LC	-
Strigiformes	Strigidae	<i>Megascops sp.</i>	Corujinha		FI	R	O NI	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	RV	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Athene cunicularia</i>	Coruja-buraqueira		Aa	R	C A R	---	x	R V	R V, V	R V, V	RV	R V	R V	RV, V	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	LC	LC	-
Nyctibiiformes	Nyctibidae	<i>Nyctibius griseus</i>	Urutau		Fb	R	IN S	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	R V	RV	---	---	---	RV, V	---	---	---	LC	LC	-
Caprimulgiformes	Caprimulgidae	<i>Nyctidromus albigollis</i>	Bacurau		Fb	R	IN S	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	RV, V	RV, V	V	RV, V	RV, V	RV, V	RV, V	LC	LC	-
Galliformes	Cracidae	<i>Penelope obscura</i>	Jacuguaçu		FI	R	F R U	x	---	-- -	-- -	-- -	RV, V	R V	R V, V	RV	RV, V	---	RV	RV, V	RV	RV	RV	LC	LC	-
Columbiformes	Columbidae	<i>Columbina squammata</i>	Fogo-apagou		Aa	R	F R U	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	RV	V	---	---	---	V	LC	LC	-	
		<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha-roxa		Aa	R	G R A	---	x	R V	R V	R V	RV	R V, V	R V, V	RV, V	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	LC	LC	-

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântic a	H A B	END /MI G	G U I L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 a	2 a	3 a	4a	5 a	6 a	7a	8a	9a	10a	11a	12a	1 3a	P R	IU C N	M M A	
								202 1	2 0 1 9																	
		<i>Columbina picui</i>	Rolinha-picuí		Aa	R	G R A	x	---	-- -	-- -	-- -	---	R V	-- -	---	---	RV	---	V	---	---	L C	LC	-	
		<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti-pupu		FI	R	G R A	---	x	-- -	-- -	-- -	RV, V	V	V	RV, V	V	RV, V	RV/ V	AF, V	RV, V	V	L C	LC	-	
		<i>Patagioenas picazuro</i>	Pombão		Fb	R	G R A	---	x	R V, V	R V, V	R V, V	RV, V	R V, V	R V, V	RV, V	RV, V	RV/ V	RV, V	RV, V	R V, V	L C	LC	-		
		<i>Patagioenas cayennensis</i>	Pomba-galega		Fb	R	H E R	x	---	-- -	-- -	V	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	R V	L C	LC	-	
		<i>Columba livia</i>	Pomba-doméstica		Aa	R	G R A	---	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	N A	LC	-	
		<i>Zenaida auriculata</i>	Avoante		Aa	ND	G R A	---	x	R V	R V	R V, V	RV, V	R V, V	R V	RV	RV	RV	RV	RV, V	RV	R V	L C	LC	-	
		<i>Geotrygon montana</i>	Pariri		FI	R	F R U	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	RV, V	---	---	---	---	L C	LC	-	
Gruiformes	Rallidae	<i>Aramides saracura</i>	Saracura-do-mato	X	A q, Fb	R	O NI	x	x	-- -	V	V	V	V	V	V	RV ,V	V	RV/ V	AF, RV, V	V	V	L C	LC	-	
		<i>Gallinula galeata</i>	Frango-d'água-comum		A q	R	H E R	---	x	R V	-- -	R V	RV	R V	R V	RV	---	RV	---	RV	---	---	L C	LC	-	

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântic a	H A B	END /MI G	G UI L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 ª	2 ª	3 ª	4ª	5 ª	6 ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	1 3ª	P R	IU C N	M M A	
								202 1	2 0 1 9																	
Charadr iiformes	Recurvir ostridae	<i>Himantopus melanurus</i>	Pernilongo-de- costas-brancas		A q	R	IN S	x	x	-- -	-- -	R V	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	L C	LC	-	
	Charadri idae	<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero		Aa	R	ON I	---	x	R V, V	R V, V	R V, V	RV, V	R V, V	R V, V	RV, V	RV, V	RV/ V	RV, V	RV, V	R V, V	L C	LC	-		
	Jacanida e	<i>Jacana jacana</i>	Jaçanã		A q	R	IN S	---	x	-- -	-- -	R V, V	---	R V	R V	RV	---	---	---	---	---	---	L C	LC	-	
	Scolopa cidae	<i>Actitis macularius</i>	Maçarico- pintado		A q	MG T	C A R	---	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	L C	LC	-	
		<i>Tringa solitaria</i>	Maçarico		A q	MG T	IN S	---	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	L C	LC	-	
Accipitri formes	Accipitri dae	<i>Ictinia plumbea</i>	Sovi		Fb	MP R	IN S	---	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	RV	---	---	R V	L C	LC	-	
		<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó		Fb	R	C A R	x	x	R V, V	R V, V	R V, V	RV	R V, V	R V, V	RV, V	RV ,V	RV, V	RV/ V	RV, V	RV, V	R V, V	L C	LC	-	
		<i>Accipiter striatus</i>	Gavião miúdo		Fl	R	C A R	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	L C	LC	-	
		<i>Pseudastur polionotus</i>	Gavião-pombo- grande		Fl	R	C A R	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	N T	N T	-	
		<i>Urubitinga coronata</i>	Águia-cinzenta		Aa	R	C A R	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	C R	E N	E N

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End. Mat. a Atlântica	HAB	END/MI G	GUI L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	13ª	PR	IUCN	MMA	
								2021	2019																	
		<i>Parabuteo leucorrhous</i>	Gavião-de-sobre-branco		FI	R	CAR	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	NT	LC	-	
		<i>Buteo brachyurus</i>	Gavião-de-cauda-curta		Fb	R	CAR	x	---	--	--	--	---	RV	--	---	---	RV	---	---	RV	RV	LC	NT	-	
		<i>Elanus leucurus</i>	Gavião-peneira		Fb	R	CAR	---	---	--	--	--	---	--	--	RV	RV	---	---	RV	---	---	LC	LC	-	
		<i>Elanoides forficatus</i>	Gavião-tesoura		Aa	MPR	CAR	---	---	--	--	--	---	--	--	---	---	RV	---	---	---	---	LC	LC	-	
Falconiformes	Falconidae	<i>Caracara plancus</i>	Carcará		Aa	R	ONI	---	x	RV	RV	RV, V	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	LC	LC	-	
		<i>Milvago chimachima</i>	Carrapateiro		Aa	R	CAR	---	x	--	--	RV	V	RV	RV	RV	RV, V	---	RV	RV	RV, V	RV, V	LC	LC	-	
		<i>Milvago chimango</i>	Chimango		Aa	R	ONI	---	---	--	--	--	---	--	--	---	---	RV	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Falco ruficularis</i>	Cauré		Fb	R	ONI	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	RV	---	LC	LC	-	
		<i>Falco sparverius</i>	Quiriquiri		Aa	R	CAR	x	x	--	RV	RV, V	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	LC	LC	-	
Pelecaniformes	Ardeidae	<i>Ardea alba</i>	Garça-branca-grande		Aq	R	PI S	---	x	--	--	RV	---	--	--	RV	---	RV	---	---	---	---	LC	LC	-	

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântica	H A B	END /MI G	G UI L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 a	2 a	3 a	4a	5 a	6 a	7a	8a	9a	10a	11a	12a	1 3a	P R	IU C N	M M A	
								2021	2019																	
		<i>Ardea cocoi</i>	Garça-moura		Aq	R	PI S	---	---	--	--	--	RV	--	--	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Bubulcus ibis</i>	Garça-vaqueira		Aq	R	IN S	---	x	--	R V	R V	RV	R V	R V	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	LC	LC	-
		<i>Nycticorax nycticorax</i>	Socó-savacu		Aq	R	C A R	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Syrigma sibilatrix</i>	Maria-faceira		Aa	R	C A R	---	x	R V	--	--	---	--	--	RV	---	RV	---	---	RV	RV	RV	LC	LC	-
	Threskiornithidae	<i>Phimosus infuscatus</i>	Tapicuru		Au	R	O NI	---	---	--	--	--	---	--	--	---	RV	---	---	RV	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Theristicus caudatus</i>	Curicaca		Aa	R	C A R	---	x	R V, V	R V, V	R V, V	RV, V	R V, V	R V, V	RV, V	RV, V	RV/ V	RV, V	RV	RV	RV	R V, V	LC	LC	-
		<i>Mesembrinibis cayennensis</i>	Coró-coró		Fl	R	IN S	---	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	AF	RV	---	RV	RV	LC	LC	-
Cathartiformes	Cathartidae	<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-cabeça-preta		Aa	R	S A P	---	x	R V	R V	R V, V	RV	R V	R V	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	LC	LC	-
		<i>Cathartes aura</i>	Urubu-cabeça-vermelha		Aa	R	S A P	---	x	--	--	--	---	--	--	RV	---	---	RV	RV	RV	RV	RV	LC	LC	-
Tinamiformes	Tinamidae	<i>Crypturellus obsoletus</i>	Inhambuguaçu		Fl	R	G R A	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Rhynchotus rufescens</i>	Perdiz		Aa	R	IN S	---	---	--	--	--	---	--	--	---	---	V	---	RV, V	---	---	---	LC	LC	-

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântica	H A B	END /MI G	G UI L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 a	2 a	3 a	4a	5 a	6 a	7a	8a	9a	10a	11a	12a	1 3a	P R	IU C N	M M A	
																										2021
		<i>Crypturellus tataupa</i>	Inhambu-chintã		Aa	R	ONI	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	V	---	V	LC	LC	-	
Passeriformes	Cardinalidae	<i>Amaurospiza moesta</i>	Negrinho-do-mato		FI	R	HER	x	---	-- -	-- -	R V	RV	R V	R V	RV	RV	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Cyanoloxia brissonii</i>	Azulão		Aa	R	HER	---	---	R V	R V	R V	RV	R V	R V	RV	RV	---	RV	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Piranga flava</i>	Sanhaço-de-fogo		Fb	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	NT	LC	-	
		<i>Phibalura flavirostris</i>	Tesourinha-da-mata		FI	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	V U	N T	-	
	Cotingidae	<i>Phibalura flavirostris</i>	Tesourinha-da-mata		FI	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	V U	N T	-	
	Corvidae	<i>Cyanocorax chrysops</i>	Gralha-picaça		FI	R	INS	---	x	-- -	-- -	R V, V	RV	V	R V, V	RV, V	RV, V	RV/ V	RV, V	RV, V	R V, V	LC	LC	-		
	Furnariidae	<i>Automolus leucophthalmus</i>	Barranqueiro-de-olho-branco		FI	R	INS	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	CAP	---	---	---	---	V	---	LC	LC	-	
		<i>Synallaxis frontalis</i>	Petrim		Fb	R	INS	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	R V, V	LC	LC	-	
		<i>Synallaxis spixi</i>	João-teneném		Fb	R	INS	x	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	V	---	LC	LC	-	
		<i>Synallaxis ruficapilla</i>	Pichororé	X	FI	R	ONI	x	---	-- -	-- -	V	V	V	V	V	---	---	---	---	V	V	LC	LC	-	
<i>Synallaxis cinerascens</i>		Pi-puí		Fb	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-		

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântic a	H A B	END /MI G	G U I L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 a	2 a	3 a	4a	5 a	6 a	7a	8a	9a	10a	11a	12a	1 3a	P R	IU C N	M M A	
								202 1	2 0 1 9																	
		<i>Syndactyla rufosuperciliata</i>	Trepador-quiete		FI	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Dendroma rufa</i>	Limpa-folha-de-testa-baia		FI	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Leptasthenura setaria</i>	Grimpeiro	X	FI	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	LC	NT	-	
		<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro		Aa	R	INS	---	x	R V	R V, V	R V, V	RV, V	R V, V	R V, V	RV, V	RV, V	RV/ V	RV, V	RV, V	R V, V	LC	LC	-		
		<i>Lochmias nematura</i>	João porca		FI	R	INS	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	RV	---	---	V	R V, V	LC	LC	-	
	Icterida e	<i>Molothrus bonariensis</i>	Chupim / Vira-bosta		Aa	R	ONI	---	x	R V	R V, V	R V, V	RV	R V	R V	RV	RV, V	RV	RV/ V	RV, V	RV, V	R V, V	LC	LC	-	
		<i>Molothrus oryzivorus</i>	Iraúna-grande		Aa	R	GRA	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	RV	---	LC	LC	-	
		<i>Cacicus haemorrhous</i>	Guaxe		FI	R	ONI	---	---	R V, V	R V, V	-- -	RV, V	R V, V	R V, V	RV, V	RV, V	CAP /RV/ V	RV, V	RV, V	R V, V	LC	LC	-		
		<i>Cacicus chrysopterus</i>	Tecelão		FI	R	FURU	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Gnorimopsar chopi</i>	Pássaro-preto		Aa	R	ONI	x	x	-- -	R V	R V	RV	R V	R V	RV	---	---	RV	RV	RV	---	LC	LC	-	

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântica	H A B	END /MI G	G UI L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 a	2 a	3 a	4a	5 a	6 a	7a	8a	9a	10a	11a	12a	1 3a	P R	IU C N	M M A	
								2021	2019																	
		<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	Chopim-do-brejo		Aa	R	G R A	---	x	-- -	-- -	R V, V	RV	R V	R V	RV	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Leistes superciliaris</i>	Polícia-inglesa-do-sul		Aa	R	IN S	x	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	RV, V	---	---	---	---	---	LC	LC	-
	Parulidae	<i>Basileuterus culicivorus</i>	Pula-pula		FI	R	IN S	x	x	-- -	R V	R V, V	RV, V	V	R V, V	RV, V	RV, V	RV/ V	RV, V	RV, V	RV, V	R V, V	LC	LC	-	
		<i>Myiothlypis leucoblephara</i>	Pula-pula-assobiador		FI	R	IN S	x	---	-- -	-- -	R V, V	V	V	V	V	V	V	V	V	RV, V,ca p	V	LC	LC	-	
		<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	Pia-cobra		A u	R	IN S	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	R V, V	LC	LC	-	
		<i>Myiothlypis flaveola</i>	Canário-do-mato		FI	R	IN S	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	RV, V	---	---	V	V	---	LC	LC	-	
		<i>Setophaga pitaiyumi</i>	Mariquita		FI	R	IN S	x	---	R V	R V, V	R V	V	V	V	V	RV, V	V	V	V	RV, V	R V, V	LC	LC	-	
	Passeridae	<i>Passer domesticus</i>	Pardal		Aa	R	O NI	---	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	NA	LC	-	
	Passerellidae	<i>Ammodramus humeralis</i>	Tico-tico-do-campo		Aa	R	G R A	---	x	-- -	R V, V	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	RV	---	R V, V	LC	LC	-	
		<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico		Aa	R	O NI	x	x	R V, V	R V, V	R V, V	RV, V	R V, V	R V, V	RV, V	RV, V	RV, V	RV, V	RV, V	RV, V	R V, V	LC	LC	-	

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântic a	H A B	END /MI G	G UI L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 a	2 a	3 a	4a	5 a	6 a	7a	8a	9a	10a	11a	12a	1 3a	P R	IU C N	M M A	
								202 1	2 0 1 9																	
	Thraupi dae	<i>Coryphospingus cucullatus</i>	Tico-tico-rei		Fb	R	G R A	---	x	-- -	R V	R V	---	-- -	-- -	---	---	RV	---	---	RV	---	L C	LC	-	
		<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica		Fb	R	F R U	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	V	---	---	L C	LC	-	
		<i>Sicalis flaveola</i>	Canário-terra-verdadeiro		Aa	R	G R A	x	x	R V	R V, V	R V, V	RV, V	R V, V	R V, V	RV, V	RV	RV/ V	RV, V	RV, V	R V, V	L C	LC	-		
		<i>Sicalis luteola</i>	Tipio		Aa	R	G R A	x	---	-- -	-- -	-- -	RV	-- -	R V	RV	---	---	---	---	---	---	L C	LC	-	
		<i>Sporophila caerulea</i>	Coleirinho		Aa	MP R	G R A	x	x	R V	R V	R V, V	RV	R V	R V, V	RV	RV	RV/ V	RV, V	RV, V	R V	L C	LC	-		
		<i>Sporophila nigricollis</i>	Baiano		Aa	R	G R A	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	D D	LC	-	
		<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaço-cinzento		Fb	R	F R U	---	x	R V	R V	R V, V	RV	-- -	R V, V	RV, V	---	RV,	RV/ V	RV, V	RV, V	R V, V	L C	LC	-	
		<i>Cissopis leverianus</i>	Tietinga		Fl	R	F R U	x	x	-- -	-- -	-- -	RV	-- -	R V	RV	---	---	---	---	RV	---	L C	LC	-	
		<i>Tachyphonus coronatus</i>	Tiê-preto	X	Fb	R	F R U	x	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	RV, V	RV	---	RV	RV, V	R V, V	L C	LC	-	

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântic a	H A B	END /MI G	G U I L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 a	2 a	3 a	4a	5 a	6 a	7a	8a	9a	10a	11a	12a	1 3a	P R	IU C N	M M A	
								202 1	2 0 1 9																	
		<i>Trichothraupis melanops</i>	Tiê-de-topete		Fl	R	F R U	x	---	R V	R V, V	R V	RV	R V	R V	CAP , RV	RV ,V	RV, V	RV	---	RV, V	---	LC	LC	-	
		<i>Thlypopsis pyrrhocomma</i>	Cabecinha-castanha		Fb	R	F R U	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Pipraeidea melanonota</i>	Saíra-viúva		Fl	R	F R U	x	---	-- -	-- -	R V	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Hemithraupis guira</i>	Saíra-de-papo-preto		Fb	R	F R U	x	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	RV ,V	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Stilpnia preciosa</i>	Saíra-preciosa		Fl	R	F R U	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	RV	---	LC	LC	-	
		<i>Stephanophorus diadematus</i>	Saíra-frade		Fl	R	F R U	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Dacnis cayana</i>	Saí-azul		Fl	R	O NI	x	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	RV	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Tersina viridis</i>	Saí-andorinha		Fb	MP R	O NI	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	RV	---	---	R V, V	LC	LC	-	
		<i>Conirostrum speciosum</i>	Figuinha-de-rabo-castanho		Fl	R	I N S	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	R V	LC	LC	-	
		<i>Microspingus cabanisi</i>	Quete-do-sul		Fb	R	F R U	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântic a	H A B	END /MI G	G U I L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 ª	2 ª	3 ª	4ª	5 ª	6 ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	1 3ª	P R	IU C N	M M A	
								202 1	2 0 1 9																	
		<i>Saltator fuliginosus</i>	Bico-de-pimenta		FI	R	F R U	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Saltator similis</i>	Trinca-ferro		FI	R	F R U	---	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	RV , CA P	RV , V	RV	V	---	V	LC	LC	-	
		<i>Volatinia jacarina</i>	Tiziu		Aa	R	G R A	x	x	-- -	-- -	R V, V	V	R V	R V, V	RV, V	RV	RV, V	RV/ V	RV, V	RV	R V, V	LC	LC	-	
		<i>Nemosia pileata</i>	Saíra-de-chapéu-preto		Aa	R	F R U	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	RV	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
	Troglodytidae	<i>Troglodytes musculus</i>	Corruíra		Aa	R	IN S	x	x	-- -	R V, V	R V, V	RV, V	R V, V	R V, V	RV, V	RV ,V	RV, V	RV, V	RV, V	RV, V	R V, V	LC	LC	-	
	Tyrannidae	<i>Colonia colonus</i>	Viuvinha		Fb	R	IN S	---	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Camptostoma obsoletum</i>	Risadinha		FI	R	F R U	---	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	RV	---	---	RV, V	---	---	LC	LC	-
		<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	Guaracavuçu		Fb	R	IN S	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Fluvicola nengeta</i>	Lavadeira-mascarada		Aa	R	IN S	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Machetornis rixosa</i>	Suiriri-cavaleiro		Aa	R	IN S	x	x	-- -	-- -	R V	---	R V	R V	RV	---	RV	---	---	---	---	---	LC	LC	-

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântica	H A B	END /MI G	G U I L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 a	2 a	3 a	4a	5 a	6 a	7a	8a	9a	10a	11a	12a	1 3a	P R	IU C N	M M A	
								202 1	2 0 1 9																	
		<i>Megarynchus pitangua</i>	Neinei		Fb	R	O NI	---	x	-- -	-- -	V	V	-- -	R V, V	RV, V	RV ,V	V	RV/ V	V	RV, V	V	L C	LC	-	
		<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi		Aa	MP R	O NI	---	x	R V, V	R V, V	R V, V	RV, V	R V, V	R V, V	RV, V	RV ,V	RV, V	RV/ V	RV, V	RV, V	R V, V	L C	LC	-	
		<i>Legatus leucophaeus</i>	Bem-te-vi-pirata		Fb	MP R	F R U	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	RV	---	---	---	L C	LC	-	
		<i>Myiodynastes maculatus</i>	Bem-te-vi-rajado		Fb	MP R	O NI	x	x	-- -	-- -	R V, V	---	-- -	-- -	---	---	RV	RV/ V	RV, V	---	R V, V	L C	LC	-	
		<i>Myiozetetes similis</i>	Bentivizinho-de-penacho-vermelho		Fb	R	IN S	---	---	R V	-- -	-- -	---	-- -	-- -	RV	RV	RV	RV	RV	RV, V	R V, V	L C	LC	-	
		<i>Empidonomus varius</i>	Peitica		Fb	MP R	IN S	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	RV	RV	RV	R V	L C	LC	-	
		<i>Tyranniscus burmeisteri</i>	Piolhinho-chiador		FI	R	IN S	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	L C	LC	-	
		<i>Phyllomyias virescens</i>	Piolhinho-verdoso		Fb	R	IN S	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	L C	LC	-	
		<i>Phyllomyias fasciatus</i>	Piolhinho		Fb	R	IN S	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	L C	LC	-	
		<i>Platyrinchus mystaceus</i>	Patinho		FI	R	IN S	---	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	L C	LC	-	
		<i>Tyrannus savana</i>	Tesourinha		Aa	MP R	O NI	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	RV	---	---	R V, V	L C	LC	-	

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântica	H A B	END /MI G	G U I L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 a	2 a	3 a	4ª	5 a	6 a	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	1 3ª	P R	IU C N	M M A	
																										202 1
		<i>Gubernetes yetapa</i>	Tesoura-do-brejo		Aa	R	INS	---	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Elaenia mesoleuca</i>	Tuque		FI	R	F R U	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Elaenia obscura</i>	Tucão		FI	R	F R U	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	RV	---	LC	LC	-	
		<i>Elaenia flavogaster</i>	Guaracava-de-barriga-amarela		FI	R	F R U	---	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	RV	---	LC	LC	-	
		<i>Elaenia</i> sp.	Guaracava		Fb	-	INS	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	RV	---	---	---	-	-	-	
		<i>Myiopagis viridicata</i>	Guaracava-de-orelhas		Fb	MP R	O NI	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Myiopagis caniceps</i>	Guaracava-cinzenta		Fb	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	RV ,V	V	---	---	V	---	LC	LC	-	
		<i>Knipolegus lophotes</i>	Maria-preta-de-penacho		Aa	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Knipolegus cyanirostris</i>	Maria-preta-de-bico-azulado		Fb	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Capsiempis flaveola</i>	Marianinha-amarela		Fb	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Myiophobus fasciatus</i>	Filipe		Fb	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Hirundinea ferruginea</i>	Gibão-de-couro		Aa	R	INS	x	---	-- -	R V	R V	RV	RV	R V	R V	RV	---	---	RV	RV	RV	---	LC	LC	-

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântica	H A B	END /MI G	G U I L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação													Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 ª	2 ª	3 ª	4ª	5 ª	6 ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	1 3ª	P R	IU C N	M M A		
								2021	2019																		
		<i>Muscipipra vetula</i>	Tesoura-cinzenta		Fb	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Myiarchus ferox</i>	Maria-cavaleira		Fb	R	INS	x	x	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	RV	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Myiarchus swainsoni</i>	Irrê		Fb	MP R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Pyrocephalus rubinus</i>	Príncipe		Aa	MP R	INS	---	x	R V	R V	R V	RV	R V	R V	RV	---	RV	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Xolmis velatus</i>	Noivinha-branca		Aa	R	INS	---	x	R V	-- -	-- -	---	-- -	-- -	RV	---	---	RV	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Nengetus cinereus</i>	Primavera		Aa	R	INS	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	RV	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri		Aa	MP R	INS	---	x	-- -	-- -	R V, V	RV, V	-- -	R V, V	RV, V	---	---	RV/ V	RV, V	RV	R V, V	LC	LC	-		
	Tityridae	<i>Pachyramphus castaneus</i>	Caneleiro		Fb	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Pachyramphus validus</i>	Caneleiro-de-chapéu-preto		Fb	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	RV	---	---	R V	LC	LC	-		
		<i>Pachyramphus polychlorus</i>	Caneleiro-preto		Fb	MP R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Pachyramphus viridis</i>	Caneleiro-verde		Fb	R	INS	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Tityra inquisitor</i>	Anambé-branco-de-bochecha-parda		Fb	R	F R U	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	RV	---	LC	LC	-	

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântic a	H A B	END /MI G	G UI L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 a	2 a	3 a	4a	5 a	6 a	7a	8a	9a	10a	11a	12a	1 3a	P R	IU C N	M M A	
								202 1	201 9																	
	Vireonid ae	<i>Cyclarhis gujanensis</i>	Pitiguari		Fb	R	IN S	x	---	-- -	-- -	V	---	V	V	V	V	RV, V	V	V	V	V	L C	LC	-	
	Turdida e	<i>Turdus amaurochalinus</i>	Sabiá-poca		FI	MP R	F R U	x	---	R V	R V	R V	RV	R V	R V, V	RV	---	RV, V	RV/ V	RV	RV, V,C AP	R V, V, C A P	L C	LC	-	
		<i>Turdus albicollis</i>	Sabiá-coleira		FI	R	O NI	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	CAP	CA P	RV, V	---	---	RV	C A P	L C	LC	-	
		<i>Turdus rufiventris</i>	Sabiá-laranjeira		Fb	R	IN S	---	x	-- -	R V	R V, V	RV, V	R V	R V, V	RV, V,C AP	RV ,V	RV, V	RV	RV	RV, V	R V, V	L C	LC	-	
		<i>Turdus leucomelas</i>	Sabiá-barranco		FI	R	IN S	---	---	-- -	-- -	-- -	CAP , RV, V	R V, V	R V, V	RV	RV ,V, CA P	RV, V, CAP	RV	V	RV, V,C AP	R V, V	L C	LC	-	
	Motacill idae	<i>Anthus chii</i>	Caminheiro-zumbidor		Aa	R	IN S	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	R V, V	RV, V	---	V	---	---	---	---	L C	LC	-	
	Mimida e	<i>Mimus saturninus</i>	Sabiá-do-campo		Aa	R	O NI	---	x	R V	R V, V	R V, V	RV, V	R V	R V	RV	RV	RV, V	RV	RV, V	RV, V	R V	L C	LC	-	
	Thamno philidae	<i>Batara cinerea</i>	Matracão		FI	R	C A R	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	L C	LC	-	

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End. Mat. a Atlântica	HAB	END/MIG	GUIL	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	13ª	P R	IUCN	MMA	
																										2021
		<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	Choca-de-chapéu-vermelho		Aa	R	F R U	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Thamnophilus caerulescens</i>	Choca-da-mata		Aa	R	F R U	---	x	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Thamnophilus doliatus</i>	Choca-barrada		Fb	R	IN S	---	x	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Drymophila malura</i>	Choquinha-carijó	X	Fb	R	IN S	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Hypoedaleus guttatus</i>	Chocão-carijó	X	FI	R	IN S	---	---	--	--	--	---	--	--	---	V	---	---	---	V	V	LC	LC	-	
		<i>Mackenziaena leachii</i>	Borralhara-assobiadora	X	FI	R	IN S	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Mackenziaena severa</i>	Borralhara	X	FI	R	IN S	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
	Conopophagidae	<i>Conopophaga lineata</i>	Chupa-dente		FI	R	IN S	x	---	--	--	--	---	--	--	---	RV	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
	Dendrocolaptidae	<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	Arapaçu-grande		FI	R	IN S	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	V	LC	LC	-	
		<i>Campylorhynchus falcularius</i>	Arapaçu-de-bico-torto		FI	R	IN S	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-
<i>Sittasomus griseicapillus</i>		Arapaçu-verde		FI	R	IN S	x	x	--	--	RV	---	RV	RV	RV	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End · Mat a Atlântica	H A B	END /MI G	G UI L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 a	2 a	3 a	4a	5 a	6 a	7a	8a	9a	10a	11a	12a	1 3a	P R	IU C N	M M A	
								2021	2019																	
	Hirundinidae	<i>Prognechalybea</i>	Andorinha-grande		Aa	MP R	IN S	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	RV	---	---	---	---	---	LC	LC	-
		<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	Andorinha-pequena-de-casa		Aa	R	IN S	x	x	-- -	-- -	R V	RV	R V	R V	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV, V	R V, V	LC	LC	-
		<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	Andorinha-serradora		Aa	R	IN S	---	---	R V	R V	R V	---	-- -	R V	RV	---	RV	RV	RV	---	---	LC	LC	-	
		<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	Andorinha-de-sobre-branco		Aa	R	IN S	x	---	R V	R V	R V	RV	-- -	R V	RV	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Tachycineta albiventer</i>	Andorinha-do-rio		A u	R	IN S	---	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	RV	---	RV	---	---	LC	LC	-	
	Xenopidae	<i>Xenops rutilans</i>	Bico-virado-carijó		FI	R	IN S	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
	Pipridae	<i>Chiroxiphia caudata</i>	Tangará	X	FI	R	O NI	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
	Rhynchocyclidae	<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	Bico-chato-de-orelha-preta		FI	R	IN S	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	RV	---	---	---	---	---	R V	LC	LC	-
		<i>Corythopsis delalandi</i>	Estalador		FI	R	IN S	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	CA P, V	---	---	---	---	---	V	LC	LC	-
		<i>Phylloscartes ventralis</i>	Borboletinha-do-mato		FI	R	IN S	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
<i>Myiornis auricularis</i>		Miudinho		Fb	R	IN S	---	---	R V	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-		
<i>Mionectes rufiventris</i>		Abre-asa-de-cabeça-cinza		FI	R	IN S	x	---	-- -	-- -	-- -	---	-- -	-- -	---	---	---	---	---	CAP	---	LC	LC	-		

Ordem	Família	Nome científico	Nome popular	End Mat a Atlântica	H A B	END /MI G	G U I L	Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												Status de ameaça		
								Wik iAv es	M F	1 a	2 a	3 a	4a	5 a	6 a	7a	8a	9a	10a	11a	12a	1 3a	P R	IU C N	M M A	
								2021	2019																	
		<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	Cabeçudo		Fl	R	CAR	x	x	--	--	RV	---	--	CAP	---	---	---	---	---	RV	CAP	LC	LC	-	
		<i>Todirostrum poliocephalum</i>	Teque-teque	X	Fl	R	INS	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Todirostrum cinereum</i>	Ferreirinho-relógio		Aa	R	INS	---	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	V	---	---	LC	LC	-	
		<i>Hemitriccus diops</i>	Olho-falso		Fb	R	INS	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Poecilotriccus plumbeiceps</i>	Tororó		Fl	R	INS	x	---	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	V	---	LC	LC	-	
	Fringillidae	<i>Euphonia chlorotica</i>	Fim-fim		Fb	R	FRU	---	---	RV, V	--	RV, V	V	V	V	V	RV, V	V	V	V	V	RV, V	LC	LC	-	
		<i>Euphonia violacea</i>	Gaturamo-verdadeiro		Fb	R	FRU	---	x	--	--	--	---	--	--	---	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
		<i>Cyanophonia cyanocephala</i>	Gaturamo-rei		Aa	R	FRU	---	---	--	RV	RV	---	--	--	---	---	---	---	---	RV	---	LC	LC	-	
		<i>Spinus magellanicus</i>	Pintassilgo		Aa	R	GRA	---	x	--	--	RV, V	RV	RV	RV	RV	---	---	---	---	---	---	LC	LC	-	
Total de Espécies Registradas por Estudo								177		39	44	73	60	62	72	80	66	85	69	73	84	86				
Total de Espécies								226																		

Fonte: Relatório Ambiental Simplificado (RAS) CGH Córrego Fundo (MF Consultoria Ambiental, 2019). Os status de conservação são dados em nível estadual (Decreto 6040/2024), nacional (MMA 2022) e mundial (IUCN 2024). O hábito migratório foi estabelecido com base na Revisão de Aves Migratórias do Brasil (Somenzari *et al.* 2018 e 2022). **Status:** NA: Não elegível para avaliação; LC: Pouco Preocupante, NT: Quase Ameaçado, EN: Em Perigo, CR: Criticamente Ameaçado, VU: Vulnerável, DD: dados deficientes; **Guilda Trófica:** CAR: Carnívoro, HERB: Herbívoro, ONI: Onívoro, INS: Insetívoro, FRU: Frugívoro, GRA: Granívoro, SAP: Saprófago, NEC: Nectarívoro, PIS: Piscívoro. **Habitat:** Aa: Área aberta; Fl: Florestal; Fb: Borda de floresta, Aq: Aquático; **Migração:** MGT: Migrante, MPR: Migrante Parcial, ND: não definido, R: Residente. **Registro:** V: vocalização; RV: Registro Visual, CAP; Captura; AF: Armadilha fotográfica.

#### 4.4.3.1 Análises dos Dados

Podemos observar no Gráfico 24 o número de espécies registradas durante as campanhas (Fase pré-obra e 1ª a 11ª campanha fase de implantação) de monitoramento na CGH Teles de Proença, sendo registradas 86 espécies na décima terceira campanha, totalizando 157 espécies registradas em campo, considerando os dados primários. Unindo os dados secundários obtidos (n=177) aos dados primários, obtém-se 226 espécies.

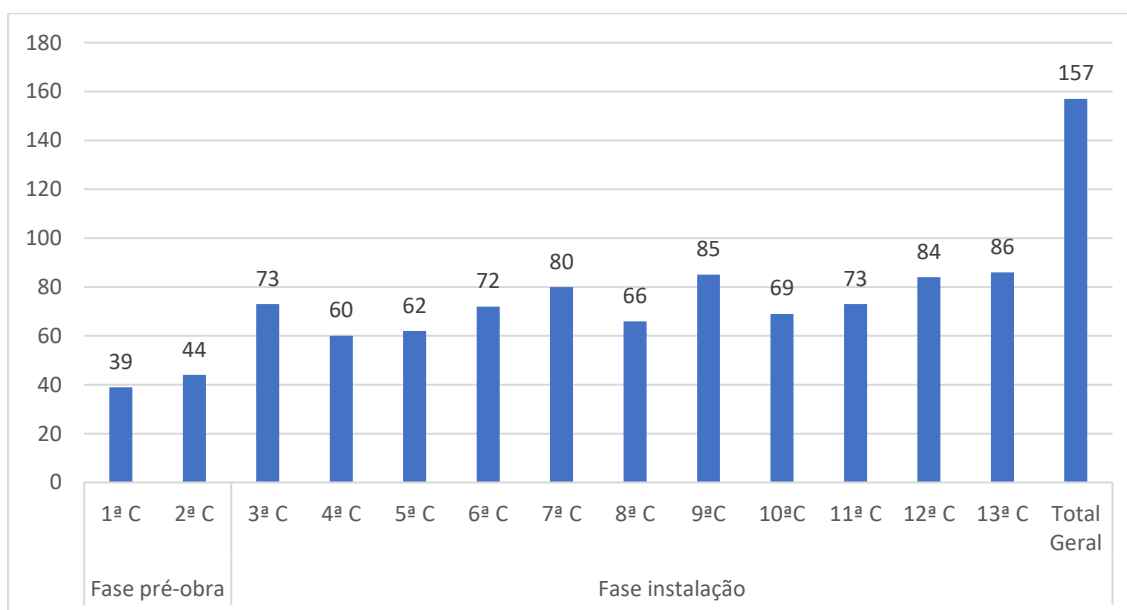
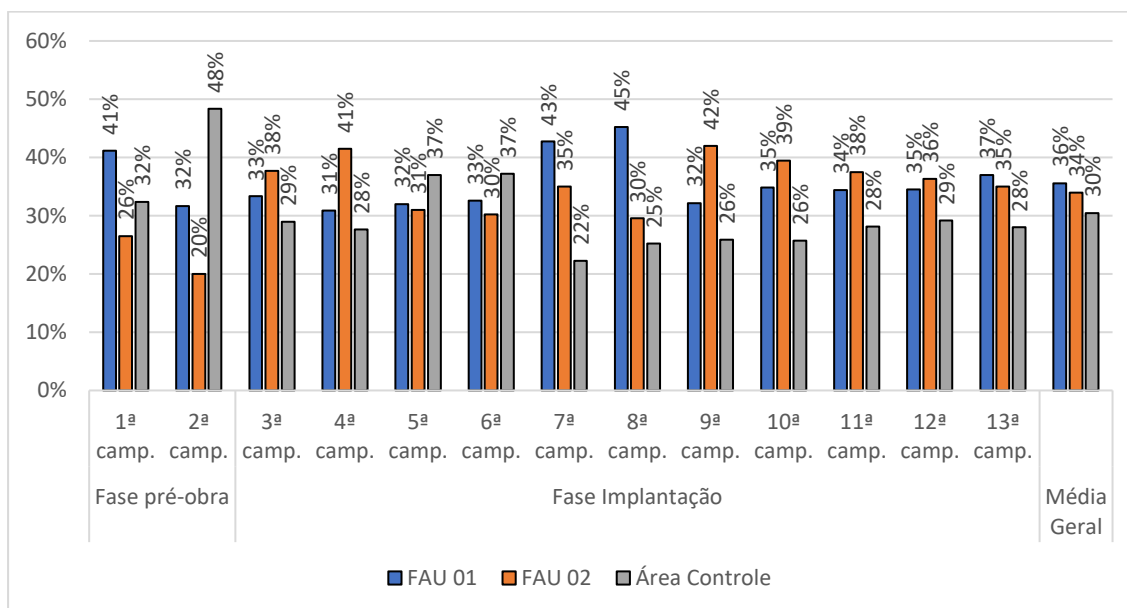


Gráfico 24 - Número de espécies registradas durante as campanhas de monitoramento.

#### 4.4.3.2 Riqueza, Similaridade e Diversidade

Durante a 13ª campanha de monitoramento, podemos verificar que a área FAU 01, obteve o maior percentual de registro de espécies (37%), seguindo assim, uma normalidade na média geral que a área FAU 01 apresenta o maior valor de percentual (35%). Como é possível observar no Gráfico 25.

O resultado obtido nas campanhas demonstra a importância da mata ciliar com presença de corredores ecológicos para o estabelecimento de espécies das aves, mas é possível que sua estrutura e disponibilidade de recursos permitam que as aves estejam mais dispersas pelo fragmento, concentrando-se em áreas de maior disponibilidade alimentar, ou ainda, que utilizem o local como dormitório, mas busquem alimento em fragmentos próximos ao rio.



**Gráfico 25 - Riqueza de espécies para os três pontos de monitoramento de fauna, nas 13ª campanhas da CGH Teles de Proença.**

Através da análise de diversidade de Shannon-H observamos que durante a 13ª campanha as áreas FAU 01, FAU 02 e Controle obtiveram valores de diversidade próximos,  $H = 3,904$ ,  $H = 3,938$  e  $H = 3,771$  respectivamente (Tabela 37). O índice de Shannon será igual a zero somente quando houver uma única espécie na amostra, e assumirá seu valor máximo somente quando todas as espécies existentes na amostra apresentarem o mesmo.

A equabilidade ( $E'$ ), também conhecida como índice de equabilidade de Pielou, é um componente do índice de diversidade de Shannon-Wiener que reflete a forma através da qual os indivíduos encontram-se distribuídos entre as diferentes espécies presentes na amostra. Por exemplo, em uma amostra constituída por 10 espécies e 100 indivíduos, se uma única espécie aparece com 90 indivíduos e as demais com os 10 indivíduos que restaram, então tem-se uma amostra com baixa equabilidade. Por outro lado, se nessa mesma amostra cada uma das 10 espécies aparece com 10 indivíduos, então tem-se um caso de equabilidade máxima. A equabilidade varia entre 0 (equabilidade mínima) e 1 (equabilidade máxima). Podemos perceber na Tabela 37 que os valores de equabilidade foram próximos durante a 13ª campanha.

O Índice de Margalef, ou Índice de biodiversidade de Margalef, é uma medida utilizada em ecologia para estimar a biodiversidade de uma comunidade com base na distribuição numérica dos indivíduos das diferentes espécies em função do número total de

indivíduos existentes na amostra analisada. O Índice de Margalef foi proposto pelo biólogo e ecologista catalão Ramón Margalef i López e tem a seguinte expressão:  $I = [(n-1)] / \ln N$ , onde I é a diversidade, n é o número de espécies presente, e N é o número total de indivíduos encontrados (pertencentes a todas as espécies). A notação ln denota o logaritmo neperiano do número. Valores inferiores a 2,0 são considerados como denotando áreas de baixa diversidade (em geral em resultado de efeitos antropogênicos) e valores superiores a 5,0 são considerados como indicador de grande biodiversidade. Os índices de Margalef apresentam-se superiores a 2 durante as 13 campanhas realizadas até o momento, sendo considerado assim uma boa diversidade, como podemos observar na Tabela 37.

Tabela 37 - Resultados dos índices de diversidade da avifauna por área amostral.

Campanha	Índice Ecológico	Área amostral		
		FAU-01	FAU-02	ÁREA CONTROLE
1ª Campanha	Riqueza	28	18	22
	Abundância	146	70	107
	Diversidade de Shannon	2,542	2,223	2,543
	Equidade de J (Pielou)	0,7629	0,7691	0,8227
	Margalef	5,418	4,001	4,494
2ª Campanha	Riqueza	19	12	29
	Abundância	53	35	69
	Diversidade de Shannon	2,643	2,28	3,144
	Equidade de J (Pielou)	0,8975	0,9177	0,9336
	Margalef	4,534	3,094	6,613
3ª Campanha	Riqueza	38	43	33
	Abundância	134	112	74
	Diversidade de Shannon	3,274	3,566	3,28
	Equidade de J (Pielou)	0,9	0,9482	0,9381
	Margalef	7,554	8,901	7,435
4ª Campanha	Riqueza	38	51	34
	Abundância	122	102	64
	Diversidade de Shannon	3,082	3,768	3,37
	Equidade de J (Pielou)	0,8474	0,9584	0,9558
	Margalef	7,702	10,81	7,935
5ª Campanha	Riqueza	32	31	37
	Abundância	70	57	69
	Diversidade de Shannon	3,224	3,248	3,396
	Equidade de J (Pielou)	0,9304	0,9458	0,9406
	Margalef	7,297	7,42	8,502
6ª Campanha	Riqueza	42	39	48
	Abundância	133	91	161
	Diversidade de Shannon	3,539	3,518	3,61

Campanha	Índice Ecológico	Área amostral		
		FAU-01	FAU-02	ÁREA CONTROLE
7ª Campanha	Equidade de J (Pielou)	0,9468	0,9604	0,9326
	Margalef	8,384	8,424	9,249
	Riqueza	49	41	26
	Abundância	121	99	63
	Diversidade de Shannon	3,641	3,37	2,94
	Equidade de J (Pielou)	0,9357	0,9076	0,9024
8ª Campanha	Margalef	10,01	8,705	6,034
	Riqueza	52	34	29
	Abundância	113	77	147
	Diversidade de Shannon	3,706	3,174	2,418
	Equidade de J (Pielou)	0,9379	0,9001	0,718
9ª Campanha	Margalef	10,79	7,597	5,611
	Riqueza	46	60	37
	Abundância	96	136	62
	Diversidade de Shannon	3,631	3,828	3,473
	Equidade de J (Pielou)	0,9484	0,9349	0,9617
10ª Campanha	Margalef	9,859	12,01	8,723
	Riqueza	38	43	28
	Abundância	70	102	56
	Diversidade de Shannon	3,393	3,578	3,162
	Equidade de J (Pielou)	0,9327	0,9514	0,9488
11ª Campanha	Margalef	8,709	9,081	6,707
	Riqueza	44	48	36
	Abundância	96	113	65
	Diversidade de Shannon	3,554	3,601	3,401
	Equidade de J (Pielou)	0,9392	0,9301	0,9491
12ª Campanha	Margalef	9,421	9,942	8,384
	Riqueza	58	61	49
	Abundância	159	127	96
	Diversidade de Shannon	3,857	3,956	3,714
	Equidade de J (Pielou)	0,9498	0,9623	0,9542
13ª Campanha	Margalef	11,25	12,39	10,52
	Riqueza	65	62	50
	Abundância	175	135	83
	Diversidade de Shannon	3,904	3,938	3,771
	Equidade de J (Pielou)	12,39	12,44	11,09
	Margalef	0,9352	0,9541	0,964

Tabela 38 - Resultados dos índices de diversidade da avifauna por campanha.

Índice ecológico	Campanha												
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	13ª
Riqueza	39	45	73	60	62	72	80	66	85	69	73	84	86

Diversidade de Shannon	2,83	3,36 4	3,78 1	3,63 9	3,78 1	3,93 2	4,02 4	3,44 3	4,15 3	3,94 5	3,98 2	4,10 3	4,14
Equidade de J (Pielou)	0,77 24	0,88 38	0,88 12	0,88 89	0,91 61	0,91 94	0,91 82	0,82 18	0,93 49	0,93 18	0,92 82	0,92 61	0,92 95
Margalef	6,57 7	8,70 2	12,4 9	10,4 2	11,5 6	11,9 3	13,9 9	11,1 7	14,7 8	12,5	12,8 3	13,9 6	14,2 3

#### 4.4.3.2.1 Similaridade entre Pontos Amostrais

Quanto à similaridade (Jaccard), a análise de similaridade foi realizada com base no índice de Jaccard, que determina quão similar são os conjuntos, baseado no compartilhamento de espécies com relação ao total de espécies registradas. Quanto mais próximo de 1 significa que os conjuntos são mais similares, e quanto mais próximo de zero menos similares. A análise evidenciou um agrupamento inicial entre as áreas FAU-02 e Área Controle, com valor aproximado de 0,65. Esse resultado indica que essas duas áreas compartilham uma parcela considerável de espécies, embora ainda apresentem diferenças significativas em sua composição faunística. Posteriormente, o agrupamento formado por FAU-02 e Área Controle conecta-se à FAU-01, em um nível de similaridade em torno de 0,57, sugerindo que esta apresenta menor proximidade em relação às demais, mas ainda mantém um número relevante de espécies em comum. O valor relativamente baixo de similaridade demonstra que, apesar da sobreposição parcial de espécies, há presença de espécies exclusivas em cada área (Gráfico 26).

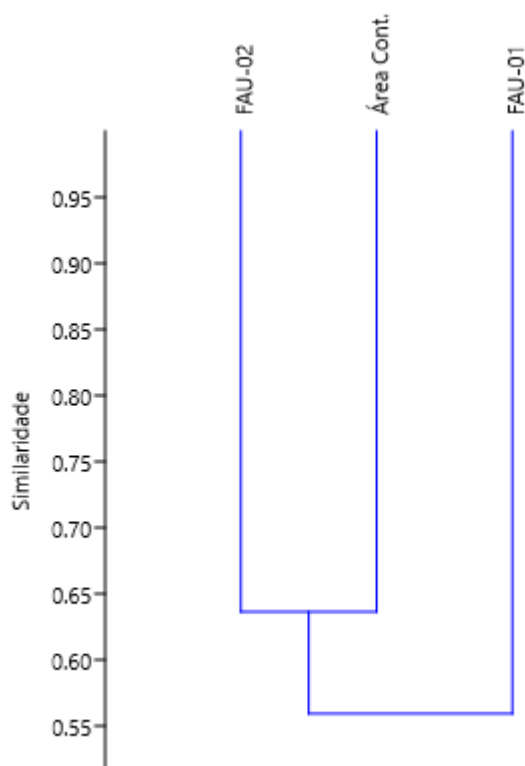


Gráfico 26 - Dendrograma da análise de similaridade entre os pontos amostrais realizada com base no índice de Jaccard durante a décima terceira campanha.

#### 4.4.3.3 Suficiência Amostral (Curva do Coletor)

Com base nos registros realizados durante as campanhas de monitoramento da CGH Teles de Proença, foi produzida a curva de acúmulo de espécies. A curva do coletor indica o número de espécies registradas nas áreas de estudo através de uma curva composta por valores acumulados de espécies novas obtidas a cada campanha amostral. Ela demonstra uma curva que oscila até o momento em que a avifauna for totalmente registrada. Nela podemos observar que o número de espécies identificadas nas áreas de estudo para as campanhas de monitoramento encontra-se em ascensão, até o momento foram registradas 157 espécies de aves, ocorrendo acréscimo de quatro novos registros na atual campanha. A seguir é apresentado o gráfico da curva de acumulação das espécies registradas durante o monitoramento na CGH Teles de Proença.

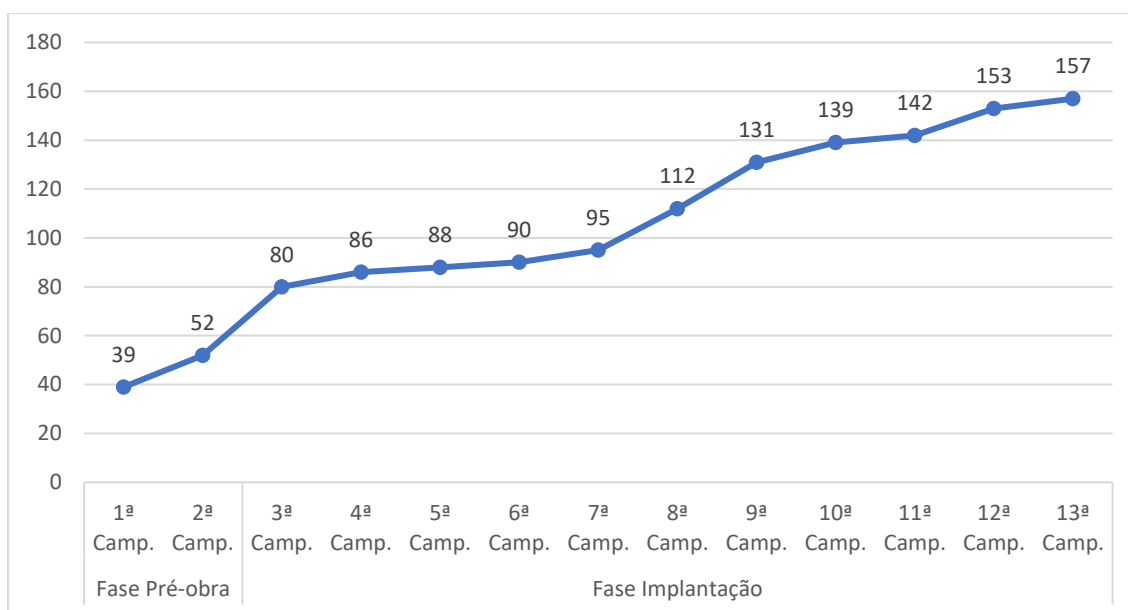


Gráfico 27 - Curva de acúmulo de espécies com base nos dados levantados durante as campanhas de monitoramento de fauna para a CGH Teles de Proença.

Como podemos perceber no Gráfico 28, foi gerado a curva de rarefação das espécies, utilizando o índice de “Mao Tau”, com intervalo de confiança de 95%.

A curva de rarefação de espécies corrobora com o que foi apresentada pela curva do coletor, pois ela não apresenta uma tendência assíntota, demonstrando que são necessárias mais amostragens.

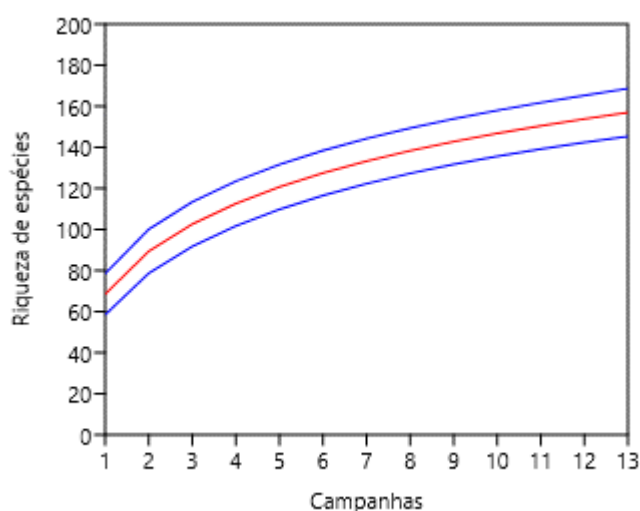


Gráfico 28 - Curva de rarefação das espécies registradas durante as campanhas de monitoramento de fauna para a CGH Teles de Proença.

#### 4.4.3.4 Espécies Migratórias

A presença de espécies migratórias na região do empreendimento durante todo o período de instalação e operação funciona como bioindicador sobre os impactos ambientais locais e a interferência sobre espécies que utilizam a região. A lista de espécies migratórias foi baseada na lista mais atual publicada para o Brasil (Somenzari *et al.* 2018 e Somenzari *et al.* 2022) e informações complementares para migratórios neotropicais foram obtidas através de Jahn *et al.* 2020.

Com base nos dados primários e secundários levantados foram identificadas 18 espécies migratórias para a região de instalação da CGH Teles de Proença, das quais 13 foram registradas durante os campos. A família Tyrannidae em especial, se destaca por ser o principal representante dentro dos grupos que realizam migrações intercontinentais. Espécies como os suiriri e bem-te-vi (*Tyrannus melancholicus* e *Pitangus sulphuratus*) se deslocam para o norte durante o inverno do Sul, mas podem ser avistadas durante os períodos de primavera, verão e início do outono na região. Ainda, por serem parcialmente migratórios (MPR), parte de sua população não migra, culminando em encontros ocasionais destas espécies mesmo nos meses de inverno (Somenzari *et al.* 2018). Dentre as espécies migratórias identificadas para a região nenhuma se encontra em grau de ameaça preocupante, e todas são classificadas como “Pouco Preocupante” (LC) tanto para o estado do Paraná quanto nas listas nacional (MMA) e mundial (IUCN Red List) (Tabela 36).

#### 4.4.3.5 Espécies Ameaçadas

A Tabela 39 traz as espécies de preocupação levantadas para a área do empreendimento, conforme as listas de espécies ameaçadas para o estado, lista brasileira (MMA) e a lista vermelha (IUCN), duas das espécies foram observadas em campo a *Aratinga auricapillus* (Jandaia-de-testa-vermelha) lista na lista do estado e IUCN e a *Buteo brachyurus* (Gavião-da-cauda-curta) lista na IUCN, contudo existe a possibilidade de as demais espécies serem avistadas na região de acordo com o levantamento bibliográfico realizado.

**Tabela 39 – Lista de espécies catalogadas em grau de ameaça com base na lista de espécies ameaçadas de extinção do Paraná, do Brasil (MMA) e a lista vermelha da IUCN.**

Táxon	Nome comum	Guilda trófica	Status		
			IUCN <sup>1</sup>	BRA <sup>2</sup>	PR <sup>3</sup>
<i>Pteroglossus bailloni</i>	Araçari-banana	ONI	NT	-	VU

Táxon	Nome comum	Guilda trófica	Status		
			IUCN <sup>1</sup>	BRA <sup>2</sup>	PR <sup>3</sup>
<i>Picus aurulentus</i>	Pica-pau-dourado	INS	NT	-	LC
<i>Aratinga auricapillus</i>	Jandaia-de-testa-vermelha	FRU	NT	-	NT
<i>Amazona aestiva</i>	Papagaio-verdadeiro	ONI	NT	-	LC
<i>Columba livia</i>	Pomba-doméstica	GRA	LC	-	NA
<i>Leucopternis polionotus</i>	Gavião-pombo-grande	CAR	NT	-	NT
<i>Urubitinga coronata</i>	Águia-cinzenta	CAR	EN	EN	CR
<i>Parabuteo leucorrhous</i>	Gavião-de-sobre-branco	CAR	LC	-	NT
<i>Buteo brachyurus</i>	Gavião-de-cauda-curta	CAR	NT	-	LC
<i>Piranga flava</i>	Sanhaço-de-fogo	INS	LC	-	NT
<i>Phibalura flavirostris</i>	Tesourinha-da-mata	INS	NT	-	VU
<i>Leptasthenura setaria</i>	Grimpeiro	INS	NT	-	LC
<i>Passer domesticus</i>	Pardal	ONI	LC	-	NA
<i>Sporophila nigricollis</i>	Baiano	GRA	LC	-	DD

<sup>1</sup>Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN).

<sup>2</sup>Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção (MMA, 2022).

<sup>3</sup>Lista Vermelha das Aves Ameaçadas de Extinção no Estado do Paraná, Decreto 6040/2024.

Legenda: NT: Quase ameaçada; EN: Em perigo; VU: Vulnerável; NA: não elegíveis; DD: Dados insuficientes.

As espécies exóticas identificadas para a região do empreendimento foram três, o papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*), o Periquito-rico (*Brotogeris tirica*) e o pardal (*Passer domesticus*). As três espécies são categorizadas como tipo II, conforme a portaria 59/2015 do IAT, como espécies que podem ser utilizadas em condições controladas e sujeitas à regulamentação. O pardal é uma espécie exótica e cosmopolita, após ser introduzida no Brasil se estabeleceu rapidamente e hoje pode ser encontrada em quase todos os biomas. Alimenta-se de grãos e se estabelece muito bem em áreas antropizadas e de cultivo. Compete com tico-ticos (e.g., *Zonotrichia* e *Arremon*) e outras espécies granívoras. Além disso, também se constou a presença das espécies *Bulbucus ibis* (garça-vaqueira) e *Columba livia* (pombo-comum).

#### 4.4.3.6 Espécies Endêmicas

Durante os estudos (dados primários e secundários), foram encontradas 13 espécies endêmicas da Mata Atlântica: *Ramphastos dicolorus*, *Thalurania glaucopis*, *Brotogeris tirica*, *Aramides saracura*, *Synallaxis ruficapilla*, *Leptasthenura setaria*, *Tachyphonus coronatus*, *Hypoedaleus guttatus*, *Drymophila malura*, *Mackenziaena leachii*, *Mackenziaena severa*, *Chiroxiphia caudata* e *Todirostrum poliocephalum*. (Moreira-Lima, 2013). No relatório

anterior foram listadas 21 espécies, porém estavam citadas também espécies quase endêmicas. Atualizou-se, para somente as espécies endêmicas da Mata Atlântica.

#### 4.4.3.7 Habitat e Guilda Trófica

As aves registradas durante as campanhas amostrais no empreendimento, foram classificadas quanto ao seu habitat preferencial e guilda da seguinte forma: Habitat; Fb: Borda de floresta, Fl: Florestal, Aa: Área aberta e Aq: Aquático; Guilda; saprófaga (sap), onívora (oni), granívora (gra), carnívora (car), frugívora (fru), insetívora (ins), piscívora (pis), nectarívora (nec) e herbívora (her). Não foram abordadas classificações quanto a especialidade dentro da guilda (ex: insetívoro de copa, insetívoro de sub-bosque, etc.) ou de habitat, apenas foi considerada uma classificação generalista das espécies.

A caracterização quanto à guilda trófica da avifauna local se deu em sua maioria pela presença de espécies insetívoras, representadas principalmente pelas famílias Tyrannidae, Hirundinidae, Picidae e Parulidae, mas também pelas espécies onívoras, representada principalmente pelas espécies da família Icteridae e espécies da família Tyrannidae. Segundo Almeida (1982), a predominância de hábito alimentar insetívoro sugere um ambiente mais alterado. Motta Júnior (1990) relata que em altos índices de perturbação ambiental, existe uma tendência cada vez maior das aves onívoras e, possivelmente insetívoras menos especializadas, aumentarem sua representatividade, sucedendo o contrário no caso de frutívoros e insetívoros mais ou menos especializados.

Os resultados encontrados durante as campanhas de monitoramento realizadas, a princípio confirmam este fato, às categorias tróficas avaliadas nos estudos realizados da avifauna local, notamos nitidamente espécies insetívoras, onívoras, granívoras, carnívoras e frugívoras em todas as amostragens, como as mais representativas. Durante as treze campanhas realizadas até o momento, os Insetívoros foram os que somaram a maior média percentual 35% e em seguida os Onívoros 20%, os Granívoros 13%, Carnívoros 12%, as demais guildas tróficas somados os percentuais apresentaram 20% (Gráfico 29).

Em regiões abertas essas espécies são beneficiadas e se adaptam muito bem inclusive ao consumo de insetos derivados das lavouras. As espécies de hábito granívoro foram destaque também e avistadas com frequência na região, exemplos são os canários que utilizam ambientes abertos como as plantações como áreas de alimentação, devido a

abundância de grãos das lavouras. Outro grupo de aves bastante observadas foram as carnívoras, sendo representadas principalmente pelos anús, gaviões e falcões.

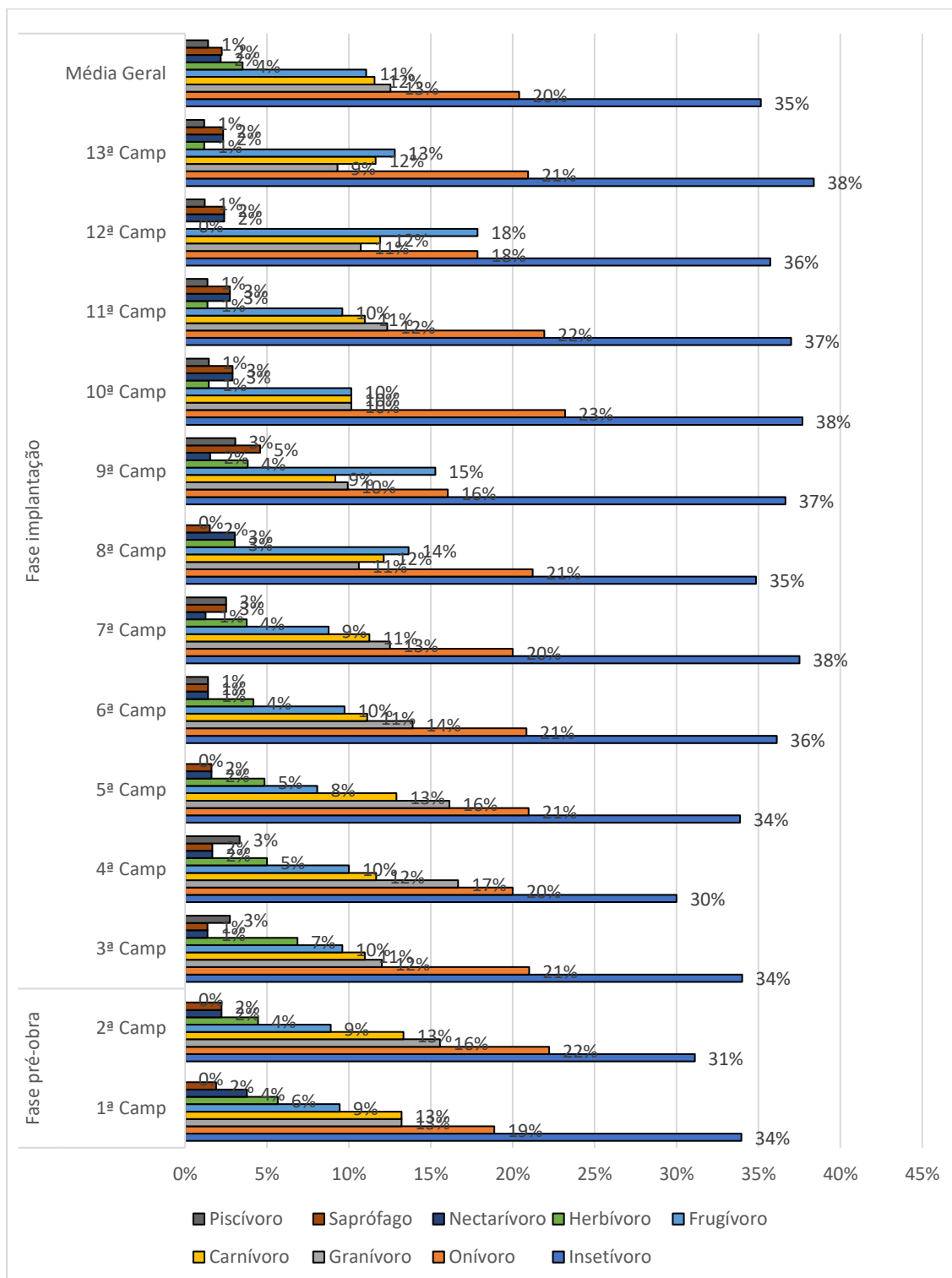


Gráfico 29 - Classificação da avifauna quanto à guilda trófica da CGH Teles de Proença.

#### 4.4.3.8 Caracterização da Avifauna

A região é predominada pela agricultura e pecuária (Figura 31), o que permite a adaptação de espécies de sub-bosque e com preferência por clareiras. A presença de porções de floresta em estágio avançado subsidia a presença de espécies frugívoras, como as da família Thraupidae avistadas na região. Contudo, elas não são a maioria.



Figura 31 - Fitofisionomia da região onde será implantada a CGH Teles de Proença.



Figura 32 - Imagens aéreas da fitofisionomia da região onde será implantada a CGH Teles de Proença, destacando a fragmentação, a formação de bordas de mata e a presença de áreas para o plantio e pastagem.

#### 4.4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A área de abrangência onde está sendo implantada a CGH Teles de Proença, abriga principalmente espécies especialistas de áreas abertas, insetívoras e onívoras, além de

poucas espécies ameaçadas levantadas, através de registros secundários, tendo sido registradas somente duas espécies com algum grau de ameaça, durante as campanhas de monitoramento, as espécies *Aratinga auricapillus* e *Buteo brachyurus*. A caracterização está intrinsicamente ligada à fitofisionomia da área, composta por cultivos de monocultura, pecuária e escassos fragmentos de floresta. A presença de espécies insetívoras e generalistas como os tiranídeos reforça esse diagnóstico, visto que são espécies com alta plasticidade e que se adaptam facilmente a modificações ambientais (Padovezi *et al.* 2014). Ainda, deve-se atentar à presença de espécies migratórias na região e que utilizam os fragmentos florestais durante as estações de verão.

Estas características mostram que mesmo com a fragmentação e degradação de habitat já existente na região devido a monocultura, a área tem potencial para garantir o estabelecimento não só de espécies de alta plasticidade, mas também de espécies mais exigentes. Nesse sentido, a conservação e recuperação de áreas é importante para garantir a permanência dessas espécies e suportar o adensamento e chegada de novos grupos. Reforçamos ainda que os principais impactos sobre a avifauna serão refletidos sobre as espécies ripárias e/ou que utilizam as matas ciliares da região como berçário ou como áreas de descanso e dormitórios.

#### 4.4.5 REGISTROS FOTOGRÁFICOS



Figura 33 - Exemplar de *Empidonomus varius* (Peitica).



Figura 34 - Exemplar de *Buteo brachyurus* (Gavião-de-cauda-curta).



Figura 35 - Exemplar de *Synallaxis frontalis* (Petrin).

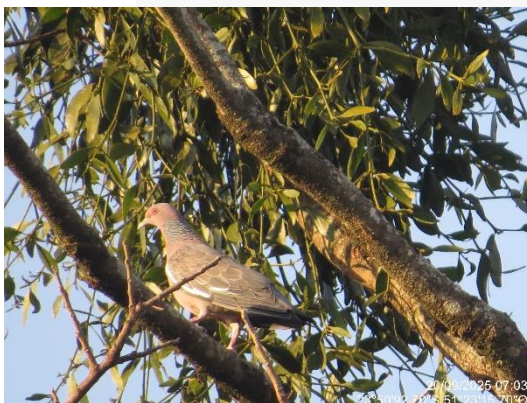


Figura 36 - Exemplar de *Patagioenas picazuro* (Pombão).



Figura 37 - Exemplar de *Troglodites musculus* (Corruíra).



Figura 38 - Exemplar de *Geothlypis aequinoctialis* (Pia-cobra).

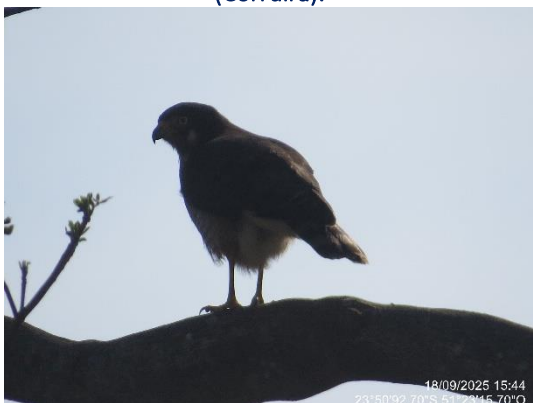


Figura 39 - Exemplar de *Rupornis magnirostris* (Gavião-carijó).



Figura 40 - Exemplar capturado de *Leptopogon amaurocephalus* (Cabeçudo).

## 4.5 MASTOFAUNA

### 4.5.1 INTRODUÇÃO

Uma das maiores diversidades de mamíferos do mundo é encontrada no Brasil, com 785 espécies registradas em seu território até o momento (Abreu *et al.*, 2024). Dentre essas, 110 estão oficialmente ameaçadas de extinção, representando 14% do total de espécies nativas para o território brasileiro (MMA, 2014). Para o estado do Paraná, há o registro de 183 espécies (Reis *et al.*, 2009; Miretzki, dados não publicados).

De maneira geral, os mamíferos de médio e grande porte são importantes como prestadores de serviços ecológicos. Este grupo desempenha papéis fundamentais na dinâmica dos ecossistemas, desde polinização a predadores de topo de cadeia alimentar, influenciando na regeneração da vegetação (Medeiro *et al.*, 2019).

Além disso, servem como fonte de alimento para as populações humanas. Já os pequenos mamíferos são consumidores de insetos e frutos, dispersores de sementes e de esporos de fungos, atuando em diversos níveis da teia trófica.

Além desses fatores esse grupo tem importância social e econômica, pois fazem parte do ciclo de muitas zoonoses. Este táxon é sensível a mudanças no ambiente e possui características que influenciam significativamente a dinâmica dos ecossistemas. Ademais, a maioria das espécies endêmicas da Mata Atlântica não ocupa habitats antropogênicos, sendo assim, respondem rapidamente às perturbações ambientais (Rodrigues *et al.*, 2019).

Atualmente, várias espécies (principalmente de médio e grande porte) encontram-se seriamente ameaçadas de extinção (Graipel *et al.*, 2017). Isso é consequência de várias alterações causadas pelo homem, entre elas o processo de redução dos ambientes naturais, a presença de espécies domésticas e invasoras e as atividades de caça ilegal, isso aumentou consideravelmente o nível de vulnerabilidade dos mamíferos.

Nesse contexto, alguns mamíferos se tornam excelentes bioindicadores de qualidade ambiental, pois quando presentes em um determinado ecossistema indicam a qualidade do ambiente e sua capacidade de interação entre espécies. Portanto, o monitoramento da mastofauna informa o estado de conservação dos ambientes, assim como prevê o diagnóstico das populações desse grupo no tempo e no espaço, se tornando importante ferramenta para a conservação da biodiversidade na região estudada (Rossi, 2009).

#### 4.5.2 METODOLOGIA

Para o monitoramento dos mamíferos na região do empreendimento foi realizada uma combinação de métodos diretos e indiretos seguindo o plano de trabalho de monitoramento de fauna protocolado junto ao Instituto Água e Terra (IAT). Durante as campanhas de monitoramento da fauna na região da futura CGH Teles de Proença obtiveram duração de 72 horas (3 dias e 2 noites). Para o monitoramento, foram utilizados 3 pontos de estudo de fauna terrestre (FAU-01, FAU-02 e Área controle).

##### 4.5.2.1 Armadilhas Sherman e Tomahawk

As armadilhas Tomahawk consistem em gaiolas em grades de arame galvanizado retorcido, malha: 10mm (45x16x16), estas são acionadas por pedal de pressão (Figura 41). Estas armadilhas são adequadas para captura de mamíferos de pequeno e médio porte que são atraídos a partir de iscas dispostas dentro das armadilhas. Ao entrar na armadilha e pisar no pedal, o animal aciona o sistema de fechamento que o mantém preso até a chegada dos profissionais que realizarão os estudos necessários e a posterior soltura do mesmo.

A armadilha Sherman funciona praticamente da mesma forma, porém, está possui estrutura em chapa galvanizada, com tamanho 300x80x90mm e dobrável. É utilizada para captura de pequenos mamíferos, principalmente roedores, sendo acionáveis através de pedal de pressão. Estas armadilhas foram iscadas e instaladas em diferentes locais, como próximo de tocas, suspensas em árvores, em trilhas utilizadas por animais etc. em diferentes ambientes, como florestados e antropizados. Para esta metodologia foram instaladas 20 armadilhas de cada modelo para cada área de monitoramento. Estas permaneceram instaladas durante todo o período de amostragem da fauna (duas noites), sendo revisadas com intervalos máximos de 12 horas para o registro e soltura dos animais capturados.

As armadilhas permaneceram pelo período de três dias, sendo 20 armadilhas para cada um dos sítios amostrais, totalizando 80 armadilhas Sherman e Tomahawk x 72 horas (3 dias), totalizando 5.760 horas por campanha. Para que os animais fossem atraídos para perto da armadilha, foram utilizadas iscas variadas (banana, maçã, abacate, bacon etc.).

Esta metodologia foi aplicada seguindo as diretrizes estabelecidas na Autorização Ambiental nº 56877 na condicionante nº 9, que estabelece: *“Para as amostragens da*

*mastofauna serão utilizados os métodos de (i) Armadilhas Fotográficas (AF), (ii) Armadilhas Tomahawk e Sherman e (iii) busca ativa, (iv) Redes de neblina”.*



Figura 41 - Exemplo de armadilha Tomahawk.



Figura 42 - Exemplo de armadilha Sherman.



Figura 43 - Armadilhas de captura e contenção viva tipo Tomahawk (esq.) e Sherman (dir.).

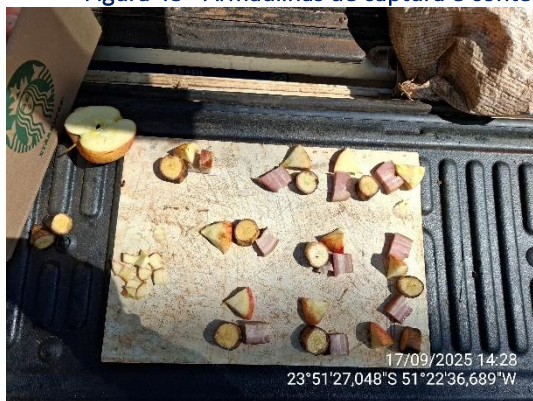


Figura 44 - Iscas utilizadas nas armadilhas de captura.



Figura 45 - Armadilhas dispostas nas unidades amostrais.

#### 4.5.2.2 Busca Ativa

O registro por busca ativa consiste na procura de vestígios dos animais, podendo ser a partir de pegadas, fezes e carcaças ou de fortuito registro visual de espécies. Havendo viabilidade, estes vestígios foram identificados no local e fotografados para compor o banco de dados e posterior necessidade de comparação em bibliografia especializada. A busca ativa também tem como objetivo a visualização direta dos indivíduos, e, quando possível, estes foram fotografados para que posteriormente fosse realizada a identificação da espécie. Esforço amostral não mensurável. Realizou-se duas horas diárias de busca ativa (sendo uma hora noturno e uma hora diurno), com o empenho de dois profissionais, por um período de três dias, o esforço amostral foi de 12 horas por campanha amostral.

Esta metodologia foi aplicada seguindo as diretrizes estabelecidas na Autorização Ambiental nº 56877 na condicionante nº 9, que estabelece: *“Para as amostragens da mastofauna serão utilizados os métodos de (i) Armadilhas Fotográficas (AF), (ii) Armadilhas Tomahawk e Sherman e (iii) busca ativa, (iv) Redes de neblina”.*



Figura 46 - Busca ativa através de vestígios (rastros, fezes, tocas) nas áreas de amostragem.

#### 4.5.2.3 Armadilhas Fotográficas

As armadilhas fotográficas ou “câmeras trap”, possuem sensores de movimento que realizam o registro por foto ou vídeo assim que o animal passa em frente da câmera. Estas câmeras podem ser armadas em troncos de árvores ou em outras estruturas e podem permanecer no local durante vários dias.

Durante as campanhas foram instaladas duas armadilhas fotográficas em cada área de estudo para registro de mamíferos, com o total de 72 horas de exposição para cada armadilha, o esforço amostral será de 432 horas por campanha. Foram utilizadas iscas como frutas, sal, ração em saches e carnes, as quais foram posicionadas em frente ao raio de alcance da câmera para atrair os animais até o local (Figura 48). Essas armadilhas foram instaladas no primeiro dia da campanha (Figura 47) e suas iscas repostas sempre que necessário e foram retiradas no último dia de campanha de campo para a verificação do material registrado.

Esta metodologia foi aplicada seguindo as diretrizes estabelecidas na Autorização Ambiental nº 56877 na condicionante nº 9, que estabelece: “Para as amostragens da mastofauna serão utilizados os métodos de (i) Armadilhas Fotográficas (AF), (ii) Armadilhas Tomahawk e Sherman e (iii) busca ativa, (iv) Redes de neblina”.



Figura 47 - Armadilha fotográfica instalada na área de estudo.



Figura 48 - Iscas utilizadas para atrair os animais para as armadilhas fotográficas.

#### 4.5.2.4 Redes de Neblina

O levantamento de dados dos quirópteros foi realizado com o auxílio de nove redes de neblina (3 para cada sítio amostral), com 12 metros de comprimento por 2,5 metros de altura e malha 20 mm (Figura 49). Essas redes foram instaladas em locais de possível ocorrência de morcegos, como corredores de voo, áreas de sub-bosque, áreas abertas e próximas à corpos d'água ou residências. As redes permaneceram abertas desde o entardecer até por volta das 22:00 horas, totalizando aproximadamente três horas de amostragem por noite. Neste período, foi realizada uma revisão a cada 30 minutos em cada rede para soltura dos animais que fossem capturados, realizar registro fotográfico para identificação das espécies e marcação com anilhas numeradas. Após a realização desse processo, os indivíduos são soltos.

Multiplicada a área da rede (comprimento x altura) pelo tempo de exposição (horas x dias) e, por fim, pelo número de redes, tem-se então a equação:  $E = \text{área} \times h \times n$  (E – esforço amostral; área – área de cada rede; h – tempo de exposição e n – número de redes). Assim sendo, o esforço amostral foi de 2.160m<sup>2</sup>h.

Esta metodologia foi aplicada seguindo as diretrizes estabelecidas na Autorização Ambiental nº 56877 na condicionante nº 9, que estabelece: *“Para as amostragens da mastofauna serão utilizados os métodos de (i) Armadilhas Fotográficas (AF), (ii) Armadilhas Tomahawk e Sherman e (iii) busca ativa, (iv) Redes de neblina”.*

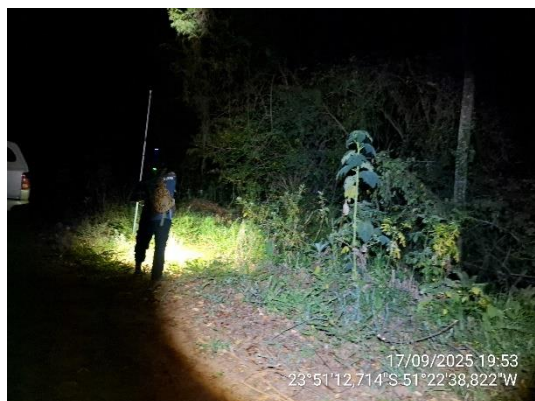


Figura 49 - Montagem e revisão da Rede de Neblina.

#### 4.5.2.5 Registro de Animais Mortos

Todos os pontos amostrais foram percorridos em varredura na procura por animais mortos. Também durante o deslocamento entre os diferentes pontos amostrais foi observado se havia presença de animais mortos nas vias de acesso utilizadas na CGH Teles de Proença. Os animais que porventura são encontrados mortos, têm seus dados coletados e se possível, recolhidos e entregues à instituição parceira UNOCHAPECÓ (Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Chapecó/SC).

#### 4.5.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através dos dados bibliográficos (dados secundários) consultados para a região de instalação do empreendimento, foram registradas 39 espécies de mamíferos silvestres distribuídos em 20 Famílias e 10 Ordens.

Com base nos diferentes métodos adotados em campo (dados primários) na primeira campanha de monitoramento de fauna para a CGH Teles de Proença, foram registradas 10 espécies de mamíferos silvestres distribuídos em 09 Famílias e 07 Ordens, na segunda campanha houve registro de 11 espécies distribuídos em 10 Famílias e 06 Ordens, durante a terceira campanha (fase de implantação) foram registradas 12 espécies de mamíferos silvestres distribuídos em 10 Famílias e 07 Ordens, na quarta campanha (2ª campanha fase

de implantação) registrou-se 05 espécies distribuídas em 05 Famílias e 05 Ordens, na quinta campanha (3ª campanha fase de implantação) registrou-se 04 espécies em 04 famílias e 03 ordens, na sexta campanha (4ª campanha fase de implantação) houve registro de 08 espécies em 07 famílias e 06 ordens, na sétima campanha (5ª campanha fase de implantação) houve registro de 07 espécies em 07 famílias e 06 ordens, na oitava campanha (6ª campanha fase de implantação) houve registro de 08 espécies em 06 famílias e 04 ordens, na nona campanha (7ª campanha fase de implantação) houve registro de 05 espécies em 04 famílias e 03 ordens, na décima campanha (8ª campanha fase de implantação) houve registro de 08 espécies em 08 famílias e 05 ordens, na décima primeira campanha (9ª campanha fase de implantação) houve registro de 06 espécies em 06 famílias e 06 ordens, na décima segunda campanha (10ª campanha fase de implantação) registrou-se 09 espécies em 07 famílias e 06 ordens e na décima terceira campanha (11ª campanha fase de implantação) registrou-se 09 espécies em 07 famílias e 05 ordens (Tabela 40) .

Tabela 40 - Lista das espécies de mamíferos registrados para o monitoramento da CGH Teles de Proença.

Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Status de Conservação			Dados Secundários	MF (2020)	Pré-Obra		Implantação												
				PR	MA	IUCN			1ª Cam p.	2ª Cam p.	3ª Cam p.	4ª Cam p.	5ª Cam p.	6ª Cam p.	7ª Cam p.	8ª Cam p.	9ª Cam p.	10ª Cam p.	11ª Cam p.	12ª Cam p.	13ª Cam p.		
PERISSODACTYLA	Tapiriidae	Tapirus terrestris	anta	CR	VU	VU	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
CETARTIODACTYLA	Tayassuidae	Pecari tajacu	cateto	-	-	LC	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Cervidae	Mazama gouazoubira	veado-catingueiro	-	-	LC	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		Mazama americana	veado-mateiro	-	-	DD	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		Mazama sp.	veado	-	-	-	1	X	E	V,E	V,E	-	V	E	E	-	-	-	-	-	-	-	
CARNÍVORA	Felidae	Puma yagouaroundi	gato-mourisco	-	VU	LC	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		Leopardus guttulus	gato-do-mato-pequeno	VU	VU	VU	1	X	-	V,E	V,E	AF	-	-	-	-	-	AF	-	-	-	-	
		Leopardus pardalis	jaguaritica	VU	-	LC	1;2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		Leopardus wiedii	gato-maracajá	EN	VU	NT	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		Puma concolor	leão-baio	VU	VU	LC	1	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Canidae	Cerdocyon thous	cachorro-do-mato	LC	-	LC	1;2	X	V,E	V,E	RV,V,E	-	RV,V	RV	RV	AF	V,AF	V,RV	V	AF,V,RV	V	-	
	Procyonidae	Procyon cancrivorus	mão-pelada	LC	-	LC	1;2	-	AF	AF,V	V,E	-	-	-	-	-	-	-	-	V	-	-	
		Nasua nasua	quati	LC	-	LC	1;2	X	E	E	RV,E	-	-	-	RV	-	AF	-	-	-	-	-	

Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Status de Conservação			Dado s Secun dário s	MF (20 20)	Pré-Obra		Implantação												
				P R	M MA	IU CN			1ª Ca m p.	2ª Ca m p.	3ª Ca mp .	4ª Ca m p.	5ª Ca m p.	6ª Ca m p.	7ª Ca m p.	8ª Ca m p.	9ª Ca m p.	10 ª Ca mp .	11ª Ca mp .	12ª Ca mp.	13ª Ca mp.		
	Mustelid ae	<i>Eira barbara</i>	irara	L C	-	LC	1	-	AF	AF	-	-	-	AF	-	RV	-	-	-	-	-	V	
		<i>Lontra longicaudis</i>	lontra	V U	-	NT	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	V	
CHIROPTE RA	Phyllosto midae	<i>Artibeus lituratus</i>	morcego- frugívoro-de- cabeça-listrada	L C	-	LC	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Carollia perspicillata</i>	morcego-de- cauda-curta	L C	-	LC	-				RV	RV	-	RV	-	RV	-	RV	RV	RV	RV	-	
		<i>Sturnira lilium</i>	morcego	L C	-	LC	-	X	RN	RN	-	-	-	-	RN	RN	-	-	-	CA P	CA P		
		Subfamília Glossophagin ae*	morcego	-	-	-	-				RV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
	Noctilion idae	<i>Noctilio leporinus</i>	morcego-pescador	N T	-	LC	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
CINGULAT A	Dasypod ydae	<i>Cabassous tatouay</i>	tatu-do-rabo- mole-grande	D D	-	LC	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
		<i>Dasypus novemcinctus</i>	tatu-galinha	L C	-	LC	1;2	X	AF, E	AF, V,E	V,E	V	-	V	AF	V	-	RV, A M	V	RV, V	-		
DIDELPHI MORPHIA N	Didelphi dae	<i>Didelphis albiventris</i>	gambá-de-orelha- branca	L C	-	LC	1	X	V,E	V,E	AF, V,E	AF, V	-	AF	AF	-	AF	RV	RV, CA P	RV	RV		
		<i>Chironectes minimus</i>	raposinha-d'água	L C	-	LC	2	-	-	-	-	-	-	AF	-	-	-	-	-	-	-	-	

Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Status de Conservação			Dados Secundários	MF (2020)	Pré-Obra		Implantação												
				PR	MA	IUCN			1ª Cam p.	2ª Cam p.	3ª Cam p.	4ª Cam p.	5ª Cam p.	6ª Cam p.	7ª Cam p.	8ª Cam p.	9ª Cam p.	10ª Cam p.	11ª Cam p.	12ª Cam p.	13ª Cam p.		
		<i>Gracilinanus sp.</i>	cuiquinha	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	AS	-	-	-	CAP		
LAGOMORPHA	Leporidae	<i>Lepus europaeus (exótico)</i>	lebre	-	-	LC	1	X	RV,E	RV,E	RV,E	RV	-	-	-	-	-	RV	RV	RV	RV		
		<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	tapeti	DD	-	EN	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
PILOSA	Myrmecophagidae	<i>Tamandua tetradactyla</i>	tamanduá-mirim	LC	-	LC	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
PRIMATA	Cebidae	<i>Sapajus nigritus</i>	macaco-prego	LC	-	NT	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
RODENTIA	Caviidae	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	capivara	LC	-	LC	1;2	X	E	E	V,E	-	-	V	V	V	-	V	RV,V	AF,V,RV	AF,V,RV		
		<i>Cavia</i> sp.	preá	-	-	-	1	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	RV	-		
	Cuniculidae	<i>Cuniculus paca</i>	paca	VU	-	LC	1;2	-	-	-	-	-	AF	-	-	-	-	-	-	-	-		
	Dasyproctidae	<i>Dasyprocta azarae</i>	cutia	LC	-	DD	1;2	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
	Erethizontidae	<i>Myocastor coypus</i>	ratão-do-banhado	-	-	LC	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
		<i>Sphiggurus villosus</i>	ouriço-cacheiro	-	-	LC	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
	Cricetidae	<i>Akodon</i> sp.	rato-do-chão	-	-	-	-	X	-	-	AS	-	AS	-	-	-	AS	AS	-	-	AS		
		<i>Scapteromys</i> sp.	rato-do-banhado	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		

Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Status de Conservação			Dados Secundários	MF (2020)	Pré-Obra		Implantação										
				PR	MA	IUCN			1ª Cam p.	2ª Cam p.	3ª Cam p.	4ª Cam p.	5ª Cam p.	6ª Cam p.	7ª Cam p.	8ª Cam p.	9ª Cam p.	10ª Cam p.	11ª Cam p.	12ª Cam p.	13ª Cam p.
		<i>Oligoryzomys</i> sp.	rato	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Sciuridae	<i>Guerlinguetus ingrami</i>	serelepe	DD	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total de espécies por campanha							28	19	10	11	12	5	4	8	7	8	5	8	6	9	9
Total de espécies							39														

Legendas: \* - Exemplar registrado através do registro fotográfico, para a identificação em nível de espécie, seria necessário a realização da captura do mesmo (rede de neblina). (1) Almeida (2008), RV: Registro visual; V; Vestígio; RN: Rede de Neblina, AT: Armadilha Tomahawk; AS: Armadilha Sherman; AF: Armadilha Fotográfica; E: Entrevista. Status de ameaça: CR: Criticamente em Perigo; EN: Em Perigo; VU: Vulnerável; NT: Quase Ameaçada; LC: Menos Preocupante; DD: Dados Insuficientes.

#### 4.5.3.1 Análise dos Dados

Para os estudos realizados na CGH Teles de Proença para a Mastofauna, foram definidas 03 áreas amostrais. Profissionais com vasta experiência em serviços semelhantes foram os responsáveis pelas campanhas do monitoramento em campo, bem como a tabulação dos dados e confecção do relatório final.

Os mamíferos foram analisados quanto ao número de espécies, famílias e ordens, número de indivíduos e número de registros observados em cada área amostral. A classificação taxonômica e nomenclatura das espécies seguem Wilson & Reeder (2005) e Paglia *et al.* (2012).

É importante salientar que muitas espécies ou mesmo gêneros de mamíferos, principalmente quirópteros, roedores e marsupiais, apresentam características crípticas, o que dificulta a determinação a partir de simples análise morfológica externa. É extremamente necessária a coleta e exames crânio-dentários detalhados de alguns indivíduos capturados em um contexto comparativo ou mesmo um estudo de caracteres moleculares para a correta diagnose taxonômica. Isso ocorre porque é imperativo que estes espécimes sejam comparados a exemplares depositados em coleções zoológicas, havendo em muitos casos, a necessidade de comparação direta com o material tipo, espalhado em dezenas de coleções nos continentes americano e europeu. Todo esse procedimento normalmente estende-se por períodos incompatíveis com os prazos envolvidos no processo de licenciamento ambiental, o que faz com que as imprecisões sejam tratadas da seguinte maneira:

- Táxons cuja determinação genérica é reconhecida, mas sobre o qual não há informações suficientes para diferenciação específica, serão considerados sob a denominação “sp.” (e.g. *Calomys* sp.; *Oligoryzomys* sp.);
- Táxons cuja amostra coletada é insuficiente para uma determinação segura, optou-se em utilizar a abreviatura “cf.” relacionada ao epíteto específico de ocorrência geográfica reconhecida para a região (e.g. *Oecomys* cf. *bicolor*; *Marmosops* cf. *bishopi*);
- Incertezas quanto a registros fotográficos, visualizações e indícios indiretos que impossibilitem a determinação das espécies, quando estas

já são reconhecidas para a região amostrada não serão inclusas nas referências de riqueza e abundância.

#### 4.5.3.2 Riqueza

Baseado nos dados obtidos a campo e dados bibliográficos de amostragens realizadas na região de inserção do empreendimento, conseguimos realizar um comparativo entre eles.

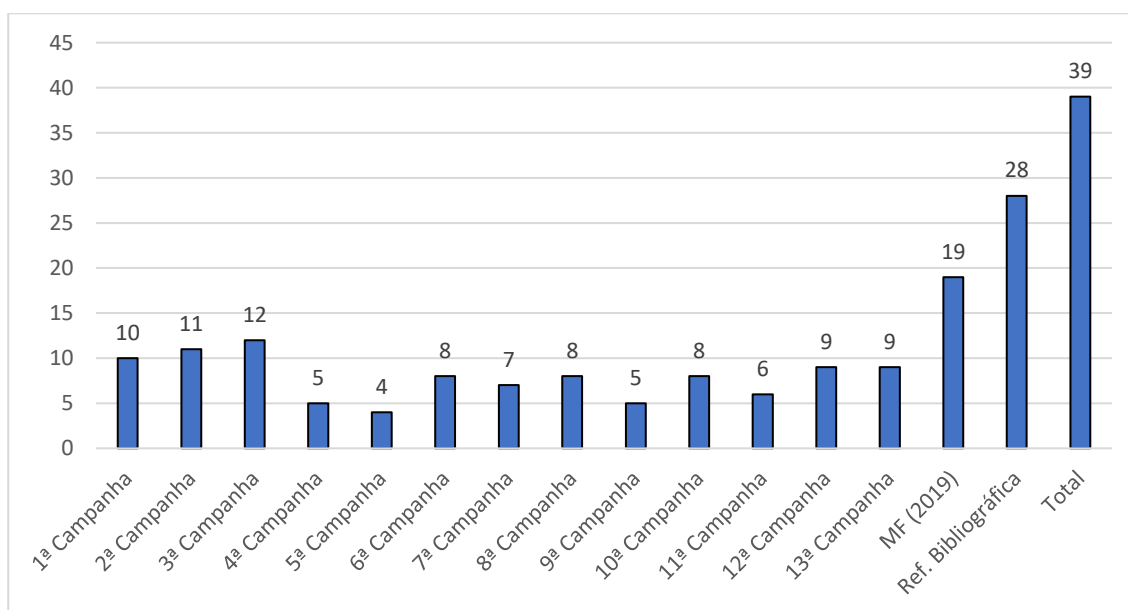


Gráfico 30 - Número de espécies registradas no estudo.

Pode-se observar que para o monitoramento da mastofauna durante as 13 campanhas realizadas, a Ordem que obteve o maior índice foi a Carnivora com 29% das espécies, em seguida Rodentia com 19%, Chiroptera e Didelphimorphia aparecem com 14%. As Famílias que obtiveram os maiores percentuais durante as campanhas foram, Phyllostomidae e Didelphidae com 14%, seguida de Canidae com 12% e Caviidae com 11%, como podemos observar no Gráfico 31 e Gráfico 32.

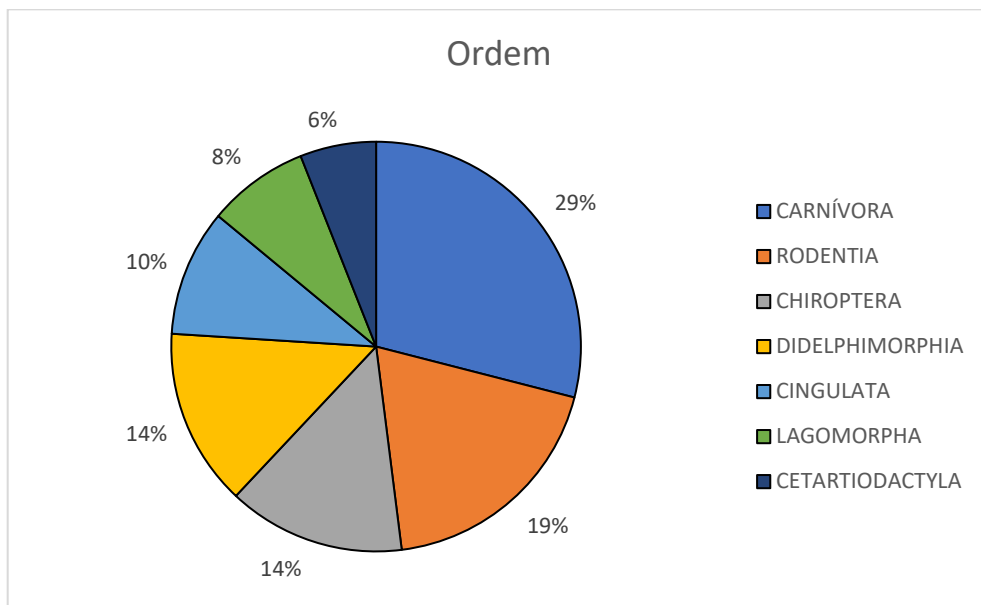


Gráfico 31 - Percentual de Ordens registradas.

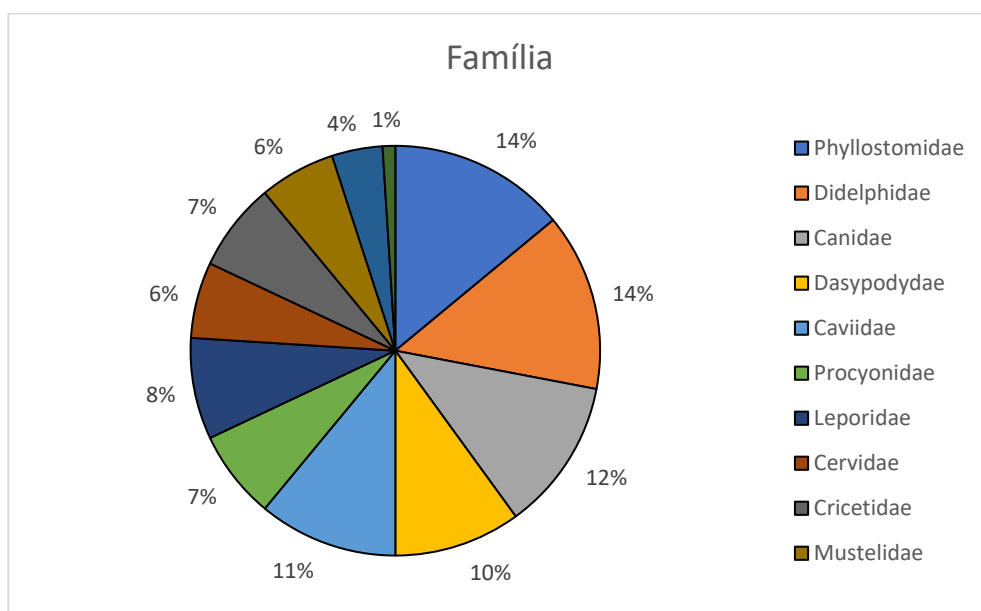


Gráfico 32 - Percentual de Famílias registradas.

#### 4.5.3.3 Curva do Coletor

A curva de acumulação de espécies é apresentada pelo acúmulo de espécies registradas ao longo do monitoramento, esta demonstra em forma de gráfico uma curva que estabilizará a partir do momento em que a amostragem do grupo da fauna for totalmente registrada. Deve-se levar em consideração que a riqueza de espécies é diretamente proporcional ao número de amostragens de campo realizadas. Nela

podemos observar que o número de espécies identificadas nas áreas de estudo para as campanhas de monitoramento encontra-se em ascensão, sendo necessário a continuação do monitoramento. Houve aumento na curva na oitava e nona campanha, totalizando 18 espécies registradas durante o monitoramento, durante a décima campanha e décima primeira campanha, não houve registro de nova espécie, contudo na décima segunda aumentou para 19 o número de espécies registradas e no monitoramento mais recente, na décima terceira campanha registrou-se novamente mais uma espécie, elevando a curva do coletor para 20 espécies registradas até o momento.

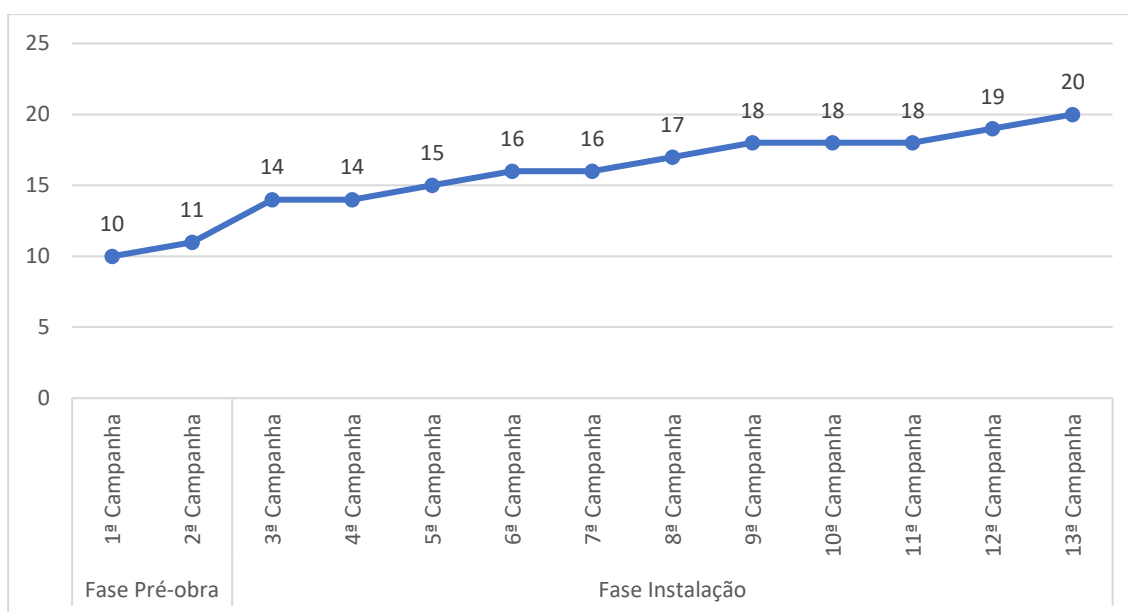


Gráfico 33 - Curva de acúmulo de espécies com base nos dados levantados durante as 13 campanhas de monitoramento de fauna para a CGH Teles de Proença.

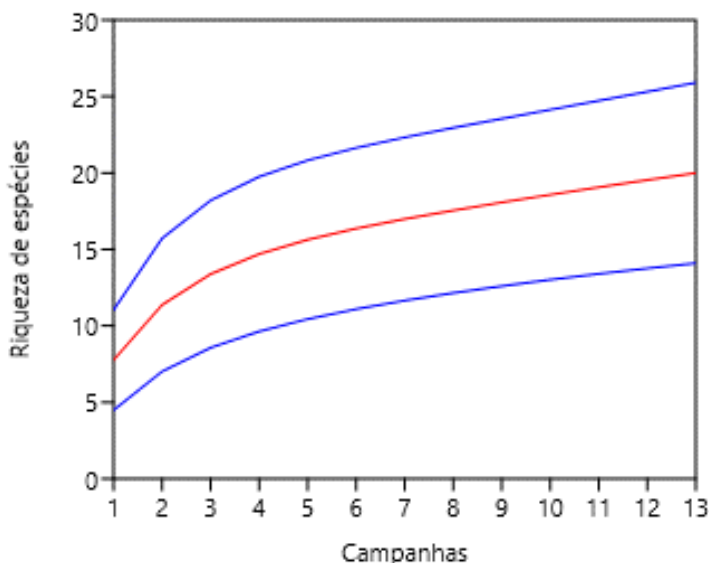


Gráfico 34 - Curva de rarefação com base nos dados levantados durante as 13 campanhas de monitoramento de fauna para a CGH Teles de Proença.

#### 4.5.3.4 Índices de Diversidade

Como pode ser observado na Tabela 41, o índice de Shannon durante a primeira campanha obteve 1,889, na segunda campanha 2,146, durante a terceira campanha 2,198, já na quarta campanha o valor foi de 1,609, na quinta campanha o valor de 1,332, na sexta campanha o valor de 1,807, na sétima campanha o valor de 1,834, na oitava o valor de 1,767, na nona o valor de 1,523, na décima o valor foi de 1,748, na décima primeira campanha 1,543, na décima segunda campanha o valor de 2,047 e na décima terceira campanha 2,062. Este índice expressa o grau de incerteza que existe em se prever a qual espécie pertence um indivíduo escolhido ao acaso em uma comunidade contendo “S” espécies e “N” indivíduos. Assim, quanto maior for essa incerteza, maior será o valor do índice e maior será a diversidade da amostra. Numericamente, o índice de Shannon-Wiener varia entre 0 e um valor máximo qualquer. O índice de Shannon-Wiener será igual a zero somente quando houver uma única espécie na amostra, e assumirá seu valor máximo somente quando todas as espécies existentes na amostra apresentarem o mesmo número de indivíduos. Na prática, os valores assumidos pelo

índice de Shannon-Wiener situam-se entre 1,5 e 3,5 e só raramente ultrapassam o valor de 4,5.

O resultado do índice de Pielou obteve o valor durante a primeira campanha de 0,9708, na segunda campanha o valor de 0,9766, na terceira campanha 0,8844, na quarta campanha 1, na quinta campanha o valor de 0,961, na sexta campanha o valor de 0,869, na sétima o valor de 0,942, na oitava o valor de 0,869, na nona o valor de 0,946, na décima o valor de 0,841, na décima primeira o valor de 0,8612, na décima segunda campanha o valor de 0,9318 e na décima terceira o valor de 0,9385. A equabilidade (E'), também conhecida como índice de equabilidade de Pielou, é um componente do índice de diversidade de Shannon-Wiener que reflete a forma através da qual os indivíduos encontram-se distribuídos entre as diferentes espécies presentes na amostra. Por exemplo, em uma amostra constituída por 10 espécies e 100 indivíduos, se uma única espécie aparece com 90 indivíduos e as demais com os 10 indivíduos que restaram, então tem-se uma amostra com baixa equabilidade. Por outro lado, se nessa mesma amostra cada uma das 10 espécies aparece com 10 indivíduos, então tem-se um caso de equabilidade máxima. A equabilidade varia entre 0 (equabilidade mínima) e 1 (equabilidade máxima).

O Índice de Margalef, ou Índice de biodiversidade de Margalef, é uma medida utilizada em ecologia para estimar a biodiversidade de uma comunidade com base na distribuição numérica dos indivíduos das diferentes espécies em função do número total de indivíduos existentes na amostra analisada. O Índice de Margalef foi proposto pelo biólogo e ecologista catalão Ramón Margalef i López e tem a seguinte expressão:  $I = [(n-1)] / \ln N$ , onde I é a diversidade, n é o número de espécies presente, e N é o número total de indivíduos encontrados (pertencentes a todas as espécies). A notação ln denota o logaritmo neperiano do número. Valores inferiores a 2,0 são considerados como denotando áreas de baixa diversidade (em geral em resultado de efeitos antropogênicos) e valores superiores a 5,0 são considerados como indicador de grande biodiversidade. O índice de Margalef apresentado na primeira campanha foi de 2,731, na segunda foi de 3,336, na terceira foi de 3,508, na quarta foi de 2,485, na quinta foi de 1,864, na sexta foi de 2,585, na sétima campanha foi de 2,274, na oitava campanha o valor foi de 2,585, na nona 1,82, na décima campanha o valor foi de 2,299 demonstrando assim uma boa diversidade apresentada, já na décima primeira campanha houve um valor inferior às

demais, 1,669, na décima segunda campanha o valor aumentou novamente, dessa vez para 2,427 e na décima terceira campanha o valor foi de 2,768 seguindo uma boa diversidade, conforme pode ser observado na Tabela 41.

Tabela 41 - Resultados dos índices de diversidade.

Índices	1ª Ca mp.	2ª Ca mp.	3ª Ca mp.	4ª Ca mp.	5ª Ca mp.	6ª Ca mp.	7ª Ca mp.	8ª Ca mp.	9ª Ca mp.	10ª Cam p.	11ª Cam p.	12ª Cam p.	13ª Cam p.
Riqueza	7	9	12	5	4	8	7	8	5	8	6	9	9
Abundância	9	11	23	5	5	15	14	18	9	21	20	27	18
Shannon-Wiener	1,8 89	2,1 46	2,1 98	1,6 09	1,3 32	1,8 07	1,8 34	1,7 67	1,5 23	1,74 8	1,54 3	2,04 7	2,06 2
Equidade de J (Pielou)	0,9 708	0,9 766	0,8 844	1	0,9 61	0,8 69	0,9 42	0,8 69	0,9 46	0,84 1	0,86 12	0,93 18	0,93 85
Margalef	2,7 31	3,3 36	3,5 08	2,4 85	1,8 64	2,5 85	2,2 74	2,5 85	1,8 2	2,29 9	1,66 9	2,42 7	2,76 8

#### 4.5.3.5 Índices de Similaridade

Com relação à similaridade das áreas amostradas os exemplares registrados nos pontos amostrais avaliados foram agrupados representando 03 áreas amostrais (FAU-01, FAU-02 e Área controle). Pela análise de agrupamento utilizando-se o Índice de Similaridade de Jaccard, os valores de similaridade entre as áreas estão mais baixos, o que indica uma composição faunística mais distinta entre as áreas. Observa-se que a FAU-01 e FAU-02 formam o primeiro agrupamento em torno de 0,40 de similaridade, sugerindo que essas duas áreas compartilham uma proporção maior de espécies em relação à Área Controle. Já a Área Controle se conecta ao agrupamento apenas em torno de 0,17, o que demonstra nesta campanha uma discrepância alta, com uma composição faunística mais diferenciada em relação às demais áreas, como pode ser observado no Gráfico 35.

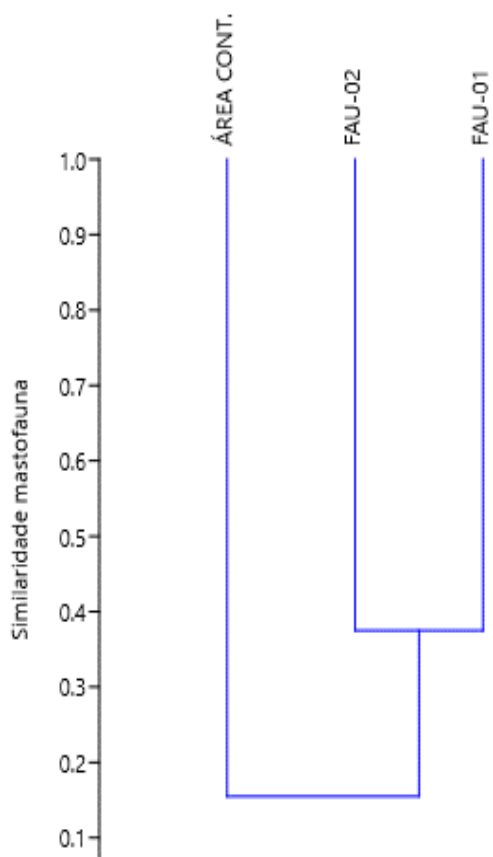


Gráfico 35 - Dendrograma de Similaridade de Jaccard para as áreas da CGH Teles de Proença durante a 13ª campanha.

#### 4.5.3.6 Espécies Ameaçadas

Para todas as espécies levantadas neste estudo foi conferido o *status* de conservação em nível estadual (Decreto 6040/2024), nacional (ICMBio/MMA, 2022) e mundial (IUCN, 2025), resultando no registro de 15 espécies enquadradas sob algum grau de ameaça, porém, 04 destas estão classificadas como dados insuficientes (DD). Durante a 13ª campanha houve o registro através de vestígio de uma espécie sob algum grau de ameaça, a *Lontra longicaudis*, classificada como NT ou seja, Quase Ameaçada em nível global (IUCN), já para o status do estado do Paraná ela entra como VU ou seja, Vulnerável. Isso se deve principalmente pela degradação de seu habitat e poluição dos rios.

Destaca-se que durante a coleta de dados primários, nas campanhas de monitoramento, não houve registro de animais atropelados na região do empreendimento.

Tabela 42 - Espécies levantadas neste estudo que se enquadram sob algum grau de ameaça.

Espécie	Status de Conservação		
	PR	MMA	IUCN
<i>Tapirus terrestris</i>	CR	VU	VU
<i>Mazama americana</i>	-	-	DD
<i>Puma yagouaroundi</i>	-	VU	LC
<i>Leopardus guttulus</i>	VU	VU	VU
<i>Leopardus pardalis</i>	VU	-	LC
<i>Leopardus wiedii</i>	EN	VU	NT
<i>Puma concolor</i>	VU	VU	LC
<i>Lontra longicaudis</i>	VU	-	NT
<i>Noctilio leporinus</i>	NT	-	LC
<i>Cabassous tatouay</i>	DD	-	LC
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	DD	-	EN
<i>Sapajus nigritus</i>	LC	-	NT
<i>Cuniculus paca</i>	VU	-	LC
<i>Dasyprocta azarae</i>	LC	-	DD
<i>Guerlinguetus ingrani</i>	DD	-	-

#### 4.5.3.7 Espécies Endêmicas

Durante as campanhas de monitoramento realizadas, não foram registradas espécies endêmicas para a região do empreendimento.

#### 4.5.3.8 Espécies Exóticas

Na 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 11ª, 12ª e 13ª campanha de monitoramento realizada, houve registro da espécie *Lepus europaeus* (lebre-europeia), considerada exótica para o estado do Paraná.

#### 4.5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As espécies componentes da fauna terrestre encontradas na área de estudo apresentam alta valência ecológica, sendo encontradas mesmo em ambientes com diferentes níveis de perturbação ambiental e antropização. Como esperado, por conta da situação do ambiente local com forte influência antrópica, não foram identificados no período do levantamento espécies raras ou endêmicas.

Apesar do ambiente florestal se encontrar fragmentado, restando poucos e pequenos fragmentos florestais. As demais espécies com características mais generalistas, se adaptam a áreas mais antropizadas ou descaracterizadas, como a que se encontra a região de inserção do empreendimento.

#### 4.5.5 REGISTROS FOTOGRÁFICOS



Figura 50 – Exemplar capturado através da armadilha Sherman *Gracilinanus* sp. (Cuiquinha).



Figura 51 – Vestígio de *Hydrochoerus hydrochaeris* (Capivara).



Figura 52 – Exemplar de *Sturnira lilium* (Morcego) capturados através de rede de neblina.



Figura 53 – Exemplar de *Sturnira lilium* (Morcego) capturados através de rede de neblina.

## 4.6 HERPETOFAUNA

### 4.6.1 INTRODUÇÃO

A riqueza real da herpetofauna no Brasil, que compreende os anfíbios e répteis, ainda não é completamente conhecida. Atualmente já foram registradas com ocorrência no país 1.188 espécies de anfíbios (Segalla *et al.*, 2021) e 856 de répteis (Uetz *et al.*, 2022). No estado do Paraná há o registro de 142 espécies de anfíbios e 156 de répteis (Conte *et al.*, 2010; (COSTA; GUEDES; BÉRNILS, 2021).

A Mata Atlântica é o bioma brasileiro que tem a maior biodiversidade da herpetofauna, com cerca de 200 espécies de répteis e 540 de anfíbios (Comitti, 2017), números que vem aumentando com o desenvolvimento de novas pesquisas acerca desse grupo. A heterogeneidade de habitat desse bioma resulta nessa elevada riqueza, que disponibiliza um alto número de recursos para as espécies e uma elevada taxa de endemismo, que pode atingir 20% para répteis (Rodrigues, 2005) e ultrapassar 85% para anfíbios (Araújo; Almeida-Santos, 2013).

A herpetofauna representa um dos grupos animais usualmente considerados em programas de monitoramento faunístico por comportar espécies altamente sensíveis a distúrbios antrópicos, apresentando dificuldades de adaptação e sobrevivência em ambientes alterados, principalmente relacionados a ecossistemas aquáticos. Dessa forma, os organismos desse grupo são reconhecidos como importantes bioindicadores, pois possuem características fisiológicas que os tornam muito sensíveis às mudanças ambientais (Comitti, 2017; Monteiro; Cremer, 2021).

Levando em conta as informações acima expostas, o diagnóstico desse grupo permite identificar tendências ou mudanças que possam ser associadas a modificações extrínsecas ao ambiente estudado. Neste contexto, o monitoramento da herpetofauna representa uma ferramenta de controle e avaliação, tornando-se importante na detecção de impactos ambientais de curto e longo prazos, permitindo assim o planejamento de ações para manejo e recuperação dos possíveis danos.

#### 4.6.2 ANFÍBIOS

##### 4.6.2.1 Metodologia

###### 4.6.2.1.1 Ponto de Escuta

Além de serem mais abundantes no período noturno, os anuros têm como hábito vocalizarem em beiras de rios, riachos, poças d'águas, brejos ou lagos, principalmente e com maior frequência em período reprodutivo. Desse modo, é possível realizar a identificação através do som que emitem. As vocalizações identificadas nestes locais foram gravadas para posterior identificação e comparação em banco de dados. Os pontos de escuta foram realizados juntamente com a busca ativa.

Realizou-se três horas diárias de busca ativa (sendo duas horas noturno e uma hora diurno), com o empenho de dois profissionais, por um período de três dias, o esforço amostral da campanha foi de 18 horas.

Esta metodologia foi aplicada seguindo as diretrizes estabelecidas na Autorização Ambiental nº 56877 na condicionante nº 7, que estabelece: *“Para a amostragem da herpetofauna serão utilizados os métodos de (i) Busca ativa (ii) Busca Ativa (BA) visual/auditiva, (iii) Pontos de escuta”.*

###### 4.6.2.1.2 Busca Ativa e Visual

Consiste na busca por animais através de caminhada lenta no interior dos sítios amostrais durante o período diurno e noturno, realizando inspeção detalhada dos microambientes característicos e acessíveis, procurando por espécimes escondidos no folhicho, vegetação e em locais úmidos como lagoas, beira-de-rio, pequenos riachos, brejos, banhados e poças-d'água. O período de maior atividade dos anfíbios é durante a noite, por isso, foram utilizadas lanternas para auxiliar na procura visual dos mesmos.

Além de serem mais abundantes no período noturno, os anuros têm como hábito vocalizarem em beiras de rios, riachos, poças d'águas, brejos ou lagos, principalmente e com maior frequência em período reprodutivo. Desse modo, é possível realizar a identificação através do som que emitem. As vocalizações identificadas nestes locais são gravadas para posterior identificação e comparação em banco de dados.

A busca visual e auditiva foi realizada em conjunto, sendo que foram explorados diferentes ambientes no decorrer da noite, realizados em dias e horários diferentes. Todos os espécimes encontrados quando possível, foram fotografados para servir de banco de dados do empreendimento.

Esforço amostral: Realizando-se três horas diárias de busca ativa (sendo duas horas noturno e uma hora diurno), com o empenho de dois profissionais, por um período de três dias, o esforço amostral foi de 18 horas por campanha amostral.

Esta metodologia foi aplicada seguindo as diretrizes estabelecidas na Autorização Ambiental nº 56877 na condicionante nº 7, que estabelece: *“Para a amostragem da herpetofauna serão utilizados os métodos de (i) Busca ativa (ii) Busca Ativa (BA) visual/auditiva, (iv) Pontos de escuta”.*



Figura 54 - Sítios reprodutivos de anuros amostrados no período noturno.

#### 4.6.3 RÉPTEIS

##### 4.6.3.1 Metodologia

###### 4.6.3.1.1 Busca Ativa

Este método consiste na busca por espécies através de caminhada lenta no interior dos sítios amostrais durante o período diurno e noturno, realizando inspeção detalhada dos microambientes característicos e acessíveis, procurando por espécimes escondidos no folhicho, em tocas, sob troncos caídos, pedras e galhos.

Esforço amostral: Realizou-se duas horas diárias de busca ativa (sendo uma hora noturno e uma hora diurno), com o empenho de dois profissionais, por um período de três dias, o esforço amostral da campanha foi de 12 horas.

Esta metodologia foi aplicada seguindo as diretrizes estabelecidas na Autorização Ambiental nº 56877 na condicionante nº 7, que estabelece: “Para a amostragem da herpetofauna serão utilizados os métodos de (i) Busca ativa (ii) Busca Ativa (BA) visual/auditiva, (iv) Pontos de escuta”.



Figura 55 - Busca ativa da herpetofauna.

#### 4.6.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 43 e a Tabela 44 apresentam as espécies de anfíbios e répteis respectivamente, registradas ou de possível ocorrência para a área de influência da CGH Teles de Proença. Nelas constam dados obtidos durante as treze campanhas de monitoramento de fauna realizadas na área do empreendimento.

Tabela 43 - Lista das espécies de anfíbios registradas para a área de influência do empreendimento.

Ord em	Família	Espécie	Nome Popular	Status de Conservação			Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												
				P R	MM A	IUC N	Da dos Sec .	MF (20 20)	1ª Ca mp	2ª Ca mp	3ª Ca mp	4ª Ca mp	5ª Ca mp	6ª Ca mp	7ª Ca mp	8ª Ca mp	9ª Ca mp	10ª Ca mp	11ª Ca mp	12ª Ca mp	13ª Ca mp		
AN UR A	Bufonidae	<i>Rhinella icterica</i> *	Sapo-cururu	L C	-	LC	-	-	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	
		<i>Rhinella major</i>	Sapo-cururu	-	-	LC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Rhinella ornata</i>	Sapo-cururu				-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	RV	RV	-	-	RV		
		<i>Rhinella schneideri</i>	Sapo-cururu	-	-	LC	1;2 ;3	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Odontophrynidae	<i>Odontophrynus americanus</i>	Sapo-guarda	-	-	LC	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Hylidae	<i>Aplastodiscus perviridis</i>	Perereca	L C	-	LC	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Boana albopunctata</i>	Perereca-de-pintas-amarelas	L C	-	LC	2;3	X	Vo c	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Boana faber</i> *	Sapo-ferreiro	L C	-	LC	1;2 ;3	X	-	-	-	-	-	RV	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Boana prasina</i>	Pererequinha-verde	L C	-	LC	1	-	-	-	-	RV	-	RV	RV	RV	RV	RV, Voc	RV, Voc	RV, Voc	RV, Voc		
		<i>Boana raniceps</i>	Perereca	L C	-	LC	3	-	-	-	-	-	RV	-	-	-	-	-	-	RV	RV		
		<i>Dendropsophus berthaltutzae</i>	Pererequinha-do-brejo	L C	-	LC	-	X	-	-	-	-	-	-	RV	RV		-	-	-	-		
		<i>Dendropsophus minutus</i>	Pererequinha-do-brejo	L C	-	LC	1;2 ;3	X	Vo c	Vo c	RV	RV, Voc	RV, Voc	RV, Voc	RV, Voc	RV, Voc	Vo c	RV, Voc	RV, Voc	RV, Voc	RV, Voc		
		<i>Dendropsophus nanus</i>	Pererequinha-do-brejo	L C	-	LC	2;3	-	-	-	RV	RV	-	RV	RV	RV	Vo c	RV, Voc	RV, Voc	RV, Voc	RV, Voc		
		<i>Pseudis limellum</i>	Perereca	L C	-	DD	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		

Ord em	Família	Espécie	Nome Popular	Status de Conservação			Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação												
							Da dos Sec .	MF (20 20)			1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	13ª
				P R	MM A	IUC N			Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp
		<i>Phyllomedusa tetraploidea</i>	Perereca-de-folhagem	L C	-	LC	2;3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Scinax fuscovarius</i>	Perereca	L C	-	LC	1;2 ;3	X	-	-	Vo c	-	-	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV	RV, Voc	RV	
		<i>Trachycephalus typhonius</i>	Perereca-grudenta	L C	-	LC	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Trachycephalus venulosus</i>	Perereca-grudenta	-	-	LC	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Leptodactylidae	<i>Crossodactylus caramaschii</i>	Rãzinha-do-riacho	L C	-	LC	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Leptodactylus fuscus</i>	Rã-assobiadora	L C	-	LC	2;3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>	Rã-pimenta	-	LC	LC	-	-	-	-	RV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	RV		
		<i>Leptodactylus luctator</i>	Rã	L C	LC	LC	1;2	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	RV	RV	RV	RV	RV	
		<i>Leptodactylus mystacinus</i>	Rã	L C	-	LC	2;3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Leptodactylus podicipinus</i>	Rã-goteira	L C	-	LC	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Physalaemus cuvieri</i>	Rã - assobiadora	-	LC	LC	2;3	-	-	-	RV	-	-	Voc	-	-	-	RV	Voc	RV, Voc	RV, Voc	RV, Voc	
	Microhyli dae	<i>Elachistocleis bicolor</i>	Apito-do-brejo	L C	-	LC	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Elachistocleis cf. cesarii</i>	-	-	-	LC	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Ranidae	<i>Aquarana catesbeiana</i>	Rã-touro	-	LC	LC	2;3	-	-	RV	RV	RV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	

Ord em	Família	Espécie	Nome Popular	Status de Conservação			Ref. Bibliog.		Pré-Obra		Implantação										
				P R	MM A	IUC N	Da dos Sec .	MF (20 20)	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	13ª
									Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp	Ca mp
Total de espécies por campanha							22	8	3	3	7	5	3	7	5	6	6	8	7	9	9
Total de espécies							28														

Legenda: Fonte dados secundários: 1 - Plano de Manejo do Horto Florestal de Maringá (MARINGÁ, 2013); 2 - Afonso e Dalariva (2012) e 3 - Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica Maringá (MARINGÁ, 2011); Relatório de Monitoramento Ambiental (RMA) CGH Salto Bandeirantes (MF, 2019). Status: LC: Pouco Preocupante, DD: dados deficientes.

Tabela 44 - Lista das espécies de répteis registradas para a área de influência do empreendimento.

Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Status de Conservação			Ref. Bibliog.		Pré-obra		Implantação												
							Da dos Sec .	MF (20 20)			1ª Ca mp	2ª Ca mp	3ª Ca mp	4ª Ca mp	5ª Ca mp	6ª Ca mp	7ª Ca mp	8ª Ca mp	9ª Ca mp	10ª Ca mp	11ª Ca mp	12ª Ca mp	13ª Ca mp
				P R	M MA	IUC N																	
TESTUDINES	Emydidae	<i>Trachemys dorbigni</i>	tartaruga-tigre	N A	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Chelidae	<i>Acanthochelys spixii</i>	cágado-de-espinhos	L C	-	NT	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
		<i>Hydromedusa tectifera</i>	cágado-pescoço-de-cobra	L C	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
		<i>Phrynops geophroanus</i>	cágado-de-barbicha	-	-	-	2	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
SQUAMATA	Gekkonidae	<i>Hemidactylus mabouia (exótica)</i>	lagartixa	N A	-	-	1;2	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
	Teiidae	<i>Salvator merianae</i>	teiú	L C	-	LC	1;2	X	E	-	RV	-	-	-	-	-	-	RV	RV	-	RV		
	Amphisbaenidae	<i>Amphisbaena sp.</i>	cobra-cega	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-			
	Tropiduridae	<i>Tropidurus itambere</i>	lagartinho-das-pedras	L C	-	LC	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-			
		<i>Tropidurus torquatus</i>	lagartinho-da-pedra	-	-	LC	1;2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	RV			
	Anguidae	<i>Ophiodes striatus</i>	cobra-de-vidro	L C	DD	LC	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-			
	Dipsadidae	<i>Erythrolamprus poecilogyrus</i>	cobra-de-lixo	L C	-	LC	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-			
		<i>Erythrolamprus aesculapii</i>	coral-falsa	L C	-	LC	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-			
		<i>Erythrolamprus miliaris</i>	cobra-d'água	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	RV	RV	-			

Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Status de Conservação			Ref. Bibliog.		Pré-obra		Implantação												
				P R	M MA	IUC N	Da dos Sec .	MF (20 20)	1ª Ca mp	2ª Ca mp	3ª Ca mp	4ª Ca mp	5ª Ca mp	6ª Ca mp	7ª Ca mp	8ª Ca mp	9ª Ca mp	10 ª Ca mp	11 ª Ca mp	12 ª Ca mp	13 ª Ca mp		
		<i>Philodryas olfersii</i>	cobra-verde	L C	-	LC	1;2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Sybinomorphus mikanii</i>	dormideira	L C	-	LC	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Thamnodynastes strigatus</i>	jararaca-do-brejo	L C	-	LC	1	X	-	-	RV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Elapidae	<i>Micrurus frontalis</i>	coral-verdadeira	L C	-	LC	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Viperidae	<i>Crotalus durissus</i>	cascavel	L C	-	LC	-	X	E	E	RV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
		<i>Bothrops jararaca</i>	jararaca	L C	-	LC	-	-	RV	E	E	-	-	RV	-	-	-	-	-	-	-	RV	
	Total de espécies por campanha							12	9	3	2	4	0	0	1	0	0	0	2	2	0	3	
Total de espécies							19																

Legenda: Fonte dados secundários: 1 - Plano de Manejo do Horto Florestal de Maringá (MARINGÁ, 2013); 2 - Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica Maringá (MARINGÁ, 2011); Relatório de Monitoramento Ambiental (RMA) CGH Salto Bandeirantes (MF, 2019). Status: LC: Pouco Preocupante, DD: dados deficientes; NA: Não elegível para avaliação.

Durante as campanhas de monitoramento foram registradas 14 espécies de anfíbios, sendo 03 espécies na primeira e segunda campanha, já para a terceira campanha foram registradas 07 espécies, 05 na quarta campanha, 03 na quinta campanha, 07 na sexta campanha, 05 na sétima campanha, 06 na oitava campanha, 06 na nona campanha, 08 na décima campanha, 07 na décima primeira campanha, na décima segunda e décima terceira campanhas registrou-se 09 espécies (Tabela 43). Durante as campanhas a maior contribuição em número de espécies se deu pela família Hylidae (n=8; Gráfico 36) esta família apresenta uma grande diversidade de espécies, sendo a maioria das espécies arborícolas.

Para o grupo dos répteis foram registradas até o momento 06 espécies, estas estão distribuídas em quatro famílias, sendo as maiores contribuições em número de espécies sendo pelas famílias Dipsadidae e Viperidae (n=2; Gráfico 36).

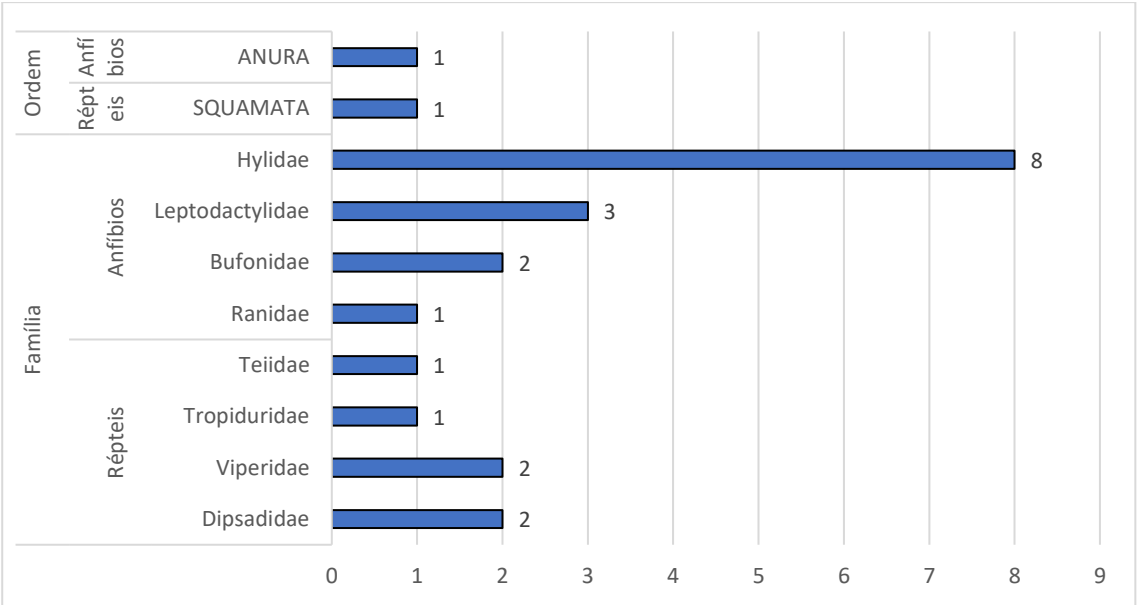


Gráfico 36 - Ordem e família das espécies da herpetofauna registradas na área de implantação da CGH Teles de Proença.

Considerando os dados obtidos em campo e dados bibliográficos (dados secundários) (Tabela 43), as espécies registradas são frequentes, ou seja, são comuns e com populações abundantes, apresentam atividade predominantemente noturna e, além do hábito arborícola e terrícola, se distribuem em hábito criptozóico, fossorial, aquático, semi-aquático e reofílico.

As espécies arborícolas são geralmente encontradas em troncos e folhagens de árvores e arbustos, as terrícolas no solo ou em meio ao folheto depositado no chão da floresta, as criptozóicas escondidas em galerias ou pequenas cavidades naturais ou escavadas no solo e em barrancos ou sob o folheto, as fossoriais em galerias subterrâneas geralmente escavadas, as aquáticas em ambiente aquático, geralmente associada a plantas aquáticas, as semi-aquáticas na interface entre a água e a terra e as reofílicas, sobre pedras em pequenos riachos ou corredeiras (Haddad *et al.*, 2013).

Para o grupo dos répteis, os registros visuais são raros e ocasionais na natureza e que, por sua natureza ectotérmica, também dependem de condições climáticas favoráveis para o desenvolvimento de suas atividades, sendo que épocas mais frias do ano dificultam ainda mais seu avistamento.

Durante a primeira campanha de monitoramento da CGH, foram registradas três espécies de répteis, sendo uma através de registro visual e duas através de entrevista com moradores, para a segunda campanha, foram obtidos apenas dados através de entrevistas. Durante a terceira campanha, houve o registro de quatro répteis, dois deles registrados no período da tarde, um exemplar no período noturno (*Thamnodynastes strigatus*) e um através de entrevista, na quarta e quinta campanha não houve registro de nenhuma espécie, na sexta campanha houve o registro de um exemplar de *Bothrops jararaca*, já para a sétima, oitava e nona campanha, não houve o registro de nenhum exemplar, já para a décima campanha, houve o registro de duas espécies, sendo uma delas uma nova espécie *Erythrolamprus miliaris*, na décima primeira campanha houve registro de 02 espécies, na décima segunda campanha, não houve registro de nenhuma espécie e na décima terceira campanha registrou-se 03 espécies, sendo que uma delas não tinha sido levantada ainda nas campanhas anteriores a *Tropidurus torquatus*. Estas espécies são pertencentes à Ordem Squamata e agora a quatro famílias, sendo elas a Viperidae, Teiidae, Dipsadidae e Tropiduridae. A família Viperidae é formada por serpentes peçonhentas consideradas de alta relevância médica por causar acidentes ofídicos, mas por meio das quais são produzidos diversos medicamentos de extrema importância para a saúde pública, especialmente para o tratamento de hipertensão.

A cascavel (*Crotalus durissus*), relatada por pessoas da região como sendo comum e sendo registrada durante a terceira campanha é considerada rara para a Mata Atlântica, entretanto, apresenta caráter oportunista, estando presente em diversas situações em

que se observa significativa alteração ambiental. Essa espécie é uma exceção entre a grande maioria dos répteis das florestas tropicais brasileiras, que não conseguem sobreviver em ambientes alterados, pois ela parece se beneficiar da alteração de habitats pela ação humana, sendo capaz de invadir áreas abertas criadas pela derrubada de florestas (Marques *et al.*, 2004). Moura-Leite, Bérnils e Morato (1993) relatam que a espécie vem aumentando suas populações em áreas de agricultura intensiva, dada a maior oferta de roedores, microclima mais seco e diminuição das populações de potenciais competidores.

#### 4.6.4.1 Espécies Ameaçadas

Assim como para os anfíbios, as principais ameaçadas aos répteis são perda e alteração do habitat provocadas por atividades agropecuárias e expansão urbana, além de mineração, produção e distribuição de energia e turismo desordenado (ICMBio, 2018).

Para o estado do Paraná, quatro anfíbios estão criticamente ameaçados (CR) (*Bokermannohyla langei*, *Brachycephalus pernix*, *Cycloramphus duseni* e *Melanophryniscus biancae*), um está em perigo (EN) (*Brachycephalus curupira*) e seis estão vulneráveis (VU) (*Brachycephalus brunneus*, *B. izecksohni*, *B. coloratus*, *B. leopardus*, *Ischnocnema paranaenses* e *Melanophryniscus vilavelhensis*). Em nível nacional, são 59 espécies de anfíbios ameaçadas. De acordo com a Tabela 43, nenhuma das espécies registradas através dos dados obtidos, encontra-se sob algum grau de ameaça de acordo com as listas consultadas.

Já para o grupo dos répteis, quatro espécies estão criticamente ameaçadas - possivelmente extintas (CR-PE) (*Salvator duseni*, *Stenocercus azureus*, *S. caducus* e *Xenodon nattereri*), duas criticamente ameaças (CR) (*Contomastix vacariensis*, *Dermochelys coriácea*), cinco espécies estão em perigo (EN) (*Bothrops itapetiningae*, *Calamodontophis ronaldoi*, *Phrynops williamsi*, *Teius oculatus* e *Xenodon histricus*), uma quase ameaçada (NT) (*Pseudablabes arnaldoi*) e sete espécies são vulneráveis (VU) para o estado do Paraná (*Caretta caretta*, *Chelonia mydas*, *Ditaxodon taeniatus*, *Lepidochelys olivacea*, *Mussurana quimi*, *Pseudablabes agassizii*, *Rhachidelus brazili*) para o estado do Paraná. Em nível nacional, são 71 espécies ameaçadas, contando com as cinco espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no país. Das espécies com ocorrência na região do

empreendimento, uma está listada com grau de ameaça “NT”, segundo a lista da IUCN (*Acanthochelys spixii*), já nas listas do estado do Paraná e MMA, não há registro de ocorrência de espécies ameaçadas nas áreas do empreendimento.

#### 4.6.4.2 Espécies Endêmicas

Para o bioma Mata Atlântica, são conhecidas cerca de 540 espécies de anfíbios, das quais aproximadamente 85% são endêmicas, sendo o grupo com o mais elevado grau de endemismo (Haddad *et al.*, 2013).

Das espécies de anfíbios registradas na área de influência da CGH, são endêmicas da Mata Atlântica (Tabela 43): *Boana faber* (sapo-martelo) e *B. prasina* (perereca-verde) porém, ambas são consideradas frequentes na natureza, ou seja, espécies comuns que apresentam populações abundantes (Haddad *et al.*, 2013).

Para o bioma Mata Atlântica, são conhecidas cerca de 200 espécies de répteis (Martins; Molina, 2008), sendo em torno de 45% endêmicas. Na listagem da CGH Teles de Proença não há registro de espécies endêmicas.

#### 4.6.4.3 Espécies Exóticas

Em relação às espécies exóticas do estado do Paraná, a única conhecida é a rã-touro, *Aquarana catesbeiana*, listada como ocorrente na área de influência da CGH Teles de Proença. Originária da América do Norte, a espécie foi introduzida em vários países para criação comercial, estabelecendo populações invasoras ao longo deste processo. Devido à predação, competição interespecífica e possível transmissão de patógenos, o estabelecimento da rã-touro é apontado como uma das causas de declínios populacionais de anfíbios em regiões onde a espécie foi introduzida. A espécie não foi registrada na presente campanha na área do empreendimento, conforme apresentado na Tabela 43.

As espécies consideradas exóticas invasoras no Paraná são *Trachemys dorbigni* (tigre-d'água) e *Trachemys scripta elegans* (tartaruga-de-orelha-vermelha), não são listadas como ocorrentes na área de influência da CGH Teles de Proença.

#### 4.6.4.4 Curva do Coletor

A curva de acumulação de espécies é apresentada pelo acúmulo de espécies registradas ao longo do levantamento, esta demonstra em forma de gráfico uma curva que estabilizará a partir do momento em que a amostragem do grupo da fauna for totalmente registrada. Deve-se levar em consideração que a riqueza de espécies é diretamente proporcional ao número de amostragens de campo realizadas.

Podemos observar que para ambos os grupos a curva de acumulação (coletor) e de rarefação mantêm-se em ascensão, podemos verificar que até a décima campanha, novas espécies foram registradas para os anfíbios, já para os répteis, durante a décima terceira campanha, houve o registro de uma nova espécie. A curva de rarefação indica que as suficiências amostrais para ambos os grupos não foram atingidas, visto que a curva não apresenta uma assíntota bem definida.

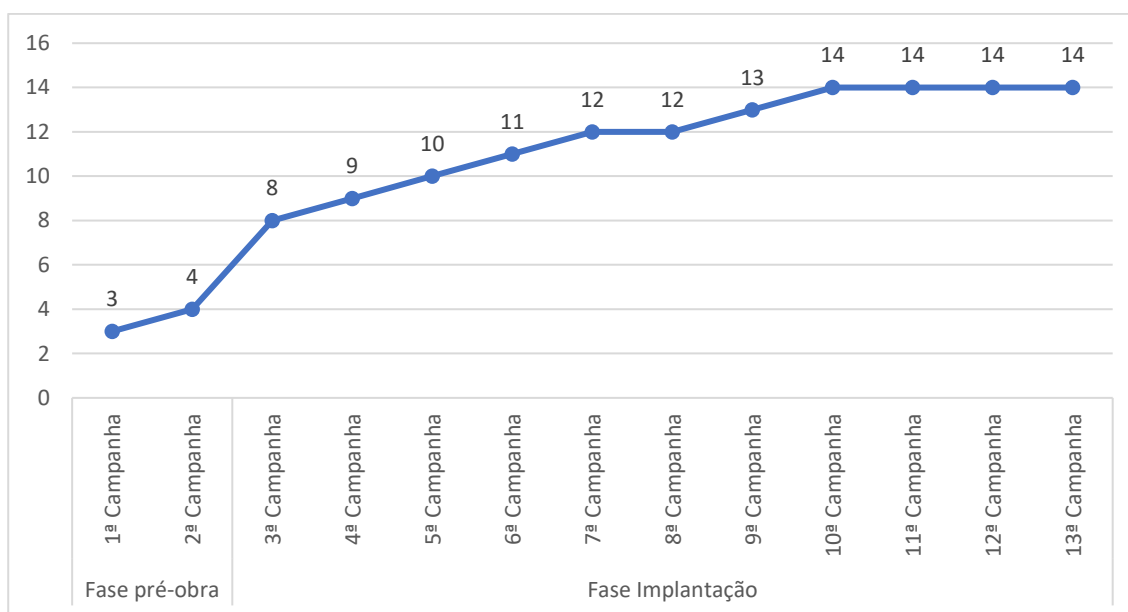


Gráfico 37 - Curva de coletor do grupo dos anfíbios para a área do empreendimento.

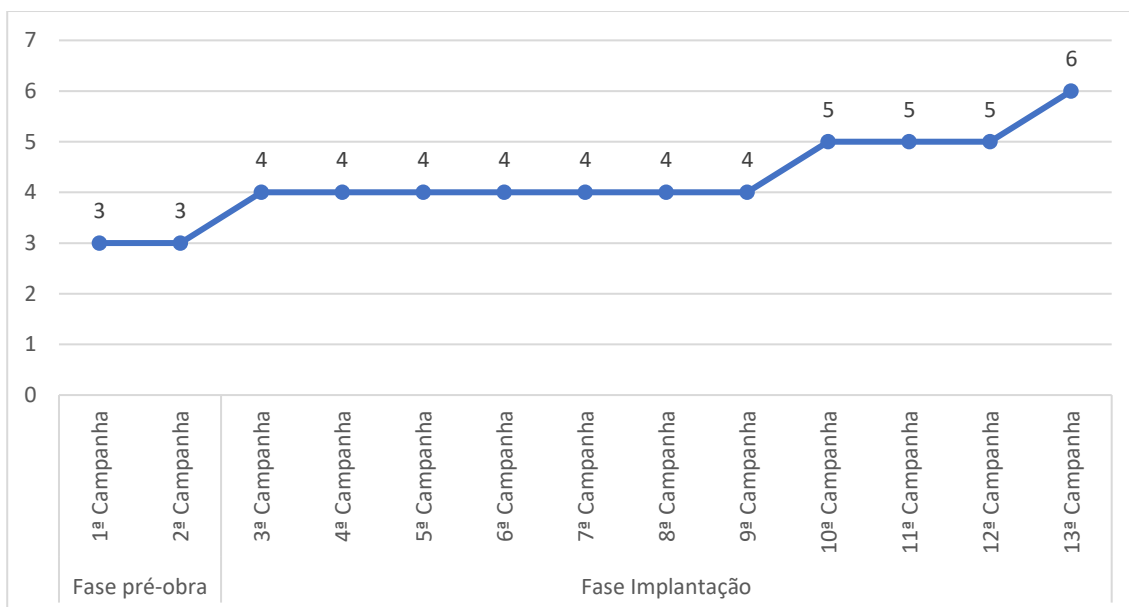


Gráfico 38 - Curva de coletor do grupo dos répteis para a área do empreendimento.

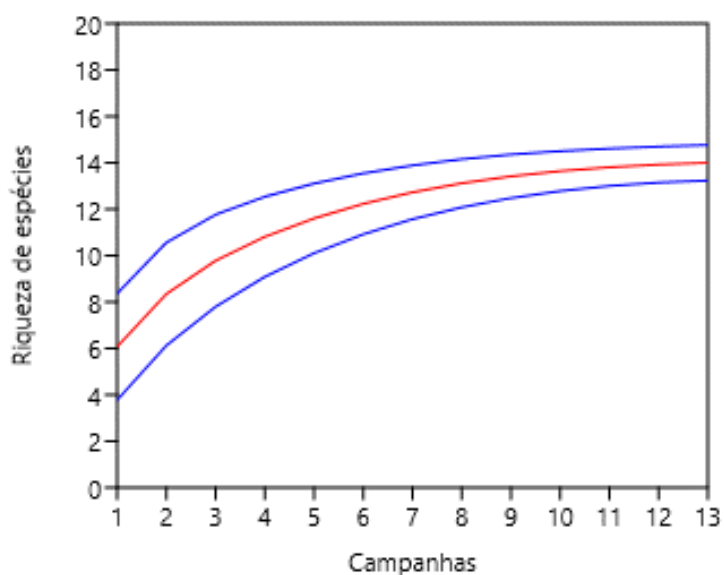


Gráfico 39 - Curva de rarefação do grupo dos anfíbios para a área do empreendimento.

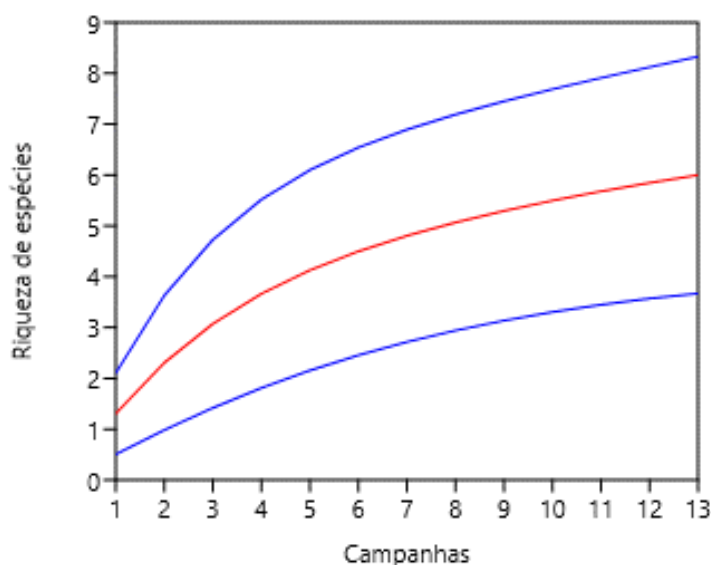


Gráfico 40 - Curva de rarefação do grupo dos répteis para a área do empreendimento.

#### 4.6.4.5 Índices de Diversidade

Durante a 13ª campanha, houve o registro de algumas espécies de répteis, incluindo uma nova, possibilitando assim a análise dos índices de diversidade, ainda que esse grupo seja de difícil avistamento, principalmente em épocas do ano mais frias. O índice de diversidade de Shannon-Wiener ( $H' = 0,8018$ ), a equitabilidade de Pielou ( $J = 0,7298$ ) e a riqueza de espécies de Margalef ( $0,8686$ ). Para os anfíbios, o índice de diversidade de Shannon-Wiener ( $H' = 1,81$ ), refletindo ainda uma riqueza expressiva, a equitabilidade de Pielou ( $J = 0,8237$ ), que, embora não seja máxima, ainda indica uma distribuição relativamente homogênea entre as espécies registradas. Para riqueza de espécies de Margalef ( $1,889$ ), podendo ser considerando uma boa riqueza.

Tabela 45 - Resultados dos Índices de Diversidade de Anfíbios

Índices	Anfíbios												
	1ª Cam panh a	2ª Cam panh a	3ª Cam panh a	4ª Ca mp anh a	5ª Ca mp anh a	6ª Ca mp anh a	7ª Ca mp anh a	8ª Ca mp anh a	9ª Ca mp anh a	10ª Ca mp anh a	11ª Ca mp anh a	12ª Ca mp anh a	13ª Ca mp anh a
Riqueza	3	3	7	5	3	7	5	6	6	8	7	9	9
Abundância	5	3	24	16	8	23	9	9	13	32	60	66	69
Shannon-Wiener	1,05 5	1,09 9	1,81 7	1,5 81	0,9 003	1,7 79	1,5 81	1,6 77	1,7 38	1,8 86	1,4 75	1,9 17	1,8 1
Equitabilidade de J (Pielou)	0,96 02	1	0,93 39	0,9 822	0,8 194	0,9 141	0,9 824	0,9 359	0,9 7	0,9 069	0,7 581	0,8 725	0,8 237
Margalef	1,24 3	1,82	1,88 8	1,4 43	0,9 618	1,9 14	1,8 2	2,2 76	1,9 49	2,0 2	1,4 75	1,9 09	1,8 89

Tabela 46 - Resultados dos Índices de Diversidade de Répteis

Índices	Répteis												
	1ª Cam panh a	2ª Cam panh a	3ª Cam panh a	4ª Ca mp anh a	5ª Ca mp anh a	6ª Ca mp anh a	7ª Ca mp anh a	8ª Ca mp anh a	9ª Ca mp anh a	10ª Ca mp anh a	11ª Ca mp anh a	12ª Ca mp anh a	13ª Ca mp anh a
Riqueza	1	1	3	-	-	1	-	-	-	2	2	-	3
Abundância	1	1	6	-	-	1	-	-	-	5	7	-	10
Shannon-Wiener	0	0	0,86 76	-	-	0	-	-	-	0,5 004	0,4 101	-	0,8 018
Equitabilidade de J (Pielou)	0	0	0,78 97	-	-	-	-	-	-	0,7 219	0,5 917	-	0,7 298
Margalef	0	0	1,11 6	-	-	0	-	-	-	0,6 213	0,5 139	-	0,8 686

#### 4.6.4.6 Índice de Similaridade

A análise de similaridade entre as áreas amostrais durante as campanhas, foram feitas por meio do Índice de Jaccard, que leva em consideração a presença das espécies, e durante a 13ª campanha podemos observar que os resultados podem indicar que FAU-01 apresenta características próprias (como variação de vegetação, disponibilidade hídrica ou nível de perturbação) que a diferenciam do Controle e de FAU-02. Já a proximidade entre Controle e FAU-02 pode refletir que ambos compartilham fatores semelhantes, funcionando como áreas com composição faunística mais homogênea

(Gráfico 41). A análise de similaridade não foi realizada para o grupo dos répteis, devido à ausência de registros suficientes na campanha em questão.

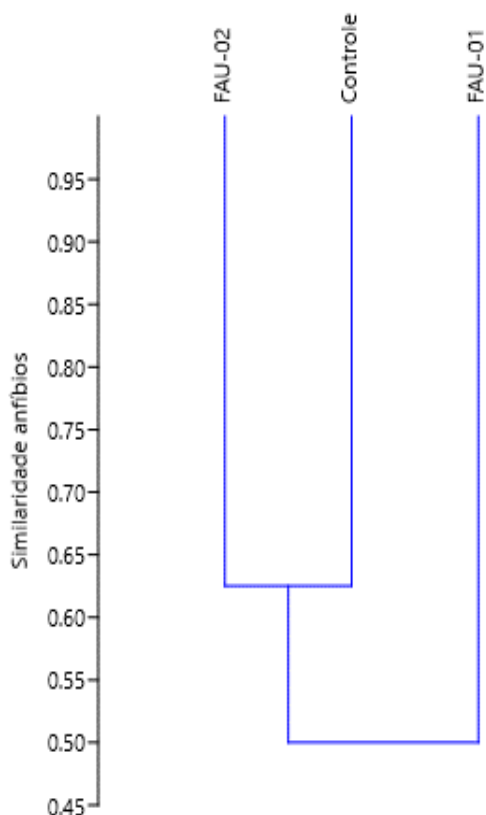


Gráfico 41 - Dendrograma de Similaridade de Jaccard para as áreas da CGH Teles de Proença (Anfíbios).

#### 4.6.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a 13ª campanha houve o registro de 09 espécies de anfíbios e 03 espécies de répteis, incluindo um novo registro para o grupo dos répteis. Nenhuma das espécies de anfíbios e répteis registrados até o momento durante os monitoramentos, encontra-se sob algum grau de ameaça de extinção, de acordo com as três listas consultadas. Os índices de diversidade indicam presença de uma comunidade relativamente equilibrada, ainda que com certo grau de dominância. A perda e alteração de habitat é uma das principais ameaças à herpetofauna, então recomenda-se o monitoramento nas áreas de influência do empreendimento em questão e ações efetivas de resgate e realocação de indivíduos quando necessário, a fim de preservar a biodiversidade local. De modo geral,

anfíbios e répteis são sensíveis a alterações nos habitats, pois precisam de condições adequadas para seu desenvolvimento e apresentam pouca capacidade de deslocamento, impedindo que busquem outras áreas.

#### 4.6.6 REGISTROS FOTOGRÁFICOS



Figura 56 – Exemplar de *Dendropsophus nanus* (Pererequinha-do-brejo).



Figura 57 - Exemplares de *Physalaemus cuvieri* (Rã-assobiadora).



Figura 58 - Exemplar de *Dendropsophus minutus* (Pererequinha-do-brejo).



Figura 59 - Exemplar de *Bothrops jararaca* (Jararaca).

#### 4.7 TOMBAMENTO BIOLÓGICO

Durante as atividades de monitoramento de fauna, na nona campanha foi encaminhado 01 espécime de *Megaceryle torquata* (Martim-pescador-grande) para as coleções científicas do Museu de Ciências Naturais da UNOCHAPECÓ, sob número de tombamento 0033. Durante a 13ª campanha, não houve a necessidade de tombamento de nenhum exemplar.

#### 4.8 MONITORAMENTO DAS COMUNIDADES HIDROBIOLÓGICAS

Destaca-se que o monitoramento de comunidades de fitoplâncton, zooplâncton e cianobactérias foi iniciado, conforme está estabelecido nas condicionantes 6, 13, 14, 15 e 16 da autorização ambiental nº 56877 e nº 60344. Realizou-se 05 campanhas de periodicidade mensal sendo de junho a outubro de 2024, retomando-se o monitoramento com uma campanha trimestral no mês de janeiro de 2025, sendo as demais campanhas de monitoramento ocorrendo com a mesma periodicidade do monitoramento da fauna terrestre e aquática, ocorrendo no mês de junho, juntamente com a 12ª campanha e no mês de setembro, juntamente com a 13ª campanha cujo resultados são apresentados abaixo.

## 4.9 FITOPLÂNCTON E DENSIDADE DE CIANOBACTÉRIAS

### 4.9.1 INTRODUÇÃO

A qualidade de um ambiente aquático pode ser avaliada através de estudos sobre as características físico-químicas da água e dos sedimentos, bem como através do estudo da biota aquática presente nesse ambiente. Esses organismos respondem em diferentes escalas temporais e espaciais às ações antropogênicas praticadas nas respectivas bacias de drenagens, ainda, alguns grupos desses organismos aquáticos, quando afetados por estas ações, podem indicar com maior objetividade as consequências no ambiente, o que permite muitas vezes, uma tomada de decisão também eficaz e objetiva.

O fitoplâncton consiste em um grupo de organismos aquáticos e autotróficos, ou seja, produzem a energia necessária ao seu metabolismo através da fotossíntese. Esses organismos, vivem em suspensão na água e estão sujeitas ao movimento das correntes. O uso do fitoplâncton como indicador da qualidade ambiental de ecossistemas aquáticos deve-se ao fato de que estes organismos respondem a amplitude e a frequência das variações físicas e químicas que agem sobre o meio. Portanto, representam um complexo sistema de informação para os diagnósticos e monitoramentos ambientais (Biggs, 1996; Lowe & Pan, 1996).

As cianobactérias são um grupo de organismos fotossintéticos procariontes que podem ser encontrados em ambientes aquáticos e terrestres. Essas bactérias são conhecidas há milhões de anos e desempenham um papel fundamental na manutenção da biodiversidade e do equilíbrio ecológico (Paerl & Huisman, 2009).

Além de sua importância na produção de oxigênio, as cianobactérias também desempenham um papel crucial na ciclagem de nutrientes. Elas são capazes de fixar o nitrogênio atmosférico e converter em formas utilizáveis pelas plantas e outros organismos. Isso é particularmente importante em ecossistemas aquáticos, onde a disponibilidade de nutrientes é frequentemente limitada. Contudo, algumas espécies podem produzir toxinas que podem afetar negativamente a saúde humana e animal. A proliferação excessiva dessas cianobactérias, conhecida como floração de algas, pode ocorrer em corpos de água contaminados com nutrientes, como fertilizantes agrícolas, e prejudicar a qualidade da água (Leite, Gouveia, & Oliveira, 2018).

#### 4.9.2 METODOLOGIA

##### 4.9.2.1 Coletor Quanti-qualitativo

As amostras quantitativas do fitoplâncton e cianobactérias foram obtidas com a passagem de um frasco de 500 ml na camada subsuperficial da água (zona litorânea), sendo fixadas em seguida, com solução de lugol acético. Já as amostras qualitativas, foram obtidas a partir da filtragem de aproximadamente 200 litros de água em rede de plâncton com abertura de malha de 25 µm e 25 cm de diâmetro de boca. Posteriormente, as amostras foram acondicionadas em frascos de 200 ml, e fixadas com solução de formalina a 4%.

Em seguida as amostras foram encaminhadas para o laboratório para processamento.

A identificação taxonômica das espécies foi realizada em microscópio binocular Olympus CX 31, com magnificação de 1.000 aumentos, utilizando-se as obras de Bicudo & Menezes (2006), Franceschini *et al.*, (2010), Sant'Anna *et al.*, (2006), Krammer & Lange-Bertalot (1986), Germain (1981), Geitler (1930-1931), entre outros. A classificação utilizada foi a de Cavalier-Smith (2014).

As análises quantitativa e qualitativa foram efetuadas em câmeras de sedimentação, variando de 20 ml a 50 ml, conforme a quantidade de material particulado presente na amostra, em microscópio invertido Olympus CK, em aumento de 400 vezes, conforme técnica de Utermöhl (1958). Foram consideradas apenas células inteiras e com conteúdo celular, para evitar a contagem de uma valva como sendo um indivíduo, e de células mortas. O tempo de sedimentação, em horas foi de, no mínimo, três vezes a altura da câmara em centímetros (Margalef, 1983).

O método de contagem foi feito de acordo com Uhelinger (1964), que sugere a contagem dos organismos por campos aleatórios, uma vez que produz estimativas mais próximas da população estatística, minimizando os efeitos da distribuição não aleatória dos organismos no fundo da câmara, decorrente de sua forma cilíndrica. A suficiência de contagem da amostra adotada foi de 90%, estabelecida pelo método Pappas & Stoermer (1996), ou até 500 campos contados. Padronizou-se um esforço amostral de 500 campos contados, por ponto de coleta, e/ou até atingir a suficiência

amostral de 90%. A densidade de organismos foi estimada através da fórmula de Utermöhl (1958).



**Figura 60 - Coleta de fitoplâncton e cianobactérias**

#### 4.9.3 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados obtidos foram armazenados e organizados em planilhas eletrônicas considerando-se as espécies encontradas, conforme o ponto de coleta (unidades amostrais) e campanha. Para elaboração de tabelas, gráficos e a exportação das informações para pacotes estatísticos.

A diversidade foi determinada utilizando os parâmetros de riqueza (número absoluto de táxons) e densidade (número de indivíduos por m<sup>-3</sup>). Foi também definida a equabilidade PIE de Hurlbert (1971) por unidade amostral, atributos que, em conjunto com a abundância absoluta ou relativa, são indicadores de estrutura de comunidades.

O índice PIE de Hurlbert (1971), calcula a probabilidade de um encontro interespecífico, ou seja, expressa a probabilidade de que dois indivíduos escolhidos aleatoriamente na amostra sejam espécies diferentes. O índice PIE é interpretado como uma probabilidade e não é influenciado pelo tamanho da amostra, embora a variância aumente, quanto menor for o tamanho desta. O valor deste índice varia de zero a um, sendo que, quando tende a um tem-se a indicação de que as abundâncias das espécies que compõem esta comunidade encontram-se distribuídas de forma equitativa, sem a presença de uma ou mais espécies dominantes. Isto significa que tanto os aspectos abióticos do meio, quanto às interações biológicas da comunidade encontram-se estáveis, indicando integridade ambiental (Lampert; Sommer, 2007).

#### 4.9.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos ambientes abordados na área de estudo, com amostragens realizadas em julho de 2023 (campanha pré rebaixamento do canal de fuga), junho, julho, agosto, setembro e outubro de 2024 (campanhas de monitoramento mensal), janeiro, junho e setembro de 2025 (campanhas de monitoramento), foram quantificados ao total 2.932 cel./mL distribuídos em 24 táxons fitoplanctônicos. Destes, 10,5 cel./mL e 10 táxons ocorreram na primeira campanha, 15,4 cel./mL e seis táxons na segunda campanha, 2.360 cel./mL e 17 táxons na terceira campanha, 71,3 cel./mL e 13 táxons na quarta campanha, 48 cel./mL e 16 táxons na quinta campanha, 51,1 cel./mL e 16 táxons, na sexta campanha, 224,1 cel./mL e sete táxons na sétima campanha, 17,9 cel./mL e seis táxons na oitava campanha e, por fim, 113,6 cel./mL e seis táxons na nona campanha, sendo a maior densidade e riqueza de espécies na terceira campanha. A Tabela 47 apresenta as espécies do fitoplâncton e suas respectivas densidades por espécie, riqueza específica, e Equabilidade de Pielou por pontos de coletas e campanhas.

Alguns exemplares são apresentados na (Figura 61). As suficiências de contagens das amostras foram, em geral, superiores a 0,90 na maioria dos pontos, sendo consideradas bastante satisfatórias, significando que mais de 90% das espécies de algas planctônicas presentes nas amostras foram contabilizadas.

Tabela 47 - Composição taxonômica total das campanhas de pré-obra, obra e monitoramento do rebaixamento do canal de fuga da CGH Teles Prouença. Riqueza específica (número de táxons), Densidade (número de indivíduos por m3) e Equabilidade de PIE por ponto amostral.

Composição taxonômica					Campanha 1			Campanha 2			Campanha 3			Campanha 4			Campanha 5			Campanha 6			Campanha 7			Campanha 8			Campanha 9			Total	
					P 0 3	P 0 4	T ot al	P 0 3	P 0 4	T ot al	P 0 3	P 0 4	To tal	P 0 3	P 0 4	T ot al	P 0 3	P 0 4	T ot al	P 0 3	P 0 4	T ot al	P 0 3	P 0 4	T ot al	P 0 3	P 0 4	T ot al	P 0 3	P 0 4	T ot al		
Filo	Classe	Ordem	Família	Espécie																													
Heterokontophyta	Bacillariophyceae	Achnanthales	Achnanthaceae	Achnanthes sp	0,1	0,1	0,2							0,6	0,6	1,3															1,5		
		Bacillariales	Bacillariaceae	Nitzschia palea	2,5	0,3	2,8	1,3	1,5	2,8	21,1	1,0	22,1	1,9	3,8	5,7	2,5		2,5	3,2	1,9	5,1	6,3	4,2	10,5	0,8		0,8	6,3	16,8	23,1	75,4	
		Cymbellales	Gomphonemataceae	Gomphonema parvulum	0,1		0,1		0,3	0,3	2,0		2,0		3,2	3,2		0,6	0,6		0,6	0,6										6,8	
		Eunotiales	Eunotiaceae	Eunotia sp		0,5	0,5				1,0	21,1	22,1	0,6		0,6	0,6	1,9	2,5	0,6		0,6										26,3	
		Licmophorales	Ulnariaceae	Ulnaria ulna	0,3		0,3	1,0	0,3	1,3	42,1	63,1	105,2	1,9	1,9	3,8	0,6		0,6	1,9		1,9	2,1	2,1	4,2				2,1	2,1	4,2	121,5	
		Surirellales	Surirellaceae	Surirella sp							21,1	63,1	84,2	0,6		0,6		0,6	0,6							0,4		0,4				85,9	
	Coscino discophyceae	Melosirales	Melosiraceae	Melosira varians							357,8	210,5	568,2	3,8	5,7	9,5					2,5	2,5	10,5	16,8	27,4					16,8	16,8	33,7	641,2
		Stephanopyxales	Hydroseraceae	Hydrosera sp								1,0	1,0				0,6		0,6													1,6	
Charophyta	Zygnemataphyceae	Desmidiiales	Closteriaceae	Closterium sp							24,0	24,0	48,0							0,6	0,6										48,6		
			Desmidiaceae	Cosmarium sp								2,0	2,0	0,6		0,6																2,6	
				Staurostrum sp													0,6		0,6	0,6		0,6											1,3

Composição taxonômica					Campanha 1			Campanha 2			Campanha 3			Campanha 4			Campanha 5			Campanha 6			Campanha 7			Campanha 8			Campanha 9			Total			
					P 0 3	P 0 4	Total	P 0 3	P 0 4	Total	P 0 3	P 0 4	Total	P 0 3	P 0 4	Total	P 0 3	P 0 4	Total	P 0 3	P 0 4	Total	P 0 3	P 0 4	Total	P 0 3	P 0 4	Total	P 0 3	P 0 4	Total				
Filo	Classe	Ordem	Família	Espécie																															
Chlorophyta	Chlorophyceae	Sphaeropleales	Scenedesmeceae	Coelastrum reticulatum							505,1	3,0	508,1	7,6	20,2	27,8				0,6		0,6			25,3	25,3				12,6	25,3	37,9	599,6		
				Desmodesmus armatus	1,0	1,0	2,0	2,0	1,0	3,0		21,1	21,1				13,9	3,8	17,7	10,1	5,1	15,2												58,9	
				Desmodesmus denticulatus								84,2	84,2				5,1		5,1							5,1	5,1								94,3
				Scenesmus obtusus													5,1		5,1	10,1		10,1	8,4		8,4				8,4		8,4			32,0	
				Tetrademus sp								8,0	8,0					1,9	1,9		1,9														11,8
			Selenastreaeae	Monoraphidium contortum							21,1	21,1	42,1	5,7	6,3	12,0	3,8		3,8	1,3		1,3													59,1
				Monoraphidium griffithii										0,6	1,3	1,9				1,3		1,3													3,2
Cryptista	Cryptophyceae	Cryptomonadales	Cryptomonadaeae	Cryptomonas sp										0,6	0,6		0,6															1,3			
Cyanobacteria	Cyanophyceae	Chroococcales	Microcystaceae	Merismopedia tranquilla																							10,1	10,1					10,1		
		Nostocales	Aphanizomenonaceae	Dolichospermum spiroides	0,1		0,1																										0,1		

Composição taxonômica					Campanha 1			Campanha 2			Campanha 3			Campanha 4			Campanha 5			Campanha 6			Campanha 7			Campanha 8			Campanha 9			Total
					P 0 3	P 0 4	T ot al	P 0 3	P 0 4	T ot al	P 0 3	P 0 4	To tal	P 0 3	P 0 4	T ot al	P 0 3	P 0 4	T ot al	P 0 3	P 0 4	T ot al	P 0 3	P 0 4	T ot al	P 0 3	P 0 4	T ot al	P 0 3	P 0 4	T ot al	
Filo	Classe	Ordem	Família	Espécie		3 , 0	3, 0	3 , 0	4 , 5	7, 6		67 3, 5	67 3, 5				2 , 5		2, 5	5 , 1	1 , 3	6, 3	4 6 , 3	1 1 7, 9	1 6 4, 2							85 7, 0
Euglenozoa	Euglenophyceae	Euglenales	Euglenaceae	Euglena sp	0 , 3		0, 3				21 ,1	21 ,1	42 ,1					0 , 6	0, 6		0 , 6	0, 6				0 , 4		0, 4				44 ,0
				Trachelomonas sp	0 , 3	1 , 0	1, 3	0 , 3	0 , 3	0, 5	63 ,1	63 ,1	12 6, 3	1 , 9	1 , 9	3, 8	1 , 3	1 , 3	2, 5	0 , 6	1 , 3	1, 9	4 , 2		4, 2	0 , 4	0 , 6	1, 1	4 , 2	2 , 1	6, 3	14 7, 8
Riqueza específica					8	6	1 0	5	6	6	11	16	17	1 1	1 0	1 3	1 2	7	1 6	1 1	9	1 6	6	5	7	4	3	6	6	5	6	24
Densidade (cel./mL)					4 , 6	5 , 9	1 0, 5	7 , 6	7 , 8	1 5, 4	10 79 ,3	12 80 ,7	23 60 ,0	2 5, 9	4 5, 5	7 1, 3	3 3, 3	1 0, 7	4 8, 0	3 5, 4	1 5, 8	5 1, 1	7 7, 9	1 6 6, 3	2 4 4, 1	2 1, 1	1 5, 8	1 7, 9	5 0, 5	6 3, 1	1 1 3, 6	29 32 ,0
Índice de Equitabilidade de Pielou(J)					0 , 6 4	0 , 6 7	0, 7 9	0 , 7 2	0 , 6 1	0, 6 8	0, 6 6	0, 6 8	0, 8 1	0 , 8 3	0 , 6 9	0, 7 4	0 , 7 7	0 , 7 9	0 , 8 0	0 , 8 7	0 , 7 6	0, 7 7	0 , 5 3	0 , 4 4	0, 4 8	0 , 2 2	0 , 4 9	0, 5 5	0 , 7 1	0 , 4 3	0, 6 1	0, 8 1

No geral, a classe Bacillariophyceae foi a mais diversa e as cianofíceas as mais numerosas (Gráfico 42 e Gráfico 43). As diatomáceas exercem um importante papel como produtoras primárias dos ecossistemas lóticos (Lowe & Pan, 1996). Segundo Patrick & Reimer (1966), este grupo de algas constitui uma parcela muito representativa da comunidade planctônica, principalmente em ambientes lóticos, pois apresentam estratégias de vida que permitem que as mesmas explorem com sucesso os ambientes lóticos, caracterizados por fluxo horizontal de água (Margalef, 1983), tais como: resistem a temperaturas mais baixas, se adaptam as intensidades luminosas (Wetzel, 1993) e, ainda, apresentam estruturas que servem para se fixarem aos substratos, como forma de garantir maior estabilidade (Round, 1993), além de espinhos ou setas que são utilizados para flutuar, e até mesmo para causar rotação evitando a sedimentação. A presença de uma fina camada de mucilagem ao redor da célula também é um aparato utilizado para evitar a sedimentação (Sommer, 1988).

Outro fator importante é que as diatomáceas apresentam a parede celular composta por sílica, denominadas frústulas, o que lhes confere uma densidade mais alta em relação às outras algas. De acordo com Heo e Kim (2004), isto as impede de ocorrer em estratos próximos a sub-superfície, favorecendo as perdas por sedimentação. A condição de mistura auxilia em eventos de ressuspensão das frústulas, conduzindo-as para condições mais adequadas de luminosidade.

Vale ressaltar que foi registrado a ocorrência de cianobactérias, foram registradas 867,3 cel/mL e três táxons dessa classe, sendo 3,1 cel./mL na primeira campanha, 7,6 cel./mL na segunda, 673,45 e um táxon na terceira, na quinta campanha 2,53 cel/mL e um táxon 2,53 cel/mL e 6,3 cel/mL e um táxon na sexta campanha, na sétima campanha, 164,2 cel./mL e um táxon e, por fim, 10,1 cel./mL e um táxon na oitava campanha. Vale registrar que não foram registradas espécies dessa classe na quarta e nona campanha (Tabela 47, Gráfico 42 e Gráfico 43). Conhecidas como cianobactérias ou cianofíceas, as algas da classe Cyanophyceae são capazes de viver em uma ampla variedade de ambientes, mas se desenvolvem melhor em ambientes rasos e com baixo regime de correnteza (Steingnberg & Hartmann, 1988; Huszar, 2000). Estas algas apresentam uma eficiente absorção de luz através da presença de ficobiliproteínas (Chorus & Bartram, 1999), e melhor desenvolvimento em águas neutras e alcalinas (Giraldez-Ruiz *et al.*, 1999). Muitas

espécies de cianobactérias apresentam baixa palatabilidade, sofrendo menor pressão por herbivoria, seja pelo grande tamanho, presença de mucilagem e potencial produção de toxinas (Codd *et al.*, 2000).

Cabe destacar também que algumas espécies produzem toxinas (cianotoxinas) quando expostas à ambientes ricos em nitrogênio e fósforo, provenientes de esgotos domésticos, efluentes industriais, e fertilizantes em áreas agrícolas. Isto significa que no caso de haver um aumento expressivo de nutrientes no meio, poderão ocorrer florações com liberação de toxinas representando assim um grande risco para o uso do recurso hídrico (Sant'Anna *et al.*, 2004). Entretanto não foi identificada nenhuma floração que poderia ser considerada prejudicial nessas campanhas na área de estudo e a densidade deste grupo se encontram bem abaixo dos limites preconizados na CONANA 357.

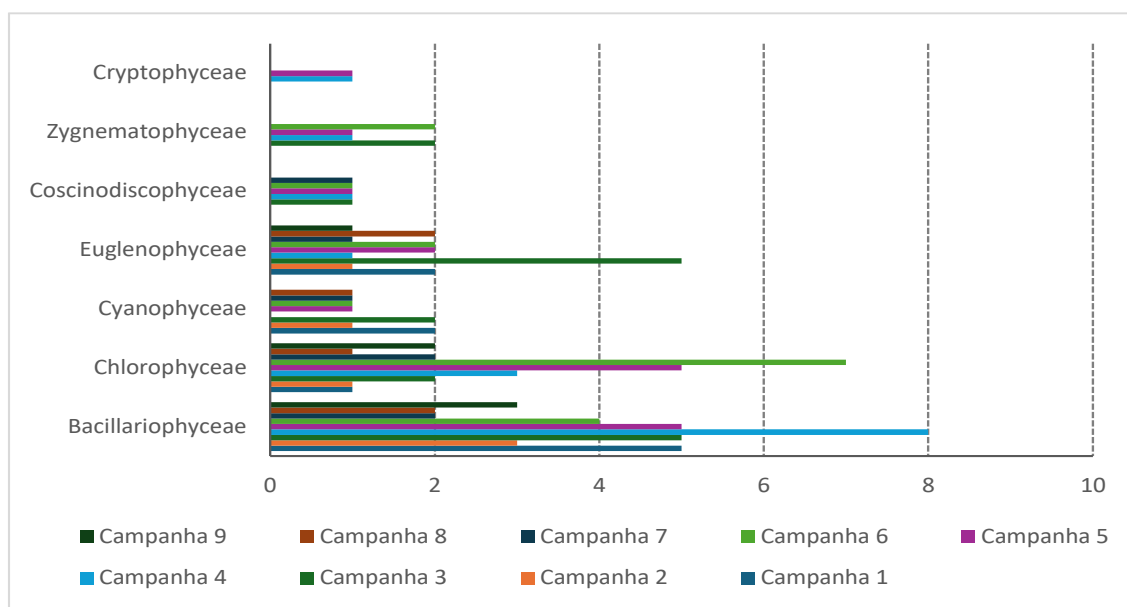


Gráfico 42 - Ln da densidade dos principais grupos fitoplanctônicos registrados nos ambientes investigados no Monitoramento da CGH Teles Proença.

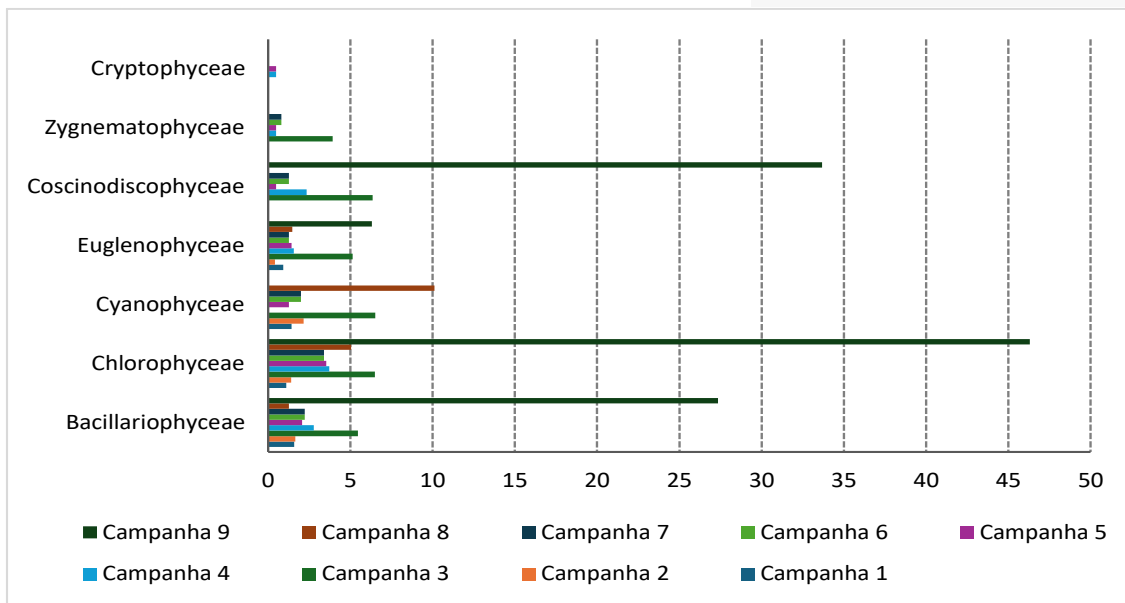


Gráfico 43 - Riqueza específica dos principais grupos fitoplancônicos registrados nos ambientes investigados no Monitoramento da CGH Teles Proença.

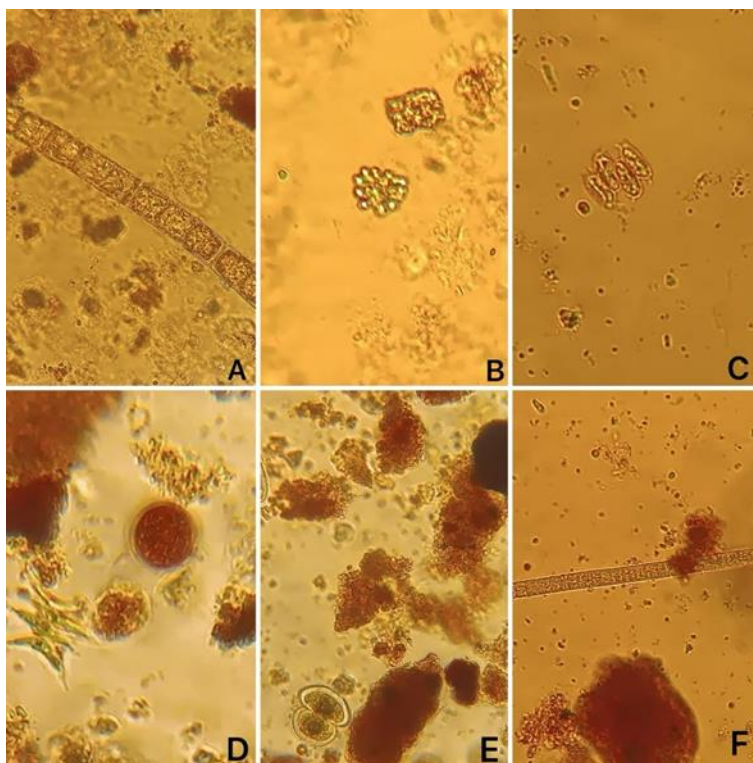


Figura 61 - Organismos encontrados nos ambientes investigados do Monitoramento da CGH Teles Proença. Sendo: (A) *Melosira varians*; (B) *Coelastrum reticulatum*; (C) *Desmodesmus denticulatus*; (D) *Tetrademus* sp; (E) *Cosmarium* sp; (F) *Phormidium* sp.

Espacialmente, não houve um padrão claro na distribuição do fitoplâncton (Gráfico 44 e Gráfico 45). Vale ressaltar que, nas primeiras campanhas os valores registrados foram baixos, pode-se inferir que esse fato é devido as características dos ambientes amostrados, que se trata de ambientes lóticos, com alta velocidade de

corrente e baixa profundidade, contudo a partir da terceira campanha houve uma maior expressividade, com o andamento dpo monitoramento podemos inferir que esse é um padrão temporal onde, no geral, os menores valores estão ligados aos meses mais frios.

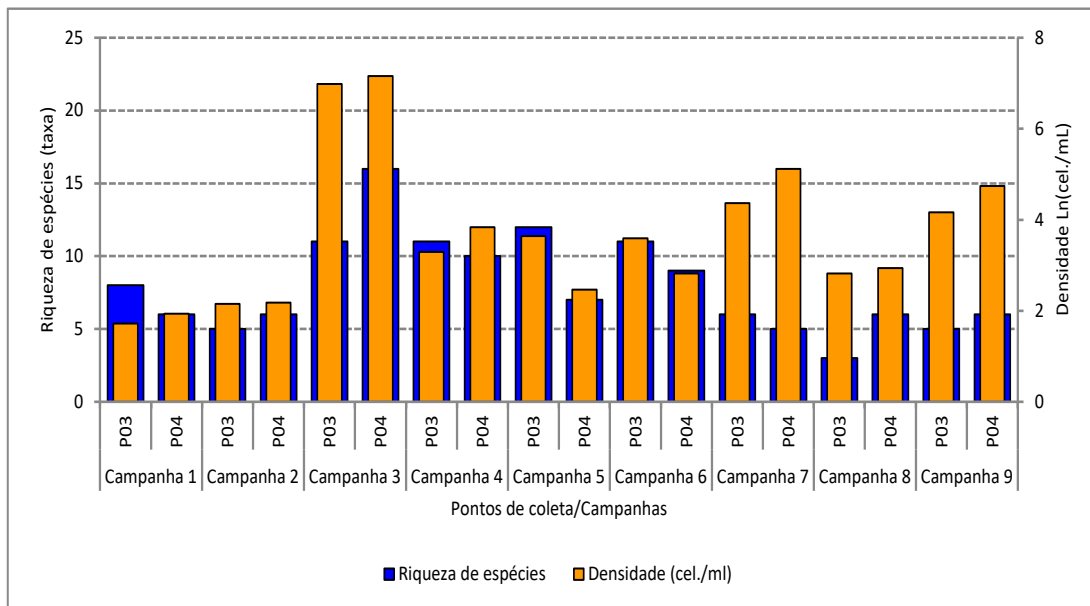


Gráfico 44. Densidade e riqueza de espécies de acordo ponto amostral do fitoplâncton registrado nos ambientes investigados.

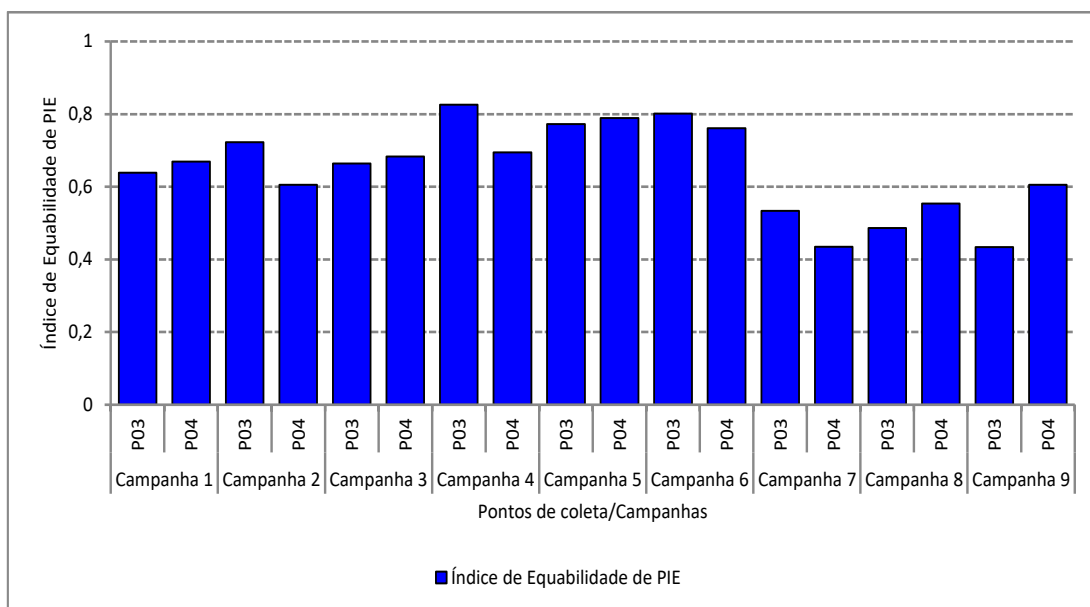


Gráfico 45 - Valores de Equabilidade calculados para os pontos amostrais.

#### 4.9.5 CONCLUSÕES FINAIS

O fitoplâncton esteve representado por cinco classes e 2.932 cel./mL, distribuídos em 24 táxons, sendo as diatomáceas o grupo mais diverso e as cianofíceas o mais abundante. Espacialmente, não houve um padrão nítido de distribuição dessa comunidade. Houve a ocorrência de cianobactérias, contudo estas apresentaram baixa densidade, não indicando nenhum risco ao ambiente.

### 4.10 ZOOPLÂNCTON

#### 4.10.1 INTRODUÇÃO

A qualidade de um ambiente aquático pode ser avaliada através de estudos sobre as características físico-químicas da água e dos sedimentos, bem como através do estudo da biota aquática presente nesse ambiente. Esses organismos respondem em diferentes escalas temporais e espaciais às ações antropogênicas praticadas nas respectivas bacias de drenagens, ainda, alguns grupos desses organismos aquáticos, quando afetados por estas ações, podem indicar com maior objetividade as consequências no ambiente, o que permite muitas vezes, uma tomada de decisão também eficaz e objetiva.

Nesse sentido, na comunidade zooplanctônica, estão incluídas larvas de importantes recursos pesqueiros e de interesse comercial, como larvas de crustáceos, moluscos e de peixes. De forma geral, a estrutura e a distribuição do zooplâncton são influenciadas por predação, competição, bem como por processos físicos que atuam em diferentes escalas temporais e espaciais (Ashjian, 1993; Wiafe & Frid, 1996). A composição e a distribuição espacial das biocenoses que compõem essa comunidade estão condicionadas às características do ambiente, fornecendo informações de certa relevância sobre os mecanismos de colonização e organização dessas biocenoses, bem como o grau de trofia do ambiente (Barbosa & Martins, 2002). O estudo do zooplâncton fornece informações básicas não somente sobre sua composição e abundância, como também de sua interação com os demais organismos vivos, e fatores abióticos que condicionam todo o sistema. Estes dados podem servir como subsídios para a elaboração de planos que visem o uso sustentável dos sistemas

aquáticos, contribuindo para a solução dos problemas relacionados com o aproveitamento e conservação da biodiversidade, e a minimização dos impactos naturais e antropogênicos decorrentes do uso desses ambientes.

#### 4.10.2 METODOLOGIA

##### 4.10.2.1 Coletor Quanti-qualitativo

O zooplâncton foi amostrado na região pelágica de cada ponto de coleta, através de arrastos verticais na coluna d'água, com auxílio de rede tipo WP-2, de 50  $\mu\text{m}$  de tamanho de malha e 30 cm de diâmetro de boca, sendo filtrados aproximadamente 200 litros de água por amostra (Figura 62). O material coletado foi acondicionado em frascos de polietileno, devidamente etiquetados, e fixado em solução de formaldeído a 4%, tamponada com carbonato de cálcio.

Posteriormente as amostras de zooplâncton foram encaminhadas para o laboratório para processamento.

A diversidade  $\alpha$  da comunidade zooplanctônica foi avaliada a partir da análise da riqueza de espécies, em cada amostra, sob microscópio óptico, com auxílio de lâminas e lamínulas comuns e câmara de Sedgwick-Rafter (Figura 63), até a estabilização da curva de incremento de espécies (Bottrell *et al.*, 1976). A identificação das espécies foi realizada com auxílio de bibliografia especializada: Sendacz & Kubo (1982), Reid (1985), Segers (1995) e Elmoor-Loureiro (1997).

A abundância dos organismos zooplanctônicos, foi determinada a partir da contagem, em câmaras de Sedgwick-Rafter, de no mínimo 50 indivíduos de cada grupo (rotíferos, protozoários testáceos, cladóceros e copépodes), em três sub-amostragens obtidas com pipeta do tipo Stempel (2,5 ml) (Bottrell *et al.*, 1976), as amostras com baixa densidade e/ou riqueza específica Koste (1978), foram contadas na íntegra.



Figura 62 - Coleta de fitoplâncton e cianobactérias



Figura 63 - Microscópio óptico e câmara de Sedgwick-Rafter utilizados para contagem e identificação do zooplâncton em laboratório.

#### 4.10.3 ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos foram armazenados e organizados em planilhas eletrônicas considerando-se as espécies encontradas, conforme o ponto de coleta (unidades amostrais) e campanha, para elaboração de tabelas, gráficos e a exportação das informações para pacotes estatísticos.

A diversidade foi determinada utilizando os parâmetros de riqueza (número absoluto de táxons) e densidade (número de indivíduos por  $m^3$ ). Foi também definida a equabilidade PIE de Hurlbert (1971) por unidade amostral, atributos que, em conjunto com a abundância absoluta ou relativa, são indicadores de estrutura de comunidades.

O índice PIE de Hurlbert (1971), calcula a probabilidade de um encontro interespecífico, ou seja, expressa a probabilidade de que dois indivíduos escolhidos aleatoriamente na amostra sejam espécies diferentes. O índice PIE é interpretado como uma probabilidade e não é influenciado pelo tamanho da amostra, embora a variância aumente, quanto menor for o tamanho desta. O valor deste índice varia de zero a um, sendo que, quando tende a um tem-se a indicação de que as abundâncias das espécies que compõem esta comunidade encontram-se distribuídas de forma equitativa, sem a presença de uma ou mais espécies dominantes. Isto significa que tanto os aspectos abióticos do meio, quanto as interações biológicas da comunidade encontram-se estáveis, indicando integridade ambiental (Lampert; Sommer, 2007).

#### 4.10.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos ambientes estudados, durante as nove campanhas realizadas em julho de 2023, junho, julho, agosto, setembro e outubro de 2024, janeiro, junho e setembro de 2025 foram quantificados um total 3.467,5 ind./m<sup>3</sup> distribuídos em 12 táxons de invertebrados zooplactônicos (Tabela 7). O zooplâncton foi mais numeroso na sétima campanha e mais diverso na terceira. Esse resultado pode ter sido reflexo da distribuição da comunidade fitoplanctônica, uma vez que esses são considerados a principal fonte de alimento do zooplâncton (Esteves, 2011).

Tabela 48 - Composição taxonômica total Monitoramento da CGH Teles Proença. Riqueza específica (número de táxons), Densidade (número de indivíduos por m-3) e Equabilidade de PIE por ponto amostral.

Composição taxonômica					Campanha 1			Campanha 2			Campanha 3			Campanha 4			Campanha 5			Campanha 6			Campanha 7			Campanha 8			Campanha 9			Total
					P03	P04	Total	P03	P04	Total	P03	P04	Total	P03	P04	Total	P03	P04	Total	P03	P04	Total	P03	P04	Total	P03	P04	Total	P03	P04	Total	
Filo	Class e	Ord em	Famili a	Espécie																												
Rhizopoda	Lobosea	Testacea	Arcellidae	Arcella costata	104,8	100,0	204,8	157,1	100,0	257,1		33,3	33,3	17,0	25,0	42,0				65,0		65,0	110,0	100,0	210,0				60,0	28,6	88,6	900,8
				Arcella discoides							33,3	33,3				19,0	21,3	21,3	21,7		21,7											271,3
				Arcella rota		1,0	1,0	52,4		52,4						21,7		21,7	43,3	55,0		55,0		30,0	30,0							203,4
			Centropxidae	Centropx aculeata	52,4	100,0	152,4	52,4	150,0	202,4	200,0	33,3	233,3	34,0	50,0	84,0				25,0		25,0	275,0	150,0	425,0							1122,1
			Lesquereusidae	Lesquereusia spiralis		50,0	50,0																									
Rotifera	Eurotatoria	Ploima	Lecanidae	Lecane quadridentata									25,0	25,0	21,7		21,7														46,7	
			Lepadellidae	Lepadella patella								34,0	34,0																			34,0
			Synchaetidae	Synchaeta pectinata									25,0	25,0																		25,0
	Paratatoria	Bdeloidaea							50,0		50,0	25,0	25,0				25,0	25,0					30,0	30,0					28,6	28,6	158,6	

Composição taxonômica					Campanha 1			Campanha 2			Campanha 3			Campanha 4			Campanha 5			Campanha 6			Campanha 7			Campanha 8			Campanha 9			Total
					P03	P04	Total	P03	P04	Total	P03	P04	Total	P03	P04	Total	P03	P04	Total	P03	P04	Total	P03	P04	Total	P03	P04	Total	P03	P04	Total	
Filo	Class e	Ord em	Família	Espécie																												
Arthropoda	Maxillopoda	Cyclopoida	Cyclopidae	naúplio		50,0	50,0	52,4	100,0	152,4	50,0	33,3	83,3				21,7		21,7				55,0	25,0	80,0	20,0		20,0			407,4	
				copepodito	52,4		52,4				1,0		1,0											25,0	25,0				120,0	120,0		198,4
	Branchiopoda	Diplostroaca	Chydoridae	Chydorus sp							50,0		50,0																	50,0		
Riqueza específica					3,0	5,0	6,0	4,0	3,0	4,0	5,0	4,0	7,0	3,0	5,0	6,0	4,0	1,0	4,0	3,0	2,0	5,0	4,0	4,0	5,0	1,0	2,0	3,0	2,0	2,0	3,0	12,0
Densidade (ind./m³)					209,52381	301	510,52381	314,28571	350	664,3	351,0	13,3	484,3	85,0	15,0	235,0	260,0	21,3	281,3	130,0	50,0	180,0	49,0	30,0	795,0	20,0	60,0	80,0	180,0	57,1	237,1	346,5
Índice de Equitabilidade de Pielou('J)					0,63	0,72	0,72	0,67	0,65	0,70	0,57	0,55	0,65	0,64	0,78	0,79	0,42	*	0,39	0,61	0,50	0,76	0,62	0,63	0,63	0,50	0,66	0,44	0,50	0,59	0,79	

Uma expressiva contribuição para a composição do zooplâncton foi verificada para os protozoários testáceos, tanto no geral, quanto nas campanhas na área de estudo (Gráfico 46 e Gráfico 47). Vale ressaltar que a abundância de copépodes se deve a presença das formas jovens desses organismos, o que é comum em ambientes dulcícolas (Lansac-Tôha *et al*, 2009) (Gráfico 46 e Gráfico 47). Velho *et al*. (1999) também registraram uma expressiva contribuição dos protozoários testáceos no plâncton de ambientes lóticos. A expressiva contribuição deste grupo deve-se ao processo de ressuspensão desses organismos de seus habitats característicos (sedimento e a vegetação marginal) para a coluna de água, a partir da elevada velocidade de corrente. Embora esses organismos sejam comumente classificados como não verdadeiramente planctônicos, alguns estudos mostraram que algumas espécies desenvolvem grandes populações no plâncton.

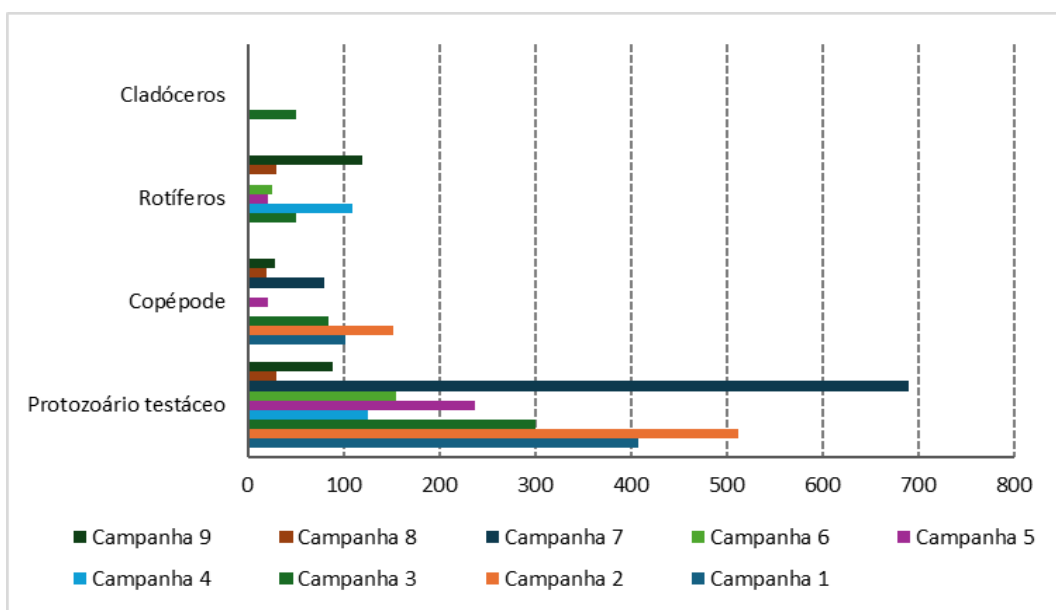
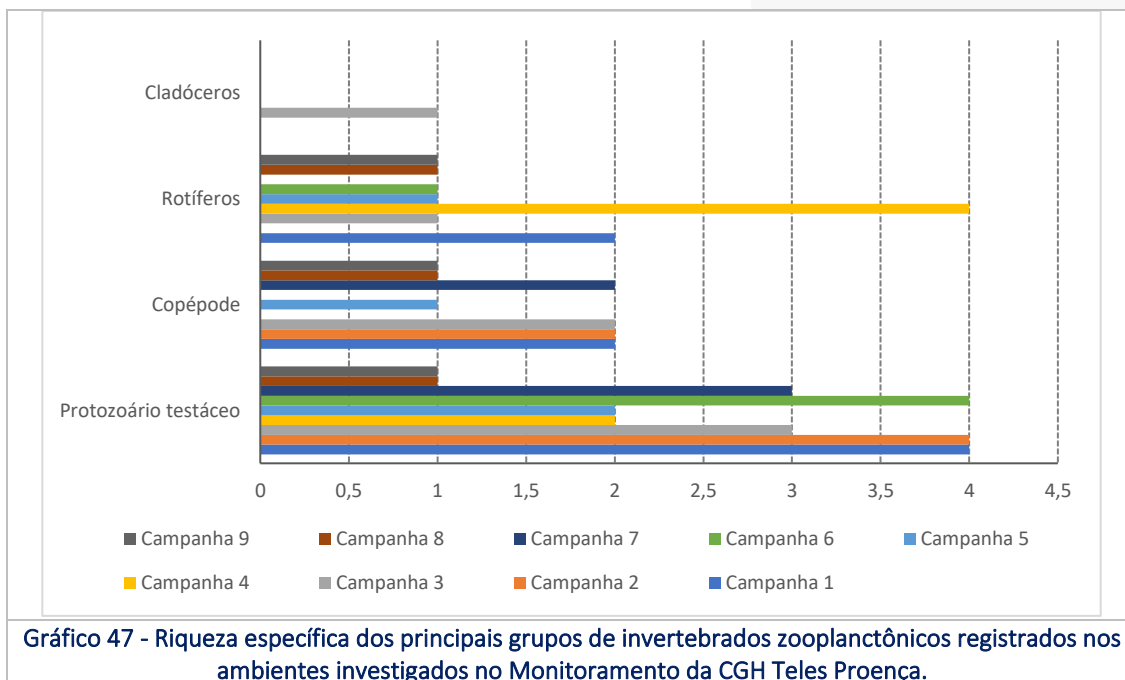


Gráfico 46 - Densidade dos principais grupos de invertebrados zooplanctônicos registrados nos ambientes investigados no Monitoramento da CGH Teles Proença.



Alguns organismos encontrados durante o estudo estão ilustrados na Figura 64. Os táxons com maior abundância nas campanhas foram *Arcella costata* e *Centropyxis aculeata* (protozoário testáceos).

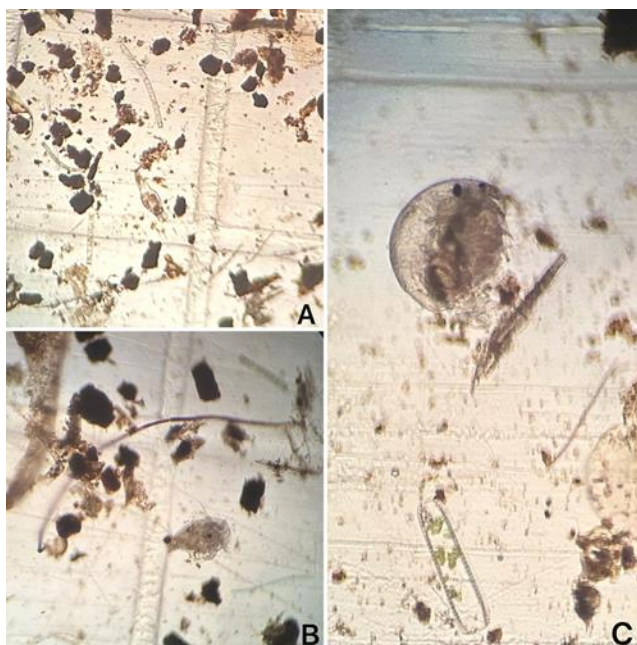


Figura 64 - Organismos encontrados nos ambientes investigados do Monitoramento da CGH Teles Proença. Sendo: (A) Bdelloidea; (B) naúplio de ciclopóida; (C) *Chydorus* sp.

Assim como para o fitoplâncton, não há um padrão espacial nítido definido (Gráfico 48 e Gráfico 49). Vale ressaltar que, no geral, foram registrados baixos valores de riqueza e densidade, pode-se inferir que esse fato é devido as características dos ambientes amostrados, que se trata de ambientes lóticos, com alta velocidade de corrente e baixa profundidade. Os organismos zooplactônicos tendem a ter maior sucesso de estabelecimento em ambientes lênticos, em função da menor velocidade de corrente (Lansac-Tôha et. al, 2009). O índice de equabilidade não retratou a distribuição da comunidade zooplantônica, uma vez que para o cálculo destes a riqueza de espécies é um importante fator e esta foi muito baixa nos pontos e, na última campanha como no ponto P03 só houve a ocorrência de uma espécie, não foi possível mensurar essa métrica de comunidades.

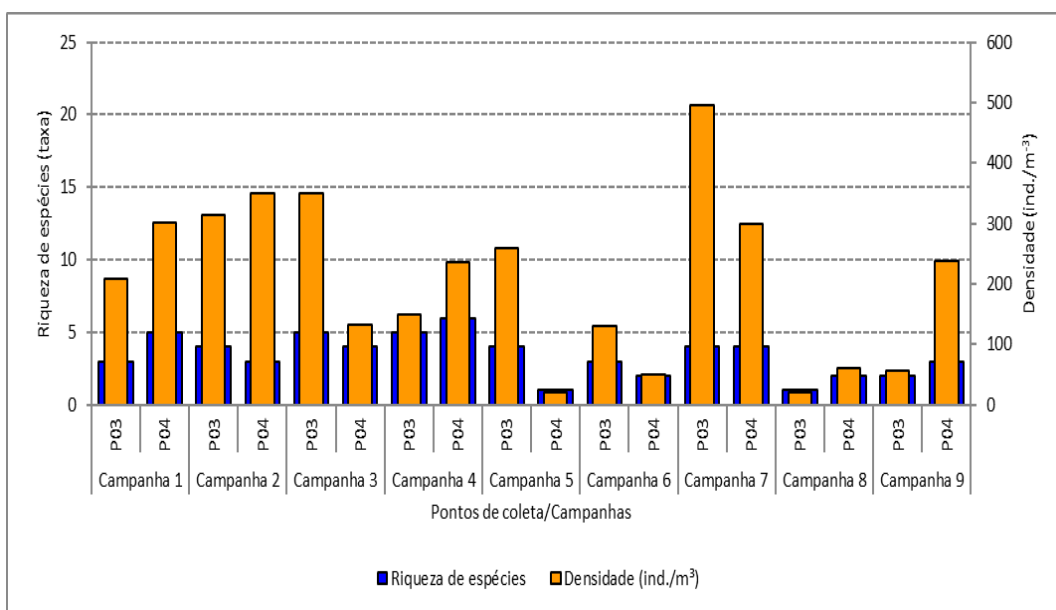


Gráfico 48 - Densidade e riqueza de espécies de acordo ponto amostral do zooplâncton registrado nos ambientes investigados.

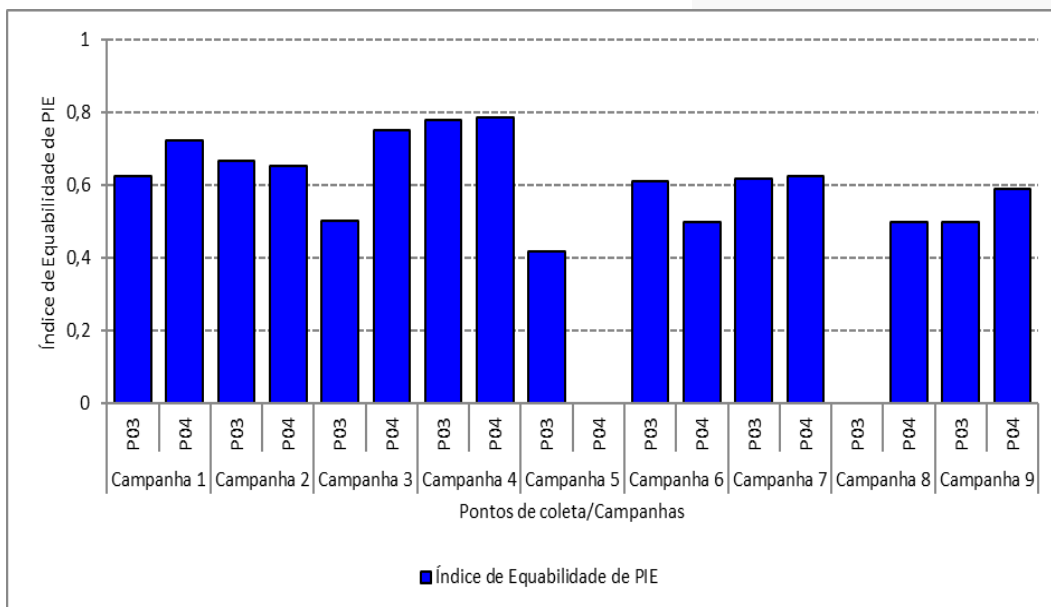


Gráfico 49 - Valores de Equabilidade de PIE calculados para os pontos amostrais.

#### 4.10.5 CONCLUSÕES FINAIS

Com relação ao zooplâncton este esteve representado por 3.467,5 ind./m<sup>3</sup>, distribuídos em 12 táxons, sendo os protozoários o grupo mais representativo. Temporalmente a sétima campanha foi mais expressiva numericamente e a terceira a mais diversa.

#### 4.11 AVALIAÇÃO DAS COMUNIDADES RIPÍCOLAS

A formação do reservatório formará uma lâmina d'água que permitirá uma melhor detecção do ambiente aquático por espécies que fazem deslocamentos migratórios em grandes altitudes e também fará com que se estabeleçam microambientes com vegetação e características úmidas para que espécies que necessitem dessa formação colonizem e se estabeleçam. Até o presente momento registrou-se 15 espécies da avifauna com exigência de ambientes úmidos: *Nannopterum brasilianum* (Biguá), *Dendrocygna viduata* (Irerê), *Amazonetta brasiliensis* (Pé-vermelho), *Chloroceryle amazona* (martim-pescador-verde), *Chloroceryle americana* (Martim-pescador-pequeno), *Megaceryle torquata* (Martim-pescador-grande), *Aramides saracura* (saracura-do-mato), *Gallinula galeata* (galinha-d'água), *Himantopus melanurus* (Pernilongo-de-costas-brancas), *Jacana jacana* (jaçanã), *Ardea alba* (garça-branca-grande), *Ardea cocoi* (Garça-moura), *Bubulcus ibis* (Garça-vaqueira), *Phimosus infuscatus* (Tapicuru) e *Tachycineta albiventer* (Andorinha-do-rio).

Para a mastofauna terrestre durante atual campanha foi registrada a *Lontra longicaudis*, espécie semi-aquática, ao qual tinha sido registrada somente através de dados secundários.

Os anfíbios são um grupo de grande importância ecológica, tanto por sua grande diversidade quanto pelo fato de corresponderem a um grupo de interface entre a água e a terra. Grande número de espécies de anfíbios apresenta ciclo de vida bifásico, com uma fase larval aquática – exclusiva de água doce – e outra fase terrestre, pós-metamórfica (MMA, 2018). Durante as campanhas foram registradas oito espécies dependentes de ambientes aquáticos: *Rhinella icterica*, *Boana albopunctatus*, *Dendropsophus minutus*, *Dendropsophus nanus*, *Scinax fuscovarius*, *Leptodactylus labyrinthicus*, *Physalaemus cuvieri* e *Aquarana catesbeiana* (exótica). Os répteis registrados em campo as espécies *Thamnodynastes strigatus* e a *Erythrolamprus miliaris* utilizam ambientes aquáticos para realizar o forrageamento. Durante os próximos estudos novas espécies podem ser registradas em campo.

#### 4.12 AVALIAÇÃO DE IMPACTOS AMBIENTAIS

A partir dos resultados observados em campo, percebe-se que a maioria das espécies terrestres encontradas na área de estudo apresentam alta valência ecológica, sendo encontradas mesmo em ambientes com diferentes níveis de perturbação ambiental e antropização. Acredita-se que não devam ocorrer extinções de espécies, pois a região apresenta fragmentos florestais remanescentes bem conservados no entorno que não sofrerão alterações. Além disso, durante as atividades de supressão vegetal a equipe de fauna esteve presente acompanhando as ações com o objetivo de realizar o afugentamento de fauna e todos os procedimentos de resgate que necessários, o que possibilitou o deslocamento da fauna para áreas adjacentes.

4.13 ESPÉCIES REGISTRADAS AO LONGO DA ESTAÇÃO

A seguir é apresentado a **Tabela 49**, com as espécies registradas pelos funcionários da usina ao longo da estação (primavera).

Tabela 49 – Espécies registradas ao longo da estação da Primavera, pelos funcionários da usina.

Espécie	Nome Popular	Estação
<i>Crotalus durissus</i>	Cascavel	Primavera
<i>Phrynops geophroanus</i>	Cágado-de-barbicha	
<i>Puma yagouaroundi</i>	Gato-mourisco	
<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	
<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	Capivara	

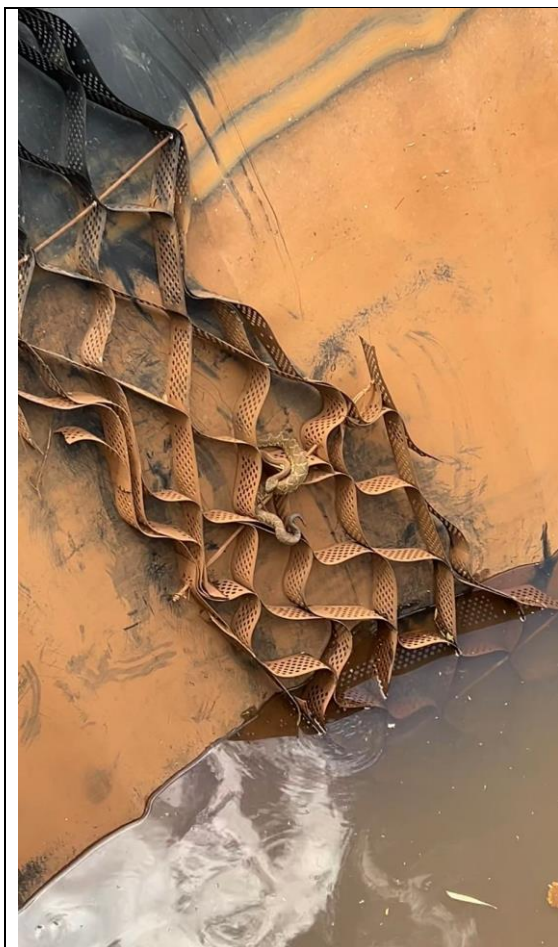


Figura 65 – Exemplar de *Crotalus durissus* (cascavel), resgatado do canal de adução.



Figura 66 – Exemplar de *Phrynops geophroanus* (cágado-de-barbicha), resgatado no canal de adução.

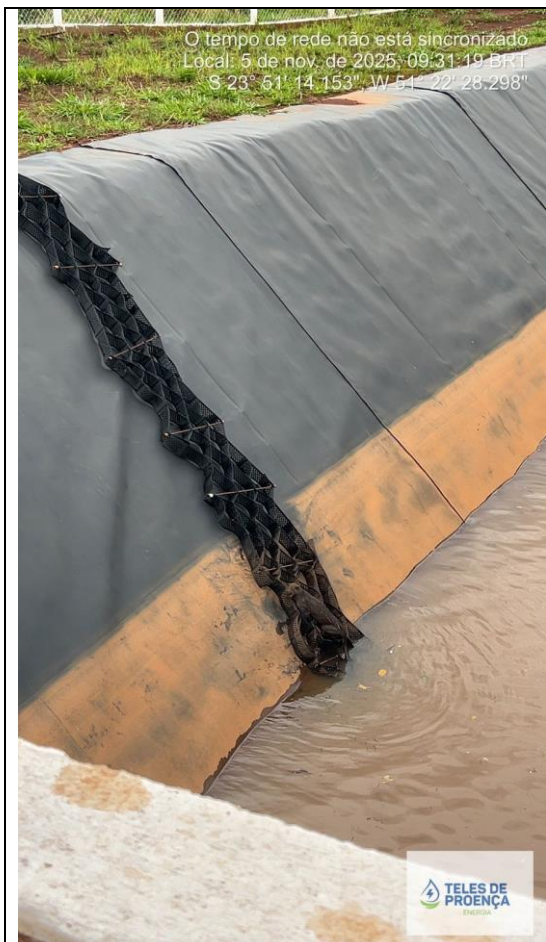


Figura 67 – Exemplar de *Puma yagouaroundi* (gato-mourisco), registrado saindo do canal de adução.



Figura 68 – Exemplar de *Lontra longicaudis* (lontra), registrado abaixo da casa de força.



Figura 69 - Exemplar de *Dasyus novemcinctus* (tatu-galinha), resgatado no canal de adução.



Figura 70 - Exemplar de *Hydrochoerus hydrochaeris* (capivara), registrado abaixo da casa de força.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABÍLIO, F. J. P. **Aspectos bio-ecológicos da fauna malacológica, com ênfase a Melanoides turbeculata Müller, 1774 (Gastrópode, Thiaridae) em corpos aquáticos do Estado da Paraíba.** 1997. [s. l.], 1997.

Abreu, E. F., Casali, D., Costa-Araújo, R., Garbino, G. S. T., Libardi, G. S., Loretto, D., Loss, A. C., Marmontel, M., Moras, L. M., Nascimento, M. C., Oliveira, M. L., Pavan, S. E., & Tirelli, F. P. (2024). Lista de Mamíferos do Brasil (2024-1) [Data set]. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.14536925>

AGOSTINHO, A.A.; GOMES, L.C. (Ed). **Reservatório de Segredo: bases ecológicas para o manejo.** Maringá: EDUEM, 1997.387p

AGOSTINHO, A. A.; JULIO JUNIOR, H. F. **Peixes da bacia do alto rio Paraná.** 2018.

AGUIAR, L.M.S., MACHADO, R.B., MARINHO-FILHO, J. 2004. A diversidade biológica do cerrado. In: **Cerrado: ecologia e caracterização.** AGUIAR, L.M.S., CAMARGO, A.J.A. (eds). Planaltina, DF, Embrapa Cerrados; Brasília, Embrapa Informação Tecnológica, p. 17-40.

ALMEIDA L. M.; COSTA, C. S. R.; MARINONI, L. 1998. **Manual de Coleta, Conservação, Montagem e Identificação de Insetos.** Holos Editora. Ribeirão Preto. SP. 78p.

ALMEIDA, A.F. **Análise das categorias de nichos tróficos das aves em matas ciliares em Anhembi,** Estado de São Paulo. Silv. SP; São Paulo 15(3): 1787-1795, 1982.

ALMEIDA, I.G. Mastofauna de Médio e Grande Porte em um Fragmento Florestal em uma Área Reflorestada no Norte do Estado do Paraná, Brasil. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em Ciências Biológicas. Universidade Estadual de Londrina. Londrina-PR, 2008.

ANDERSON, D.; BURNHAM, K. Model selection and multi-model inference. Second. NY: **Springer-Verlag**, v. 63, n. 2020, p. 10, 2004.

ANEEL. **BIG – Banco de Informações de Geração.** Distrito Federal. 2016. Agência Nacional de Energia Elétrica - ANEEL, Distrito Federal.

ARAUJO, C.O. & ALMEIDA-SANTOS, S.M. 2013. Composição, riqueza e abundância de anuros em um remanescente de Cerrado e Mata Atlântica no estado de São Paulo.

**Biota Neotrop.** 13(1):

<http://www.biotaneotropica.org.br/v13n1/pt/abstract?inventory+bn02613012013> (último acesso em 06/06/2013).

ARCILA, A. M.; LOZANO-ZAMBRANO, F. H. Hormigas como herramienta para la bioindicación y monitoreo. In: FERNÁNDEZ, F (Org.). **Introducción a las hormigas de la**

**región neotropical.** Instituto de investigación de recursos biológicos Alexander von Humboldt, Bogotá, 2003. p. 159-166.

ARMITAGE, P. D. The application of a classification and prediction technique based on macroinvertebrates to assess the effects of river regulation. In: **Alternatives in Regulated River Management**. Boca Raton: CRC Press, Inc., 1989. p. 267–293.

ASHJIAN, C. J. & WISHNER, K. F. Temporal consistency of copepod species group in the Gulf Stream. **Deep-Sea Research**, n. 40, p. 483-516, 1993.

BACCARO, F. B.; FEITOSA, R. M.; FERNANDEZ, F.; FERNÁNDES, O. M.; IZZO, T. SOUZA, J. L. P.; SOLAR, R. **Guia para gêneros de formigas no Brasil**. 1 ed. Manaus: INPA. 2015. 388p.

BARBOLA, I. F.; LAROCA, S. 1993. A comunidade de Apoidea (Hymenoptera) da Reserva Passa Dois (Lapa, Paraná, Brasil): I. Diversidade, abundância relativa e atividade sazonal. **Acta Biol. Par.** 22: 91-113.

BARBOSA, F. A. R.; MARTINS, R. P. (Org.) Site 4: Mata Atlântica e Sistema Lacustre do médio Rio Doce. Projeto: Dinâmica biológica e a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica do médio Rio Doce, MG. Belo Horizonte, **CNPq**, 135 p. 2002.

BARBOSA-FILHO, W. P. 2013. **Impactos ambientais em usinas eólicas**. Agrener. p. 1-17. <http://www.feam.br/images/stories/arquivos/mudnacaclimatica/2013/ag-267.pdf>

BARNES, Jacqueline B.; VAUGHAN, Ian P.; ORMEROD, Steve J. Reappraising the effects of habitat structure on river macroinvertebrates. **Freshwater Biology**, v. 58, n. 10, p. 2154-2167, 2013.

BAUMGARTNER, G. *et al.* **Peixes do baixo rio Iguaçu**. Eduem, 2012.

BAZILIO, S. 1997. **Melissocenose de uma área restrita de Floresta de Araucária do distrito de Guará (Guarapuava, PR)**. Dissertação de Mestrado. UFPR, Curitiba, 118p.

BESTELMEYER, B. T.; AGOSTI, D.; ALONSO, L. E.; BRANDÃO, C. R. F.; BROWN Jr, W. L.; DELABIE, J. H. C.; SILVESTRE, R. 2000. Field techniques for the study of ground-dwelling ants. In **Ants: standard methods for measuring and monitoring biodiversity** (D. Agosti, J. D. Majer, L. E. Alonso & T. R. Schultz, eds). Smithsonian Institution, Washington, p.122-144.

BEVILACQUA, M. S. **OLIGOCHAETA EM RIACHOS (Igarapés) DA FLORESTA NACIONAL SARACÁ-TAQUERA (PA):** Abundância, Riqueza, Diversidade e potencial como indicador de impacto antrópico. 2014. 71 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Ambientais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BLAIR, R. B. Birds and butterflies along urban gradients in two ecoregions of the US. In: LOCKWOOD, J. L.; MCKINNEY, M. L. (Eds.). **Biotic homogenization**. Kluwer Academic, Norwell, 2001. p. 33–56.

BÖHLKE, J. E.; WEITZMAN, S. H.; MENEZES, N. A. Estado atual da sistemática dos peixes de água doce da América do Sul. **Acta Amazonica**, v. 8, p. 657-677, 1978.

BOTTRELL, H. H., *et al.* A review of some problems in zooplankton production studies. **Nor. J. Zool.** V. 24, p. 419- 456, 1976.

BOUCHARD, R. **Guide to Aquatic Invertebrates of the Upper Midwest**: Identification Manual for Students, Citizen Scientist's and Professionals. [s.l.]: University of Minnesota, 2004.

BOZANO, G. C. **Guide to the butterflies of the Palearctic region, Satyrinae, part III, tribe Satyrini, subtribes Melanargiina and Coenonymphina**. — Milano (Omnes Artes), 2002.[2] + 71 pp.

BRANDON, K., *et al.* 2005. Conservação Brasileira: desafios e oportunidades. **Megadiversidade**. 1:7-13.

BRASIL. Código Florestal. **Lei n ° 12.651** of May 25, 2012, Brasília: Diário Oficial da União, 2012. Acessível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm).

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (2024). **Biodiversidade e Ecossistemas**. Biodiversidade. Disponível em:<<https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-ecossistemas>>. Acessos em: 01 abr. 2024.

BICUDO, C. E. M., MENEZES, M. Gênero de Algas de Águas Continentais do Brasil (Chave para Identificação e Descrição). São Carlos: Rima. 2 Edição. 502p, 2006.

BIGGS, B. J. F. Patterns In Benthic Algal Of Streams. In: STEVENSON, R. J.; BOTHWELL, M.L. & LOWE, R. L. (Eds.). **Algal Ecology: Freshwater Benthic Ecosystems**. New York: Academic Press. 1996. p.31-56.

BOTTRELL, H. H., *et al.* A review of some problems in zooplankton production studies. **Nor. J. Zool.** V. 24, p. 419- 456, 1976

BUCKUP, P. A.; MENEZES, N. A.; GHAZZI, M. S. **Catálogo das espécies de peixes de água doce do Brasil**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2007.

BUENO, O. C.; CAMPOS-FARINHA, A. E. C. As formigas domésticas. In: MARICONI, F. A. M. (Coord.) **Insetos e outros invasores de residências**. FEALQ, Piracicaba, 1999. p. 135-180.

BUSS, D. F. *et al.* Influence of water chemistry and environmental degradation on macroinvertebrate assemblages in a river basin in south-east Brazil. **Hydrobiologia**, [s. l.], v. 481, n. 1/3, p. 125–136, 2002. Disponível em:  
<<http://link.springer.com/10.1023/A:1021281508709>>

BUSS, D. F.; BAPTISTA, D. F.; NESSIMIAN, J. L. Bases conceituais para a aplicação de biomonitoramento em programas de avaliação da qualidade da água de rios. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, p. 465-473, 2003.

BUSS, D. F.; SALLES, F. F.. Using Baetidae Species as Biological Indicators of Environmental Degradation in a Brazilian River Basin. **Environmental Monitoring and Assessment**, [s. l.], v. 130, n. 1–3, p. 365–372, 2007. a;b. Disponível em:  
<<http://link.springer.com/10.1007/s10661-006-9403-6>>

BUTIGNOL, C. A. 1992. Observações sobre a bionomia da vespa predadora *Polistes versicolor* (Olivier, 1791) (Hymenoptera, Vespidae) em Florianópolis/SC. **Anais da Sociedade Entomológica do Brasil**, v.19, p.201- 206.

CALLISTO, M.; MORENO, P.; BARBOSA, F. A. R. Habitat diversity and benthic functional trophic groups at Serra do Cipó, Southeast Brazil. **Revista Brasileira de Biologia**, [s. l.], v. 61, n. 2, p. 259–266, 2001. b. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71082001000200008&lng=en&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71082001000200008&lng=en&tlng=en)>

CAMPBELL, H.W. & S.P. CHRISTMAN. 1982. Field techniques for herpetofaunal community analysis, p. 193-200. In: N.J. SCOTT JR. (Ed.). **Herpetological communities**. Washington, U.S. Fish Wild. Servo Wildl. Res. Rep. 13, IV+239p.

CANTARELLI, E. B.; FLECK, M. D.; GRANZOTTO, F.; CORASSA, J. N.; D'AVILA, M. Diversidade de formigas (Hymenoptera: Formicidae) da serrapilheira em diferentes sistemas de uso do solo. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 25, n. 3, p. 607-616, jul.-set., 2015.

CAVALIER-SMITH, T. 2014. The Neomuran Revolution and Phagotrophic Origin of Eukaryotes and Cilia in the Light of Intracellular Coevolution and a Revised Tree of Life. **Cold Spring Harb Perspect Biol**.

CARRERA, C.; FIERRO, K. **Manual de monitoreo: los macroinvertebrados acuáticos como indicadores de la calidad del agua**. 1. ed. Quito: Ecociencia, 2001.

CARVALHO, Emerson Machado De; UIEDA, Virginia Sanches. Colonização por macroinvertebrados bentônicos em substrato artificial e natural em um riacho da serra de Itatinga, São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 287–293, 2004. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-81752004000200021&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81752004000200021&lng=pt&tlng=pt)>

CASO, A., Lopez-Gonzalez, C., Payan, E., Eizirik, E., de Oliveira, T., Leite-Pitman, R., Kelly, M., Valderrama, C., & Lucherini, M. (2008). Puma concolor. In: **IUCN 2010**. IUCN Red List of Threatened Species. Version 2010.2., Downloaded on 08 July 2010.

CHAO, A. Estimating the population size for capture-recapture data with unequal catch ability. **Biometrics**, v. 43, n. 4, p. 783-791, 1987.

CHAO, A.; COLWELL, R. K.; LIN, C. W.; GOTELLI, N. J. Sufficient sampling for asymptotic minimum species richness estimators. **Ecology**, v. 90, n. 4, p. 1125-1133, 2009.

CHAO, Anne *et al.* Rarefaction and extrapolation with Hill numbers: a framework for sampling and estimation in species diversity studies. **Ecological Monographs**, [s. l.], v. 84, n. 1, p. 45–67, 2014. Disponível em: <<http://doi.wiley.com/10.1890/13-0133.1>>

CHINERY, M. **Guía de campo de los insectos de España y Europa**. Barcelona: Omega. 1980, 402 p.

CLARKE, K. R.; GORLEY, R. N. **Primer**: Getting started with v6. Plymouth routines in multivariate ecological research, 2005.

COLWELL, R. K. 2006. **EstimateS**: Staistical Estimation of Species Richness and Share Species from Simples (Software and User's Guide), Versão 8. <http://viceroy.eeb.ucon.edu/estimates>.

COMITTI, E. J. Herpetofauna da bacia do rio Cachoeira, município de Joinville, Santa Catarina, Sul do Brasil. **Acta Biológica Catarinense**, 2017, 4(3), 90-105.

COSTA, C.; IDE, S.; SIMONKA, C. E. **Insetos imaturos**: metamorfose e identificação. Ribeirão Preto: Holos, 2006.

COSTA, H. C.; GUEDES, T. B.; BÉRNILS, R. S. Lista de répteis do Brasil: padrões e tendências. **Herpetologia Brasileira** v. 10, n. 3, pp. 110–279, 2021.

COSTA, H. C., GUEDES, T. B., & BÉRNILS, R. S. (2022). **Lista de Répteis do Brasil**: padrões e tendências. <https://doi.org/10.5281/zenodo.5838950>.

CONTE, C.E.; NOMURA, F; MACHADO, R.A. KWET, A; LINGNAU, R. & ROSSAFERES, D. de C. 2010. Novos registros na distribuição geográfica de anuros na floresta com araucária e considerações sobre suas vocalizações. **Biota Neotropica** 10: 201-224.

CODD, G.A.; MORRISON, L.F.; METCALF, E.J.S. Cyanobacterial toxins: risk management for health protection. **Toxicology and Applied Pharmacology**, v. 203, p. 264-272, 2000.  
ELMOOR-LOUREIRO, L. M. A. Manual de identificação límnicos do Brasil. Brasília: Editora Universa, 1997.

CRACRAFT, J. The urgency of building global capacity for biodiversity science. **Biodiversity & Conservation**, v. 4, n. 5, p. 463-475, 1995.

CUEZZO, F. *Subfamilia Dolichoderinae. Introducción a las hormigas de la región neotropical*. Bogotá, Colombia: Instituto de investigación de recursos biológicos Alexander von Humboldt, 2003. p. 291-298.

CULLEN, L. J. *et al. Métodos de Estudo em Biologia da Conservação e Manejo de Vida Silvestre*. Curitiba – PR: Editora UFPR, 2004. p. 19, 20

CULLEN-JUNIOR, L., RUDRAN, R. e VALLADARES-PÁDUA, C. (2006). **Métodos de estudos em biologia da conservação e manejo da vida silvestre**. 2ª ed. Curitiba: Ed. Universidade Federal do Paraná. 652 p.

CHORUS, I. AND BARTRAM, J. *Toxic Cyanobacteria in Water—A Guide to Their Public Health Consequences, Monitoring and Management*. Routledge, London and New York. 1999.

DA GRAÇA, W. J. *et al. Peixes da planície de inundação do alto rio Paraná e áreas adjacentes*. 2007.

DE PAULA, C. M. *et al. Ocorrência de um molusco invasor (Melanoides tuberculata, Müller, 1774), em diferentes sistemas aquáticos da bacia hidrográfica do Rio Sorocaba, SP, Brasil. Revista Ambiente & Água, [s. l.], v. 12, n. 5, p. 829–841, 2017. Disponível em:*

DEL-CLARO, K.; GUILLERMO, R. **Aquatic insects**. [s.l.]: Springer International Publishing, 2019.

DELLA LUCIA, T. M. C. 1993. **As formigas cortadeiras**. Editora Folha da Mata, Viçosa.  
DESTEFANI, E.V. 2005. **Regime hidrológico do rio Ivaí**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

DeVRIES, P. J., **The butterflies of Costa Rica and their natural history**: 327pp. Princeton University Press, Princeton. 1987.

DIAMOND, J. **Colapso**. 8th ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2012. 699 p.

DOMÍNGUEZ, E. *et al. Ephemeroptera of South America*. In: **Aquatic Biodiversity in Latin America (ABLA)**. 2. ed. Sofia-Mosco: Pensoft, 2006. p. 644.

DOMÍNGUEZ, E.; FERNÁNDEZ, H. R. **Macroinvertebrados bentónicos sudamericanos : sistemática y biología**. 1a ed. Tucumán: Fund. Miguel Lillo, 2009. b. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Eduardo\\_Dominguez4/publication/260417584\\_Macroinvertebrados\\_bentonicos\\_Sudamericanos\\_Sistematica\\_y\\_Biologia/links/00b7d5310f9a6c1839000000/Macroinvertebrados-bentonicos-Sudamericanos-Sistematica-y-Biologia.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Eduardo_Dominguez4/publication/260417584_Macroinvertebrados_bentonicos_Sudamericanos_Sistematica_y_Biologia/links/00b7d5310f9a6c1839000000/Macroinvertebrados-bentonicos-Sudamericanos-Sistematica-y-Biologia.pdf)>

DOUROJEANNI, M. J., PÁDUA, M.T.J. 2001. **Biodiversidade: a hora decisiva**. Curitiba: UFPR. 308.

Duke Energy. **Peixes do rio Paranapanema**. São Paulo-SP: Duke Energy International Geração Paranapanema. 2008. 120 p. Vol 1.

ELETROSUL. **O impacto ambiental da ação do homem sobre a natureza - rio Iguaçu, Paraná, Brasil**: reconhecimento da ictiofauna, modificações ambientais e usos múltiplos dos reservatórios. Florianópolis, 1978, 33p.

ELMOOR-LOUREIRO, L. M. A. **Manual de identificação límnicos do Brasil**. Brasília: Editora Universa, 1997.

EMMONS, L. H. (1988) A field study of ocelots(*Felis pardalis*) in Peru. **Revue d'Ecologie (Terre et Vie)** 43: 133-157.

ESTEVES, F. A. 2011. Fundamentos de limnologia. 3 ed. Interciência, Rio de Janeiro. 826p.

FRANCESCHINI, I. M., BURLIGA, A. L., REVIERS, B., PRADO, J. F., REZIG, S. H. Algas: uma abordagem filogenética, taxonômica e ecológica. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FARRELL, L. E., Romant, J., & Sunquist, M. E. (2000). Dietary separation of sympatric carnivores identified by molecular analysis of scats. **Molecular Ecology**, 9, 1583-1590.

FERNANDES, I. O.; SOUZA, J. L. P. Dataset of long-term monitoring of ground-dwelling ants (Hymenoptera: Formicidae) in the influence areas of a hydroelectric power plant on the Madeira River in the Amazon Basin. **Biodiversity Data Journal**, v. 6, p. 1-29, 2018.

FERNÁNDEZ, F. **Introducción a las hormigas de la región neotropical**. Instituto de Investigación de Recursos Biológicos Alexander von Humboldt, Bogotá, Colombia. 2003.

FERREIRA, J. N.; GARDNER, T. A. Biodiversity consequences of land-use change and forest disturbance in the Amazon: A multi-scale assessment using ant communities. **Biology Conservation**, v. 197, p. 98-107, 2016.

FLECK, D. M.; CANTARELLI, E. B.; GRANZOTTO, F. Registro de novas espécies de formigas (Hymenoptera: Formicidae) no estado do Rio Grande do Sul. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 25, n. 2, p. 491-499, abr./jun., 2015.

FOWLER, H. G. L. *et al.* "Ecologia Nutricional de formigas". In: PAZZINI, A. R.; PARRA (Eds), **Ecologia nutricional de insetos e suas implicações no manejo de pragas**. Manole, São Paulo, 1991, p. 131-209.

FROTA, A., DEPRÁ, G.C., PETENUCCI, L.M., GRAÇA, W.J. Inventory of the fish fauna from Ivaí River basin, Paraná State, Brazil. **Biota Neotropica**. 16(3): 2016.

FURLANETI, P. R. R. **A comunidade de borboletas frugívoras de áreas em processo de restauração, fragmentos de floresta estacional semidecidual e pastagens**. 2010.

Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) – Faculdade de Ciências Agrônômicas.  
Universidade Estadual Paulista, Campus Botucatu, Botucatu, 2010.

GARUTTI, V. **Piscicultura ecológica**. Unesp, 2003.

GAULD, I. D.; UGALDE GOMEZ J.; GODOY C. Subfamily Banchinae. In: The Ichneumonidae of Costa Rica In: D. Gauld (ed.). **Memoirs of the American Entomological Institute**, v. 66, n. 263-746, 2002.

GELIN, L. F. F. **Análise Filogenética de Polybia Lepeletier, 1836 (Hymenoptera, Vespidae, Polistinae)**. 2009. 30 p. Dissertação (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas) - Universidade Estadual Paulista, 2009.

GEITLER, L. (1930 – 1931). Cyanophyceae. In: Rabenhorst Kryptogamen - Flora. 14: 1 - 1196.

GERMAIN, H. Flore Des Diatomées. Paris, Scocieté Nouvelle des Éditions, Boubée. 1981. 445p.

GIRALDEZ-RUIZ, N.; BONILLA, I. e FERNANDEZ-PIÑAS, F. Role of External Calcium In Homeostasis Of Intracellular Ph In The Cyanobacterium Anabaena Sp. Strain Pcc7120 Exposed To Low Ph. *New Phytologist*, 141: 225-230.1999.

GOLDEMBERG, J.; LUCON, O. Energia e meio ambiente no Brasil. **Estudos avançados**, v. 21, n. 59, p. 7-20, 2007.

GONÇALVES, C. R. O Gênero Acromyrmex no Brasil. **Studia Entomologica**, v. 4, p. 113-180, 1961.

GONÇALVES, R. B.; MELO G. A. R. A comunidade de abelhas (Hymenoptera, Apidae s.l.) em uma área restrita de campo natural no Parque Estadual de Vila Velha, Paraná: Diversidade, fenologia e fontes florais de alimento. **Rev. Bras. Entomol**, n. 49, p. 557-571, 2005.

GOTELLI, N. J.; COLWELL, R. K. Quantifying biodiversity: procedures and pitfalls in the measurement and comparison of species richness. **Ecol. Lett**, v. 4, p. 379-391, 2001.

GOTELLI, N. J.; ENTSMINGER, G. L. **EcoSim**: Null models software for ecology. Versão 7.0. Acquired Intelligence Inc. & Kesey-Bear. 2001.  
<http://homepages.together.net/~gentsmin/ecosim.htm>. (último acesso 17/03/2013).

GOULART, M. D.; CALLISTO, M. Bioindicadores de qualidade de água como ferramenta em estudos de impacto ambiental. **Revista da FAPAM**, v. 2, n. 1, p. 156-164, 2003.  
GRAÇA, W.J.D. and C.S. PAVANELLI, 2007. **Peixes da planície de inundação do alto do rio Paraná e áreas adjacentes**. EDUEM, Maringá, 241 p.

GRAIPEL, M.; CHEREM, J.; MONTEIRO-FILHO, E.; CARMIGNOTTO, A. 2017. **MAMÍFEROS DA MATA ATLÂNTICA**.

GREATHEAD, D. J. Parasitoids in classical biological control. In.: Waage, J. K.; Greathead, D. (Ed.). **Insect Parasitoids**. London: Academic Press. 1986.

HADDAD, C. F. B.; TOLEDO, L. F.; PRADO, C. P. A.; LOEBMANN, D.; GASPARINI, J. L. & SAZIMA, I. 2013. **Guia dos Anfíbios da Mata Atlântica: Diversidade e Biologia**. São Paulo, Editora Anolis Books. 544p

HAMADA, N.; NESSIMIAN, JL; QUERINO, RB. **Insetos aquáticos na Amazônia brasileira: taxonomia, biologia e ecologia**. Manaus, 2014.

HAMMER, O.; HARPER, D. A. T.; RIAN, P. D. **Past**: Palaeontological statistics software package for education and data analysis. Version. 1.37. 2001. Disponível em: <[http://palaeo-electronica.org/2001\\_1/past/issue1\\_01.htm](http://palaeo-electronica.org/2001_1/past/issue1_01.htm)>. Acesso em: 01.11.2010.

HEO, W. & KIM, B. The effect of artificial destratification on phytoplankton in a reservoir. *Hydrobiologia* 524: 229–239. 2004.

HERSHEY, A. E. *et al.* Aquatic insect ecology. In: **Ecology and Classification of North American Freshwater Invertebrates**. [s.l: s.n.]. p. 659–694.

HÖLLDOBLER, B.; WILSON, E.O. **The ants**. Harvard University Press, Cambridge. 1990.

HSIEH, T. C.; MA, K. H.; CHAO, A. iNEXT: an R package for rarefaction and extrapolation of species diversity (Hill numbers). **Methods in Ecology and Evolution**, [s. l.], v. 7, n. 12, p. 1451–1456, 2016. Disponível em: <<http://doi.wiley.com/10.1111/2041-210X.12613>>

HURLBERT, S. H. The Nonconcept of Species Diversity: A Critique and Alternative Parameters. **Ecology**, [s. l.], v. 52, n. 4, p. 577–586, 1971. Disponível em: <<http://doi.wiley.com/10.2307/1934145>>

HUSSEMAN, J. S., MURRAY, D. L., POWER, G., MACK, C., WENGER, C. R., & QUIGLEY, H. (2003). Assessing differential prey selection patterns between two sympatric large carnivores. **Oikos**, 101, 591-601.

HUSZAR, V. L. M. 2000. Fitoplâncton. In: BOZELLI, R. L.; ESTEVES, F. A. & ROLAND, F. (Eds.). **Lago Batata: Impacto e Recuperação de um Ecossistema Amazônico**. Rio De Janeiro. 2000.

ILARRI, M. I. *et al.* Massive mortality of the Asian clam *Corbicula fluminea* in a highly invaded area. **Biological Invasions** 2010 13:2, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 277–280, 2010. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10530-010-9833-5>>

IUCN 2021. **The IUCN Red List of Threatened Species**. Version 2020-3. <https://www.iucnredlist.org>

VEIGA J. B.;, R. C.; LOPES, M. P. M.; SILVA, R. R.; SILVA, A. C. S.; OLIVEIRA, A. S. Avaliação rápida da riqueza de formigas (Hymenoptera, Formicidae) em fragmentos de floresta ombrófila na região de Alta Floresta, MT. **Revista de Ciências Agroambientais**, Alta Floresta, v. 13, n. 2, p. 12-18, 2015.

JAHN A. E., CUETO V. R., FONTANA C. S., GUARALDO A. C., LEVEY D., MARRA P. P., RYDER T. B. (2020). Bird migration within the Neotropics. **The Auk** 137: 1–23  
<https://doi.org/10.1093/auk/ukaa033>.

JAMBOUR, J.; LAROCA S. Uma comunidade de abelhas silvestres (Hym., Apoidea) de Pato Branco (PR- Brasil): Diversidade, fenologia, recursos florais e aspectos biogeográficos. **Acta Biol. Par**, v. 33, n. 27-119, 2004.

JUNIOR, H.V.; GIAMAS, M.T.D.; ROMANO, P. **Monitoramento Da Pesca Profissional Continental**, No Estado De São Paulo, EM 2008. 2011.

KEMPF, W. W. A revision of the Neotropical fungus-growing ants of the genus *Cyphomyrmex* Mayr. Part 1: Group of *strigatus* Mayr. **Studia Entomologica**, v. 7, n. 1–44, 1964.

KEMPF, W. W. A revision of the Neotropical fungus-growing ants of the genus *Cyphomyrmex* Mayr. Part II: Group of *rimosus* (Spinola) (Hym., Formicidae). **Studia Entomologica**, v. 8, p. 161-200, 1965.

KEVAN, P. G.; PHILLIPS, T. P. The economic impacts of pollinator declines: an approach to assessing the consequences. **Conservation Ecology**, v. 5, n. 8. 2001. online - URL: <http://www.consecol.org/vol5/iss1/art8/>.

KLEMM, Donald J. *et al.* Methods Development and use of Macroinvertebrates as Indicators of Ecological Conditions for Streams in the Mid-Atlantic Highlands Region. **Environmental Monitoring and Assessment**, [s. l.], v. 78, n. 2, p. 169–212, 2002. Disponível em: <<http://link.springer.com/10.1023/A:1016363718037>>

KLIEMANN, B. C. K.; DALARIVA, R. L. Pequenas centrais hidrelétricas: cenários e perspectivas no estado do Paraná. **Ciência e Natura**, v. 37, n. 3, p. 274-283, 2015.

KOROIVA, R.; PEPINELLI, M. **Distribution and habitats of aquatic insects**. *Aquatic Insects: Behavior and Ecology*, p. 11-33, 2019.

KOSTE, W. 1978. **Rotatoria. Die Radertiere Mittel-europas**, 2nd ed. Gebruder Borntraeger, Berlin and Stuttgart. V. 1, text, 673 p.; V. 2, plates, 476 p. DM238.

KRAMMER, J. & LANGE-BERTALOT, 1986. H. Süßwasserflora Von Mittleeuropa. Bacillariophyceae 2/1 Naviculaceae. Stuttgart: Gustav Fischer. 876p.

KREBS, J. R. *et al.* Hippocampal specialization of food-storing birds. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 86, n. 4, p. 1388-1392, 1989.

KREMEN, C.; WILLIAMS, N. M.; THORP, R. W. Crop pollination from native bees at risk from agricultural intensification. **PNAS**, v. 99, p. 16812-6, 2002.

LA SALLE, J.; GAULD I. D. **Hymenoptera and Biodiversity**. C.A.B. International. 1993. 348 pp.

LAMIM-GUEDES, V., SOARES, N.C. 2007. **Conceito de biodiversidade**: educação ambiental e percepção de saberes. Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil, Caxambu-MG.

LAMPERT, W.; SOMMER, U. **Limnoecology**: The ecology of lakes and streams. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2007.

LANGEANI, F. *et al.* Diversidade da ictiofauna do Alto Rio Paraná: composição atual e perspectivas futuras. **Biota Neotropica**, v. 7, p. 181-197, 2007

LANSAC-TÔHA, F. A.; BONECKER, C. C.; VELHO, L. F. M.; SIMÕES, N. R.; DIAS, J. D.; ALVES, G. M. ; TAKAHASHI, ERICA M. Biodiversity of zooplankton communities in the Upper Paraná River floodplain: interannual variation from long-term studies. **Brazilian Journal of Biology**, v. 69. p.539-549, 2009.

LAROCA, S.; CURE, J. R. H.; BORTOLI C. A associação das abelhas silvestres (Hymenoptera, Apoidea) de uma área restrita no interior da cidade de Curitiba (Brasil): Uma abordagem biocenótica. **Dusenía**, v. 13, p. 93-117, 1982.

LASTE, K. C. D.; DURIGAN, G.; ANDERSEN, A. N. Biodiversity responses to land-use and restoration in a global biodiversity hotspot: Ant communities in Brazilian Cerrado. **Austral Ecology**, v. 44, p. 313–326, 2019.

LATTKE, J. E. Subfamilia Ponerinae. In FERNÁNDEZ, F. **Introducción a las hormigas de la región neotropical**. Bogotá: Instituto de Investigación de Recursos Biológicos Alexander von Humboldt. p. 261-276. 2003.

LATTKE, J. Revision of the ant genus *Gnamptogenys* in the New World (Hymenoptera: Formicidae). **J. Hymen. Research**, v. 4, p. 137-193, 1995.

LEWINSOHN, Thomas M.; PRADO, Paulo I. Quantas espécies há no Brasil. **Megadiversidade**, v. 1, n. 1, p. 36-42, 2005.

LOCKWOOD, J. A.; SHAW, S. R.; STRUTTMAN, J. M. Biodiversity of wasp species (Insecta: Hymenoptera) in burned and unburned habitats of Yellowstone National Park, Wyoming, U.S.A. **Journal of Hymenoptera Research**, v. 5, p. 1-15, 1996.

LOECK, A. E.; GRUTZMACHER, D. D.; COIMBRA, S. M. Ocorrência de formigas cortadeiras do gênero *Acromyrmex* nas principais regiões agropecuárias do Rio Grande do Sul.

**Revista Brasileira de Agrociência**. v. 9, n. 2, p. 129-133. Abr./jun. 2003.

LONGINO, J. T. 2003. The *Crematogaster* (Hymenoptera, Formicidae, Myrmicinae) of Costa Rica. **Zootaxa**, 151:1-150.

LONGINO, J. T.; FERNÁNDEZ, F. Taxonomic review of the genus *Wasmannia*. In: Advances in ant systematics (Hymenoptera: Formicidae): homage to E. O. Wilson – 50 years of contributions (R. R. Snelling, B. L. Fisher & P. S. Ward, Org). **Memoirs of the American Entomological Institute**, 2007. p.271-289.

LOUREIRO, M. C.; QUEIROZ, M. V. B. (eds.) **Formigas de Viçosa**. Viçosa, UFV, 1990. 106p.

LOWE, R.L. & PAN, Y. Benthic algal communities as biological monitors. In: STEVENSON, R. J.; BOTHWELL, M.L. & LOWE, R. L. (Eds.). *Algal Ecology: Freshwater Benthic Ecosystems*. New York: Academic Press, p. 705-739, 1996.

LOWE-McCONNELL, R. H. **Ecological studies in tropical fish communities**. Cambridge: Cambridge University Press. 382 p., 1987.

LOWE-McCONNELL, R. H. **Estudos ecológicos de comunidades de peixes tropicais**. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1999. 534p.

LOYOLA, R. G. N. Atual estágio do IAP no uso de índices biológicos de qualidade. In: **ANAIS DO V SIMPÓSIO DE ECOSISTEMAS BRASILEIROS: CONSERVAÇÃO**. 2000, Vitória. Anais... Vitória: UFES, 2000.

LUTINSKI, J. A.; BAUCKE, L.; FILTRO, M.; BUSATO, M. A.; KNAKIEWICZ, A. C.; GARCIA, F. R. M. Ant assemblage (Hymenoptera: Formicidae) in three wind farms in the State of Paraná, Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, v. 4, p. 1-9, 2017.

LUTINSKI, J. A.; GARCIA, F. R. M. Análise faunística de Formicidae (Hymenoptera: Apocrita) em ecossistema degradado no município de Chapecó, Santa Catarina. **Biotemas**, 18 (2): p. 73-86, 2005.

LUTINSKI, J. A.; GARCIA, F. R. M.; LUTINSKI, C. J.; IOP, S. Diversidade de formigas na Floresta Nacional de Chapecó, Santa Catarina, Brasil. **Ciênc. Rural**, v. 38, n. 7, p. 1810–1816. 2008.

LUTINSKI, J. A.; GUARDA, C; LUTINSKI, C. J; BUSATO, M. A; GARCIA, F. R. M. Fauna de formigas em Áreas de Preservação Permanente de usina hidrelétrica. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 28, n. 4, p. 1741-1754, out. /dez., 2018.

LUTINSKI, J. A.; LUTINSKI, C. J., IOP, S. and GARCIA, F. R. M. Evaluation of an ant sampling protocol (Hymenoptera: Formicidae) in three modified environments located inside an austral Atlantic Forest area of Brazil. **Ecología Austral**, v. 23, p. 37-43, 2013.

MAACK, R. **Geografia Física do Estado do Paraná**. 2 ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 442 p., 1981.

MAGALHÃES, C.; MELO, G. A. S. **Manual de identificação dos Crustacea Decapoda de água doce do Brasil**. São Paulo: Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=By-q9Gd-2kYC&oi=fnd&pg=PA11&dq=.+Manual+de+identificação+dos+Brachyura+\(caranguejos+e+siris\)+do+litoral+brasileiro&ots=WDE1W1RTIV&sig=vdjGdFpj-QLkF0vPtq7-yKO-2AM#v=onepage&q=](https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=By-q9Gd-2kYC&oi=fnd&pg=PA11&dq=.+Manual+de+identificação+dos+Brachyura+(caranguejos+e+siris)+do+litoral+brasileiro&ots=WDE1W1RTIV&sig=vdjGdFpj-QLkF0vPtq7-yKO-2AM#v=onepage&q=.). **Manual de identificação dos B**

MAGURRAN, A. E. **Ecological diversity and its measurement**. New Jersey: Princeton University Press. 1988. 179 p.

MANDAVILLE, S.M. **Bioassessment of freshwaters using benthic macroinvertebrates**. Soil & Water Conservation Society of Metro Halifax. 2000.

MARINGÁ. **Plano de Manejo do Horto Florestal de Maringá**. Prefeitura Municipal de Maringá. Secretária de Meio Ambiente. Maringá-PR, 2013.

MARINGÁ. **Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica Maringá-Paraná**. Secretária de Meio Ambiente. 2011.

MARQUES, O. A.; ETEROVIC, A.; SAZIMA, I. **Serpentes da Mata Atlântica: guia ilustrado para as florestas costeiras do Brasil**. Cotia: Ponto A, 2019. 319 p.

Marques, O.A.V., A. Eterovic and I. Sazima. 2004. Snakes of the Brazilian Atlantic Forest: an Illustrated Field Guide for the Serra do Mar Range. Ribeirão Preto: Holos.

MARTINS, M. & MOLINA, F.B. 2008. Répteis, p. 326- 377. In: Machado, A.B.M.; DRUMMOND, G.M. & PAGLIA, A.P. (eds.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**, Volume II. Brasília, Ministério do Meio Ambiente. 1420 p.

MARTINS, M. F. O.; THOMAZINI, M. J.; BARETTA, D.; BROWN, G. G.; ROSA, M. G.; ZAGATTO, M. R. G.; SANTOS, A. NADOLNY, H, S.; CARDOSO, G. B. X.; NIVA, C. C.; BARTZ, M. L. C.; FEITOSA, R. M. Accessing the subterranean ant fauna (Hymenoptera: Formicidae) in native and modified subtropical landscapes in the Neotropics. **Biota Neotropica**, v. 20, n.1, 2020.

MASON, C. (1990) An introduction to the otters. Em: P. Foster-Turley, S. Macdonald and C. Mason (eds), **Otters: an action plan for their conservation**, pp. 4-7. Gland, Switzerland.

MAY, Robert M. How many species are there on earth?. **Science**, v. 241, n. 4872, p. 1441-1449, 1988.

MCCUNE, B.; GRACE, J. B. **Analysis of ecological communities**. 2002.

MCKINNEY, M. L. Urbanization, biodiversity, and conservation. **BioScience**, Uberlândia, v. 52, n. 10, p. 883–890, 2002.

Medeiro, A. Z.; Araújo, L. S.; Oliveira, M. A. Riqueza de mamíferos de médio e grande porte em Áreas de Preservação Permanente do distrito de Jaci Paraná, Rondônia. *Revista Brasileira de Ciências da Amazônia*. 2019. DOI: 10.47209/2317-5729.v.8.n.2.p.1-8

MEIRELES, A. J. A. **Impactos ambientais promovidos pela implantação e operação de usinas eólicas em áreas de preservação permanente (APP's) – Os campos de dunas fixas e móveis da planície costeira do Cumbe, município de Aracati**. 2008.

[http://wp2.oktiva.com.br/portaldomar-bd/files/2010/08/usinasEolicas\\_impactos\\_\\_CUMBE2.pdf](http://wp2.oktiva.com.br/portaldomar-bd/files/2010/08/usinasEolicas_impactos__CUMBE2.pdf)

MELO, A. S.; PEREIRA, R. A. S.; SANTOS, A. J.; SHEPHERD, G. J.; MACHADO, G.; MEDEIROS, H. F.; SAWAYA, R. J. Comparing species richness among assemblages using sample units: why not use extrapolation methods to standardize different sample sizes? *Oikos*, v. 101, n. 2, p 398-410, 2003.

MELO, G. A. S. **Manual de identificação dos Crustacea Decapoda de água doce do Brasil**. Edições Loyola, 2003.

MENEZES, N.A.; WEITZMAN, S.H.; CASTRO, R.M.C. e WEITZMAN, M.J. Peixes de riacho da floresta Costeira Atlântica Brasileira: um conjunto pouco conhecido e ameaçado de vertebrados. *Anais 2º: Simpósio de Ecossistemas da Costa Sul e Sudeste Brasileiro: Estrutura, função e manejo. Publicações ACIESP* 1(71): 290-295. 1996

MERRITT, R. W.; CUMMINS, K. W.; BERG, M. B. (EDS.). **An Introduction to the Aquatic Insects of North America**. 4. ed. [s.l.]: Kendall Hunt Publishing, 2008.

MICHENER, C. D. **The Social Behavior of the Bees – A Comparative Study**. Cambridge, Harvard University, 1979. 404p.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **PORTARIA MMA Nº 148, DE 7 DE JUNHO DE 2022**. Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **Probio**: dez anos de atuação. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Brasília: MMA. 156 p. 2006.

MMA.MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Mata Atlântica. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/biomas/mata-atlantica-emdesenvolvimento>>. Acesso em: 18 Jan.2018.

MMA - Ministério do Meio Ambiente. **Portaria nº 444**, de 17 de dezembro de 2014. Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção. Diário Oficial da União, Seção 1, número 245, de 18 de dezembro de 2014: 121-126, 2014.

MONTEIRO, J. P. C.; CREMER, M. J. **Biodiversidade e Conservação Marinha: herpetofauna na região da baía Babitonga, nordeste do estado de Santa Catarina: estado atual do conhecimento.** 2021. 19 f., Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Joinville, 2017.

MORAES, A. B.; PERRE, P.; SOBCZAK, J. F. Fauna de vespas parasitoides (Insecta, 201 Hymenoptera) coletadas em um fragmento de Cerrado, Jataí, Goiás, Brasil. **Arquivos do 202 Instituto Biológico**, São Paulo, SP, v. 79, n. 3, p. 437-441, 2012.

MOREIRA-LIMA, L. **Aves da Mata Atlântica: riqueza, composição, status, endemismos e conservação.** Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 513. 2013.

MOTTA JÚNIOR, J.C. **Estrutura trófica e composição das avifaunas de três habitats terrestres na região central do estado de São Paulo.** Ararajuba 1: 65-71, 1990.

Moura-Leite, B., Bérnills, R. S., & Morato, S. A. (1993). Métodos para caracterização da herpetofauna em estudos ambientais. *MAIA*, 23(1), 45-53.

MOUTHON, J. Life cycle and population dynamics of the Asian clam *Corbicula fluminea* (Bivalvia: Corbiculidae) in the Saone and Rhone rivers (France). *Ann Limnol-Int J Lim*, [s. l.], v. 39, n. 1, p. 15–25, 2001.

MURRAY, J.L. & GARDNER, G.L. (1997) *Leopardus pardalis*. **Mammalian Species**, 548: 1–10.

NAKATANI, K. *et al.* **Ovos e larvas de peixes de água doce.** Desenvolvimento e manual de identificação. Maringá: Eduem, 2001.

NETO, S. S.; MONTEIRO, R. C.; ZUCCHI, R. A; MORAES, R. C. B.; **Uso Da Análise Faunística De Insetos Na Avaliação Do Impacto Ambiental;** Departamento de Entomologia, ESALQ/USP, 1995, Piracicaba, SP.

NEWBOLD, T. *et al.* Global effects of land use on local terrestrial biodiversity. *Nature*, v. 520, p. 45-50, 2015.

NIEMELÄ, J. Ecology and urban planning. *Biodiversity Conservation*, **Dordrecht**, v. 8, n. 1, p.119–131, 1999.

NOVOTNÝ, V.; BASSET, Y. Rare species in communities of tropical insect herbivores: pondering the mystery of singletons. *Oikos*, v. 89, p. 564-572, 2000.

IMPERATRIZ-FONSECA, V. L.; NUNES-SILVA, P. As abelhas, os serviços ecossistêmicos e o Código Florestal Brasileiro. *Biota Neotropica*, v. 10, n. 4, 2010.

ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume IV – Répteis / -- 1.ed. -- Brasília, DF : ICMBio/MMA, 2018.

NUNEZ, R., MILLER, B., & LINDZEY, F. (2000). Food habits of jaguars and pumas in Jalisco, Mexico. **Journal of Zoology**, 252, 373-379.

OKSANEN, J. **Multivariate Analysis of Ecological Communities in R: vegan tutorial**. 2015.

OLIVEIRA, T.G. & CASSARO, K. (2005) Guia de campo dos felinos do Brasil. Instituto Pró-Carnívoros. 80p.

ORSI, M. L. *et al.* **Ovos, larvas e juvenis dos peixes da Bacia do Rio Paranapanema uma avaliação para a conservação**. Assis, SP: Triunfal Gráfica e Editora, Duke Energy, 2016.

PAPPAS, J. L. & STOERMER, E. F. Quantitative method for determining a representative algal sample count. *J. Phycol.*, v. 32, p. 693-696, 1996.

PATRICK, R. & REIMER, C. W. The diatoms of the United States: exclusive of Alaska and Hawai.1. (Monographs 13). Philadelphia: Academy of Natural Sciences, 688p, 1966.

REID, J. W. Chave de identificação e lista de referências bibliográficas para as espécies continentais sulamericanas de vida livre da ordem Cyclopoida (Crustacea, Copepoda). *Boletim de Zoologia*, v. 9, p. 17-143, 1985.

PACHECO, J.F.; SILVEIRA, L.F.; ALEIXO, A.; AGNE, C.E.; BENCKE, G.A.; BRAVO, G.A; BRITO, G.R.R.; COHN-HAFT, M.; MAURÍCIO, G.N.; NAKA, L.N.; OLMOS, F.; POSSO, S.; LEES, A.C.; FIGUEIREDO, L.F.A.; CARRANO, E.; GUEDES, R.C.; CESARI, E.; FRANZ, I.; SCHUNCK, F. & PIACENTINI, V.Q. 2021. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee – second edition. **Ornithology Research**, 29(2). <https://doi.org/10.1007/s43388-021-00058-x>.

PADOVEZI, A.; RODRIGUES, R. R.; HORBACH, M. A. Avifauna como possível indicador da resiliência de áreas degradadas. **Advances in Forestry Science**, 1(1), 11-17. 2014.

PAGLIA, A.P., FONSECA, G.A.B., RYLANDS, A. B., HERRMANN, G., AGUIAR, L. M. S., CHIARELLO, A. G., LEITE, Y.L.R., COSTA, L. P., SICILIANO, S., KIERULFF, M. C. M., MENDES, S. L., TAVARES, V.C., MITTERMEIER, R. A. & PATTON, J. L. 2012. Lista Anotada dos Mamíferos do Brasil / Annotated Checklist of Brazilian Mammals. 2ª Edição / 2nd Edition. **Occasional Papers in Conservation Biology**, Conservation International, Arlington,VA. 76 p.

PALMER, M. A.; MENNINGER, H. L.; BERNHARDT, E. River restoration, habitat heterogeneity and biodiversity: a failure of theory or practice?. **Freshwater biology**, v. 55, p. 205-222, 2010.

PARANÁ: Diversidade, fenologia e fontes florais de alimento. **Rev. Bras. Entomol**, n. 49, p. 557-571, 2005.

PARR, C. L. *et al.* Global Ants: a new database on the geography of ant traits (Hymenoptera: Formicidae). **Insect Conservation Diversity**, n. 10, p. 5-20, 2017.

PAZIO, D.D. Inventariamento de Mamíferos Terrestres de Médio e Grande Porte em Áreas de Recuperação do Parque Estadual Lago Azul, Paraná, Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso de graduação. Curso Superior de Engenharia Ambiental. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Campo Mourão. Campo Mourão, 2013.

PINHEIRO-MACHADO, C.; SILVEIRA, F. A. Surveying and monitoring of pollinators in natural landscapes and in cultivated fields, 2006. p.25-37. In: FONSECA, V. L. I., SARAIVA, A. M. & JONG, D. D., (eds.). **Bees as pollinators in Brazil: Assessing the status and suggesting best practices**. Ribeirão Preto, Holos, 96p.

PINTO-COELHO, R. M. **Fundamentos em Ecologia**. Porto Alegre: Artmed Editora. 2000. 252 p.

PIVELLO, V. R. Invasões biológicas no cerrado brasileiro: efeitos da introdução de espécies exóticas sobre a biodiversidade. **Ecologia. info**, v. 33, 2011.

PRIOLI, A. J.; OLIVEIRA, A. V.; PRIOLI, S. M. A. P.; PRIOLI, L. M.; CARRER, H. GALDINO, J. C.; PAVANELLI, C. S. JÚLIO JÚNIOR, H. F.; PANARARI, R. S. Genetic distance and crossbreeding in Steindachnerina populations from the Upper Paraná River floodplain. In: AGOSTINHO, A. A.; RODRIGUES, L.; GOMES, L. C.; THOMAZ, S. M.; MIRANDA, L. E. (Ed.). **Structure and functioning of the Paraná River and its floodplain**. Maringá: EDUEM, 2004. p. 175-180

QUEIROZ, J. F.; SILVA, M. S. G. M.; TRIVINHO-STRIXINO, S. **Organismos Bentônicos: Biomonitoramento de Qualidade de Águas**. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2008. Disponível em: <[www.cnpma.embrapa.br](http://www.cnpma.embrapa.br)>

R CORE TEAM. R: **A language and environment for statistical computing**. Vienna, Austria R Foundation for Statistical Computing, , 2022.

R CORE TEAM. R: **A language and environment for statistical computing**. Vienna, Austria R Foundation for Statistical Computing, , 2023.

REID, J. W. Chave de identificação e lista de referências bibliográficas para as espécies continentais sulamericanas de vida livre da ordem Cyclopoida (Crustacea, Copepoda). **Boletim de Zoologia**, v. 9, p. 17-143, 1985.

REIS, N.R.; PERACCHI, A.L.; FREGONEZI, M.N.; ROSSANEIS, B.K., 2009. **Guia ilustrado dos mamíferos do Paraná**, Brasil. Pelotas: USEB, 220 p.

REIS, R.E; KULLANDER, S.O.; FERRARIS, C.J., Jr. (Org.). **Check list of the freshwater fishes of South and Central America**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 270-290.

RESH, V. H.; JACKSON, J. K. Rapid assessment Approach to Biomonitoring Using Benthic Macroinvertebrates. In: **Freshwater Biomonitoring and Benthic Macroinvertebrates**. New York: Chapman & Hall., 1993. p. 195–234.

RIPPLE, W. J., & BESCHTA, R. L. (2006). Linking a cougar decline, trophic cascade, and catastrophic regime shift in Zion National Park. **Biological Conservation**, 133, 397-408.

RIZZOTTO, A. M.; ROANI, A. H.; GUARDA, C.; GIOVENARDI, R.; LUTINSKI, J. A. Mirmecofauna em áreas de preservação permanente e plantios florestais no noroeste do Rio Grande do Sul. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 29, n. 3, p. 1227-1240, jul./set. 2019.

RODDEN, M., RODRIGUES, F.; BESTELMEYER, S. (2008). **IUCN**. LISTA VERMELHA DE ESPÉCIES AMEAÇADAS DA IUCN DE 2012 VERSÃO 2.

RODRIGUES, C. A.; ARAÚJO, M. S.; CABRAL, P. I. D.; LIMA, R.; BACCI, L.; OLIVEIRA, M. A. Comunidade de formigas arborícolas associadas ao pequizeiro (*Caryocar brasiliense*) em fragmento do cerrado goiano. **Pesquisa Florestal Brasileira**, Colombo, n. 57, p. 39-44, jul./dez. 2008.

RODRIGUES, L. M. R. *et al.* Multiple resistance to bacterial halo blight and bacterial leaf spot in *Coffea* spp. **Arquivos do Instituto Biológico**, v.86, 2019.

RODRIGUES, M. T. 2005. A CONSERVAÇÃO DE RÉPTEIS BRASILEIROS: OS DESAFIOS PARA UM PAÍS MEGADIVERSO. **MEGADIVERSIDADE** 1(1):87-94

ROMERO, H.; JAFFE, K. A comparison of methods for sampling ants (Hymenoptera: Formicidae) in Savanna. **Biotropica**, v. 21, p. 348-352, 1989.

ROMERO-MUÑOZ, A., Maffei, L., Cuéllar, E., & Noss, A. J. (2010). Temporal separation between jaguar and puma in the dry forests of southern Bolivia. **Journal of Tropical Ecology**, 26, 303-311.

ROSENBERG, D. M.; RESH, V. H. **Freshwater Biomonitoring and Benthic Macroinvertebrates**. New York: Chapman and Hall, 1993.

ROSSI, R.V., BIANCONI, G.V., e PEDRO, W.A. 2006. Ordem Didelphimorphia, p.27-66. In: N.R. Reis, A.L. Perachi, W.A. Pedro.e I.P. Lima (ed.). **Mamíferos do Brasil**. Londrina: UEL. 437p.

Rossi, N.F. e Pardini. R. 2009. *Euryoryzomys russatus*. In: Percequillo. A. R. 2009. **Mamíferos\_ Livro da fauna ameaçada de extinção do Estado de São Paulo**.

ROUBIK, D. W. The foraging and potential out crossing pollination ranges of african honey bees (Apiformes: Apidae; Apini) in Congo forest. **Journal of the Kansas Entomological Society**, v. 72, n. 4, p. 394-401, 2000.

RUPPERT, E. E.; FOX, R. S.; BARNES, R. D. **Zoologia dos invertebrados: uma abordagem funcional-evolutiva**. 7. ed. São Paulo: Roca, 2005.

ROUND, F. E. (1993). *Biologia das Algas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Dois S.A., 262p.

RUSSELL, A.M; FONSECA, G.A.B; RYLANDS, A.B; BRANDON, K. **Uma breve história da conservação da biodiversidade no Brasil**. Departamento de zoologia (UFMG). Vol.1. 2005.

SAKAGAMI, S. F.; LAROCA, S.; MOURE, J. S. Wild bee biocenotics in São José dos Pinhais (PR), South Brazil. Preliminary Report. **J. Fac. Sci. Hokkaido Univ. VI Zool.** v.16, p. 253-291, 1967.

SANSEVERINO, Angela M.; NESSIMIAN, Jorge Luiz. Larvas de Chironomidae (Diptera) em depósitos de folhço submerso em um riacho de primeira ordem da Mata Atlântica (Rio de Janeiro, Brasil). **Revista Brasileira de Entomologia**, [s. l.], v. 52, n. 1, p. 95–104, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0085-56262008000100017&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0085-56262008000100017&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)>

SANT'ANNA, C. L.; AZEVEDO, M. T.; AGUIJARO, L. F.; CARVALHO, M. C.; CARVALHO, L. R.; SOUZA, R. C. R. *Manual Ilustrado para Identificação e Contagem de Cianobactérias Planctônicas de Águas Continentais Brasileiras*. Rio de Janeiro: Interciência; São Paulo: Sociedade Brasileira de Ficologia – SBFic. 2006.

SANTOS, AJ 2003. Estimativa de riqueza em espécies. In: CULLEN JR L, RUDRAN R, VALLADARES-PADUA, C. (orgs.) **Métodos de estudo em biologia da conservação e manejo da vida silvestre**. Editora UFPR:19-41.

SANTOS, M.L., STEVAUX, J.C., GASPARETTO, N.V.L. & FILHO, E.E.S. 2008. Geologia e geomorfologia da planície aluvial do rio Ivaí em seu curso inferior. **Revista Brasileira de Geomorfologia** 9(1): 23-34.

SAWAYA, R.J. 2004. **História natural e ecologia das serpentes de Cerrado da região de Itirapina, SP**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SAWAYA, R.J., MARQUES, O.A.V. & MARTINS, M. 2008. Composition and natural history of a Cerrado snake assemblage at Itirapina, São Paulo State, southeastern Brazil. **Biota Neotrop.** 8(2):  
<http://www.biotaneotropica.org.br/v8n2/en/abstract?inventory+bn01308022008>.

SCHAEFER, S.A. 1998. Conflict and resolution: impact of new taxa on phylogenetic studies of neotropical cascudinhos (Siluroidei: Loricariidae). In: MALABARBA, L.R., REIS, R.E., VARI, R.P., LUCENA, Z.M.S. & LUCENA, C.A.S. (Eds.). **Phylogeny and Classification of Neotropical Fishes**. Porto Alegre: Edipucrs. p. 375-400

SCHERER-NETO *et al.* **Lista das aves do Paraná: edição comemorativa do “Centenário da Ornitologia do Paraná”**. Curitiba, Pr. Hori Consultoria Ambiental, 130p. 2011.

SCOGNAMILLO, D., MAXIT, I. E., SUNQUIST, M., & POLISAR, J. (2003). Coexistence of jaguar (*Panthera onca*) and puma (*Puma concolor*) in a mosaic landscape in the Venezuelan llanos. **Journal of Zoology**, 259, 269-279.

SCOTT JR, N. & WOODWARD, B. D. 1994. Surveys at breeding sites. p. 118-125. In: HEYER, W. R.; DONNELLY, M. A.; MCDIARMID, R. W.; HAYEK, I. C. & FOSTER, M. C. eds. **Measuring and Monitoring Biological Diversity - Standard Methods for Amphibians**. Washington, Smithsonian Institution Press. 364p.

SEELEY, T. D. **Honeybee Ecology**. Princenton, Princeton University Press, 1985. 201p.

SEGALLA *et al.* (2021): **List of Brazilian amphibians**. *Herpetologia Brasileira* 10(1): 121-216.

SEGBERS, H. R.. **The Hague**: SPC Academics, v. 2: The Lecanidae (Monogononta). (Guides to the identification of the microinvertebrates of the continental waters of the world; v.6). 1995

SEMA. **Decreto Nº 7264/2010**. Lista de Espécies de mamíferos ameaçados de extinção no Paraná. 2010.

SENDACZ, S. & KUBO, E. Copepoda (Calanoida e Cyclopoida) de reservatórios do Estado de São Paulo. **Boletim do Instituto de Pesca**, v. 9, p.51-89, 1982.

SHARKEY, M. J. 1993. Family Braconidae. In: GOULET, H.; HUBER, J. T. **Hymenoptera of the world**: an identification guide to families. Ottawa, p. 362 – 395.

SIGRIST, T. **Avifauna brasileira**: guia de campo Avis Brasilis. São Paulo: Avis Brasilis, 2009. 1080 p. 2 v.

SILVA, E. J. E.; LOECK, A. E. Ocorrência de formigas domiciliares (Hymenoptera, Formicidae) em Pelotas, RS. **Rev. Bras. Agrociência**, v. 5, p. 220-224, 1999.

SILVA, S. de. S.; SILVEIRA, O. T. Vespas sociais (Hymenoptera, Vespidae, Polistinae) de floresta pluvial Amazônica de terra firme em Caxiuanã, Melgaço, Pará. *Iheringia, Sér. Zool.*, v. 99, n. 3, p. 317-323, 2009.

SILVEIRA, M. P. **Aplicação do biomonitoramento para avaliação da qualidade da água em rios**. 1. ed. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2004. Disponível em: <[http://www.cnpma.embrapa.br/download/documentos\\_36.pdf](http://www.cnpma.embrapa.br/download/documentos_36.pdf)>

SILVESTRE, R.; BRANDÃO, C. R. F. Formigas (Hymenoptera, Formicidae) atraídas a iscas em uma ilha de cerrado no município de Cajuru, estado de São Paulo, Brasil. **Rev. Bras. Entomol.**, v. 44, p. 71-77, 2001.

SILVESTRE, R.; BRANDÃO, C. R. F.; SILVA, R. R. **Grupos funcionales de hormigas**: el caso de los gremios del cerrado. *Introducción a las hormigas de la región neotropical*.

Bogotá, Colombia: Instituto de investigación de recursos biológicos Alexander von Humboldt, 2003. p. 113-148.

SOMMER, U. Does nutrient competition among phytoplankton occur in situ? Verh. Int. Verein. Limnol., v. 23, p. 707–712, 1988.

SOLAR, R. R. C.; BARLOW, J.; ANDERSEN, A. N.; SCHOEREDER, J. H.; BERENGUER, E.; FERREIRA, J. N.; GARDNER, T. A. Biodiversity consequences of land-use change and forest disturbance in the Amazon: A multi-scale assessment using ant communities. **Biology Conservation**, v. 197, p. 98-107, 2016.

SOMENZARI M., AMARAL P.P.D., CUETO V.R., GUARALDO A.D.C., JAHN A.E., LIMA D.M. & WHITNEY B.M. An overview of migratory birds in Brazil. **Papéis Avulsos de Zoologia**, 58. 2018.

SOMENZARI, M.; LUCHETTI, N. M. & AMARAL, P. P. **Atualização da lista de aves migratórias do Brasil**. Relatório de Áreas de Concentração de Aves Migratórias no Brasil. Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres – CEMAVE. INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. 4ª edição. 2022.

SOUZA, W. L. **Impacto ambiental de hidrelétricas: uma análise comparativa de duas abordagens**. Tese (Doutorado em Engenharia). Rio de Janeiro, RJ, 2000. 160p.

SOUZA, F. B. de. Produção de biomassa de algas e macrófitas em lagoas de tratamento de efluentes sanitários. UFRGS, 2018.

STEINGNBERG, C. E. W. E HARTMANN, H. M. Planktonic Bloom-Forming Cyanobacteria And The Eutrophication Of Lakes And Rivers. Freshw. Biol., Oxford, V. 20, P. 279-287. 1988.

STEFFAN-DEWENTER, I.; KLEIN, A. M., GAEBELE, V., ALFERT, T.; T. TSCHARNTKE. 2006. Bee diversity and plant-pollinator interactions in fragmented landscapes, p.387-407. In WASSER, N. M. & OLLERTON, J., **Plant-pollinator interaction from specialization to generalization**. The University of Chicago Press, Chicago, 488p.

STOTZ D.F., *et al.* **Neotropical birds. Ecology and Conservation**. Chicago and London: The University of Chicago Press. 1996.

STRAUBE F. C.; URBEN-FILHO, A. Observações sobre a avifauna de pequenos remanescentes florestais na região noroeste do Paraná (Brasil). **Atualidades Ornitológicas**, v. 123, p. 10, 2005.

SUNQUIST, M. (1992) The ecology of the ocelot: the importance of incorporating life history traits into conservation plans. In: **Memorias del Simposio organizado por Fudeci**. pp. 117–128.

TABER, S. W. **The world of the harvester ants**. Texas A & M University Press, College Station. 1998.

TAVARES, A. A.; BISPO, P. C.; ZANZINI, A. C. Efeito do turno de coleta sobre comunidades de formigas epigéicas (Hymenoptera: Formicidae) em áreas de Eucalyptus cloeziana e de cerrado. **Neotropical Entomology**, v. 37, n.2, p. 126-130, 2008.

TÓFOLI, C.F. **FRUGIVORIA E DISPERSÃO DE SEMENTES POR (LINNAEUS, 1758) NA PAISAGEM FRAGMENTADA DO PONTAL DE PARANAPANEMA, SÃO PAULO**. 2006. 89 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM CIÊNCIAS) – INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO.

TRIVINHO-STRIXINO, S.; STRIXINO, G. **Larvas de Chironomidae (Diptera) do Estado de São Paulo**: guia de identificação e diagnose dos gêneros. São Carlos: PPG-ERN, UFSCar, 1995.

Uetz P., Freed P., Aguilar R., Hošek J. 2022. The Reptile Database.  
<https://zenodo.org/records/7829013> O'MALLEY, B. Clinical Anatomy and Physiology of Exotic Species. Editora Elsevier Saunders, London, 2005, p.17-93

ULYSSÉA, M.A.; CERETO, C. E.; ROSUMEK, F. B.; SILVA, R. R.; LOPES, B. C. Updated list of ant species (Hymenoptera, Formicidae) recorded in Santa Catarina State, southern Brazil, with a discussion of research advances and priorities. **Revista Brasileira de Entomologia**, v. 55, n. 4, p. 603–611, 2011.

UTERMÖHL, H. Zur Vervollkommung Der Quantitativen Phytoplankton Metodik. Mitt. Int. Ver. Theor. Argew. Limnol., p. 1-38p, 1958.

UHELINGER, V. Étude Statistique Des Methods De Dénombrement Planctonique. Arch. Sci.,v. 17, n. 2, p. 121-223, 1964.

VARGAS, A. B.; MAYHÉ-NUNES, A. J.; QUEIROZ, J. M.; SOUZA, G. O.; RAMOS, E. F. Efeitos de Fatores Ambientais sobre a Mirmecofauna em Comunidade de Restinga no Rio de Janeiro, RJ. **Neotropical Entomology**, v. 36, n. 1, jan./fev., 2007.

VAZ, J. F. *et al.* Ocorrência no Brasil de Thiara (Melanoides) tuberculata (O.F. Muller, 1774) (Gastropoda, Prosobranchia), primeiro hospedeiro intermediário de Clonorchis sinensis (Cobbold, 1875) (Trematoda, Plathyhelminthes). **Revista de Saúde Pública**, [s. l.], v. 20, n. 4, p. 318–322, 1986.

VEITENHEIMER-MENDES, I. L. Corbicula manilensis (Philippi, 1844) (Bivalvia, Corbiculidae), the Asiatic clam, in the basins of Jacui and Guaiba, Rio Grande do Sul, Brazil. Iheringia. **Serie zoologia**, [s. l.], v. 60, 1981.

VELHO, L.F.M.; LANSAC-TÔHA, F.A.; BINI, L.M. Spatial and temporal variation in densities of testate amoebae in the plankton of the upper Paraná river. **Hydrobiologia**, v. 411, p. 103-113, 1999.

WAHL, D. B. Key to subfamilies of Holarctic and Neotropical Ichneumonidae. Pp. 396-509 in: GOULET, H. and HUBER, J. T., eds. **Hymenoptera of the world: An identification guide to families**. Agriculture Canada, Ottawa. 1993.

WALDEMARIN, H.F. & Alvarez, R. (2008). *Lontra longicaudis*. Em: **IUCN 2012**. IUCN Red List of Threatened Species. Version 2012.1.

WATKINS, J. F. **The identification and distribution of New World army ants (Dorylinae: Formicidae)**. Markham Press Fund of Baylor University Press, Waco. 1976.

WHITTAKER, R., ARAÚJO, M.B., JEPSON, P., LADLE, R.J., WATSON, J.E.M. & WILLIS, K.J. 2005. Conservation biogeography: assessment and prospect. **Divers. Distrib.** 11:3-23. doi:10.1111/j.1366-9516.2005.00143.

WIAFE, G. & FRID, C. L. J. Short-term temporal variation in coastal zooplankton communities: the relative important of physical and biological mechanisms. **Journal of Plankton Research**, v.8, n.8, p. 1485-1501, 1996.

WICKHAM, H. **ggplot2: Elegant Graphics for Data Analysis**. New York: Springer-ed. 2016  
WILD, A. L. Taxonomic revision of the ant genus *Linepithema* (Hymenoptera: Formicidae). **Univ. Calif. Publ. Entomol.** v. 126, p. 1-159. 2007.

WILSON, D.E. & REEDER, D.M. 2005. **Mammal species of the world** - a taxonomic and geographic reference. 3th ed. The John Hopkins University Press, Baltimore.

WILSON, E. O. **Sociobiology: The New Synthesis**. Harvard University Press, 2000. 720 p.

WILSON, E. O. A situação atual da diversidade biológica. In: WILSON, E.O. & PETER, F.M. (eds.). **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1997.

ZAMORA-MUÑOZ, C.; ALBA-TERCEDOR, J. Bioassessment of organically polluted Spanish rivers, using a biotic index and multivariate methods. **Journal of the North American Benthological Society**, [s. l.], v. 15, n. 3, p. 332-352, 1996.

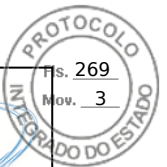
ZANIBONI-FILHO, E.; MEURER, S.; SHIBATTA, O.A.; NUÑER, A.P.O. 2004 **Catálogo ilustrado de peixes do alto rio Uruguai**. Florianópolis: UFSC/Tractebel Energia. 128p.

## ANEXO I – ANOTAÇÕES DE RESPONSABILIDADE TÉCNICA





Serviço Público Federal  
Conselho Federal de Biologia  
Conselho Regional de Biologia da 7ª Região  
Avenida Marechal Floriano Peixoto, 170 - 13º andar  
Centro - Curitiba / Paraná - Brasil  
CEP: 80020-090 - Fone (41) 3079-0077  
crbio07@crbio07.gov.br

**ANOTAÇÃO DE RESPONSABILIDADE TÉCNICA ART**

Nº:07-1035/22

**CONTRATADO**

Nome:CARINE ALONCO MORAES

Registro CRBio:118388/RS

CPF:01022216007

Telefone:

E-Mail:carineamoraes@gmail.com

Endereço:RUA 37, CASA 61

Cidade:ITÁ

Bairro:NATUREZA

CEP:89760-000

UF:SC

**CONTRATANTE**

Nome:TELES DE PROENÇA ENERGIA HIDRELETRICA SPE LTDA

Registro Profissional:

CPF/CGC/CNPJ:37.400.190/0001-44

Endereço:AV JOSE CUSTODIO DE OLIVEIRA, 1325, SALA 01

Cidade:CAMPO MOURAO

Bairro:CENTRO

CEP:87300-020

UF:PR

Site:

**DADOS DA ATIVIDADE PROFISSIONAL**

Natureza: Prestação de Serviços - 1.2

Identificação:MONITORAMENTO DE FAUNA SILVESTRE LOCALIZADA NO EMPREENDIMENTO CGH TELES DE PROENÇA

Município: Marilândia do Sul

Município da sede: Marilândia do Sul

UF:PR

Forma de participação: Equipe

Perfil da equipe: BIÓLOGO (ESP. DIVERSAS) E MÉDICO VETERINÁRIO

Área do conhecimento: Zoologia

Campo de atuação: Meio ambiente

Descrição sumária da atividade:CAMPO: MEIO AMBIENTE E BIODIVERSIDADE; SUB-CAMPO: INVENTÁRIO, MANEJO E PRODUÇÃO DE ESPÉCIES DA FAUNA SILVESTRE NATIVA E EXÓTICA. RT PELO MONITORAMENTO DE FAUNA AVIFAUNA PARA A CGH TELES DE PROENÇA, A SER IMPLANTADA NO RIO DAS ANTAS, ENTRE OS MUNICÍPIOS DE FAXINAL E MARILÂNDIA DO SUL.

Valor: R\$ 3000,00

Total de horas: 200

Início: 01 / 04 / 2022

Término:

**ASSINATURAS****Declaro serem verdadeiras as informações acima**

Data: 06 / 04 / 2022

Assinatura do profissional

Data: / /

MATHEUS CAMPANHA  
Forte:05544771901  
Assinado de forma digital por MATHEUS CAMPANHA  
Forte:05544771901  
Dados: 2022.04.11 15:31:55

Assinatura e carimbo do contratante

Para verificar a autenticidade desta ART acesse o **CRBio07-24 horas** Online em nosso site e depois o serviço **Conferência de ART** Protocolo Nº38481

**Solicitação de baixa por distrato**

Data: / /

Assinatura do Profissional

Data: / /

Assinatura e carimbo do contratante

**Solicitação de baixa por conclusão**

Declaramos a conclusão do trabalho anotado na presente ART, razão pela qual solicitamos a devida BAIXA junto aos

Data: / /

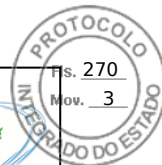
Assinatura do Profissional

Data: / /

Assinatura e carimbo do contratante



**Serviço Público Federal**  
**Conselho Federal de Biologia**  
**Conselho Regional de Biologia da 7ª Região**  
Avenida Marechal Floriano Peixoto, 170 - 13º andar  
Centro - Curitiba / Paraná - Brasil  
CEP: 80020-090 - Fone (41) 3079-0077  
crbio07@crbio07.gov.br

**ANOTAÇÃO DE RESPONSABILIDADE TÉCNICA ART**

Nº:07-1034/22

**CONTRATADO**

Nome:CASSIO VINICIUS BRED

Registro CRBio:101774/RS

CPF:07569453999

Tel:47-996645508

E-Mail:cassiovbreda@gmail.com

Endereço:RUA 37, CASA 61

Cidade:ITÁ

Bairro:NATUREZA

CEP:89760-000

UF:SC

**CONTRATANTE**

Nome:TELES DE PROENÇA ENERGIA HIDRELETRICA SPE LTDA

Registro Profissional:

CPF/CGC/CNPJ:37.400.190/0001-44

Endereço:AV JOSE CUSTODIO DE OLIVEIRA, 1325, SALA 01

Cidade:CAMPO MOURAO

Bairro:CENTRO

CEP:87300-020

UF:PR

Site:

**DADOS DA ATIVIDADE PROFISSIONAL**

Natureza: Prestação de Serviços - 1.2

Identificação:MONITORAMENTO DE FAUNA SILVESTRE LOCALIZADA NO EMPREENDIMENTO CGH TELES DE PROENÇA

Município: Marilândia do Sul

Município da sede: Marilândia do Sul

UF:PR

Forma de participação: Equipe

Perfil da equipe: BIÓLOGO (ESP. DIVERSAS) E MÉDICO VETERINÁRIO

Área do conhecimento: Zoologia

Campo de atuação: Meio ambiente

Descrição sumária da atividade:CAMPO: MEIO AMBIENTE E BIODIVERSIDADE; SUB-CAMPO: INVENTÁRIO, MANEJO E PRODUÇÃO DE ESPÉCIES DA FAUNA SILVESTRE NATIVA E EXÓTICA. RT PELO MONITORAMENTO DA MASTOFAUNA E HERPETOFAUNA P/ A CGH TELES DE PROENÇA, A SER IMPLANTADA NO RIO DAS ANTAS, ENTRE OS MUNICÍPIOS DE FAXINAL E MARILÂNDIA DO SUL.

Valor: R\$ 4400,00

Total de horas: 220

Início: 01 / 04 / 2022

Término:

**ASSINATURAS****Declaro serem verdadeiras as informações acima**

Data: 06 / 04 / 2022

Assinatura do profissional

Data: / /

MATHEUS CAMPANHA  
Forte:05544771901  
Assinado de forma digital por MATHEUS CAMPANHA  
Dados: 2022.04.11 15:32:23

Assinatura e carimbo do contratante

Para verificar a autenticidade desta ART acesse o **CRBio07-24 horas** Online em nosso site e depois o serviço **Conferência de ART** Protocolo Nº38482

**Solicitação de baixa por distrato**

Data: / /

Assinatura do Profissional

Data: / /

Assinatura e carimbo do contratante

**Solicitação de baixa por conclusão**

Declaramos a conclusão do trabalho anotado na presente ART, razão pela qual solicitamos a devida BAIXA junto aos

Data: / /

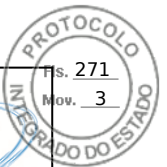
Assinatura do Profissional

Data: / /

Assinatura e carimbo do contratante



Serviço Público Federal  
Conselho Federal de Biologia  
Conselho Regional de Biologia da 7ª Região  
Avenida Marechal Floriano Peixoto, 170 - 13º andar  
Centro - Curitiba / Paraná - Brasil  
CEP: 80020-090 - Fone (41) 3079-0077  
crbio07@crbio07.gov.br

**ANOTAÇÃO DE RESPONSABILIDADE TÉCNICA ART**

Nº: 07-1079/22

**CONTRATADO**

Nome: CLEITON JUAREZ DECARLI

Registro CRBio: 101214/RS

CPF: 05558447907

Tel: 96125796

E-Mail: cleiton\_cjd@hotmail.com

Endereço: RUA ORIDIO MULLER, Nº 29, CASA LARANJA

Cidade: BARRA VELHA

Bairro: JD. ICARAI

CEP: 88390-000

UF: SC

**CONTRATANTE**

Nome: TELES DE PROENÇA ENERGIA HIDRELETRICA SPE LTDA

Registro Profissional:

CPF/CGC/CNPJ: 37.400.190/0001-44

Endereço: AV JOSE CUSTODIO DE OLIVEIRA, 1325, SALA 01

Cidade: CAMPO MOURAO

Bairro: CENTRO

CEP: 87300-020

UF: PR

Site:

**DADOS DA ATIVIDADE PROFISSIONAL**

Natureza: Prestação de Serviços - 1.2

Identificação: MONITORAMENTO DE FAUNA SILVESTRE LOCALIZADA NO EMPREENDIMENTO CGH TELES DE PROENÇA

Município: Marilândia do Sul

Município da sede: FAXINAL E MARILÂNDIA DO SUL

UF: PR

Forma de participação: Equipe

Perfil da equipe: BIÓLOGO (ESP. DIVERSAS) E MÉDICO VETERINÁRIO

Área do conhecimento: Zoologia

Campo de atuação: Meio ambiente

Descrição sumária da atividade: MEIO AMBIENTE E BIODIVERSIDADE; SUB-CAMPO: INVENTÁRIO, MANEJO E PRODUÇÃO DE ESPÉCIES DA FAUNA SILVESTRE NATIVA E EXÓTICA. RT PELO MONITORAMENTO DE MACROINVERTEBRADOS BENTÔNICOS PARA CGH TELES DE PROENÇA, A SER IMPLANTADA NO RIO DAS ANTAS, ENTRE OS MUNICÍPIOS DE FAXINAL E MARILÂNDIA DO SUL.

Valor: R\$ 1060,00

Total de horas: 300

Início: 06 / 04 / 2022

Término:

**ASSINATURAS****Declaro serem verdadeiras as informações acima**

Data: 08 / 04 / 2022

Assinatura do profissional

Data: / /

MATHEUS CAMPANHA  
FORTE: 055447719

Assinatura e carimbo do contratante

Para verificar a autenticidade desta ART acesse o **CRBio07-24 horas** Online em nosso site e depois o serviço **Conferência de ART** Protocolo Nº38535

**Solicitação de baixa por distrato**

Data: / /

Assinatura do Profissional

Data: / /

Assinatura e carimbo do contratante

**Solicitação de baixa por conclusão**

Declaramos a conclusão do trabalho anotado na presente ART, razão pela qual solicitamos a devida BAIXA junto aos

Data: / /

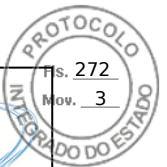
Assinatura do Profissional

Data: / /

Assinatura e carimbo do contratante



Serviço Público Federal  
Conselho Federal de Biologia  
Conselho Regional de Biologia da 7ª Região  
Avenida Marechal Floriano Peixoto, 170 - 13º andar  
Centro - Curitiba / Paraná - Brasil  
CEP: 80020-090 - Fone (41) 3079-0077  
crbio07@crbio07.gov.br

**ANOTAÇÃO DE RESPONSABILIDADE TÉCNICA ART**

Nº:07-1117/22

**CONTRATADO**

Nome:CRISTIANO MOSCHEN BORDIGNON

Registro CRBio:110346/RS

CPF:07578403966

Tel:4999995844

E-Mail:cristianombn@unochapeco.edu.br

Endereço:RUA RIO DE JANEIRO, 234

Cidade:SAO LOURENCO DO OESTE

Bairro:PERPETUO SOCORRO

CEP:89990-000

UF:SC

**CONTRATANTE**

Nome:TELES DE PROENÇA ENERGIA HIDRELETRICA SPE LTDA

Registro Profissional:

CPF/CGC/CNPJ:37.400.190/0001-44

Endereço:AV JOSE CUSTODIO DE OLIVEIRA, 1325, SALA 01

Cidade:CAMPO MOURAO

Bairro:CENTRO

CEP:87300-020

UF:PR

Site:

**DADOS DA ATIVIDADE PROFISSIONAL**

Natureza: Prestação de Serviços - 1.2

Identificação:MONITORAMENTO DE FAUNA SILVESTRE LOCALIZADA NO EMPREENDIMENTO CGH TELES DE PROENÇA

Município: Marilândia do Sul

Município da sede: Marilândia do Sul

UF:PR

Forma de participação: Equipe

Perfil da equipe: BIÓLOGO (ESP. DIVERSAS) E MÉDICO VETERINÁRIO

Área do conhecimento: Zoologia

Campo de atuação: Meio ambiente

Descrição sumária da atividade:CAMPO: MEIO AMBIENTE E BIODIVERSIDADE; SUB-CAMPO: INVENTÁRIO, MANEJO E PRODUÇÃO DE ESPÉCIES DA FAUNA SILVESTRE NATIVA E EXÓTICA. RT PELO MONITORAMENTO DE FAUNA ICTIOFAUNA P/ A CGH TELES DE PROENÇA, A SER IMPLANTADA NO RIO DAS ANTAS, ENTRE OS MUNICÍPIOS DE FAXINAL E MARILÂNDIA DO SUL.

Valor: R\$ 3000,00

Total de horas: 120

Início: 06 / 04 / 2022

Término:

**ASSINATURAS****Declaro serem verdadeiras as informações acima**

Data: 08 / 04 / 2022

Assinatura do profissional

Data: / /

MATHEUS  
CAMPANHA  
FORTE:05544771901

Assinatura e carimbo do contratante

Assinado de forma digital  
por MATHEUS CAMPANHA  
FORTE:05544771901  
Dados: 2022.04.11  
15:23:18 -0200

Para verificar a  
autenticidade desta  
ART acesse o  
**CRBio07-24 horas**  
Online em nosso site e  
depois o serviço  
**Conferência de ART**  
Protocolo Nº38570

**Solicitação de baixa por distrato**

Data: / /

Assinatura do Profissional

Data: / /

Assinatura e carimbo do contratante

**Solicitação de baixa por conclusão**

Declaramos a conclusão do trabalho anotado na presente  
ART, razão pela qual solicitamos a devida BAIXA junto aos

Data: / /

Assinatura do Profissional

Data: / /

Assinatura e carimbo do contratante



Serviço Público Federal  
Conselho Federal de Biologia  
Conselho Regional de Biologia da 7ª Região  
Avenida Marechal Floriano Peixoto, 170 - 13º andar  
Centro - Curitiba / Paraná - Brasil  
CEP: 80020-090 - Fone (41) 3079-0077  
crbio07@crbio07.gov.br



ANOTAÇÃO DE RESPONSABILIDADE TÉCNICA ART Nº:07-3113/21

CONTRATADO

Nome:JUNIR ANTONIO LUTINSKI Registro CRBio:45820/RS

CPF:01482712946 Tel:4991234840

E-Mail:junir@unochapeco.edu.br

Endereço:RUA BEIJA-FLOR, 254 E

Cidade:CHAPECÓ Bairro:EFAPI

CEP:89809-760 UF:SC

CONTRATANTE

Nome:TELES DE PROENÇA ENERGIA HIDRELETRICA SPE LTDA

Registro Profissional: CPF/CGC/CNPJ:37.400.190/0001-44

Endereço:AV JOSE CUSTODIO DE OLIVEIRA, 1325, SALA 01

Cidade:CAMPO MOURAO Bairro:CENTRO

CEP:87300-020 UF:PR

Site:

DADOS DA ATIVIDADE PROFISSIONAL

Natureza: Prestação de Serviços - 1.11

Identificação:Monitoramento de Entomofauna para obras de geração de energia.

Município: Mauá da Serra Município da sede: CGH Teles de Proença localizada no Rio das Antas, município de Mauá da Serra/PR UF:PR

Forma de participação: Individual Perfil da equipe:

Área do conhecimento: Zoologia Campo de atuação: Meio ambiente

Descrição sumária da atividade:Monitoramento da Entomofauna na área de influência direta da CGH Teles de Proença localizada no Rio das Antas, município de Mauá da Serra/PR durante a instalação/operação do empreendimento.

Valor: R\$ 3000,00 Total de horas: 80

Início: 05 / 10 / 2021 Término:

ASSINATURAS

Declaro serem verdadeiras as informações acima

Data: 12 / 01 / 2022  
Assinatura do profissional  
MATHEUS CAMPANHA  
FORTE:05544771901  
Assinatura e carimbo do contratante  
Assinado de forma digital por MATHEUS CAMPANHA FORTE:05544771901  
DN: c=BR, o=ICP-Brasil, ou=Certificado Digital, ou=3617240000100, ou=Secretaria da Receita Federal do Brasil - RFB, ou=RFB e CPF A3, ou=(sem brancos), cn=MATHEUS CAMPANHA FORTE:05544771901  
Dados: 2024.03.13 08:46:17 -03'00'

Para verificar a autenticidade desta ART acesse o CRBio07-24 horas Online em nosso site e depois o serviço Conferência de ART Protocolo Nº35955

Solicitação de baixa por distrato  
Data: / / Assinatura do Profissional  
Data: / / Assinatura e carimbo do contratante

Solicitação de baixa por conclusão  
Declaramos a conclusão do trabalho anotado na presente ART, razão pela qual solicitamos a devida BAIXA junto aos  
Data: / / Assinatura do Profissional  
Data: / / Assinatura e carimbo do contratante



Serviço Público Federal  
Conselho Federal de Biologia  
Conselho Regional de Biologia da 7ª Região  
Avenida Marechal Floriano Peixoto, 170 - 13º andar  
Centro - Curitiba / Paraná - Brasil  
CEP: 80020-090 - Fone (41) 3079-0077  
crbio07@crbio07.gov.br



ANOTAÇÃO DE RESPONSABILIDADE TÉCNICA ART	Nº:07-3996/24
--	---------------

CONTRATADO

Nome:ANA PAULA CAPELARI FERNANDES	Registro CRBio:95660/07-S
CPF:06431392906	Tel:99025074
E-Mail:paulinhaafernandes@gmail.com	
Endereço:RUA LICO AMARAL, 205	
Cidade:ITAJAÍ	Bairro:DOM BOSCO
CEP:88307-010	UF:SC

CONTRATANTE

Nome:TELES DE PROENÇA ENERGIA HIDRELETRICA SPE LTDA	
Registro Profissional:	CPF/CGC/CNPJ:37.400.190/0001-44
Endereço:AV JOSE CUSTODIO DE OLIVEIRA, 1325, SALA 01	
Cidade:CAMPO MOURAO	Bairro:CENTRO
CEP:87300-020	UF:PR
Site:	

DADOS DA ATIVIDADE PROFISSIONAL

Natureza: Prestação de Serviços - 1.2,1.7		
Identificação:Monitoramento de fauna silvestre localizada no empreendimento CGH Teles de Proença		
Município: Marilândia do Sul	Município da sede: Campo Mourão	UF:PR
Forma de participação: Equipe	Perfil da equipe: Biólogo (esp. diversas) e médico veterinário	
Área do conhecimento: Ecologia	Campo de atuação: Meio ambiente	

Descrição sumária da atividade:Meio ambiente e biodiversidade; sub-campo: inventário, manejo e produção de espécies da fauna silvestre nativa e exótica . ART pelo monitoramento do fitoplâncton, cianobactérias e zooplâncton para CGH Teles de Proença, a ser implantada no rio das Antas, entre os municípios de Faxinal e Marilândia do Sul.

Valor: R\$ 5000,00	Total de horas: 300
Início: 01 / 06 / 2023	Término:

ASSINATURAS

Declaro serem verdadeiras as informações acima

<p>Data: 01 / 06 / 2023</p> <p><i>Ana Paula O. Fernandes</i></p> <p>Assinatura do profissional</p>	<p>Data: 01 / 06 / 2023</p> <p>TELES DE PROENÇA ENERGIA HIDRELETRICA S A SPE:37400190000144</p> <p>Assinatura e carimbo do contratante</p>
--	--

Para verificar a autenticidade desta ART acesse o **CRBio07-24 horas** Online em nosso site e depois o serviço **Conferência de ART** Protocolo Nº51714

Solicitação de baixa por distrato

Data: / /	Assinatura do Profissional
Data: / /	Assinatura e carimbo do contratante

Solicitação de baixa por conclusão

Declaramos a conclusão do trabalho anotado na presente ART, razão pela qual solicitamos a devida BAIXA junto aos

Data: / /	Assinatura do Profissional
Data: / /	Assinatura e carimbo do contratante



Ministério do Meio Ambiente

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

CADASTROS TÉCNICOS FEDERAIS

CERTIFICADO DE REGULARIDADE - CR



PROTOCOLO

Fls. 275

Mov. 3

INTEGRADO DO ESTADO

Registro n.º	Data da consulta:	CR emitido em:	CR válido até:
8444089	03/10/2025	03/10/2025	03/01/2026

Dados básicos:

CPF: 078.520.129-73

Nome: RICARDO RIBEIRO

Endereço:

logradouro: RUA GENERAL POTIGUARA

N.º: 487

Bairro: NOVO MUNDO

CEP: 81050-500

Complemento: BL 35 AP 34

Município: CURITIBA



UF: PR

Conforme dados disponíveis na presente data, CERTIFICA-SE que a pessoa física está em conformidade com as obrigações cadastrais do CTF/AIDA.

A inscrição no Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental – CTF/AIDA constitui declaração, pela pessoa física, do cumprimento de exigências específicas de qualificação ou de limites de atuação que porventura sejam determinados pelo respectivo Conselho de Fiscalização Profissional.

O Certificado de Regularidade emitido pelo CTF/AIDA não desobriga a pessoa inscrita de obter licenças, autorizações, permissões, concessões, alvarás e demais documentos exigíveis por instituições federais, estaduais, distritais ou municipais para o exercício de suas atividades, especialmente os documentos de responsabilidade técnica, qualquer o tipo e conforme regulamentação do respectivo Conselho de Fiscalização Profissional, quando exigíveis.

O Certificado de Regularidade no CTF/AIDA não produz qualquer efeito quanto à qualificação e à habilitação técnica da pessoa física inscrita.

<div><div>Ministério do Meio Ambiente Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis CADASTROS TÉCNICOS FEDERAIS CERTIFICADO DE REGULARIDADE - CR</div><div><div>IBAMA M M A</div></div></div>			
Registro n.º	Data da consulta:	CR emitido em:	CR válido até:
7599435	20/10/2025	20/10/2025	20/01/2026
<b>Dados básicos:</b>			
CPF: 010.222.160-07			
Nome: CARINE ALONÇO MORAES			
<b>Endereço:</b>			
logradouro: RUA JACUÍ			
N.º: 63		Complemento: CASA	
Bairro: GERASUL		Município: ITA	
CEP: 89760-000		UF: SC	
<b>Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental – CTF/AIDA</b>			
Código CBO	Ocupação	Área de Atividade	
2211-05	Biólogo	Realizar consultoria e assessoria na área biológica e ambiental	
Conforme dados disponíveis na presente data, CERTIFICA-SE que a pessoa física está em conformidade com as obrigações cadastrais do CTF/AIDA.			
A inscrição no Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental – CTF/AIDA constitui declaração, pela pessoa física, do cumprimento de exigências específicas de qualificação ou de limites de atuação que porventura sejam determinados pelo respectivo Conselho de Fiscalização Profissional.			
O Certificado de Regularidade emitido pelo CTF/AIDA não desobriga a pessoa inscrita de obter licenças, autorizações, permissões, concessões, alvarás e demais documentos exigíveis por instituições federais, estaduais, distritais ou municipais para o exercício de suas atividades, especialmente os documentos de responsabilidade técnica, qualquer o tipo e conforme regulamentação do respectivo Conselho de Fiscalização Profissional, quando exigíveis.			
O Certificado de Regularidade no CTF/AIDA não produz qualquer efeito quanto à qualificação e à habilitação técnica da pessoa física inscrita.			
Chave de autenticação		JVVEU8S7S8P28232	





Ministério do Meio Ambiente

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

CADASTROS TÉCNICOS FEDERAIS

CERTIFICADO DE REGULARIDADE - CR



PROTOCOLO

Fls. 277

Mov. 3

INTEGRADO DO ESTADO

Registro n.º	Data da consulta:	CR emitido em:	CR válido até:
6540508	01/12/2025	01/12/2025	01/03/2026

Dados básicos:

CPF: 075.694.539-99

Nome: CASSIO VINICIUS BREDA

Endereço:

logradouro: RUA JACUI

N.º: 63

Bairro: GERASUL

CEP: 89760-000

Complemento: CASA

Município: ITA

UF: SC

Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental – CTF/AIDA

Código CBO	Ocupação	Área de Atividade
2211-05	Biólogo	Realizar consultoria e assessoria na área biológica e ambiental

Conforme dados disponíveis na presente data, CERTIFICA-SE que a pessoa física está em conformidade com as obrigações cadastrais do CTF/AIDA.

A inscrição no Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental – CTF/AIDA constitui declaração, pela pessoa física, do cumprimento de exigências específicas de qualificação ou de limites de atuação que porventura sejam determinados pelo respectivo Conselho de Fiscalização Profissional.

O Certificado de Regularidade emitido pelo CTF/AIDA não desobriga a pessoa inscrita de obter licenças, autorizações, permissões, concessões, alvarás e demais documentos exigíveis por instituições federais, estaduais, distritais ou municipais para o exercício de suas atividades, especialmente os documentos de responsabilidade técnica, qualquer o tipo e conforme regulamentação do respectivo Conselho de Fiscalização Profissional, quando exigíveis.

O Certificado de Regularidade no CTF/AIDA não produz qualquer efeito quanto à qualificação e à habilitação técnica da pessoa física inscrita.

Chave de autenticação	LEPXET9XSQG5VNE3
-----------------------	------------------



Ministério do Meio Ambiente

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

CADASTROS TÉCNICOS FEDERAIS

CERTIFICADO DE REGULARIDADE - CR



Registro n.º	Data da consulta:	CR emitido em:	CR válido até:
5040132	14/11/2025	14/11/2025	14/02/2026

Dados básicos:

CPF: 055.584.479-07

Nome: CLEITON JUAREZ DECARLI

Endereço:

logradouro: SERVIDÃO TEODOMIRO MENEZES

N.º: 211

Complemento: CASA MARROM

Bairro: RIO TAVARES

Município: FLORIANOPOLIS

CEP: 88048-491

UF: SC

Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental – CTF/AIDA		
Código CBO	Ocupação	Área de Atividade
2211-05	Biólogo	Estudar seres vivos
2211-05	Biólogo	Inventariar biodiversidade
2211-05	Biólogo	Realizar consultoria e assessoria na área biológica e ambiental

Conforme dados disponíveis na presente data, CERTIFICA-SE que a pessoa física está em conformidade com as obrigações cadastrais do CTF/AIDA.

A inscrição no Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental – CTF/AIDA constitui declaração, pela pessoa física, do cumprimento de exigências específicas de qualificação ou de limites de atuação que porventura sejam determinados pelo respectivo Conselho de Fiscalização Profissional.

O Certificado de Regularidade emitido pelo CTF/AIDA não desobriga a pessoa inscrita de obter licenças, autorizações, permissões, concessões, alvarás e demais documentos exigíveis por instituições federais, estaduais, distritais ou municipais para o exercício de suas atividades, especialmente os documentos de responsabilidade técnica, qualquer o tipo e conforme regulamentação do respectivo Conselho de Fiscalização Profissional, quando exigíveis.

O Certificado de Regularidade no CTF/AIDA não produz qualquer efeito quanto à qualificação e à habilitação técnica da pessoa física inscrita.

Chave de autenticação	BGMRYF33XUPS9CFE
-----------------------	------------------



Ministério do Meio Ambiente

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

CADASTROS TÉCNICOS FEDERAIS

CERTIFICADO DE REGULARIDADE - CR





Registro n.º	Data da consulta:	CR emitido em:	CR válido até:
6886118	11/12/2025	11/12/2025	11/03/2026

Dados básicos:

CPF: 075.784.039-66

Nome: CRISTIANO MOSCHEN BORDIGNON

Endereço:

logradouro: RUA RIO DE JANEIRO

N.º: 234

Bairro: PERPÉTUO SOCORRO

CEP: 89990-000

Complemento: CASA

Município: SAO LOURENCO DO OESTE

UF: SC

Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental – CTF/AIDA		
Código CBO	Ocupação	Área de Atividade
2211-05	Biólogo	Realizar consultoria e assessoria na área biológica e ambiental

Conforme dados disponíveis na presente data, CERTIFICA-SE que a pessoa física está em conformidade com as obrigações cadastrais do CTF/AIDA.

A inscrição no Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental – CTF/AIDA constitui declaração, pela pessoa física, do cumprimento de exigências específicas de qualificação ou de limites de atuação que porventura sejam determinados pelo respectivo Conselho de Fiscalização Profissional.

O Certificado de Regularidade emitido pelo CTF/AIDA não desobriga a pessoa inscrita de obter licenças, autorizações, permissões, concessões, alvarás e demais documentos exigíveis por instituições federais, estaduais, distritais ou municipais para o exercício de suas atividades, especialmente os documentos de responsabilidade técnica, qualquer o tipo e conforme regulamentação do respectivo Conselho de Fiscalização Profissional, quando exigíveis.

O Certificado de Regularidade no CTF/AIDA não produz qualquer efeito quanto à qualificação e à habilitação técnica da pessoa física inscrita.

Chave de autenticação	VZS5LMB3SX7VHMHK
-----------------------	------------------



Ministério do Meio Ambiente

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

CADASTROS TÉCNICOS FEDERAIS

CERTIFICADO DE REGULARIDADE - CR



PROTOCOLO

Fls. 280

Mov. 3

INTEGRADO DO ESTADO

Registro n.º	Data da consulta:	CR emitido em:	CR válido até:
5017849	07/10/2025	07/10/2025	07/01/2026

Dados básicos:

CPF: 014.827.129-46

Nome: JUNIR ANTONO LUTINSKI

Endereço:

logradouro: BEIJA-FLOR

N.º: 254

Complemento: E

Bairro: EFAPI

Município: CHAPECO

CEP: 89809-760

UF: SC

Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental – CTF/AIDA		
Código CBO	Ocupação	Área de Atividade
2211-05	Biólogo	Estudar seres vivos
2211-05	Biólogo	Inventariar biodiversidade
2211-05	Biólogo	Manejar recursos naturais
2211-05	Biólogo	Realizar consultoria e assessoria na área biológica e ambiental
2211-05	Biólogo	Realizar diagnósticos biológicos, moleculares e ambientais

Conforme dados disponíveis na presente data, CERTIFICA-SE que a pessoa física está em conformidade com as obrigações cadastrais do CTF/AIDA.

A inscrição no Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental – CTF/AIDA constitui declaração, pela pessoa física, do cumprimento de exigências específicas de qualificação ou de limites de atuação que porventura sejam determinados pelo respectivo Conselho de Fiscalização Profissional.

O Certificado de Regularidade emitido pelo CTF/AIDA não desobriga a pessoa inscrita de obter licenças, autorizações, permissões, concessões, alvarás e demais documentos exigíveis por instituições federais, estaduais, distritais ou municipais para o exercício de suas atividades, especialmente os documentos de responsabilidade técnica, qualquer o tipo e conforme regulamentação do respectivo Conselho de Fiscalização Profissional, quando exigíveis.

O Certificado de Regularidade no CTF/AIDA não produz qualquer efeito quanto à qualificação e à habilitação técnica da pessoa física inscrita.

Chave de autenticação	UJMHRE99MVWSAY5X
-----------------------	------------------

<div><div>Ministério do Meio Ambiente Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis CADASTROS TÉCNICOS FEDERAIS CERTIFICADO DE REGULARIDADE - CR</div><div></div></div>			
Registro n.º	Data da consulta:	CR emitido em:	CR válido até:
5794401	19/11/2025	19/11/2025	19/02/2026
<b>Dados básicos:</b>			
CPF: 064.313.929-06			
Nome: ANA PAULA CAPELARI FERNANDES			
<b>Endereço:</b>			
logradouro: RUA 951			
N.º: 333		Complemento: APTO 402	
Bairro: CENTRO		Município: BALNEARIO CAMBORIU	
CEP: 88330-729		UF: SC	
<b>Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental – CTF/AIDA</b>			
Código CBO	Ocupação	Área de Atividade	
2211-05	Biólogo	Estudar seres vivos	
2211-05	Biólogo	Inventariar biodiversidade	
2211-05	Biólogo	Realizar consultoria e assessoria na área biológica e ambiental	
<p>Conforme dados disponíveis na presente data, CERTIFICA-SE que a pessoa física está em conformidade com as obrigações cadastrais do CTF/AIDA.</p> <p>A inscrição no Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental – CTF/AIDA constitui declaração, pela pessoa física, do cumprimento de exigências específicas de qualificação ou de limites de atuação que porventura sejam determinados pelo respectivo Conselho de Fiscalização Profissional.</p> <p>O Certificado de Regularidade emitido pelo CTF/AIDA não desobriga a pessoa inscrita de obter licenças, autorizações, permissões, concessões, alvarás e demais documentos exigíveis por instituições federais, estaduais, distritais ou municipais para o exercício de suas atividades, especialmente os documentos de responsabilidade técnica, qualquer o tipo e conforme regulamentação do respectivo Conselho de Fiscalização Profissional, quando exigíveis.</p> <p>O Certificado de Regularidade no CTF/AIDA não produz qualquer efeito quanto à qualificação e à habilitação técnica da pessoa física inscrita.</p>			
Chave de autenticação		MC5LP5C9D4NHH6HZ	